

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

DANIEL VINICIUS FERREIRA

VISÕES DE UM JOGO E O JOGO DAS VISÕES: AS CONDICIONANTES PARA A  
VITÓRIA DO CORITIBA FOOT BALL CLUB NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985

CURITIBA

2013

DANIEL VINICIUS FERREIRA

VISÕES DE UM JOGO E O JOGO DAS VISÕES: AS CONDICIONANTES PARA A  
VITÓRIA DO CORITIBA FOOT BALL CLUB NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985

Dissertação apresentada pelo aluno Daniel Vinicius Ferreira ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Dr. Luiz Carlos Ribeiro

CURITIBA

2013

Catálogo na publicação  
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Ferreira, Daniel Vinicius

Visões de um jogo e o jogo das visões : as condicionantes para vitória do Coritiba foot ball club no campeonato brasileiro de futebol de 1985. / Daniel Vinicius Ferreira . – Curitiba, 2013.

196 f.

Orientador: Profº. Drº. Luiz Carlos Ribeiro

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

1.Futebol - Imprensa. 2.Coritiba Futebol Clube. 3.Clubes de Futebol.  
I.Titulo.

CDD 796.334




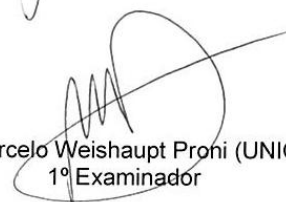
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,  
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.  
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: [www.poshistoria.ufpr.br](http://www.poshistoria.ufpr.br)


#### PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de Daniel Vinicius Ferreira, intitulada: *Visões de um jogo e o jogo das visões: as condicionantes para a vitória do Coritiba Foot Ball Club no campeonato de 1985*, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua A.P.R.O.V.A.C.Ã completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, sete de maio de dois mil e treze.

  
Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro (Orientador)  
Presidente da Banca Examinadora

  
Prof. Dr. Marcelo Weishaupt Proni (UNICAMP)  
1º Examinador

  
Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior (UFPR)  
2º Examinador

Para a minha família.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro, que acompanhou, e orientou desde o início deste trabalho.

As contribuições do Prof. Dr. Miguel de Arcanjo Freitas Júnior, do Prof. Dr. Renato Augusto Carneiro Júnior, e do Prof. Dr. Marcelo Weishaupt Proni.

A todos os amigos da Pós-graduação em História, e em especial aos amigos do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, da Universidade Federal do Paraná, cujas conversas e convivência foram muito importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Curso de Pós-Graduação em História, do Setor de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná

## RESUMO

Futebol e imprensa desenvolveram estreitas ligações desde a inserção do primeiro no país, em fins do século XIX, até os dias atuais. Nesta perspectiva, nos propusemos neste trabalho, a discutir sobre as leituras realizadas pela imprensa acerca de um dos torneios de maior repercussão no país em um momento considerado peculiar: o Campeonato Brasileiro de Futebol na edição do ano de 1985, quando o Coritiba Foot Ball Club sagrou-se campeão. Nossos objetivos centrais neste estudo, serão buscar quais foram as condicionantes apresentadas por estes veículos, no desenrolar, e para o desfecho daquele campeonato. Isto, considerando e buscando compreender as leituras da imprensa esportiva, muitas vezes marcadamente díspares, como interrelacionada de determinadas formas às suas associações com a própria configuração esportiva.

Palavras chave: Imprensa Esportiva. Futebol. Campeonato Brasileiro de 1985.

## **ABSTRACT**

Football and press developed close links since the insertion of the first in the country in the late nineteenth century until the present day. In this perspective, we propose in this paper, to discuss the readings taken by the press about one of the most publicized tournaments in the country at one time considered peculiar: the Brazilian Soccer Championship edition in the year 1985, when Coritiba Foot Ball Club became champion. Our main objectives in this study will seek what were the conditions presented by these vehicles, in outcome, and the outcome of that championship. This, considering and seeking to understand the readings of the sports press, often markedly disparate as interrelated in certain ways to their own associations with the sport setting.

Key-words: Sports Press. Football. Brazilian Championship 1985.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
IMPrensa e Futebol .....	12
UMA PRÉVIA DA CONFIGURAÇÃO ESPORTIVA: SOBRE O CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL .....	20
RECONFIGURAÇÃO NA DÉCADA DE 1980? A <i>MODERNIZAÇÃO</i> DO FUTEBOL NO BRASIL .....	31
FONTES, METODOLOGIA E ESTRUTURA .....	34
1. ALGUNS AGENTES DA CONFIGURAÇÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985.....	41
1.1 REVISTA PLACAR .....	43
1.2 GAZETA DO POVO.....	47
1.3 TRIBUNA DO PARANÁ.....	50
1.4 CORITIBA FOOT BALL CLUB.....	54
2. ENTRE O BEM DO PARANÁ E O BEM DO BRASIL.....	61
3. CONSTRUÇÃO DA FÓRMULA E TRAJETÓRIA DO TORNEIO EM <i>PLACAR</i> : DO ENGAJAMENTO POR UM “FUTEBOL BRASILEIRO” À FORMATAÇÃO DE UM “CAMPEONATO ESDRÚXULO”.....	92
4. A PREPARAÇÃO DOS CLUBES PARA O TORNEIO NA REVISTA <i>PLACAR</i> : FAVORITISMO E PROJEÇÃO DE FORÇAS ENTRE OS CLUBES DE ACORDO COM A FORÇA ECONÔMICA E SIMBÓLICA DO CLUBE .....	108
5. MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EQUIPE DO CORITIBA EM GAZETA E TRIBUNA: PLANEJAMENTO MÍNIMO, DIFICULDADES FINANCEIRAS E BOM FUTEBOL.....	122
6. VIRTUDE CORITIBANA: DO TIME TÁTICO E DEDICADO AO ESTILO ÊNIO DO CORITIBA .....	140
CONCLUSÃO.....	172
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS .....	177
SITES DA INTERNET:.....	183
MULTIMÍDIA .....	184

## GRÁFICO, TABELAS E FIGURAS

GRÁFICO 1 – SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA EM 1980, POR UNIDADE FEDERATIVA .....	41
TABELA 1 – PORCENTAGEM DO PIB NACIONAL, POR REGIÃO BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1980 .....	42
FIGURA 1 – CAPA DE <i>PLACAR</i> .....	46
FIGURA 2- CAPAS DE <i>PLACAR</i> , A MILITÂNCIA DE <i>PLACAR</i> .....	62
FIGURA 3 – CAPA DE <i>PLACAR</i> “IMAGINEM O ZICO NESTE MENGÓ” .....	63
FIGURA 4 – CAPA DE <i>TRIBUNA</i> “LELA MANDOU CORINGÃO PRO INFERNO” .....	64
FIGURA 5 – MATÉRIA EM <i>TRIBUNA</i> “VAI LÁ, CORI” .....	65
FIGURA 6 – MATÉRIA EM <i>TRIBUNA</i> “CORITIBA GIGANTE.” .....	66
FIGURA 7 – CAPA DE <i>PLACAR</i> “CARNAVAL É DO MENGÓ” .....	76
FIGURA 8 – CAPA DUPLA DE <i>PLACAR</i> PARA AS FINAIS .....	79
FIGURA 9– CAPA DE <i>PLACAR</i> “VIRADA PAULISTA”/ MATÉRIA DE <i>PLACAR</i> “MUDA, CORINTHIANS” .....	83
FIGURA 10 – CAPA DE <i>TRIBUNA</i> “CLASSIFICAÇÃO COXA” .....	85
FIGURA 11 – CAPA <i>TRIBUNA</i> “A TRIBUNA DÁ A BANDEIRA DO COXA” ...	87
FIGURA 12 – MATÉRIA EM <i>GAZETA</i> “CORITIBA CAMPEÃO? ÊNIO TEM CONFIANÇA” .....	87
FIGURA 13 – I SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FUTEBOL NA <i>REVISTA PLACAR</i> .....	94
TABELA 2 – RANKING DOS MELHORES CLUBES BRASILEIROS EM 1985	95
TABELA 3 – TABELA APRESENTADA PELA CBF PARA REALIZAÇÃO DA TAÇA DE OURO EM 1985.....	97
TABELA 4 – GRUPOS A E B DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985...	101
TABELA 5 – GRUPOS C E D DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985 ..	102
TABELA 6 – CLUBES CLASSIFICADOS PARA A 2ª FASE DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985.....	103
TABELA 7 – GRUPOS DA 2ª FASE DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985 .....	105
TABELA 8 – CLASSIFICAÇÃO GERAL AO FIM DO TURNO DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985 .....	106
FIGURA 14 – CAPA DE <i>PLACAR</i> “DE LEON” .....	108

FIGURA 15 – SÃO PAULO EM <i>PLACAR</i> .....	110
FIGURA 16 – CORITIBA EM <i>PLACAR</i> .....	111
FIGURA 17 – ZICO EM <i>PLACAR</i> .....	111
TABELA 9 – JOGADORES DE FUTEBOL NO BRASIL MAIS VALORIZADOS EM 1971 .....	113
TABELA10 – PESQUISA SOBRE A MÉDIA SALARIAL (CR\$) DE JOGADORES PROFISSIONAIS E CLUBES NO BRASIL EM 1980 .....	116
FIGURA 18 – INGRESSO DA FINAL CORITIBA X BANGU .....	129
FIGURA 19 – CAPA DE <i>TRIBUNA</i> “COXA EM VACAS MAGRAS” .....	134
FIGURA 20 – FOTO <i>PLACAR</i> “ZICO SE LAMENTA” .....	138
FIGURA 21 – DESENHO TÁTICO CORITIBA, FORMAÇÃO TITULAR 1985.....	145
FIGURA 22 – <i>TRIBUNA</i> “COXA GOSTA DE APANHAR EM CASA” .....	152
FIGURA 23 –CAPA <i>TRIBUNA</i> “COXA FORA” .....	153
FIGURA 24 –MATÉRIA EM <i>TRIBUNA</i> “LELA A ESTRELA BRILHOU” .....	154
FIGURA 25 –MATÉRIA EM <i>TRIBUNA</i> “O COXA ESTÁ INFERNAL” .....	156
FIGURA 26 –CAPA <i>GAZETA</i> “COXA SHOW”.....	157
FIGURA 27 –MATÉRIA EM <i>GAZETA</i> “ TÁTICA COXA” .....	158
FIGURA 28 –“COXA TRABALHOU DURO”.....	161
FIGURA 29 –“CORITIBA: HERÓICO E CONSCIENTE” .....	163

**ANEXOS**

ANEXO 1 –CAMPEÕES CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL .....	<b>186</b>
ANEXO 2 -JOGOS DA TAÇA DE OURO 1ª FASE .....	<b>186</b>
ANEXO 3 –JOGOS DA TAÇA DE OURO 1ª FASE .....	<b>187</b>
ANEXO 4 – CLASSIFICAÇÃO GRUPOS A-B APÓS 1ª FASE DA TAÇA.....	<b>188</b>
ANEXO 5 – CLASSIFICAÇÃO GRUPOS C-D APÓS 1ª FASE DA TAÇA .....	<b>189</b>
ANEXO 6 – JOGOS DA TAÇA DE OURO QUADRANGULAR .....	<b>190</b>
ANEXO 7 – CLASSIFICAÇÃO APÓS QUADRANGULAR .....	<b>191</b>
ANEXO 8 –CLASSIFICAÇÃO FINAL DA TAÇA DE OURO .....	<b>192</b>
ANEXO 9 - ESCALAÇÃO CORITIBANA NAS PARTIDAS DO CAMPEONATO BRASILEIRO.....	<b>193</b>
ANEXO 10 – PESQUISAS SOBRE MAIORES TORCIDAS DE CLUBES BRASILEIROS 1983-2012.....	<b>194</b>

## INTRODUÇÃO

Futebol e imprensa desenvolveram fortes ligações desde a inserção do primeiro no país, em fins do século XIX, até os dias atuais. Nesta perspectiva, nos propusemos neste trabalho, a discutir sobre as leituras realizadas pela imprensa acerca de um dos torneios de maior repercussão no país em um momento considerado peculiar: o Campeonato Brasileiro de Futebol na edição do ano de 1985, quando o Coritiba Foot Ball Club sagrou-se campeão. Nossos objetivos centrais neste estudo, serão buscar quais foram as condicionantes apresentadas por estes veículos, no desenrolar e para o desfecho daquele campeonato. Isto, considerando e buscando compreender as leituras da imprensa esportiva, muitas vezes marcadamente díspares, como interrelacionada de determinadas formas às suas associações com a própria configuração esportiva.

Consideramos este momento peculiar por dois motivos: 1) Este momento histórico é tido por diferentes autores como efervescente e até de uma dada ruptura no futebol brasileiro por causa de mudanças estruturais ligadas a globalização (HELAL, 1997; PRONI, 2000; RIBEIRO, 2012). 2) O Campeonato Brasileiro de 1985 conheceu um campeão que interrompeu a série de vitórias exclusivas dos clubes do eixo Rio-São Paulo. O Coritiba Foot Ball Club, o campeão daquele ano, não correspondia a uma lógica que pode ser constatada historicamente no torneio até então: o domínio maciço de clubes campeões, provenientes do eixo Rio-São Paulo. Este domínio regionalizado no torneio é facilmente verificado quando se considera que nos 41 anos de disputa (1971-2012), a proveniência dos campeões corresponde 13 deles para o Rio de Janeiro e 18 são advindos de São Paulo. Portanto, praticamente 75% dos títulos do Campeonato Brasileiro foram conquistados pelo eixo Rio/São Paulo<sup>1</sup>.

Ressalve-se que a vitória do Coritiba não foi uma única exceção dentro da perspectiva proposta: Bahia-BA (1988) e Atlético-PR (2001) podem ser vistos como outros campeões que representariam os *outsiders* na história do torneio, e nesse quadro poder-se-ia ainda até fazer referência aos títulos de Guarani-SP (1978) e do Sport-PE (1987) – este último em meio a uma polêmica, declarado oficialmente campeão pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), enquanto a Confederação Nacional dos Desportos (CND) declarava o Flamengo-RJ como campeão na época.

---

<sup>1</sup> O caráter regionalizado de campeões do eixo Rio-São Paulo, prevalecia já nos torneios anteriores embrionários ao brasileiro e também se verifica historicamente na formação do selecionado nacional. Ao final deste trabalho anexamos uma tabela de todos os campeões do torneio.

Enveredamos em nossa escolha para análise de 1985 devido a soma de alguns fatores, a saber: a proximidade com parte de nossas fontes, a proximidade com o próprio clube, e o fato de ter sido o Coritiba efetivamente o primeiro clube “de fora” do eixo Rio-São Paulo a vencer o torneio, se considerarmos que o Guarani – campeão em 1978 -, apesar de não ser considerado um clube de primeira expressão, pertence ao eixo.

No que diz respeito a literatura acadêmica sobre esporte, e mais especificamente sobre o futebol no Brasil, esta cresceu muito desde a década de 1980. Aventa-se, freqüentemente, que isto foi possível porque superou-se gradualmente o olhar que via no desporto um espaço apenas de alienação dos sujeitos, logo lugar inviável para se pensar as ciências humanas de uma forma geral. Entretanto, essa abertura no campo das ciencias sociais não se deu, e não se dá, de forma uniforme ao futebol. Na mesma linha de Ribeiro (2012: 15-43), acreditamos que conforme a área de estudos (Antropologia, Sociologia, História, etc.), persistem mais ou menos restrições quanto a aceitar novos pontos para iluminar as ciências humanas: a academia é também uma figuração de poderes e tradições instituídas.

Em meio a esse cenário, e de uma maneira geral, podemos afirmar que um volume considerável de trabalhos envolvendo futebol e imprensa surgiu no meio acadêmico<sup>2</sup> desde então. Embora já na perspectiva de uma História da imprensa no Brasil, também se critique que a temática dos esportes não tenha ainda sido contemplada com a devida importância com que dispôs no país em sua História (HOLLANDA, 2012: 18).

Especificamente, sobre a nossa temática, constatamos que não há trabalhos científicos publicados. Verificamos sim obras de entusiastas, ex-jogadores, memorialistas enfim que vão tratar de uma maneira mais geral sobre o Campeonato Brasileiro de 1985. Este é o caso, por exemplo, do livro “*Coritiba, Campeão Brasileiro de 1985, na visão do campeão Toby*”(2009). Ou ainda, algumas publicações de jornalistas que buscam traçar um histórico dos campeonatos brasileiros, e que aludem a edição de 1985 do torneio nacional.

Por outro lado, podemos fazer referência já a um corpus de estudos que se debruçaram mais especificamente sobre as questões envolvendo a temática imprensa

---

<sup>2</sup> É também no campo de estudos envolvendo esporte e comunicação que se pode verificar novas abordagens e problematizações, como revelou (por exemplo) o evento realizado pela Intercom em 2012 o qual teve como tema central os “Esportes na Idade Mídia”.

esportiva e futebol, e também sobre futebol e/ou campeonato brasileiro no período que analisamos, e que nos ajudam a situar o presente trabalho no campo acadêmico.

## **Imprensa e Futebol**

Conforme assinala Marczal, a cobertura da imprensa esportiva não configura-se historicamente pelo simples relato, neutro e parcial diante dos fatos:

o discurso jornalístico configura uma construção narrativa multifacetada e complexa, modelada tanto pelas impressões e valores de seus autores quanto pelo espaço e condições de sua produção (...) O trabalho desenvolvido em cada publicação não resulta de uma diligência singular. Sua construção surge de um esforço plural compartilhado por diversos grupos e indivíduos, tanto no interior quanto no exterior das redações (...). A delimitação dos assuntos privilegiados ressoa os interesses e objetivos de cada publicação e cabe a esta selecionar as notícias a serem divulgadas ao público, organizando-as, de acordo com seus critérios internos, em sua estrutura narrativa. (MARCZAL, 2011: 46-47)

A relação entre imprensa e futebol foi construída historicamente no Brasil, e segundo Melo (2011:21-51) se deu de forma interrelacionada para desenvolvimento de ambos. Em fins do século XIX e inícios do XX, momento em que o futebol introduzia-se no país, este ainda não dispunha de espaços nos jornais (CAPRARO, 2002; BOTELHO, 2005; MELO, 2011). Gradualmente seria referenciado ao lado dos outros esportes, no formato de breves informativos ou notícia do colunismo social e como uma prática elitista e higienista, de caráter civilizatório. Porém, crescentemente ganharia espaços maiores, específicos, veículos próprios e coberturas recheadas de fotografias, consagrando finalmente o jornal como uma espécie de arena pública para os esportes, e sobretudo o futebol, paralelo a sua popularização no país.

Este protagonismo do futebol nos jornais estaria já consolidado na década de 1930, o que para Hollanda teria refletido no surgimento de dois jornais diários nessa época que teriam circulação de repercussão nacional com o futebol como seu carro-chefe editorial: *Gazeta Esportiva* em São Paulo e *Jornal dos Sports* no Rio de Janeiro (HOLLANDA, 2012:18).

Esse seria também o momento em que, acredita-se, houve o nascimento do jornalismo esportivo e a sua expressão máxima nos jornais, a crônica esportiva, embora a questão divida acadêmicos sobre como se deu esse processo. E na verdade, a expressão “crônica esportiva” significa desde então “crônica futebolística”, já que o assunto primordial que trata historicamente este gênero é o futebol (CAPRARO,

2007:39). E será esta forma narrativa, em moldes mais gerais, que estará presente e mais evidenciada nos jornais que analisamos para o campeonato de 1985, seja nas matérias ou nas próprias crônicas esportivas.

Toledo (2002:162), defende que este foi um processo complexo. O antropólogo afirma que desde os inícios da inserção do futebol nos jornais -ainda nos anos 20, no que seria o regime amador do futebol – já desenvolvia-se nesse espaço uma maneira diferenciada de se apresentar o desporto, destacando-se o exercício de uma “fala *especialista*” recorrente, fomentando polêmicas envolvendo a propriedade sobre qual seria o “discurso correto” acerca de conceitos, doutrinas e formas de se gostar do jogo.

Toledo apresenta também diferentes correntes que reivindicam uma inovação sobre uma nova leitura do futebol na imprensa por esse momento. Max Valentim, Casper Libero, e até mesmo a possibilidade da existência de um tipo de jornalismo mais afinado aos esportes na imprensa paulista, desde a década de 1910, poderiam ter antecipado um jornalismo esportivo que, para alguns acadêmicos seria legado de Mário Filho (TOLEDO, 2002:164). E acompanhando Botelho (2005:83-97), nos parece mesmo que a configuração social do Rio de Janeiro nos inícios do século XX era muito heterogênea para poder-se falar em invenção de um jornalismo esportivo por um agente pontual, no caso Mário Filho. Isto porque o historiador nos apresenta aquele cenário como sendo de um momento de empresarização, barateamento e massificação dos jornais. Também, porque acontecia o desenvolvimento da crônica literária de uma forma geral e constituição de referências narrativas mais sistematizadas sobre os esportes em vários desses veículos. Acontecimentos que seriam anteriores à década de 1920.

Capraro (2007:39-40) acredita que anterior a 1920 havia já na crônica literária dos jornais brasileiros, referências ao futebol. Entretanto, esses escritos abordavam outros assuntos e teriam um cunho mais aproximado do colunismo social do que um jornalismo especializado para os domínios do desporto. Dessa forma, o estudioso utiliza o termo “crônica social dos esportes” para estes escritos, e afirma que a crônica esportiva surgiria mesmo com Mário Filho centrado no *Jornal dos Sports* no período de 1930/1940. Já Toledo, considera que a leitura de um futebol de uma forma mais informal e menos ligada a termos estrangeiros ocorreria também com Mário Filho e Nelson Rodrigues, que senão inauguravam, assim, uma fala diferenciada para o futebol, de fato protagonizaram de forma emblemática para o seu tratamento nos jornais. Esta apresentação do futebol nos moldes dos irmãos rodrigues seria inclusive também muito



criticada por uma outra corrente que se pretendia mais *neutra, imparcial, e tecnica* sobre os esportes que se gestava no Brasil do futebol, e que foi representada por um jornalismo esportivo paulista que então se profissionalizava.

Estas cizânias logo demarcariam limites confrontativos e bem definidos, de cunho regional, das falas dos cronistas e do papel do jornalismo esportivo a partir dos anos 30 no Brasil, e que se desenrolaria em boa parte do século XX. Revelavam, assim, disputas no nascente campo do jornalismo esportivo sobre uma hegemonia de discurso que se pretendia *especialista* e papel de guarda nos jornais, envolto ao futebol profissional recém-instaurado. Contrapunham-se assim, nessa contenda, determinados cronistas e jornalistas esportivos de São Paulo - os quais teriam uma (auto) imagem de mais seriedade e engajamento com o trato e desenvolvimento do desporto no país – a determinados cariocas - que carnavalizariam demais os assuntos do futebol, e portanto seriam referenciados pelos primeiros como “amadores” e “despojados” na profissão (TOLEDO, 2002:168).

Toledo retomará de forma mais aprofundada esta questão em outro trabalho, o qual tem por objeto a *Gazeta Esportiva (GE)* de São Paulo, criado em 1928 como caderno esportivo do jornal *Gazeta* e alçado a condição de veículo autônomo em 1940 devido a grande repercussão. Toledo explora, neste jornal, a recorrência a uma linguagem “modernizante”, calcada numa ética do trabalho a qual chama de *paulistanismo*, em um momento de forte urbanização da cidade de São Paulo (primeira metade do século XX). Esta linguagem estaria associada em termos identitários a nascente metrópole paulista a qual buscava um papel de referência nacional em contraposição a então capital do país, figurando os esportes e o futebol como símbolos da modernidade e da disciplina em detrimento dos divertimentos como o carnaval, vistos como reflexo de caos e desordem.

Para o antropólogo, estaria neste *paulistanismo* uma das raízes do *bairrismo* que se desenvolveu na crônica esportiva a partir de então. Afirma também que o desenvolvimento destas contendas consagraria, enfim, uma fala *especialista* que incorporaria - já na segunda metade do século XX e de modo preponderante em seus discursos – um discurso mais tecnicista, pretensamente neutro e mais desencantado do futebol para o cronista esportivo no Brasil, de um modo geral.

Parece nos claro, entretanto, que essa fala do cronista, como expressão por excelência do jornalismo esportivo, passou a ocupar um espaço muito bem delimitado

no interior da configuração esportiva desde então. Tal como afirma Lovisolo (2011:21), no Brasil os jornalistas esportivos (mas não apenas estes) constituíram-se outorgando frequentemente ao futebol um caráter de já constituído, abstendo-se a imprensa de um papel na formação dos gostos pelo esporte, ou seja, os jornalistas esportivos se colocariam como neutros. Entretanto, seriam herdeiros de um posicionamento diante do futebol que os coloca dentro dos seus efeitos, nutrindo necessariamente pelo desporto paixão ou amor, e vendo nele um caráter positivo e romântico, impossibilitados assim de fazer uma leitura que não esteja alinhada com a manutenção ou desenvolvimento da sua esfera constituída. Dessa forma, muitas vezes buscariam em suas análises, então, conciliar esse lado romântico com um lado mais crítico, propondo assim diversas reformas a estrutura do desporto. Cultivando assim, uma posição pretensamente mais neutra sobre o fenômeno esportivo. Isso ficará muito evidente em nossa análise, e revelará ainda a possibilidade de cizânias e tensionamentos presentes no jornalismo esportivo que ainda retomam questões envolvendo o nacional e o regional no futebol.

Na mesma linha de Lovisolo, Toledo chama a atenção para o fato de que o jornalismo esportivo e sobretudo a crônica esportiva, no país, estruturaram-se como uma instância de intermediação material, tecnológica e simbólica entre torcedores e profissionais do futebol (TOLEDO, 2001:160). Ou seja um espaço que se efetiva através de uma contiguidade entre as esferas *profissional*, *especialista* e *torcedora* – o que chama de *hibridismo*—que se quer totalizador, e até mesmo “forum legitimado do desporto”, no qual convergiriam as simbologias que inibiriam uma maior autonomia de determinado domínio na representação do desporto (ou *profissional*, ou *torcedora*) e ao mesmo tempo permitiriam uma eficácia do jornalismo esportivo nas três esferas, e desse modo seu teor representativo de um universo popular mobilizado no senso comum, por vezes traduzido na representação da identidade nacional no futebol. Aliás, este posicionamento ocupado por cronistas, e visões a partir dali disseminadas, é o que daria também vazão a críticas dos *profissionais* pela leitura que fazem aqueles do esporte, por vezes tidas por estes como equivocadas.

As outras dimensões do jornalismo esportivo – como as coberturas diárias dos clubes e as transmissões esportivas -, segundo Toledo, revelariam também neste espaço a marca forte do que chamamos *apelativo*, elemento indutor das *emotividades* como abordagem do público através de um “elemento atrativo”: as imagens, o inusitado, o “furo”, e de uma forma geral a própria ritualização do cotidiano do futebol.

Aliás, nessa perspectiva, ressalta Costa (2010: 65-77), o discurso emocional presente no jornalismo esportivo teria raízes no gênero do *melodrama*. Costa oferece o entendimento do *melodrama* como um gênero teatral que destacou-se muito no final do século XVIII, na França, deixando herdeiros em outras instâncias, inclusive no jornalismo. Este gênero convocaria a emoção, objetivando deixar a platéia com “os nervos à flor, da pele”. Haveria, assim, uma contiguidade existente entre os noticiários da imprensa e o *melodrama*: ambos investiriam no apelo aos sentidos e às emoções do público receptor, ao darem total preferência aos acontecimentos de impacto, ricamente descritos e teatralizados. O *melodrama* seria, dessa forma, formato matriz do *folhetim* que no século XIX foi um instrumento eficaz na transformação do jornal em veículo de massa. Nascido na França, *folhetim* seria o nome dado a um espaço físico do jornal, mais especificamente o rodapé, local que abrigava piadas, charadas, receitas de comida, de beleza, assim como críticas de peças de teatro e pequenos textos ficcionais (COSTA, 2010: 67). Com estas raízes, a imprensa esportiva desenvolver-se-ia, correlacionada a popularização do futebol, a massificação e empresarização dos jornais, o que nesse sentido, por outro lado, desmistificaria um pouco também a figura de Mário Filho como inventor da crônica esportiva. A necessidade de *folhetinizar* a informação e a preocupação com os efeitos sobre o leitor balizariam, assim, grande parte das reportagens da mídia esportiva no Brasil. Embora tente-se revestir as matérias, historicamente, de aura crítica e pretensamente investigativa, geralmente o fundo das reportagens seriam fomentar polêmica, criar suspense, assim como discussões infinitas em torno das partidas, pintando-se imagens com as palavras, para atingir os sentidos do leitor, evidenciando um culto ao superlativo que, evidenciaria assim também as motivações comerciais dos jornais (COSTA, 2010: 72).

É um posicionamento que se aproxima de uma outra assertiva de Lovisolo (2011). Segundo o autor, o papel do jornalismo esportivo - cujas raízes seriam o fotojornalismo e o radialismo - em suas diversas formas, foi central na constituição do esporte moderno. Nessa perspectiva, a mídia teria realizado historicamente a tarefa de construir as emoções, as sensibilidades, as formas de recepção e os marcos interpretativos, enfim teria moldado um público apreciador e crítico do esporte através de uma linguagem própria, espetacular e *romântica* por excelência desde seus inícios, no Brasil e no mundo.

Parecem nos corretas estas percepções, pois de fato veremos em vários estudos acerca da imprensa e do futebol no Brasil, muitas referências destacadas a importância

dada às imagens e fotografias nas publicações e veículos. O protagonismo do texto fílmico, através das transmissões televisivas sobre o futebol, no que se tem por era *espetacularizada* do desporto (PRONI, 2000), mas por outro lado também a figura historicamente emblemática do torcedor do “radinho de ouvido”, que vê o jogo das arquibancadas e precisa ouvir o que se passa no perímetro do campo através do aparelho, nos parecem reiterar mesmo essa ligação do esporte historicamente com a sensibilidade das *emoções*, nos periódicos e na mídia brasileiros. Inclusive esta é uma percepção que tivemos na análise das fontes para este trabalho. Se acompanharmos Damo (2005:85) e Hollanda (2008: 71-269), podemos aventar que as provavelmente as raízes disso estejam na popularização e massificação do desporto no país, quando surgiram as *torcidas* que herdavam do *clubismo* formas de expressões românticas, as quais remeteriam a formas de sociabilidade burguesa, impregnadas também de um caráter *romântico*, que aliás inclusive fomentariam o surgimento dos primeiros clubes sob um caráter de amadorismo.

Segundo as pesquisas, e ao que tudo indica até meados do século XX, apenas dois veículos especializados efetivamente repercutiam a cobertura do futebol numa escala territorial do país: os jornais diários *Gazeta Esportiva* e *Jornal dos Sports* (HOLLANDA, 2012: 80). É muito provável, entretanto, que a cobertura do futebol já se destacasse consolidado nos outros jornais e revistas de variedades do país e sobretudo outras mídias - como o rádio - e assim seria com a televisão, que nascia na década de 1960 no Brasil, seja em escala nacional ou regional. Nesse quadro, entretanto, nos parece claro que o panorama histórico do jornalismo esportivo sobre o futebol no decorrer da década de 1980 também seguiu na esteira da imprensa brasileira ao longo do século XX. Ou seja, de uma forma geral prevaleceu como uma das marcas uma forte repercussão dos veículos provenientes do Rio de Janeiro e São Paulo sobre todo território nacional (GÖRGEN, 2009:89-96).

Na década de 1960 começariam a surgir outras publicações para o esporte, sobretudo o futebol, em formato de revistas como são os casos de *Manchete Esportiva* (1955) e *Revista do Esporte* (1959), publicações de curta existência (COUTO, 2012; CABO, 2012)<sup>3</sup>. Mas seria somente na década de 1970, num contexto de governo militar e de ufanismo nacional, que surgiria uma publicação especializada com repercussão de circulação nacional para os esportes. Esta inovaria num tratamento nacional para o

---

<sup>3</sup> Marczal (2011) faz referência, também para este período, das revistas *Gazeta Esportiva Ilustrada* e *Sport Ilustrado*, que teriam também duração efêmera.

futebol no país, superando uma tradicional dicotomia jornalística pautada no regionalismo. Seria a *Revista Placar* – que é uma das fontes tomada por objeto neste trabalho. É o que afirma João Malaia, em artigo recente (2012), que trata dos primeiros exemplares do veículo na década de 1970 e também Marczal (2011:85). Este destaca também que *Placar*, em seus inícios, tinha como prioridade a veiculação de grandes matérias, inovava por um foco que se queria nacional – mesma percepção de Francischini (2006:10) -, teria ênfase no fotojornalismo e uma escrita pautada na discussão, ou seja, pela crônica esportiva. Neste aspecto, destacar-se-ia um jornalismo esportivo em *Placar*, desde os inícios, empenhado na formação e difusão de uma determinada opinião com uma clara intenção de intervir no sistema governativo do futebol brasileiro (MARCZAL, 2011:92). Acrescentamos que este período foi também o que acompanhou um *boom* na história da televisão brasileira, veículo que logo incorporaria desporto aos seus domínios, através dos moldes do jornalismo esportivo e da crônica esportiva (TOLEDO, 2002: 169).

Se tomarmos *Placar* como exemplo, como um ícone do jornalismo esportivo brasileiro de então, podemos afirmar que em nosso período de análise<sup>4</sup> um padrão de jornalismo esportivo estaria consolidado no país. Deste jornalismo esportivo disseminava-se uma fala que se queria nacional, e cuja sede estaria invariavelmente no eixo Rio-São Paulo. Não que este fato implicasse divergências entre os jornalistas esportivos e veículos de imprensa na década de 1980 – e a nossa hipótese é que efetivamente não implicou, pois no restante do país haveria outros jornalistas e veículos de imprensa -, mas o que se destacava nela seria a figura do cronista esportivo, *especialista* em assuntos técnicos e políticos do futebol, necessariamente compromissado e falando de um determinado posicionamento que se pretende neutro e profissional sobre o futebol brasileiro, visto por ele muitas vezes de uma maneira integralizada. Isto aconteceria não apenas por ditames comerciais destes veículos – ou seja, pelo grande público destes jornais estar sediado no Rio-São Paulo, ou serem de clubes desta localidade – mas também por uma linha editorial que assumiria um posicionamento político ideológico em prol destes clubes, por estarem com eles associados.

Na década de 1980, um tema tornar-se-ia recorrente na imprensa esportiva, e nos grandes jornais ao longo da década de 1980. Seria acerca de uma “crise” vivida pelo

---

<sup>4</sup> Somente em 1997 surgiria outro veículo com repercussão de circulação nacional especializado em futebol. O jornal diário *Lance* (STYCER, 2012)

futebol brasileiro de uma forma geral. Nessa perspectiva, manchetes recorrentes nos “grandes jornais”<sup>5</sup> apresentariam o cenário envolvendo termos e situações como falência, falta de público, incompetência de dirigentes, êxodo de jogadores e a má administração para referenciar o futebol brasileiro de uma maneira geral (HELAL, 1997, PRONI, 2000). Logo, a visão de um futebol de excelência que parece disseminado e ocupando lugar de destaque na imprensa do país, deste momento, tem como modelo a experiência européia, sobretudo a italiana, que seria pautada então num modelo em ascensão de gestão do futebol através dos paradigmas do chamado “clube-empresa”. Esta será uma percepção muito recorrente nos veículos que analisamos para o nosso período. Na *Revista Placar*, onde um projeto de Brasil se apresenta mais pronunciado, a construção de “crise” se apresentou nesse veículo mas não de forma engessada naqueles termos. Dialogava com acontecimentos do torneio, ditames comerciais e com percepções político-ideológicas do próprio veículo, traduzindo-se ora em elogios, por exemplo, a um bom índice de público em determinado momento do torneio, e em outro a uma evocação de jogadores”, “craque-ídolos” e alguns times em relação a outros.

Na busca de um entendimento de como se inseriam os periódicos no quadro da imprensa naquele momento, em termos estruturais, de uma forma geral entre as mídias, os periódicos não eram os principais veículos de imprensa, mas certamente dispunham de papel relevante no campo de midiatização do futebol na década de 1980. A televisão ocupava papel de destaque e, ao lado do rádio, experimentava maior penetração entre o público geral. Jornais e revistas teriam penetração mais expressiva conforme ascenderiam os níveis de educação e renda (MICELI, 1992:55). Na configuração da imprensa, estava consolidada a estrutura de cadeias que reúnem diferentes tipos de mídia (televisão, rádio, jornais, revistas) sob uma mesma empresa de cobertura regional, ou conglomerados de cobertura nacional sob a liderança de um grupo ou rede (Rede Globo, Grupo Abril, Rede TV são exemplos). As sedes destes conglomerados estavam invariavelmente localizados no eixo Rio-São Paulo (GÖRGEN, 2009: 89-96), dispondo de amplo destaque e poder de propagação dos seus produtos culturais por todo território nacional (como é o caso de *Placar*), e também associando-se as empresas de cobertura

---

<sup>5</sup>Quando utilizamos o termo “grandes jornais” ou mesmo “grande mídia” estamos nos apoiando em uma expressão recorrente na literatura acadêmica, que toma como critério a abrangência do veículo, em termos de tiragem, repercussão, e que entre os exemplos poderíamos citar, na década de 1980: *Estado de São Paulo*/família Mesquita, *Jornal do Brasil*/família Nascimento Britto, *Folha de São Paulo*/ família Frias, *Abril*/ família Civita, *Globo*/ Roberto Marinho, Bandeirantes, *SBT*/Silvio Santos, *Manchete/Bloch* (aliás, estes últimos dois resultado do espólios dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand).

regional na transmissão desses conteúdos - e este é um caso sobretudo da televisão. Finalmente, acrescentamos que os campeonatos de futebol, nesse momento, não são transmitidos de forma regular na televisão. Já havia televisionamento, até para confrontos “ao vivo” algumas vezes, mas nesse momento o rádio provavelmente era a mídia mais destacada em termos de veiculação do desporto durante o acontecimento das partidas.

Finalmente, num quadro geral acerca de pesquisas envolvendo futebol e imprensa esportiva, verificamos ausência de propostas que problematizassem e enfocassem as fraturas no interior próprio da figuração da imprensa nacional e por consequência, das representações e do próprio futebol brasileiro de uma forma geral, para além de algumas dicotomias que avizinham o período em que analisamos. Talvez isso tenha acontecido porque muitos desses estudos tomam por base a imprensa do Rio de Janeiro e/ou São Paulo para fazer uma referência de Brasil, locais onde esses tensionamentos não se apresentariam de forma mais clara.

### **Uma prévia da configuração esportiva: sobre o Campeonato Brasileiro de Futebol**

O Campeonato Brasileiro de Futebol surgiu em 1971, após várias tentativas de se criar um campeonato nacional - tal como acontecera em outros países como Argentina, Inglaterra e Itália, por exemplo. A dimensão territorial do Brasil e a resistência das oligarquias esportivas regionais seriam os fatores que teriam inviabilizado, até então, a criação de um campeonato de formato nacional.

Assim, desde o início da prática do desporto no país, houve tentativas de se organizar disputas interestaduais entre clubes, anteriores ao campeonato. Entretanto, geralmente de caráter esporádico, nenhuma delas se consolidou efetivamente. Uma das mais destacadas certamente foi o chamado “Torneio Rio-São Paulo” - disputado de 1933 a 1966 –que foi a primeira experiência duradoura de um campeonato interestadual entre clubes. Nessa linha, podemos citar também o Campeonato Brasileiro das Seleções Estaduais, instituído em 1922 através da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e que durou até 1963. E ainda a Taça Brasil, um torneio mais abrangente reunindo campeões estaduais de diversas partes do país, disputado a partir de 1959 até 1967, e que serviria para indicar um representante brasileiro para a Taça Libertadores da

América, a partir de 1960. Campeonato Brasileiro de Futebol de Seleções e Taça Brasil contavam com a organização da CBD (SARMENTO, 2006:111).

Em 1967 surgiu o que poderia ser tido como o mais acabado embrião do campeonato brasileiro: o Torneio Roberto Gomes Pedrosa (o "Robertão" ou Taça de Prata), chancelado pela CBD em 1968 uma vez que premiava o campeão com a "Taça de Prata" do futebol nacional. Esta competição, derivada do torneio Rio-São Paulo, foi disputado por times do eixo Rio-SP e mais os principais clubes de estados como Minas Gerais e Rio Grande do Sul, e alguns outros clubes convidados, de outros estados. O último "Robertão" aconteceu em 1970, quando então passou a ser disputado o Campeonato Brasileiro de Futebol. A denominação deste novo torneio não seria sempre a mesma, mas na prática todas elas representariam a mesma competição: "a principal disputa interclubes do Brasil"(UNZELTE, 2002 :422).

Parece-nos claro que o surgimento do Campeonato Brasileiro não se deu como um expressão mais autônoma da figuração esportiva dos clubes na década de 1970. Mas sim como uma aliança inicial entre clubes de grande expressão, CBD e o próprio Estado com a anuência do restante dos agentes que compunham o futebol brasileiro. Ao longo desse processo ainda, certamente que o gradual crescimento do mercado esportivo como produto midiático, a própria entrada da televisão, e ainda, a modificação da estrutura governativa dos clubes foram fatores importantes e que interagiriam futuramente naquele movimento de consolidação do torneio.

Nesse sentido, é possível vislumbrar que desde os torneios que antecederam o Campeonato Brasileiro de Futebol, não havia efetivamente entre os clubes participantes nesses torneios uma base financeira, ou pelo menos, uma organização ou projeto para que fosse viável um campeonato mais nacionalizado e abrangente efetivamente – talvez nem fosse este o objetivo destes clubes. Atente-se, por exemplo, que o Campeonato das Seleções Estaduais só foi possível financeiramente porque ancorava-se nos grandes públicos regionais, congregados acima das suas rivalidades clubísticas e do desenvolvimento financeiro dos clubes. Já a Taça Brasil, dispunha de um formato de copa e tinha suas fases regionalizadas devido aos custos e dificuldade de deslocamento no país.

Além disso, na esfera do futebol, evidenciavam-se insatisfações já nesse momento quanto a Confederação Brasileira dos Desportos (CBD) não permitir uma maior autonomia para o desporto, ou mesmo, desenvolver o futebol profissional no país.



E ainda, havia também as reclamações de corrupção e incompetência administrativa na instituição normatizadora, somada a outra crítica em destaque: a de que o futebol profissional servia para sustentar os outros esportes no país por intermédio da taxa cobrada pela CBD de 5% em partidas interestaduais. (FRANCISCHINI, 2006: 20)

Em meio a este cenário, um torneio nacional figurava em evidência nos meios esportivos como solução, atendendo ao mesmo tempo questões como: 1) a manutenção operacional da CBD, 2) sua legitimidade política frente ao futebol profissional no país, 3) bases financeiras e um calendário para os clubes de grande expressão, através da disputa de um campeonato interestadual rentável, com status de nacional, chancelado pela CBD e que dava acesso a Taça Libertadores das Américas, 4) a manutenção da base política da CBD, assentada nas federações regionais que aglutinavam associações de todos os esportes em cada região.

Como resultante deste cenário e configuração, então, que o Campeonato Brasileiro de Futebol surgiu. Representava na época uma “salvação financeira” (FRANCISCHINI, 2006: 4) para boa parte dos agentes envolvidos.

Sublinhamos que esta solução foi encampada pelos clubes, de uma forma geral, porque os campeonatos estaduais nesse momento mostravam-se cada vez mais esvaziados e inviáveis financeiramente. Isto ocorria porque, já numa perspectiva global, o esporte era incorporado à indústria do espetáculo e do consumo de massa, e nesse cenário os jogos envolvendo clubes de menos repercussão, como é o caso dos campeonatos estaduais, não eram atrativos para um grande público. Além disso, os clubes brasileiros, de uma forma geral por esta época, estavam vivendo uma situação de penúria. Nesse cenário, o torneio nacional representaria ganhos financeiros, pois os clubes dos grandes centros visualizavam na disputa uma série de confrontos atrativos com outros clubes de expressão, aliás modelo que já vinha mostrado-se bem sucedido nos anteriores torneios inter-estaduais (SARMENTO, 2006:122). Dessa forma, visualizava-se que grandes públicos estariam garantidos nestas partidas e, por consequência, grandes rendas e plena atividade das agremiações. Nessa época, a renda das partidas e a negociação de “passes” de atletas eram as fontes de renda principais dos clubes. Cumpre lembrar nessa época já estava em vigência a chamada “lei do passe”, regulamentada em 1968 (PRONI, 2000: 142) e provavelmente existente como prática já anteriormente.

Mas houve também outro motivo. Os clubes de grandes expressão do Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, haviam já organizado torneios inter-estaduais anteriores ao Campeonato Brasileiro, como o Rio-São Paulo por exemplo, e podemos imaginar que numa situação extrema de descontentamento com a CBD, poderiam prosseguir financiando suas atividades de uma forma mais autônoma, que entre elas inclui até excursionar em amistosos para fora do país.

Havia, é claro, a necessidade de estarem vinculados a uma confederação, legítima representante do país perante a FIFA. Havia um modelo autoritário no governo do país que inclusive dispunha de instrumento político, o Conselho Nacional do Desporto (CND) criado ainda em 1941, para submeter os clubes caso o governo achasse que era necessário. Havia também a necessidade de dar sustentação a uma instituição central para evitar o fracionamento e disputas de poder no interior do já sistematizado futebol no país, o que não seria interessante para o declínio do destaque político e econômico que os grandes clubes gozavam. Este, aliás, acalmado e resolvido na CBD após uma sequência de disputas envolvendo cariocas e paulistas pela hegemonia política do futebol brasileiro desde a sua implantação (SARMENTO, 2006:1-63).

O ponto fundamental, dessa forma, que celebra a ligação marcando a confluência de interesses dos grandes clubes com o projeto do novo torneio, se dá quando o Estado se apresenta oferecendo a sua tutela. Isto ocorreu nos inícios da década de 1970, quando os militares no poder promoviam um projeto político de integração nacional, e que foi de encontro com os interesses do núcleo gestor da figuração esportiva naquele momento. Situação que contribuiu também, em outro ponto, para a sustentação do torneio: a adesão de outros clubes grande expressão das demais capitais do país que encamparam o projeto, abrindo mão assim de uma possível fragmentação e unificando um modelo de disputa. Nessa linha, ressalta Ribeiro<sup>6</sup>:

O final da década de sessenta e início de setenta conheceu o fenômeno econômico do “milagre brasileiro” (1969-1973), quando a economia nacional conheceu taxas elevadíssimas de crescimento (11% do PIB) e promoveu forte modernização, tanto na malha rodoviária e aérea quanto no sistema de comunicação, em especial com ampliação da transmissão dos jogos pela televisão. Essa modernização veio ao encontro do objetivo do regime em ampliar a ideologia da unidade nacional. Nessa direção, ainda, foi a criação de grandes estádios, por iniciativa do governo federal, em várias capitais, deixando clara a política do regime militar de ao mesmo tempo enquadrar e associar-se às elites regionais do futebol brasileiro. Ou seja, esvaziar a autonomia dos poderes locais a favor da centralização política, oferecendo

---

6Crônica em <http://nefutebolesociedade.blogspot.com.br/2011/10/brasileirao-ou-torneio-rio-sao-paulo.html>, acesso em 01/06/2012.

em contrapartida escusos benefícios financeiros e materiais (como os estádios) aos dirigentes de clubes e federações estaduais. Estava decretada a falência dos campeonatos e das federações regionais, e o nascimento do Campeonato Brasileiro de Futebol (RIBEIRO, 2011).

De uma forma mais objetiva, isso se traduziu em subsídios pelo governo aos clubes que disputariam o novo torneio, cobrindo seus custos de hospedagens e passagens aéreas, através da criação da loteria esportiva, em 1969 (PRONI, 2000:142).

Essa integração teria outros desdobramentos sobre a própria configuração político-esportiva. Segundo Francischini, nesse momento, não houve apenas uma integração no plano esportivo do futebol brasileiro. Mas a própria esfera política combinou-se num movimento de integração:

Se existia uma unidade simbólica em torno do selecionado, reconhecida no plano internacional, internamente o futebol estava fracionado em competições estaduais e interestaduais, em consonância ao universo da política jogado no plano dos seus localismos. Foi preciso promover essa unidade, que outros nos outorgavam de fora, para dentro do país e consolidar no plano futebolístico a ideia da nação forte. Sendo assim, o Campeonato Nacional veio como uma necessidade que transbordava os limites de um mero simbolismo esportivo, mobilizando as várias esferas da vida pública, primeiro governadores, deputados, depois prefeitos, vereadores, num escalonamento que se seguiu até o esgotamento do modelo de aliciamento dos clubes na busca da “completa integração”, num jogo assentado no personalismo de dirigentes e na lógica do favorecimento dinamizado pelo bipartidarismo então vigente. (FRANCISCHINI, 2006: 4)

Este cenário, numa direção de centralização, tornou-se evidenciado a cada edição do torneio a partir da sua criação. O formato adotado para constituição dos torneios seguia o modelo de convites feitos aos clubes pela CBD presidida então por João Havelange. Este ocupava o cargo desde 1958, e viria a ser muito cortejado nesse processo.

De uma forma geral, nesse momento, a confederação considerava critérios técnicos para fazer o convite ao clube - como por exemplo, o convite recorrente aos campeões estaduais -, o que evidencia uma vontade de construir-se um campeonato com clubes de todos os estados do país, embora neste aspecto também figurassem interesses políticos. Mas paralelamente, evidenciava-se em conjunto, também, outras prerrogativas como condição de ingresso para o campeonato abertamente declaradas: o apelo popular que dispunha o clube; a estrutura deste, destacando-se a condição de ter um grande estádio; a estrutura e logística da sua região para receber os outros clubes, e

ainda (e de grande importância), o poder político dos seus dirigentes como “moeda de troca”<sup>7</sup> em termos de dividendos políticos (FRANCISCHINI, 2006: 84).

Essas prerrogativas nos parecem evidenciar portanto um projeto inicial que é capitaneado pelo governo, e delegado à CBD, em que garantia-se a participação ao torneio e a plena atividade dos grandes clubes e demais clubes de grande expressão, evitando cisões por um lado, e por outro, assentava-se em uma base financeira segura, buscando com ela o desenvolvimento do futebol profissional brasileiro através da tutela financeira aos clubes menores. Como se percebe, o modelo abria brechas para ser utilizado também com fins eleitorais, político-particulares e/ou assistencialistas, como de fato foi.

Esta “garantia de participação” estava dada a determinados clubes porque o torneio era assentado financeiramente na sua repercussão popular, ou seja público em partidas e resultados financeiros da loteria esportiva. Nessa mesma direção, 70% dos recursos da loteria esportiva eram destinados ao governo, portanto o governo tinha também grande interesse econômico sobre o torneio e conseqüentemente sobre quais clubes seriam convidados.

Este ponto será melhor aprofundado por Francischini (2006:38-97), quando ele descreve as fórmulas do torneio naquela época. Segundo o estudioso, oferece-se a ideia de que os Campeonatos Brasileiros durante a década de 1970, não raro, teriam formatos que por vezes colocavam em segundo plano os critérios técnicos, pois visavam sobretudo as grandes rendas. Inclusive, nesse sentido, figuraria nas edições de 1971 e 1974 o polêmico critério “público”, como elemento para definir a classificação do clube para as fases seguintes<sup>8</sup>.

Estas fórmulas de disputa seriam ano a ano alteradas, inseridas geralmente sobre um calendário mal planejado e com número excessivo de jogos, os quais não davam condições para treinamento, recuperação e bom rendimento dos atletas. Aliás, a crítica ao “calendário” do futebol brasileiro é um tema recorrente na literatura e nos meios esportivos desde tempos remotos. Mesmo atualmente, ainda afirma-se que não se adequou totalmente de forma que se consiga atingir um desempenho esportivo otimizado dos jogadores de futebol (CHATEUBRIAND, 2009: 8-15).

---

<sup>7</sup> Segundo Francischini dessa época é a frase popular “Onde a Arena vai mal, um time no nacional”.

<sup>8</sup> Ou seja, o clube que tivesse mais torcedores nos estádios seria beneficiado pelo regulamento do campeonato.

Porém, visualizamos que a estratégia do governo declinaria face a derrocada do projeto econômico levado a cabo no país, e também pelo inchamento do campeonato ao longo dos anos de forma descompromissada daquele projeto inicial. Vale lembrar que entre 1971 e 1979, o campeonato aumentou de 20 até 94 clubes participantes, o que provocaria (FRANCISCHINI, 2006:100) sua falência financeira em fins da década de 1979, e nesse processo descontentamento dos grandes clubes.

O acirramento das tensões, ao que tudo indica, iniciou-se em fins da década de 1970. Mas estava ligada a uma série de fatores precursores. Na CBD, este momento acompanhou a eleição, em 1975, do Almirante Heleno Nunes para presidente, indicado do governo (FRANCISCHINI, 2006: 67). Havelange deixava o cargo por ascender à presidência da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA). Nunes não seria o candidato indicado inicialmente por Havelange, e gestava-se entre os clubes e federações discussões sobre novos formatos para o torneio nacional (FRANCISCHINI, 2006: 83), e mesmo sobre a sucessão de Havelange. Mas nada que poder-se-ia ter como uma ebulição na figuração esportiva ainda, que tivesse um caráter embativo contra a CBD ou contra o governo.

Com Nunes no poder, seguir-se-ia uma proposta de reformulação do campeonato que intensificaria a interiorização do torneio, e o inchamento do campeonato. Até este momento o campeonato havia aumentado, mas nunca ultrapassara a quantidade de 40 agremiações. Nesta época (1975) foi instituído também o voto unitário dos clubes na representatividade frente às federações e à confederação, o que reorganizou a figuração esportiva em termos políticos e, de suma importância para entender-se um dos mecanismos a partir do qual se processam alguns dos tensionamentos de destaque do futebol brasileiro. Sobre este momento, afirma Helal:

Em 1975, a situação agravou-se com a aprovação, pelo Congresso Nacional, da Lei nº 6.251 que, entre outras medidas, institucionalizava o voto unitárias federações e confederações. Aparentemente moderno e democrático, esse sistemas e transformou em um poderoso instrumento de barganha política, dando às ligas do interior o poder de controlar as federações. Com o advento do voto unitário, as federações e a CBD organizaram campeonatos em que participavam diversos clubes pequenos ou sem expressão no cenário futebolístico do país. Esses campeonatos longos - e com grande quantidade de jogos de pouco interesse - resultaram em fracassos financeiros para os grandes clubes. (HELAL, 2002: 46)

A eleição de Nunes também significou o afastamento de dirigentes dos principais clubes do núcleo dirigente composto na CBD (SARMENTO, 2008:149).

Parece nos que foi então, a partir daí, que começou a se desfazer a convergência de interesses que envolvia governo e os grandes clubes. Os grandes clubes ficaram, nesse momento, a margem do projeto e influência na organização do torneio, e o torneio tornou-se cada vez mais inchado em termos de clubes, e esvaziado em termos de público (HELAL, 1997:58). Houve descontentamento por parte dos grandes clubes, e o período acompanhava, ainda, a retirada dos militares do poder, o que oferecia condições para o surgimento de uma confederação específica para o futebol, ao mesmo tempo em que uma maior autonomia política e de influência dos grandes clubes sobre o futebol brasileiro.

E o acontecimento emblemático dessas mudanças ocorreria em 1979, com a criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em lugar da CBD, por um decreto governamental. Este seria um órgão destinado a gerir apenas assuntos do futebol e tal como a CBD, a sede deste órgão permaneceria no Rio de Janeiro. Nesse mesmo momento deu-se a eleição do presidente Giulite Coutinho – já indicado como presidente do Conselho Nacional dos Desportos (CND) por Figueiredo - para a nova entidade. A configuração política mais ampla do país revelava uma forte crise econômica, e nesse momento viver-se-ia o chamado período de *distensão* do regime autoritário, com a entrada de Figueiredo na presidência do país.

Entendemos o surgimento da CBF, dessa forma, como simbólico num processo de reordenamento da figuração esportiva, embora provavelmente já fosse idealizada nos inícios da década de 1970. O governo propõem-se a sair do núcleo gestor do desporto, visualizando, no entanto, um desenvolvimento do futebol do país capitaneado pelos grandes clubes. Por essa época evidenciava-se um sentimento de atraso (GIL, 1994: 100-109) e mesmo de *crise* (HELAL, 1997:58) para o futebol brasileiro, o que certamente contribuiu para a abertura de uma maior autonomia deste clubes, e dirigentes ligados a eles, para que levassem a cabo as reformas do desporto num sentido de modernização. A instituição (CBF) surge assim numa fronteira de tutela estatal e autonomia dos clubes sobre o esporte, porque é efetivamente criada e normatizada pelo governo, via CND, mas seu formato de funcionamento atenderá aos “grandes clubes” e clubes de grande expressão, através das diretrizes de enxugamento e maior rentabilidade do campeonato, então em pauta.

Os campeonatos nesse momento terão em média o número de participantes em 44 até a ruptura dos grandes clubes em 1987, quando ocorrerá a criação do chamado

“Clube do 13” que organizará o campeonato com 16 clubes assentado no que seriam pressupostos comerciais (HELAL, 1997:85). Este cenário começara a se gestar nos finais da década de 70, quando os grandes clubes já estavam efetivamente descontentes com a CBD, e pode-se falar já num movimento entre estes que almejava mais autonomia, mais protagonismo no futebol brasileiro e campeonatos nacionais com menos clubes do que vinha ocorrendo até então. Movimento que encontrava cada vez menos obstáculos políticos instituídos de cunho “legal”, haja vista que nesse momento os militares ensaiavam uma retirada do governo.

Por outro lado, a CBF nasce com uma base alargada de sustentação, devido ao processo de integração ocorrido por intermédio da CBD, e portanto sua operacionalidade também depende de clubes e federações menores, de futebol no país.

Aos grandes clubes, a CBF oferece legitimidade frente à FIFA, embora a possibilidade de uma sublevação destes e a criação de uma entidade própria já fosse verificada, como por exemplo numa proposta liderada por Francisco Horta – então presidente do Fluminense/RJ – reunindo alguns clubes e ensaiando a montagem de um associação de presidentes de agremiações contra o modelo de campeonato vigente em 1979 (FRANCISCHINI, 2005: 113).

Representou também legitimidade, integração, unificação diretiva e simbólica do futebol no Brasil, figuração em que os dirigentes destes grandes clubes experimentam uma reaproximação com o núcleo de destaque de poder: a gestão da entidade (SARMENTO, 2006:149). Mas isso também representou um entrave para os grandes clubes, uma vez que estes agora tinham a concorrência dos clubes europeus, sobretudo dos italianos, que vinham a algum tempo importando jogadores brasileiros para seus campeonatos, de grande sucesso financeiro (HELAL, 1997; PRONI, 2000) num momento de reordenamento global (RIBEIRO, 2007:58). Desta forma, estando atrelados politicamente ao formato político da CBF para o futebol e campeonatos no Brasil, que tinha compromisso com um universo maior de clubes no país, isto significava dificuldades na equiparação com o futebol internacional.

Havia ainda, toda uma burocracia construída por intermédio do Campeonato Brasileiro, interligando federações regionais, clubes e CBD durante o período militar, e que eram financiadas também por recursos advindos da loteria esportiva. Com a criação da CBF esta burocracia também se viu beneficiada, uma vez que sua operacionalidade permanecia em funcionamento.

Na CBF, a eleição de Coutinho representou, assim, uma nova proposta para o futebol no país, proposta que se inseria numa figuração esportiva cindida e em efervescência e sobre a qual promoveu o fim da política de “interiorização” do Campeonato Brasileiro e seu respectivo inchamento:

A primeira expressiva modificação realizada pela nova entidade foi a criação do campeonato brasileiro de 1980 em duas divisões, uma nítida reviravolta no processo de “interiorização”, fazendo prevalecer os clubes mais tradicionais. Deveriam ser estabelecidos critérios mais técnicos na distribuição dos clubes, mas o que se notou foi a continuidade de certas práticas assistencialistas. A primeira divisão passou a ser denominada de Taça de Ouro, que seria composta por 40 equipes. (FRANCISCHINI, 2005:116)

O primeiro campeonato organizado por Coutinho (1980) teve assim 40 clubes na sua divisão principal, garantindo a participação a todos os campeões estaduais, tradição que remontava de certa forma ainda à década anterior. Para federações consideradas maiores, também garantiu vaga aos vices-campeões. Houve convite ao América-RJ neste primeiro campeonato, e nas edições dos campeonatos seguintes para Santos (1983) e Vasco (1984). Estes dois clubes tiveram má campanha nos estaduais, e segundo os critérios vigentes não deveriam participar dos torneios nos respectivos anos. Isso reitera, de outro modo, a permanência política da tradição dos convites ainda se sobrepondo aos ditames de um sistema técnico na configuração da disputa esportiva, que seria uma das maiores bandeiras de Coutinho. Portanto, reiterando que entre os grandes clubes permanecia um protagonismo político sobre a instituição que representava o futebol do país.

Sarmiento (2006:146) afirma que a administração de Coutinho teria acompanhado uma agenda de modificações seguindo pressupostos do marketing esportivo e comercialização. Assim, novos critérios para o televisionamento das partidas e a adoção de um novo calendário para o futebol nacional, somadas ainda a criação de uma segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, fizeram parte de sua gestão. Giullite liberou a propaganda na camisa dos times (1982) e chamaria também o treinador Telê Santana para compor a seleção, o qual teria alto índice de popularidade no país (SARMENTO, 2006: 151).

A gestão de Coutinho seguiria acompanhada por uma forte crise econômica no país. Na verdade, as manchetes nos “grandes jornais” já vinham retratando uma crise do futebol brasileiro desde a década anterior: estádios vazios, dívidas dos clubes com o governo, má gestões e êxodo de jogadores protagonizam as manchetes destes jornais



(HELAL, 1997; PRONI, 2000). E segundo Sarmiento, Giulitte se desgastou no comando do cargo, e em seu lugar seria eleito Otávio Pinto Guimarães (1986), o qual acabaria enfrentando os mesmos problemas de Coutinho: o desafio de efetuar uma modificação estruturais no futebol brasileiro, e a pressão dos clubes e federações por favorecimentos de outro. Em meio a isso episódios como a “virada de mesa”<sup>9</sup> em pleno campeonato pelo Vasco (e depois Botafogo), em 1986, e toda uma confusão daí decorrente.

Para o ano seguinte (1987) o governo informou que não poderia subsidiar o campeonato através da loteria esportiva. Nesse momento, o país vivia uma forte crise econômica o que já impactava muito na rentabilidade dos clubes e da própria CBF. Diante desse cenário, a CBF anuncia a não realização do campeonato nacional o que serviu como um sinal para que dirigentes de clubes tentassem lançar uma liga independente, o chamado “Clube dos 13”, segundo Helal:

Em julho de 1987 um movimento iniciado por treze grandes clubes envolvendo cinco estados do país – Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia – balançou a estrutura administrativa do futebol brasileiro tornando manifestas as contradições, até então latentes, deste universo. São Paulo, Flamengo, Corinthians, Vasco, Palmeiras, Fluminense, Santos, Botafogo, Cruzeiro, Atlético, Grêmio, Internacional e Bahia foram os clubes que compuseram este movimento, oficialmente registrado como União dos Grandes Clubes Brasileiros, mas que popularmente tornou-se conhecido como “Clube dos 13” (HELAL, 1997: 84)

Esse quadro nos permite afirmar que os campeonatos brasileiros, ao longo da década de 1980, foram realizados em meio a acirradas disputas entre federações, clubes e CBF, tensões que também acompanharão o decorrer do campeonato de 1985. Estas disputas ganharam forma em nossas fontes, incorporando sentidos de positividade/negatividade para a própria trajetória do torneio.

Há, sobre este período, leituras díspares, mas não necessariamente excludentes, acerca dessa ebulição na figuração esportiva e modificação no número de clubes na divisão principal do Campeonato Brasileiro, citada muitas vezes como *modernização* do futebol no país, e a qual citamos a seguir.

---

<sup>9</sup> “Virada de mesa” é um termo recorrentemente utilizado na comunidade futebolística brasileira para referenciar o fato de um clube, quando em desvantagem em alguma competição, utilizar-se de meios extra-campo e força política para melhorar sua condição.

## Reconfiguração na década de 1980? A *modernização* do futebol no Brasil

Helal (1997) vê a configuração esportiva brasileira, entre as décadas de 1970/1980, através de uma dicotomia. Para ele a sociedade *brasileira* viveria nesse momento cada vez mais um *dilema*, e dessa forma códigos *modernos* passariam a chocar-se com códigos *tradicionais* no cerne da gestão do esporte no Brasil. A herança e permanência de um modelo de organização de futebol *tradicional* no país seria responsável por uma *crise* estrutural, descrita como sendo a de campeonatos desorganizados, jogos deficitários, exôdo de craques, espetáculos de baixa atratividade, *amadorismo* de dirigentes, fórmulas e calendário que careciam visão comercial. Situação que também estava ligada a crise econômica vivida pelo país de uma maneira geral, mas este não seria o motivo principal. O motivo principal seria um sistema baseado em “métodos tradicionais de administração baseados na política de troca de favores, interferência política e na contraditória relação entre dirigentes amadores e jogadores profissionais” (HELAL, 1997:108).

Por outro lado, mudanças que fugiam da esfera do futebol *brasileiro* começavam a repercutir e impulsionar outras mudanças no bojo da sua organização, como a crescente entrada da mídia e novos grupos comerciais nas esferas do esporte de uma forma geral, além da crescente ameaça do futebol europeu, sobretudo italiano, na contratação de craques brasileiros.

Nesse cenário, Helal vê a pressão que os chamados grandes clubes vinham fazendo desde os inícios da década de 1980 sobre a CBF para que esta realizasse campeonatos mais enxutos - e que motivaria a criação do “Clube dos 13” em 1987 – inserindo-se em um movimento de *modernização* e *racionalização* do futebol brasileiro, contrapondo-se às forças *tradicionais* e *amadoras* presentes no mesmo processo, as quais seriam representadas pela CBF, clubes médios e pequenos, e as federações regionais. De uma forma sintética, sua visão é, portanto, sobre uma *modernização* do futebol que está querendo acontecer no Brasil, significando de uma forma geral mais autonomia e apoio no mercado, e sobretudo profissionalismo na dirigência dos clubes, mas movimento em dificuldades e de certa forma estancado frente a outros agentes e a estrutura arcaica no desporto legado de um estado - e de uma sociedade - historicamente paternalista e interventor os quais mantinham uma visão mais idealizada do futebol brasileiro.

A ruptura em 1987, quando se dá a criação do “Clube dos 13”, é vista como um avanço sobre o *dilema* para o futebol *brasileiro*. O sociólogo inclusive reporta como sucesso em termos de público, patrocínios e venda de televisionamento dos jogos pela primeira vez (à rede Globo). Mas este avanço seria episódico porque ao fim deste torneio, os agentes da mudança teriam celebrado um acordo obscuro com o *tradicionalismo*. Aliás, a prática dos acordos, segundo o sociólogo, seria comum na cultura brasileira:

Acusações e ameaças que traziam à tona o dilema latente na estrutura da organização do futebol no Brasil. Uma organização permeada por uma política de troca de favores e compensações sustentava o poder político das federações e da CBF, mas, no entanto, mostrava-se inapta para resolver a crise dos grandes clubes. Estes, por sua vez, combatiam esta política reivindicando autonomia e independência e fazendo uma pressão para modernização – profissionalização dos dirigentes e adoção de estratégias de marketing profissional – do nosso futebol. A legislação esportiva vigente era alvo de críticas constantes justamente por não permitir a autonomia dos clubes e a profissionalização administrativa. No final, o próprio acordo entre as partes trouxe à tona uma faceta tradicional da nossa cultura: a capacidade de negociar baseada em relações de favores e compensações. A obscuridade com relação ao campeão daquele ano era o resultado mais evidente dessa faceta. (HELAL, 1997: 91)

Concordamos em parte com esta visão. Um ponto nos parece necessário problematizar, a saber, o sentido positivo dado por Helal ao termo *moderno* como se esse fosse autorreferido, e não uma construção histórica, que conforme demonstra Proni (2000:97) foi utilizado de diferentes formas e diferentes grupos ao longo da história do desporto no país.

Marcelo Proni difere um pouco da compreensão de Helal. Para ele essa *modernização* que se processava seria *conservadora*. Na análise do economista, a crise econômica do país figura como ponto central da ebulição da configuração esportiva e a sensação de *crise* naquele momento. Proni destaca que houve falta de atratividade para os espetáculos, e má organização de campeonatos naquele período. Mas o ponto nodal, seria mesmo a recessão econômica que obrigou os clubes a se desfazerem do seu patrimônio líquido: os ‘passes’ de seus melhores atletas (PRONI, 2000: 148-149).

Nesse cenário, a reação não foi uma revolução no futebol brasileiro, mas mudanças em um determinado ponto da configuração esportiva internacional. Assim, para o economista, uma elite de 20 a 30 clubes - em detrimento de uma grande maioria, os quais ficariam alijados dos ganhos financeiros e tecnológicos – promoviam uma *modernização* para si, beneficiados pela conjuntura política da *redemocratização*,

constituindo consórcios de interesses direcionando essa *modernização* restritiva (PRONI, 2000:185-172).

Esse conjunto de fatores possibilitaria a criação do “Clube dos 13” e a realização da “Copa União” em 1987, e assim - refletindo a própria configuração histórica do país no processo de incorporação do capitalismo - a *modernização conservadora* do futebol no país.

Porém, a mentalidade dos dirigentes continuava, em sua essência, amadora. E, o que é mais sintomático: a CBF e as federações estaduais continuavam a ser geridas por meio de conchavos pessoais, apesar da mudança no comando da entidade e do aparecimento de novos personagens no cenário da política esportiva nacional a partir de 1988/89. (PRONI, 2000: 162)

Ribeiro (2011) desenvolve outra percepção sobre o momento. Segundo o historiador, a criação do “Clube dos 13” poderia ser vista como um resultado frente as modificações e oportunidades oferecidas pelo reordenamento do capitalismo mundial que vinha ocorrendo na década de 1980. Mudanças que se traduziam na entrada da televisão e no crescente interesse de empresas que passavam a ver no futebol uma associação interessante. Sendo este o cenário, o “Clube dos 13” formar-se-ia enquanto um grupo ocasional de pressão sobre a CBF, e mesmo sobre o poder público, motivado mais por ganhos econômicos que até então não se apresentavam para os clubes membros. Com esse intuito, apontaram naquele momento como caminho a necessidade de realização de campeonatos mais enxutos e que seriam mais rentáveis para os membros deste grupo, sem contudo haver planejamentos maiores e longe de representar num plano mais abrangente uma modernidade para gestão do futebol no país. (RIBEIRO, 2011).

Concordamos em grande medida também com essas duas visões. E acrescentamos: se remontarmos aos torneios anteriores ao Campeonato Brasileiro – como o Torneio das Seleções Estaduais ou o Torneio Rio-São Paulo, por exemplo – veremos que a sua base operacional assentava-se nos grandes públicos provenientes entre jogos dos grandes clubes, ou clubes de grande expressão, ou seleções regionais. Aliás, esta sempre foi por muito tempo a base operacional dos campeonatos regionais, e do próprio Campeonato Brasileiro, até 1975. Nessa perspectiva, podemos afirmar que ponto de apoio para o futebol profissional do país na década de 1980, foi a *torcida* de futebol, ainda que neste momento o marketing esportivo e a parceria de grandes clubes

com grandes empresas começasse a já a engatinhar, o que de todo modo estava ligado com o poder de repercussão social dos clubes.

Os moldes dos campeonatos que aconteciam ao longo de 1980, e mesmo em 1987, não nos parece apresentar nada de novo, portanto. Refletiam soluções já tomadas anteriormente, que se somavam as novidades de uma reconfiguração econômica, forte crise econômica, e a entrada de novos agentes como as empresas e a televisão. Talvez também com um sentimento evidenciado de *crise* ou de *atraso*.

De uma forma geral, o que se verificamos num cenário prévio para o Campeonato Brasileiro de 1985, portanto, é de uma configuração tensionada e refazendo-se entre os grandes clubes, clubes de grande expressão, clubes médios, pequenos e nanicos, além de federações, confederações e dirigentes, envolvidos no direcionamento político do futebol brasileiro e numa formatação ainda não consolidada para o torneio nacional. A base dimensional do clube dar-se-ia pela sua repercussão em termos de *torcida* que dispunha historicamente. Os clubes dispunham de mais autonomia do que anos antes, porque num ambiente de *distensão*, ainda que este fosse mais formal, era menos autoritário. A configuração social era atravessada também por um momento de forte crise econômica e *sentimento* de crise em evidência. A ordem do dia, também em evidência, era *modernizar*, e o modelo de referência era o europeu, e a base financeira eram os aficcionados pelo desporto, a *torcida*.

### **Fontes, metodologia e estrutura**

Nossas fontes de análise centrais são matérias jornalísticas e crônicas de futebol, produzidas no decorrer dos anos 1984/1985 em dois jornais de Curitiba, e uma revista proveniente do estado de São Paulo. A utilização da imprensa daquele momento como fonte primordial se justifica na medida em que materialmente se apresentou como o caminho mais fácil e mais seguro. Os periódicos utilizados nesta pesquisa encontram-se armazenados e conservados de forma regular em todas as suas edições na Biblioteca Pública do Paraná, instituição também de fácil acesso na cidade, o que nos permitiu com segurança avançar e retroceder sobre o nosso tema, quando necessário, além do nosso recorte temporal.

Os jornais de Curitiba são os denominados *Tribuna do Paraná* e *Gazeta do Povo*. Estes jornais, tanto à época em que se deu o fato que analisamos nesta pesquisa,

como atualmente, são os de maior circulação na cidade e dispõem de circulação em grande parte do estado do Paraná.

De uma forma geral, verificamos que o foco do jornal *Gazeta do Povo* – àquela época – era reportar diversos acontecimentos da esfera local à internacional, sejam eles de cunho social, econômico, político, aproximando-se ao chamado *jornalismo literário*. Segundo Santos (2007:2), o jornalismo “ literário definiu sua estrutura principalmente nos livros-reportagem, cujo público é uma elite intelectual. Tornou-se um texto trabalhado, com informações completas e narrativas bem construídas”.O esporte figura no jornal dentro dessa perspectiva.

Já em *Tribuna do Paraná*, temos um jornal com menos páginas (geralmente 12, em contraposição à *Gazeta do Povo*, geralmente com mais de 30 páginas), que poderia ser enquadrado no gênero de *jornalismo sensacionalista*, ou seja um tipo de jornalismo marcado pela manchete, as cores fortes, as fotos e a linguagem mais informal (PRETTO, 2011: 1-15). Neste jornal, o futebol, sobretudo ao lado de notícias policiais, dispõe de forte destaque, além também de assuntos ligados à esfera regional.

Nossa outra fonte de pesquisa será a revista *Placar*, do grupo comunicacional *Abril*, cujo escritório-sede encontra-se desde seus inícios até os dias atuais na cidade de São Paulo. Este veículo dispõem de repercussão sócio-histórica de destaque sobre as temáticas do futebol, dispondo de circulação nacional e existindo desde o início da década de 1970 até o presente.

Finalmente, em nossa análise, procuramos utilizar veículos de regiões e repercussões diferenciadas. Por isso elencamos um veículo que dispõem de “repercussão nacional” e de auto-representação nacional (*Placar*), e os outros dois de “repercussão regional”, da própria região do clube (*Gazeta* e *Tribuna*). Inclusive, no nosso caso para o ano de 1985, verificaremos recorrentes conflitos de discurso, sobre matérias publicadas em *Placar* acerca dos mesmos episódios, ou sentidos mais amplos sobre o torneio e sobre o próprio futebol brasileiro.

Para a análise das matérias jornalísticas, utilizamo-nos das categorias de análise oferecidas por Luiz Henrique de Toledo no seu livro *Lógicas do futebol* (2001), quando aborda de forma aprofundada o chamado *jornalismo esportivo*, além das passagens já expostas acima numa revisão acadêmica sobre futebol e imprensa no país. Consideramos ainda, as contribuições oferecidas por Tânia de Luca acerca da pesquisa histórica sobre o periódico como fonte. Assim, seguindo a perspectiva de Luca,

buscamos superar em nossa análise a dicotomia neutralidade/interpretação, através de uma metodologia que primava por uma tentativa de enxergar além das informações oferecidas nesses periódicos, outras características que seriam muito importantes: como aparece e onde aparece a informação; quem era o grupo editorial, considerando que os periódicos são invariavelmente criação de grupo de indivíduos; e ainda, quais as ligações destes indivíduos da linha editorial com diferentes poderes e interesses financeiros no momento:

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise de discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento (LUCA, 2005 :139).

Esse posicionamento oferecido por Luca e que contemplamos, nos pareceu pertinente na medida em que nos meios jornalísticos historicamente, existem livros que tratam sobre o *estilo* jornalístico<sup>10</sup> - nos quais figuram defesas a uma pretensa neutralidade, sendo elementos recorrentes nesse sentido como *clareza*, *objetividade* recorrentes - e sabe-se que muitos periódicos que dispõem inclusive de seus próprios “manuais de redação jornalística”. Essa questão influencia na forma como o periódico apresenta a notícia, padronizando os elementos lingüísticos. Para o caso do futebol enquanto notícia, mesmo dentro da perspectiva de um *estilo jornalístico*, segue também seu próprio ordenamento legado da sua constituição enquanto notícia nos jornais brasileiros, conforme já apresentamos.

Assim, primeiramente constituímos uma longa e representativa série das matérias dos jornais cujo elemento central se dava por alusões sobre o torneio e seu desenrolar. Nessa perspectiva, levamos em consideração a periodicidade das publicações, sua *materialidade* e os públicos destinados. Num segundo momento, elencamos os núcleos das interpretações acerca do torneio de cada veículo, e percebemos muito claramente que além de refletir ditames comerciais, tinham raízes em concepções mais profundas de cunho político e ideológico, e também de associações desses veículos com a configuração esportiva. Isto nos levou a privilegiar, na apresentação da nossa análise, algumas temáticas em cada capítulo afim de evidenciar esses elementos e sobretudo os tensionamentos que refletiam.

---

<sup>10</sup>PRETTO, Juliana Regina. O estilo jornalístico. Estudos Lingüísticos, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 481-491, set.-dez. 2009

Além da análise em matérias jornalísticas, na *Placar*, *Gazeta do Povo* e *Tribuna*, utilizamos também como fonte primária para nossa pesquisa, crônicas de futebol nos jornais curitibanos do período de Luiz Augusto Xavier e Carneiro Neto, e também crônicas do editor-chefe de *Placar* Juca Kfourri. Consideramos nessa análise, a crônica esportiva como *literatura de fronteira*, portanto havendo necessidade de delimitar seu grau de efetividade como *prova histórica*, haja vista o destaque a um caráter artístico autônomo, freqüentemente a ela atribuído (CAPRARO, 2008:3). Dessa forma, elas foram utilizadas com o fito de fazer um contraponto, ou um melhor entendimento sobre as matérias esportivas, também considerando o fato desses cronistas fazerem parte das linhas editoriais dos veículos, enriquecendo assim a nossa análise sobre as configurações e condicionantes que engendraram o torneio daquele ano.

Toda essa metodologia no trato das fontes que desenvolvemos, foi incorporada em nossa análise tendo como norte, e ideia central, a teoria a *configuracional* de Norbert Elias. Através dela, Elias defende que a *configuração* de uma partida de futebol, está ligada a *configurações* sociais mais amplas e complexas, em que se desenvolvem disputas, o que chama de *tensionamentos* entre grupos e indivíduos de acordo com seus interesses, formando redes de interdependência, os *equilíbrios de tensão*. Elias assim descreve o conceito de *configuração*:

A configuração imediata formada por aqueles que participam directamente no jogo e nele se encontram presentes constitui parte de uma configuração mais alargada que compreende, a um nível, a organização do clube que escolhe as equipas e se responsabiliza por questões como o fornecimento e a manutenção de facilidades de jogo, e, a outro nível, os órgãos legislativos e administrativos que formulam as regras, asseguram e determinam os controlos oficiais e organizam o quadro competitivo global. Por seu lado, esta configuração constitui uma parte da configuração mais vasta que é composta pelos membros da sociedade como um todo e, por sua vez, a configuração da sociedade existe também num quadro internacional. Em poucas palavras, desportos e jogos são organizados e controlados, bem como observados e praticados, enquanto configurações sociais. Aliás, não se encontram socialmente separados e desinseridos sem relação com a estrutura mais vasta de interdependências sociais, mas intimamente entrelaçados, muitas vezes de forma complexa, com a estrutura da sociedade em geral e com a maneira como esse tecido é entrelaçado no âmbito da estrutura das interdependências sociais (ELIAS, 1992: 302)

O sociólogo defende, com esta abordagem, a não dicotomização dos fenômenos histórico-sociais simplesmente a partir de noções tais como indivíduo/sociedade, liberdade/determinação. Dessa forma, o *poder*, ou seja, determinado recurso que dispõe dado agente no interior da *configuração* para realizar



seus objetivos, não é entendido como *coisa* no sentido absoluto, em que uns detêm e outros não. É entendido como uma “força” que gera uma determinada *tensão* no interior do *campo*. Esta *tensão*, mesmo que seja extremamente favorável, em sua *resultante* aos objetivos do agente emissor, guardará sempre um grau relacional, multifacetado e poliforme desta “força”.

A ideia de *configuração* de Elias também não é estática. Segundo o sociólogo haveria um padrão inicial *configuracional*, mas com a movimentação dos agentes no interior do *campo*, ocorreria a *indeterminação*, ou seja o reordenamento dos agentes e suas “forças relacionais” sempre em interdependência, embora mantidas determinadas regras iniciais. Tal fenômeno é o que o estudioso chama de mudança de *configuração inicial* para a *configuração dinâmica*.

Quando abordamos a questão da *configuração* aqui, de uma forma geral revelamos que abordamos o Campeonato Brasileiro de 1985 visto como um nível desta *configuração* em seus diversos desdobramentos, através de informações reportadas pela imprensa, a qual foi entendida que também operava figuracionalmente. Nesse sentido, buscamos olhar o desenrolar daquele torneio como fazendo parte de uma *configuração* mais complexa sócio-histórica em que se inserem o próprio Campeonato Brasileiro de Futebol, a imprensa e o futebol brasileiro.

Posto isto, a presente dissertação está dividida da seguinte maneira. No capítulo inicial, denominado *Alguns agentes da Configuração* apresentaremos o que entendemos como agentes sociais centrais para nossa análise. Ou seja, são as nossas fontes *Placar*, *Gazeta do Povo* e *Tribuna do Paraná*, e também os cronistas Luiz Augusto Xavier, Carneiro Neto e Juca Kfourri. Nesse momento aprofundamos um pouco como se davam as inserções socio-históricas destes veículos e suas associações a configuração futebolística. Fizemos também uma sucinta descrição sobre essas fontes, destacando como figuram ali as matérias jornalísticas e as crônicas no período analisado. Nesse capítulo, figura ainda uma apresentação do Coritiba Foot Ball Club, o quadro dirigente e técnico do clube em 1985, e uma breve configuração sócio-histórica do futebol local.

No segundo capítulo, denominado *Entre o bem do Paraná e o bem do Brasil*, procuramos demonstrar como ocorriam leituras diferenciadas sobre a disputa pelas diferentes mídias em diferentes momentos, e como isso remetia aos ditames comerciais dos veículos, às suas concepções político-ideológicas, e às associações desses veículos à

configuração esportiva: *Placar* a uma ideia de “futebol brasileiro”, e *Tribuna* e *Gazeta* a um “paranismo coritibano”, elementos que se mostraram interrelacionados. A análise dessa interrelação, procuramos demonstrar, acabavam refletindo percepções diferentes sobre o próprio futebol de uma maneira mais abstratas, inclusive revelando uma certa ambigüidade jornalística na mídia do Paraná. Esse panorama geral, dessa forma, chama atenção também a determinados aprofundamentos mais pontuais que desenvolveremos nos capítulos seguintes.

O terceiro capítulo denomina-se *Construção da fórmula e trajetória do torneio em Placar: do engajamento por um “futebol brasileiro” à formatação de um “campeonato esdrúxulo”*. Nele procuramos compreender como e por que a ideia de “campeonato esdrúxulo” oferecida por *Placar* foi construída, paralelamente a formatação da fórmula do torneio e da própria trajetória deste. E se poderíamos tomar por condicionante esta interpretação.

No quarto capítulo, procuramos demonstrar e problematizar, as projeções que tinha a revista *Placar* para o desenrolar daquele torneio, em termos de clubes que se destacariam. Este capítulo denominamos de *A preparação dos clubes para o torneio na revista Placar: favoritismo e projeção de forças entre os clubes de acordo com a força econômica e simbólica do clube*.

O quinto capítulo chamado *Montagem e manutenção da equipe do Coritiba em Gazeta e Tribuna: planejamento mínimo, dificuldades financeiras e bom futebol*. Aqui, desenvolvemos uma análise sobre o processo de montagem da equipe coritibana, considerando a crise econômica e a hipótese de *crise* esportiva que vivia o país, elementos que podem ter dado vazão e estar correlacionados a formulação de um sistema de jogo diferenciado para a equipe naquele momento, e que seria fundamental para a conquista coritibana.

Esta questão, contemplamos aliás, de forma mais aprofundada no capítulo seis deste trabalho, intitulado *Virtude coritibana: do time tático e dedicado ao estilo Ênio do Coritiba*.

Ao final, oferecemos um fechamento da discussão, trazendo algumas compreensões sobre os fatores primordiais para a vitória coritibana em 1985, paralelo a uma avaliação das diferentes visões da imprensa acerca daquele torneio. E em anexo ao trabalho, todos os campeões do torneio, a tabela dos jogos, classificação das equipes,

escalações da equipe coritibana, e pesquisa referente as maiores torcidas de clubes no Brasil.

Finalmente, acrescentamos que a nossa motivação para esta pesquisa se deu inicialmente pelo gosto do futebol de um modo geral, pelas ligações com o clube (o autor é torcedor do Coritiba), e pelas ligações com o departamento de História da Universidade Federal do Paraná (o autor formou-se em História por esta instituição), que através no Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, promove já a algum tempo, e oferece a oportunidade, de estudos históricos e sociais do desporto no país. Nessa perspectiva ainda, a dificuldade de afastamento do objeto foi sempre uma dificuldade e um exercício que procuramos atentar. E sendo assim, buscamos neste trabalho sobretudo enriquecê-lo com subsídios e informações mais descritivas das fontes, que pudessem fazer o leitor desenvolver também um diálogo com nossas proposições. Nessa tarefa a teoria configuracional de Norbert Elias como embasamento teórico foi muito importante.

## 1. Alguns agentes da configuração do Campeonato Brasileiro de 1985

Em 1980, o Brasil era já um país industrializado, e as cidades mais urbanizadas do país eram São Paulo, com 8,5 milhões de habitantes, e Rio de Janeiro, com 5 milhões de habitantes (IBGE, 1981). O gráfico abaixo oferece a idéia da urbanização mais geral nos estados brasileiros, em que estas cidades se inseriam, revelando o seguinte cenário:

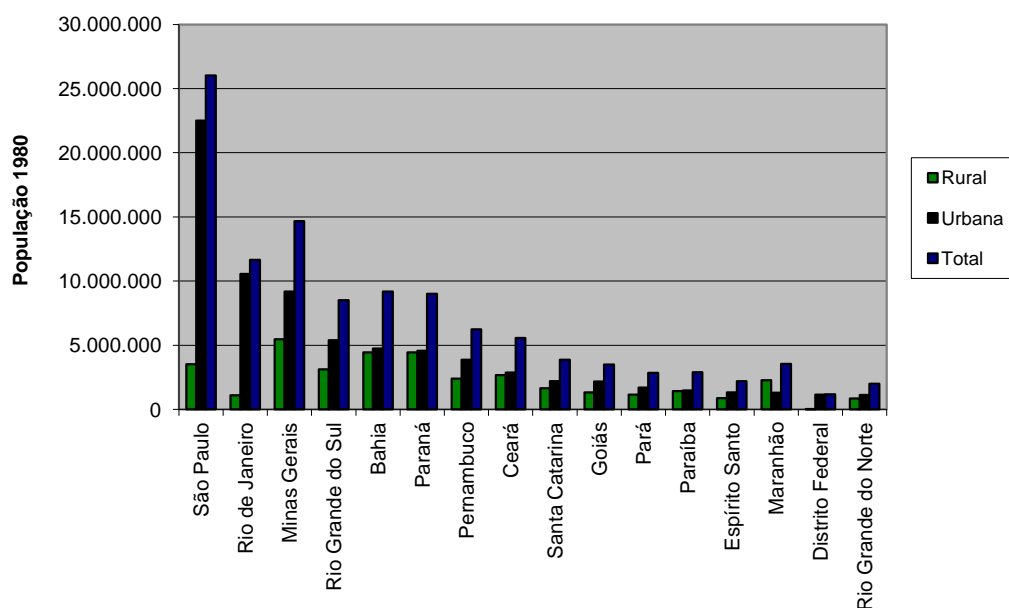


GRÁFICO 1 – SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA EM 1980, POR UNIDADE FEDERATIVA  
 FONTE: IBGE, 2012

A partir deste gráfico, podemos, assim, afirmar que a figuração de então apontava um protagonismo de destaque para os pólos Rio de Janeiro e sobretudo São Paulo como eixos econômicos do país. A tabela a seguir evidencia também as desigualdades regionais no que diz respeito a diferença de distribuição de riqueza em termos de Produto Interno Bruto (PIB):

TABELA 1 – PORCENTAGEM DO PIB NACIONAL, POR REGIÃO BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1980

Região	Porcentagem do PIB nacional
Norte	4%
Nordeste	13%
Sudeste	59%
Sul	17%

FONTE: IPEA, 1999: 14

Na década de 1980 o país atravessava também uma forte crise econômica e vivia o chamado processo de *redemocratização*. Essa crise econômica que vivia o país, embasaria a alcunha recorrentemente atribuída ao período de “década perdida” na economia brasileira – processo que poderia ser estendido também à América Latina e ao leste europeu naquele momento. Tal atribuição remete a conjuntura de uma forte recessão econômica vivenciada pelo país nesse momento. Queda acentuada na atividade econômica, no emprego, no crescimento do país como um todo aliados a inflação crescente e crise em diversos setores, foram fenômenos extremamente presentes no decorrer desse período. De 1980 até 1994 a renda per capita permaneceria no mesmo nível, em contraste com uma inflação violenta, que passaria a ser medida mensalmente (não mais anualmente) ameaçando em alguns momentos tornar-se explosiva (BRESSER, 1997:165).

É considerando este contexto de hegemonia econômica e política da região Sudeste, e também de crise econômica e *redemocratização* vivenciado pelo país, que pretendemos analisar a força simbólica e as matérias jornalísticas dos três veículos de comunicação por nós selecionados: *Revista Placar*, *Gazeta do Povo*, *Tribuna do Paraná*. Além, é claro, do *Coritiba Foot Ball Club*.

*Gazeta*, *Tribuna* (jornais) e *Coritiba* (clube de futebol) são *agentes* localizados na cidade de Curitiba, estado do Paraná, região sul do Brasil. No período analisado, a configuração paranaense dos inícios da década de 1980 nos revela que o estado havia sido recém urbanizado e industrializado. Era então o sexto estado mais populoso da união, e sua população era de 7,6 milhões de habitantes, sendo que Curitiba, a capital do estado e cidade mais urbanizada, teria em torno 1 milhão de habitantes.

O estado do Paraná neste momento, poderia ser dividida historicamente em três sub-regiões: a) Norte: colonizada por mineiros, paulistas e nordestinos, devido sobretudo ao ciclo do café, com fortes ligações sócio-econômicas com São Paulo; b) Sudeste: colonizada sobretudo por catarinenses e gaúchos, onde desenvolveu bastante a pequena

agricultura, a extração madeireira e a pecuária; c)Campos Gerais e Leste: onde localiza-se a capital e o litoral de colonização tradicional, inicial luso-brasileira e, a partir do século XIX de significativa presença de imigrantes europeus.De uma forma geral não se pode falar em unidade cultural e econômica nesta região.

Segundo Oliveira (2001:65), nessa época iniciava-se também o processo de metropolização no Paraná. Dessa forma, ao longo da década de 1980, a Região Metropolitana de Curitiba (RMC), iria ser paulatinamente integrada à cidade e ao processo de urbanização, resultando assim no final da década de 1980 que 26% da população paranaense viveria na RMC.

Essas informações nos permitem afirmar portanto que, de uma forma geral, tinha-se uma configuração na década de 1980 no estado muito parecida com o cenário vislumbrado no país, seja economicamente ou politicamente. Uma industrialização fortemente centrada em Curitiba, e gestada por uma elite ao mesmo tempo periférica da elite política brasileira.

### **1.1 Revista Placar**

A *Revista Placar*, em 1985, figurava como uma revista esportiva especializada cujo foco principal era o futebol. Tinha repercussão de circulação nacional, e surgiu com a ideia de ser um veículo de abordagem nacional de referência para os esportes no Brasil (SALDANHA, 2009;MARCZAL, 2011; MALAIA, 2012).

Segundo os jornalistas Chiarioni e Koehn (2010:31), a existência da revista *Placar* remeteria à década de 1950, como ideia do jornalista Claudio de Souza apresentada à Victor Civita, proprietário do *Grupo Abril*. Entretanto, tal ideia fora engavetada e a criação do veículo apenas dar-se-ia com o crescimento da editora nos anos posteriores, e a volta do filho de Victor (Roberto Civita) dos Estados Unidos, que teria ido estudar e estagiar no grupo *Time-life*. Nessa época, novas publicações seriam levadas à cabo pela editora, entre elas a revista *Placar*.

Sediada sempre em São Paulo, surgiria então *Placar* em março de 1970, com caráter semanal e tiragem de 120 mil exemplares. Segundo Chiaroni e Kroehn (2010) o formato da revista privilegiaria “grandes reportagens feitas por um seletto grupo de repórteres tarimbados em vez dos textos curtos” tal como o privilégio pelas fotos. A Copa do Mundo de 1970 e a publicação dos resultados da loteria esportiva, então nascente, seriam pontos de apoio e fatores motivadores para o lançamento da mídia naquele momento (CHIARIONI&KROEHN, 2010:32; MARCZAL, 2011:91).

Nascida concomitante à criação do campeonato brasileiro, teve como marca forte, desde o início, a cobertura dos campeonatos estaduais e nacional (CHIARIONI&KROEHN, 2010:14-15). Criou, já por essa época, também os prêmios *Bola de Ouro* e *Bola de Prata*, destinados a premiar os melhores jogadores do campeonato nacional.

Um dos “fantasmas” que teria rondado o veículo desde seus inícios, até o momento em que estudamos, foi a ameaça de fechamento da revista pela *Abril*, devido às dificuldades administrativas e financeiras que ela implicava para o grupo, conforme afirmam Chiarioni e Kroehn. Nesse período, modificaria seu formato algumas vezes a fim de obter crescimento comercial.

Segundo a própria revista, nos inícios de 1980, a tiragem do veículo seria de mais ou menos 270 mil exemplares (PLACAR, 1980:25). E por volta do período que estudamos - nos anos de 1984 - a revista *Placar* passaria por uma das modificações no seu formato: passaria a abordar mais outros esportes além do futebol (este permaneceria como carro-chefe), e seu nome seria *Placar de todos os esportes* – aliás proposta inicial de Victor Civita. Tal posicionamento seria reflexo direto da queda de vendas de revista (SALDANHA, 2009:25; CHIARIONI & KROEHN, 2010:194). Neste cenário, os dirigentes das revista buscavam portanto atingir novos mercados e públicos. Com a queda vertiginosa ainda maior do consumo, ainda em finais de 1984 *Placar de todos os esportes* voltaria a se chamar *Placar*, sendo composta basicamente por matérias sobre futebol.

No *Grupo Abril*, a revista representava por essa época uma exceção em termos de planejamento de orçamento anual. Isto porque, segundo Chiarioni e Kroehn, na década de 1980, seria impossível saber se o campeonato brasileiro (carro-chefe da publicação) ocorreria no primeiro ou segundo semestre, e em termos comerciais isso era diretamente do interesse da revista, já que era comum uma boa vendagem durante o campeonato brasileiro, e uma demanda baixa na época dos estaduais. Dessa forma, a administração da revista demandava atenção especial, devido a inúmeras “engenharias” necessárias para publicação ao longo do ano, da revista.

No ano de 1985, retornando à sua proposta de destacar o futebol – mas sem esquecer dos outros esportes – *Placar* promoveria um novo conjunto de mudanças:

Começava o ano de 1985 e *Placar* não mediu esforços para aumentar a circulação e atingir novos públicos. A revista investiu em reportagens longas e, mantendo a tradição, sempre à procura do olhar mais apurado,

diferenciado. Os repórteres saíam a campo com a máxima na mente: é preciso esquecer o óbvio, ir além do que os outros estão fazendo. *Placar* passaria a investir, principalmente, em capas com times do Campeonato Brasileiro. Além disso, a cada edição, um brinde. Uma maneira ousada de cativar e atrair o novo e o velho leitor (CHIARIONI & KROEN, 2010: 231)

A redação do veículo neste ano subdividia-se em dois grupos, nos quais em um figuravam jornalistas para diferentes esportes, e no outro “jornalistas do futebol”. Carlos Maranhão seria diretor da redação da revista, ao lado de Juca Kfourri.

Carlos Maranhão era paranaense, e teria começado como correspondente de Curitiba (1970) na revista – o veículo teria montado, já em seus inícios, uma estrutura de escritórios espalhados pelas capitais do Brasil para realizar a cobertura nacional.

Juca Kfourri, segundo Ribeiro (2007:232), formou-se na faculdade de Ciências Sociais da USP em 1974, e trabalhava na revista desde seus inícios no *Dedoc* (Departamento de Documentação), quando então, em um momento de crise, foi chamado para chefiar a reportagem da revista. Em uma crônica de 1988, comemorando 18 anos da revista, Kfourri relatava sua percepção de que as condições do crescimento revista interligadas ao próprio desenvolvimento do futebol nacional, e diante disso uma posição militante dele e do veículo:

...estrutura do nosso futebol não ajuda a manter uma publicação esportiva no país, tanto que só *PLACAR* chegou a maioria. Mas tem valido a pena (...) porque Victor Civita e Roberto, sabem transmitir tenacidade e garantir liberdade de ação (...) *PLACAR* tem sido uma trincheira na guerra pela modernização do esporte brasileiro e na denúncia de suas mazelas (...) vida em *Placar* repleta de altos e baixos, na qual os altos compensam com sobras e motivam a continuar a luta. (KFOURI, 1988)

Além de *Placar*, o *Grupo Abril* detinha nessa época outras publicações e mídias, destacando-se sobretudo no mercado de periódicos, formando assim um dos maiores conglomerados midiáticos em termos nacionais, desde a década de 1950.

O que percebemos, numa análise geral da revista ao longo de 1984 e 1985, é uma revista que se apresenta como um “espaço” dos esportes em geral, e também um veículo que se apresenta na “luta pelo desenvolvimento dos desportos no Brasil”, sobretudo ao que considera “futebol brasileiro”. *Placar* é uma publicação semanal, suas edições são lançadas às sextas-feiras. A revista é marcada pelo freqüente uso de fotografias (às vezes, de páginas inteiras), textos pequenos e matérias mais desenvolvidas, transitando pelo *jornalismo literário* e também pelo *jornalismo sensacionalista*, pois algumas vezes usa linguagem informal e coloquial em suas reportagens.



Nessa, época as capas do periódico recorrentemente destacam fotos de jogadores de clubes do eixo Rio-São Paulo<sup>11</sup>, com manchetes secundárias, conforme um dos exemplares a seguir:



FIGURA 1 – CAPA DE *PLACAR*  
 FONTE: *PLACAR*, SÃO PAULO, JUL. 1985

As matérias internas também dão destaque aos clubes e jogadores daquela região, geralmente com fotografias coloridas e matérias especiais. Ao contrário serão as matérias de clubes de outras localidades, que na maioria das vezes são feitas (ao que parece) por correspondentes locais, em espaços de uma página, e com fotografias em preto e branco. Isso nos leva a crer que o público base de *Placar* era da região sudeste, embora sua circulação fosse nacional. Outras temáticas, muito abordadas em matérias e fotos

destacadas, referem-se à seleção brasileira e aspectos políticos do futebol. Nas reportagens, de forma geral, não há destaque ou assinatura de um jornalista em particular, dando a entender que nestas se trata da visão da revista mesmo.

Nas edições, entre as primeiras páginas, consta sempre uma crônica de Juca Kfourri que invariavelmente aborda questões políticas do desporto. A revista geralmente tem 80 folhas, destacando além do futebol, mais ou menos no espaço correspondente a um terço, outros esportes com ênfase para a Fórmula 1 e Campeonato Italiano de Futebol. Anúncios publicitários, resultados parciais do concurso promovido pelo próprio

<sup>11</sup>Flamengo, Corinthians e São Paulo são os clubes que mais aparecem nas capas e nas matérias. No período das eliminatórias para copa do mundo, em 1985, o destaque das capas e das matérias da revista serão para os jogadores e jogos da seleção nacional.

veículo, *Bola de Prata* e *Bola de Ouro*, resultados de jogos e da loteria esportiva, também se fazem presentes nas edições.

A acepção política da revista, acerca do futebol brasileiro em termos de clubes, sobretudo na figura do seu editor chefe Juca Kfourri, é recorrentemente declarada. Deveria haver mais liberdade e protagonismo para os clubes de maior expressão do futebol brasileiro naquele momento, para que eles promovessem o campeonato nacional mais enxuto e dessa forma mais rentável. Este posicionamento é justificado no sentido de que 95% dos *torcedores* brasileiros convergiriam para um grupo restrito de clubes, logo seria democrático prevalecer a vontade da maioria, portanto do protagonismo desses clubes. Nessa linha, percebemos uma recorrente militância política da revista pelo que seria “democracia, organização, lucratividade” na administração e na formulação de campeonatos de futebol no país. Nessa perspectiva, figuram também freqüentes enquetes aos leitores acerca do futebol nacional, ressignificando-se assim, de uma forma peculiar pela editoria da revista, o sentimento democrático que vivia o país naquele momento (DINIZ, 1989:88).

Ainda nessa direção, *Placar* chamará freqüentemente à luta política outros agentes naquele contexto. Colocando-se como um veículo que lutaria contra “aqueles que impedem o desenvolvimento do bom desporto nacional”, em favor do “verdadeiro” e pela “salvação” do “futebol nacional”. É também nesse sentido que aparecerá em *Placar* no ano de 1985, reportagens em “tom denunciante”<sup>12</sup> contra o que considera os “vilões” na esfera futebolística, ganhando destaque (dentro dessa perspectiva) um posicionamento político recorrente contra a “cartolagem” do desporto (clubes ou federações), apresentada com termos tais como “atrasada”, “autoritária”, “ignorante”, “incompetente”, “corrupta”, “parasita” e “descomprometida”, posicionamento que por outro lado romantiza e vitimiza um determinado ideal de futebol nacional, com olhos voltados para o futebol europeu e mundial.

## 1.2 Gazeta do Povo

A *Gazeta do Povo* é, no decorrer de 1984 e 1985, um jornal voltado, sobretudo, para questões políticas, econômicas e sociais relacionadas a sociedade paranaense.

---

<sup>12</sup>Exemplos deste tipo de postura são as matérias “Máfia da Loteria esportiva” e “Podres Poderes”, a primeira feita logo após o fim da “Taça de Ouro”, e a segunda no início do ano, tratando da “corrupção” nas federações estaduais.

Sua criação remete a 1919, quando o jornal teria começado a circular em Curitiba no dia 20 de janeiro, sendo o seu idealizador o advogado Benjamin Lins. Curitiba nesta época teria 40 mil habitantes, e estaria em amplo crescimento motivada economicamente pela erva mate e recebendo imigrantes de várias partes da Europa (FILHA, 2006:34). Segundo Filha, sobre o desenrolar da história do jornal:

Ao longo das décadas seguintes, a Gazeta do Povo consolidou sua participação no mercado editorial de Curitiba, desenvolvendo um jornalismo com características notadamente locais e de prestação de serviços. Em 1923 o jornal mudou de endereço e se instalou na rua XV de Novembro, até hoje a principal artéria do centro da cidade (FILHA, 2006:38).

Nos inícios da década de 1960, o veículo estaria com problemas financeiros, e foi adquirido por Francisco Pereira Cunha, em sociedade com Edmundo Lemanski. Cunha era jornalista e destacado advogado em Curitiba. Foi também professor na Universidade Federal do Paraná.

Francisco Pereira adquiriu por aquela época também a *TV Paranaense*, Canal 12 de Curitiba, que por intermédio de questões políticas (FILHA, 2005:52) tornar-se-ia afiliada e reprodutora no estado da rede Globo de televisão no lugar da *TV Iguaçu*. Este seria um dos fatores cruciais para a *Gazeta do Povo*, futura *GRPCOM*, consolidar paulatinamente seu espaço como maior grupo comunicacional do estado:

...a transformação da Gazeta do Povo no principal jornal de classificados e de anúncios imobiliários de Curitiba e a passagem da programação da Rede Globo de Televisão para a TV Paranaense, em 1973. A supremacia da Globo, em termos de audiência, ajudou a alavancar as vendas do jornal, que continuou sempre investindo na modernização de equipamentos (FILHA, 2005:47).

Atingiria a condição de maior grupo comunicacional do estado, econforme foi alargando desde então sua rede de veículos no campo midiático, abrangendo crescentemente grande parte do território paranaense através de jornais, rádios, e canais de televisão, definindo-se nos dias atuais como:

O maior grupo de comunicação do Paraná e um dos maiores do Brasil é formado por três jornais diários (*Gazeta do Povo*, *JL - Jornal de Londrina e Tribuna*), um jornal digital (*Gazeta Maringá*), um portal de notícias (Parana Online), oito emissoras de TV afiliadas à Rede Globo (RPC TV), um canal de TV por assinatura (ÓTV), por três rádios (98FM, Mundo Livre FM e Cultura FM de Maringá) e pela Unidade Móvel de Alta Definição (HDView) - todos também na plataforma eletrônica. O Instituto GRPCOM é quem realiza a gestão de todas as ações, projetos e programas sociais das unidades do grupo.<sup>13</sup>

<sup>13</sup><http://www.grpcom.com.br/grpcom.html>, acessado em 25/05/2012.

Esta posição de destaque já estava consolidada na década de 1980.

Durante o período do campeonato brasileiro de 1985, verificamos que suas edições diárias contam mais ou menos com 30 páginas - nos domingos o jornal “aumenta de tamanho”, pois é acrescido de um caderno imobiliário - havendo publicidade, classificados e onde se abordam assuntos diversos de interesse social, entre eles o futebol e o esporte em geral. Estes invariavelmente aparecem em quatro páginas geralmente a partir da página 16, incluindo fotografias, matérias jornalísticas e a coluna quase diária do cronista esportivo Carneiro Neto.

Durante a época do campeonato de 1985, Carneiro Neto escrevia na *Gazeta do Povo* de forma periódica (duas a três vezes por semana) em uma coluna. Seu nome completo é Antônio Carlos Carneiro Neto, nasceu em Wenceslau Brás – PR, formou-se em direito e começou no rádio na década de 1960, circulando desde então por diversos veículos da crônica esportiva paranaense, e também prestando serviços ao governo do estado como assessor de imprensa e assessor jurídico, dispondo de um tabelionato na comarca de Ponta Grossa. Ainda hoje desenvolve trabalhos na imprensa esportiva paranaense.

Verificamos que as crônicas de Carneiro Neto aparecerão na *Gazeta do Povo* ao longo daquele campeonato retratando a trajetória coritibana, mas também outros assuntos – em menor escala. Já durante o recesso daquele campeonato, o jornalista dará prioridade em sua escrita para assuntos relacionados a seleção nacional. Em sua fala, verificamos bastante alusão ao aspecto financeiro e organizacional do futebol paranaense e brasileiro, e recorrentemente o cronista reporta uma identidade paranaense no futebol, cujas referências (para esta identidade) seriam os clubes do estado, e sobretudo para este momento, o Coritiba.

As capas da *Gazeta* eram geralmente divididas de forma que notícias de política se destacassem na metade superior. As fontes e fotografias (coloridas na capa, e em preto e branco no resto do jornal) são mais “comedidas” do que em relação a *Tribuna do Paraná* por exemplo (veremos mais a frente), predominando o texto. A linguagem se pauta invariavelmente pela norma padrão, não se vendo gírias, rebuscamento e linguagem técnica embora na seção do futebol se encontre, por vezes, uma linguagem mais informal e coloquial.

O futebol, quando aparece na capa, geralmente ocupa espaço pequeno, a não ser nos momentos em que o Coritiba tem vitórias consideradas expressivas pelo veículo,

ocasiões em que a capa do jornal estampa fotografias maiores e *lead* destacado. Durante o campeonato paranaense, vez ou outra, outros clubes da cidade também são destacados na capa do jornal, mas durante o campeonato brasileiro de 1985, apenas o Coritiba será destacado porque os outros clubes não figuraram, ou mesmo ascenderam na competição.

O veículo parece voltado ao público de classe média e, pela ênfase a determinados assuntos e leitura realizada, ao que tudo indica, a base do seu público leitor também era do Paraná, sobretudo Curitiba. Sobre o público da *Gazeta*, e a abordagem realizada pelo veículo historicamente, afirma Elza Aparecida Filha:

... tem tentado refletir o ‘gosto médio’ da elite curitibana, influenciado pelo que o próprio jornal publica, na medida em que é, certamente, parte constitutiva do que se poderia definir como a cultura das camadas médias e superiores da sociedade local. O matutino é reconhecido ainda pelas campanhas que assume “em defesa dos interesses do Paraná”(…) A administração do jornal é marcada também por uma postura política de extrema cautela e de atrelamento ao poder (municipal, estadual ou federal). A conduta da direção da *Gazeta do Povo* tem sido, historicamente, de evitar o debate político e nunca aceitar o confronto (FILHA, 2005 :56-57).

Esse é também o caso que verificamos para os esportes, sobretudo para o futebol que dispõem de mais espaço, cuja abordagem do jornal se dá geralmente a partir do enfoque do Paraná (a palavra é recorrente) nas matérias esportivas. Assim, vimos ao longo de 1985, nas edições diárias, geralmente duas páginas inteiras dedicadas aos clubes de futebol profissional do Paraná, sobretudo de Curitiba. Entretanto, ao contrário de *Placar*, o jornal *Gazeta do Povo* não revela através das suas matérias um projeto para o futebol nacional.

Há cobertura para outros clubes do Brasil, sobretudo do eixo Rio-São Paulo, também em uma página inteira através de correspondentes ou, nesse caso, da reprodução de matérias publicadas em outros jornais, como *O Globo* por exemplo.

### **1.3 Tribuna do Paraná**

A *Tribuna do Paraná*, em 1984/1985, era um jornal menor do que a *Gazeta* em termos de páginas, e de uma forma geral pode ser enquadrada sobre a ideia de jornalismo popular e sensacionalista. O foco das notícias é sobretudo Curitiba, embora haja abordagens de assuntos de delimitação mais nacional e mundial. Suas origens remontam à 1956, como uma segmentação do jornal *O Estado do Paraná*, este surgido em julho de 1951 e financiado por interesses políticos.

*O Estado do Paraná* surgiu como fruto de investimentos do governador do Paraná, então Bento Munhoz da Rocha Neto<sup>14</sup>, o qual sofreria naquele momento oposição da maioria dos periódicos que circulavam em Curitiba, entre eles a própria *Gazeta do Povo* cujo capital de 50% pertencia ao seu inimigo político Moyses Lupion, que era também dono do jornal *O dia*. Segundo Elza Aparecida Filha, o contexto daquele momento seria o seguinte:

Naquele início de década de 1950 quando, o jornal *O Estado do Paraná* foi criado, Curitiba tinha em torno de 180 mil habitantes e sofria os reflexos das mudanças ocorridas no Brasil e no mundo. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, grupos de imigrantes chegavam à cidade vindos sobretudo da Polônia e da Ucrânia, países que passaram a integrar o bloco soviético; o Brasil começava a viver um período de estabilidade democrática que se prolongaria até o golpe de 1964 e o Paraná experimentava um novo e forte surto de expansão econômica com a conquista das terras roxas da região Norte pelas lavouras de café, cuja exportação crescia ano a ano.(FILHA, 2006:45)

Tal como a *Gazeta*, nos inícios da década de 1960, estes veículos também seriam assolados por crises financeira e administrativa. *O Estado do Paraná* e *Tribuna* acabariam sendo comprados por Paulo Cruz Pimentel, então Secretário da Agricultura do estado do Paraná e com pretensões políticas:

Em 1967[Paulo Pimentel] colocou no ar a TV Iguazu, Canal 4, e pouco antes havia comprado a Rádio Guairacá, líder em audiência em Curitiba na época. Em 1969, começou a operar a TV Tibagi em Apucarana, na região Norte. A TV Iguazu iniciou suas transmissões como repetidora da Globo e acompanhou o rápido crescimento de audiência que a rede experimentava naquele momento. Os veículos do Grupo Paulo Pimentel eram os maiores em termos de vendas e de verbas publicitárias no Paraná.(FILHA, 2005 :50)

Pimentel acabaria sendo governador do estado nos anos 1966-70, e desde então construiria um conglomerado que (pode-se dizer) rivalizaria durante um bom período com os veículos de Francisco Pereira Cunha em termos do público local. Em meio às influências políticas nessa disputa, perderia a condição de retransmissor da *rede Globo* na região para Pereira, nessa época:

A permissão de funcionamento da Rádio Iguazu (ex-Guairacá) foi anulada e, logo em seguida, a TV Iguazu perdeu a condição de retransmissora da Rede Globo, que passou para a TV Paranaense, de propriedade de Francisco da Cunha Pereira e Roberto Marinho.(FILHA, 2005 :52)

---

<sup>14</sup> A ligação política e os interesses de Bento Munhoz da Rocha com o jornal *O Estado do Paraná*, refletiria na linha editorial e circulação deste, que de forma peculiar e pioneira buscava ainda penetrar no nascente interior do estado, buscando oferecer uma cobertura regional dos acontecimentos .

Em 1985 a *Tribuna* circulava com cerca de 12 páginas, abordando também questões políticas, econômicas e sociais. Entretanto, em *Tribuna*, esses assuntos são tratados em média em três ou quatro páginas do jornal, já que o esporte – sobretudo o futebol profissional e amador – e as notícias policiais são as pautas privilegiadas. Segundo os editores Levi Mulford e Nelson Comel, membros presentes desde os inícios na editoria, o futebol de bairro foi uma temática abordada sempre com destaque pelo jornal<sup>15</sup>.

Nas páginas que abordam o futebol profissional, geralmente entre a quarta e sexta, figuram fotografias em preto e branco, e na capa e contra-capas as fotografias são coloridas. Nos espaços destinados ao futebol há, nas edições diárias, entre três e quatro colunas escritas por diferentes cronistas, estas colunas intercalam espaços com as matérias esportivas.

É neste espaço que figuraram as crônicas de Luis Augusto Xavier. Elas aparecem de forma periódica no jornal (duas a três vezes por semana) em uma coluna geralmente na página 7. Luiz não era jornalista por formação, e sim administrador. Começou no rádio nos inícios da década de 1970 e então obteve o registro de jornalista. Desde então, circulou em diferentes veículos na capital paranaense, do rádio, passando pela imprensa, até a televisão, atuando na crônica esportiva paranaense até os dias atuais.

Verificamos que as crônicas de Xavier aparecem na *Tribuna* de forma recorrente. A sua temática central, durante a Taça de Ouro, será a campanha do Coritiba no torneio - durante o recesso daquele campeonato, suas crônicas vão tratar sobretudo da seleção nas eliminatórias. Verificamos bastante alusão sobre uma identidade paranaense no futebol, cujas referências para esta identidade serão os clubes do estado, e sobretudo para este momento o Coritiba. Outra “fala” sua que se destaca será sobre a mídia do eixo Rio-SP em tom de crítica.

Ao longo do jornal povoam as páginas também anúncios publicitários, filmes eróticos com abordagens irônicas, e também os classificados. Outro destaque no jornal são as fotos nuas ou seminuas de dançarinas de boates curitibanas além de piadas, na denominada “Coluna do Darta”.

---

<sup>15</sup>Notícia acessada 25/05/2012, em <http://www.parana-online.com.br/editoria/cidades/news/566933/?noticia=TRIBUNA+DO+PARANA+COMPLETA+55+ANOS+SEMPRE+JUNTO+COM+O+POVO>

As capas geralmente são chamativas, com cores fortes, fontes destacadas (muitas vezes em vermelho), e fotografias grandes, predominando algumas manchetes mais “esculachadas” relatando crimes, fatos bizarros ao senso comum, e acontecimentos do futebol profissional. Determinados jogos, ou resultados de jogos de clubes do futebol profissional de Curitiba, ganharam mais destaques na capa através de fotos mais pronunciadas e manchetes numa linguagem mais informal em dados momentos.

Internamente os *leads* e a linguagem do jornal também seguem nessa perspectiva, com o uso recorrente de expressões coloquiais e informais. Pode-se dizer que *Tribuna* enquadra-se no que se tem por gênero jornalístico “sensacionalista”<sup>16</sup>, cuja fonte principal de notícia seria o *fait divers*, gênero que não procuraria o distanciamento, mas sim enfatizar os aspectos emocionais, afim de “prender” o leitor:

Estes podem ser definidos como fatos cotidianos, de gêneros diversos. São acontecimentos de pouca importância, que envolvem apenas uma pequena parcela da população. Podem ser acidentes, caseiros ou não, crimes, roubos, pequenos escândalos, entre outros. Além disso, podem ser também um acontecimento bizarro, como mortes misteriosas e fenômenos da natureza (SANTOS, 2007 :4).

Parece nos claro que o público ao qual se destina *Tribuna*, no período em que analisamos, é o curitibano, que de uma forma geral se interessa pelos esportes, sobretudo o futebol curitibano, por mulheres, narrativas policiais, mórbidas e bizarras. Provavelmente tenha forte impacto também no grupo de pessoas de menor instrução, nas camadas mais populares e humildes.

Tal como vimos em *Gazeta*, será comum em *Tribuna* o uso de termos como “Paraná” e “paranaense” para referenciar o futebol da região, e numa postura de valorização, que recorrentemente tinha como pano de fundo uma ideia, nestes veículos, de desvalorização do futebol local fora do estado e em outros veículos. Não há projeto político mais pronunciado sobre o futebol brasileiro nestes jornais como vimos, por exemplo, em *Placar*. O que se vê, assim, nestes veículos, não é uma construção de um discurso “nacional” sobre o futebol do país, mas sim a recorrência e uma tentativa em construir e legitimar uma identidade local, paranaense. Nesta construção os clubes de Curitiba, sobretudo o Coritiba durante o Campeonato Brasileiro de 1985, figuram como

---

<sup>16</sup>Diz ainda a jornalista “Além de ter um assunto deste estilo, o sensacionalismo destaca-se por outras características, entre elas a manchete, as cores fortes, as fotos e a linguagem. É a relação entre estes elementos que causam o estranhamento, mas que prende a atenção do leitor e o faz comprar o jornal. Texto publicado no Celacom 2007, disponível em: [http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/A\\_tribuna\\_do\\_Paran%C3%A1:\\_jornalismo\\_sensacionalista/\\_linguagem\\_liter%C3%A1ria](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/A_tribuna_do_Paran%C3%A1:_jornalismo_sensacionalista/_linguagem_liter%C3%A1ria), acesso 25/05/2012.



símbolo de um paranismo. O enfoque do futebol profissional também se dá a partir de clubes profissionais de Curitiba, mas há espaço, geralmente de uma página inteira, para notícias de clubes de fora do estado, os quais se destacam os do Rio de Janeiro e São Paulo.

#### 1.4 Curitiba Foot Ball Club

O Curitiba Foot Ball Club figurava em 1985 como um clube de futebol profissional de Curitiba, Paraná. O futebol surgiria no Paraná, concentrado na região do primeiro planalto, ou seja, em Curitiba e região próxima, isto em fins do século XIX, em meio a chegada de uma grande corrente migratória européia, fins da escravidão e os inícios da chamada *República Velha*. Nesse cenário, e por essa época, há relatos sobre a prática do futebol em ruas<sup>17</sup> e em clubes sociais fechados na cidade de Curitiba (MOLETTA, 2009:39). No caso curitibano, a prática nos clubes nasceria em meio e assim como outros desportos, como mais uma prática que simbolizava atividade “moderna”, higiênica e eugênica, elitista e de convívio social (MOLETTA, 2009:51). Elementos requeridos e almejados pela elite político-econômica de então, processo muito parecido como que se acompanhava no Rio de Janeiro e em São Paulo naquele momento<sup>18</sup>.

Na capital paranaense, por esse momento, havia o clube teuto-brasileiro, um clube mais restrito a etnia alemã. Nele praticavam-se atividades que se voltavam para a ginástica demonstrativa, sem o caráter competitivo. O *habitus* alemão de praticar atividades ginásticas remeteria, por sua vez, a um processo peculiar de construção da identidade alemã, calcada em toda uma base ideológica (*Turnen*). Estes encontros seriam uma forma de cultivar o espírito e o sentimento do povo alemão (MOLETTA, 2009:52).

Em Ponta Grossa – cidade distante cerca de 100km da capital – também por essa época, iniciou-se a construção de uma via férrea destinada a interligar São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Tal empreendimento atraiu muitos imigrantes à cidade e foi significativo para o desenvolvimento estrutural da cidade e do próprio futebol (FREITAS JÚNIOR, 2000:4). Funcionários da rede ferroviária começariam a praticar a atividade em fins de semana, na forma de divertimento, e logo a eles se juntariam

---

<sup>17</sup> Segundo Moletta (2009:39) a chamada rua Dr. Murici, localizada atualmente no centro da cidade, era nessa época conhecida como “Rua da Bola”.

<sup>18</sup> Ressalte-se que fora dos clubes, nos bairros e entre as camadas pobres que não frequentavam os clubes, é muito provável que também houvesse a prática dos esportes no início do século, no Brasil.

militares do Tiro de Guerra Pontagrossense<sup>19</sup>, que formariam o Pontagrossense Football Club (PFC).

O teuto-brasileiro foi convidado a participar de uma partida amistosa de futebol em Ponta Grossa contra o (PFC) em 1909. Esta partida é tida como origem do Coritiba Foot Ball Club<sup>20</sup> e primeira partida de futebol oficial disputada no estado (CAPRARO, 2002: 33).

A diretoria do teuto-brasileiro viu com bons olhos esta partida porque remeteria ao desenvolvimento cívico, físico, social e moral dos jovens, vistos como núcleo de uma nova nação brasileira, que se imaginava em construção. Esta diretoria seria, posteriormente, contra a criação de um clube de futebol no teuto-brasileiro, fato que fez com que os entusiastas do esporte presentes naquele evento, mais outros membros, promovessem a criação de um clube paralelo para representar a cidade no desporto: O Coritiba Foot Ball Club (CFC).

Nos quadros dos primeiros times de futebol coritibano, assim, fizeram parte pessoas de origens étnicas não somente alemãs. As pessoas fundadoras do clube teriam portanto muito mais em comum pertencer a uma classe específica da cidade (comerciantes e empresários imigrados da europa), do que propriamente a uma etnia.

Entre os clubes que surgiam a partir desse momento destacam-se, além do Coritiba, Paraná Sport Club (1910), Internacional Football Club (1913), América Football Club (1914). Ainda em 1912 surgiria o próprio Operário Ferroviário de Ponta Grossa proveniente do núcleo do PFC, além do Rio Branco de Paranaguá, Ipiranga F.C. de Palmeira (1913), Savóia F.C. (1914), Britânia S.C. (1914) entre outros (CAPRARO, 2002: 62).

Com o surgimento dos novos clubes as partidas passariam então a ser disputadas no chamado Jockey Club de Curitiba, reunindo muitas pessoas geralmente numa grande festividade. Mas a consolidação do futebol, e de um campeonato, demoraria um pouco ainda, somente em 1915. Isto porque o processo de surgimento dos clubes não foi tão dinâmico, a formação de uma liga ainda acompanharia cisões e, por outro lado, não havia muita cobertura jornalística para o futebol naquele momento (MOLETTA, 2009:95). Posteriormente, em que pese a oposição das elites, os círculos dos clubes de futebol iriam paulatinamente se popularizando, fosse entre o público ou no

---

<sup>19</sup> Diferente de outras localidades no Brasil, em Ponta Grossa o clube social foi posterior ao início da prática na cidade (FREITAS JÚNIOR, 2000:6)

<sup>20</sup> Inicialmente chamado de “Coritybano Foot Ball Club”. O nome deriva também da própria escrita que se utilizava para fazer referência à cidade, capital do estrado, então chamada de Corityba.

nível dos jogadores.

É provável que apenas na década de 1940 começariam a surgir clubes numa região além das proximidades de Curitiba e do litoral, ou seja no interior do estado, mais especificamente no Norte. A partir dessa época nasceriam assim o Paranaíba (1946), Londrina (1956), e Grêmio Maringá (1961), cujos nomes remetem as cidades de origem. No Sudoeste é provável que os clubes teriam origem mais recente ainda e, segundo Silva, o clássico entre Londrina e Maringá – chamado de “clássico do café” – teria destacado-se muito historicamente na região. (SILVA, 2011: 34-53).

Em relação aos torcedores, na região norte se desenvolveria uma ampla preferência entre os torcedores por clubes do Rio e São Paulo, como times nos torneios nacionais. Já na região Oeste e Sudoeste a preferência, nesse momento (1985), será eminentemente por clubes gaúchos (Grêmio e Internacional), embora também haja adesão por clubes cariocas e paulistas. No litoral, a preferência seria por especialmente pelo Flamengo, e times de São Paulo. Assim é muito provável que somente na capital paranaense e região metropolitana haveria adesão destacada aos clubes paranaenses como representantes da localidade a um nível nacional (SILVA, 2011: 34-53). Entre os motivos dessa preferência por times locais no plano nacional, que é mais restrita ao perímetro de Curitiba, a hipótese é de que figuraria a questão de ser recente a colonização da região fora do perímetro citadino da capital, e que foi efetuada por correntes migratórias advindas do nordeste, São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina. Além disso, também se coloca a influência da mídia do Rio e de São Paulo na regiões mais interioranas do estado foi historicamente muito presente, somado ao fato, ainda, desta regiões não terem destaque econômico a ponto de fomentarem o desenvolvimento de um futebol profissional destacado em termos nacionais (SILVA, 2011: 34-53).

O Coritiba desenvolverá, ao longo do século XX, rivalidades locais. Segundo o jornalista curitibano Airton Cordeiro<sup>21</sup> (2011), primeiramente a rivalidade do clube foi com o Ferroviário (fundado em 1930). Já segundo o memorialista Francisco Cardoso, a rivalidade com o Atlético-PR adviria de 1927, num confronto pela chamada *Taça Fox*, portanto seria mais antiga. E ainda, Moletta (2009:94) afirma que desde 1915 o Internacional – um dos clubes fundadores do Atlético-PR – tornar-se ia o principal adversário do Coritiba na cidade.

Entre os clubes do Paraná, o Coritiba figurava em 1985 como o maior vencedor

---

<sup>21</sup> Entrevista concedida ao Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, da UFPR, em dezembro de 2011.

do campeonato paranaense de futebol, com 27 títulos, secundarizado pelo Atlético-PR com 13. Seu estádio, Major Antonio Couto Pereira, foi construído na região central da cidade de Curitiba, num bairro denominado “Alto da Glória”, expressão por vezes utilizada para referir-se nos meios esportivos ao estádio do clube.

Durante a década de 1970, disputou todos os campeonatos brasileiros de futebol, e inclusive ganhou um torneio de caráter nacional: O Torneio do Povo (1973). Em 1979 seria terceiro lugar do campeonato brasileiro, e em 1980 quarto lugar. Entre 1981/1983 não disputou o campeonato nacional por más colocações no campeonato paranaense.

Tal como a maioria dos times brasileiros de expressão popular na década de 1980, a base financeira do clube era a venda de jogadores e a torcida<sup>22</sup>. A torcida financiava o clube através da renda dos jogos, quadro associativo, doações de sócios mais abastados e compra de produtos. Segundo uma pesquisa da *RevistaPlacar* (1983), o contingente de torcedores coritibanos seria naquele momento cerca de 800 mil aficionados. As torcidas organizadas em maior evidência em 1985, eram as denominadas “Império Alviverde”, “Jovem” e “Mancha Verde”, todas elas mais ou menos com histórias que remontam a fins da década de 1970. O apelido “coxa”, possivelmente trata-se de um termo ressignificado, pois umas das versões existentes remete o apelido a um episódio na década de 1940 envolvendo um jogador do clube de proveniência alemã (Hans Breyer), e um dirigente do clube Atlético-PR<sup>23</sup>, contado pelo site do clube da seguinte forma:

Outubro de 1941. A II Grande Guerra está em andamento e, pela 1ª vez, a dupla Atle-Tiba decide um regional. Na primeira partida, disputada no Estádio Joaquim Américo no dia 19 de outubro, o dirigente adversário esbraveja a plenos pulmões: “alemão... quinta coluna... coxa-branca”. Os insultos têm um destino: o craque alemão Hans Egon Breyer (foto), zagueiro da equipe coritibana. Os gritos acabam servindo de estímulo à equipe alviverde, que vence por 3×1. Na partida final disputada dia 26 de outubro, outra vitória, agora por 1×0. O título é muito comemorado e o termo “Coxa-Branca”, com o tempo, vira sinônimo da torcida coritibana<sup>24</sup>.

Pode-se dizer que em 1985, o então presidente Evangelino das Costas Neves era já um dos personagens mais reverenciados da história do clube. Evangelino, também conhecido como “chinês”, nasceu em Santos, filho de pai português e mãe descendente

<sup>22</sup> Havia nessa época já um patrocínio estampado na camisa do clube, a marca de eletrodomésticos “Britânia”. Mas ao que tudo indica, parecia não ser relevante para a receita financeira do clube.

<sup>23</sup> Site do clube <http://www.coritiba.com.br/portal/2008/10/10/apelido/>, visitado em 10/12/1981.

<sup>24</sup> Site do clube <http://www.coritiba.com.br/portal/2008/10/10/apelido/>, visitado em 10/12/1981.

de portugueses e espanhóis, segundo os jornalistas Vinicius Coelho e Carneiro Neto (2003). Chegaria a cidade do clube transferido pela imobiliária onde trabalhava.

Segundo *Placar*:

Logo transformou-se em loteador por conta própria e, finalmente, em executivo de transportes de carga. E logo transformou-se em coxa branca, por motivos que traz na ponta da língua: “Toda pessoa torce por um time devido às raízes familiares ou levados por amigos. Eu caí na segunda hipótese.” (PLACAR, 2009:12)

Neves presidiu o clube por mais de 20 anos, em três mandatos de 1967 e 1995, conquistando vários títulos na década de 1970. Teria assumido o cargo interino de presidência após ser vice-presidente de relações públicas no clube em 1966. Chegou a concorrer à 2ª vice-presidência da Confederação Brasileira de Futebol, na chapa de Almirante Heleno Nunes, em 1979 ao que – surpreso – não teria sido eleito (NETO & COELHO, 2003:167).

Era o presidente do clube em 1985. Na revista *Placar* (logo após título em 1985), ele é apresentado como “raposa” pela sua competência, considerando que levaria o clube, na década de 1970 (através de inúmeros títulos), a condição de supremacia clubística no estado, e faria a seguinte declaração:

Eu trabalho no Coritiba com meus próprios recursos particulares e com os recursos do clube. Só. Ninguém de fora me ajuda. Nem mesmo com o aval em instituições financeiras. Por isso eu digo, se tivesse algum amparo, acho que o Coritiba seria muito mais do que é agora. (PLACAR, ago/1985)

Podemos ainda fazer menção a outras figuras que fizeram parte do quadro gestor coritibano durante a campanha do campeonato brasileiro de 1985. Assim, fizeram parte daquele grupo Estevão Damiani Netto, Eli João Thomaz de Aquino, que ao lado de Evangelino e também Hélio Alves, outro dirigente que se transferiria no meio do campeonato para o Atlético-PR, conduziam as contratações e renovações com atletas. Dirceu Krüger, auxiliar técnico e ex-atleta do clube, assumiria interinamente quando da saída do técnico Dino Sani, até a chegada do técnico Ênio Andrade. Além destes, também compunham a comissão técnica do clube João Carlos Vialle, diretor do departamento médico do clube; Odivonsir Frega preparador físico e Osvaldo Sarti, massagista (TOBY, 2009:144).

Colorado, Pinheiros e Atlético-PR seriam os outros clubes de destaque na cidade curitibana e que fizeram parte indiretamente do campeonato de 1985 e da campanha coritibana. Estes clubes, ao lado do Coritiba, configuram o que poderíamos

ter como elementos centrais do pólo curitibano e paranaense de futebol profissional, fomentando rivalidades e o próprio desenvolvimento do futebol na região. Inclusive, Colorado e Atlético-PR emprestaram jogadores ao Coritiba para aquele torneio.

Segundo o jornalista Carneiro Neto (1996) o Colorado era fruto de uma fusão realizada em 1971, envolvendo os clubes Britânia Sport Club<sup>25</sup> (criado em 1914), o Palestra Itália Futebol Clube<sup>26</sup> (criado em 1921) e o Clube Atlético Ferroviário (como o nome sugere clube ligado a rede ferroviária, fundado em 1930)<sup>27</sup>. Participou dos campeonatos brasileiros da divisão principal de 1978 até 1983, com exceção de 1982. Sua melhor campanha foi um 15º lugar em 1983. Em 1985, participou de uma espécie de seletiva para o torneio, mas não se classificou<sup>28</sup>.

A origem do Atlético-PR remonta ao Internacional Football Club<sup>29</sup> (1913) clube cujos quadros adviram da aristocracia local já estabelecida e que promoveriam uma fusão com o América Football Club<sup>30</sup> (este fundado em 1914), formando então o Clube Atlético Paranaense em 1924 (CAPRARO, 2002:95). A sua torcida adota a alcunha de “furacão” para o clube desde uma seqüência de vitórias em fins da década de 1940. Seu campo de jogo foi construído pelo Internacional F.C. e localiza-se desde os primórdios em uma parte baixa da cidade, motivo pelo qual recebe o nome informal de

<sup>25</sup> “Entre os quarteirões das ruas João Negrão e Marechal Floriano existia um time de garotos chamado Tigre – era a zona do Tigre – e nos lados da Rebouças havia o Leão – a boca do Leão. Depois de muito jogos, algumas brigas, muitas confraternizações, influenciados pelos ingleses que implantaram o sistema ferroviário em Curitiba, decidiram formar um clube de futebol, que recebeu o nome de Britânia Sport Club...”(NETO, 1996:1)

<sup>26</sup> Durante a segunda guerra, por motivos políticos, passaria a chamar-se Paranaense (1942), Comercial (1943), Palmeiras (1946) e novamente Palestra Itália em 1950, após autorização judicial. Neste ano, depois de uma partida em que empatou por 1 a 1 heroicamente contra o Coritiba em 1950, a torcida começaria a chamar o time de “Nem que morra!” (NETO, 1996:46)

<sup>27</sup> O clube seria criado a partir de uma cisão no Britânia Sport Club devido ao ambiente nacionalista proporcionado pela *Revolução de 30*: os ferroviários estavam descontentes com um clube cujo nome remetia à Inglaterra. O Clube Atlético Ferroviário também foi o primeiro clube paranaense a disputar um torneio nacional, o chamado “Roberto Gomes Pedrosa”, à convite em 1967.

<sup>28</sup> Em 1984, o Colorado montara uma equipe destinada a ser campeão paranaense pela primeira vez, a qual ficaria conhecida como “sele-boca”. A equipe terminaria em terceira colocação do torneio, e três jogadores desta equipe iriam para o Coritiba, além do supervisor de futebol Hélio Alves: Dida, Marildo e Caxias (NETO, 1996:98).

<sup>29</sup> “O desinteresse do Paraná F. C. em efetuar partidas com o Coritiba F. C. levou este a tomar uma iniciativa inédita – fundar um outro clube de futebol para ter com quem jogar. Foram encarregados os irmãos Hauer – Wlademar, Arthur e Alvim – que contaram com a cooperação de outros jogadores do já veterano clube (...). Surgia assim, em 13 de fevereiro de 1912, o terceiro clube de futebol de Curitiba: – o Internacional F. C. A pouco e pouco o Internacional F. C. foi crescendo, com o ingresso em suas hostes de várias famílias locais: os Guimarães, os Carneiro, os Maeder, os Leão, os Gonçalves, os Maranhão, os Loyola. Por outro lado, muitos dos “coritbanos” que foram seus fundadores, voltavam ao “antigo lar””. (CARDOSO apud CAPRARO, 2002:59). Esta é uma das versões para o surgimento do Internacional Football Club.

<sup>30</sup> Segundo Capraro (2002:87) é possível que o América ter sido formado com quadros do próprio Internacional.

“baixada” até os dias atuais (CAPRARO, 2004:131-149 )<sup>31</sup>:

[Em 1914] são construídas precárias arquibancadas de madeira, no campo onde o Internacional disputava suas partidas, situado no arrabalde do Água Verde (também chamado de Rebouças), local bastante baixo, justificando, assim, o apelido de “Baixada”. (CAPRARO, 2004: 132).

Participou dos campeonatos brasileiros de futebol desde 1973, ficando fora dos campeonatos de 1980 até 1982. Em 1983 fizera sua melhor campanha no torneio até então, ficando em 4º lugar, e em 2001 foi campeão do torneio.

---

<sup>31</sup> Ou “Arena da Baixada” e ainda “Caldeirão do diabo”.

## 2. Entre o bem do Paraná e o bem do Brasil

Nossa análise do Campeonato Brasileiro de Futebol de 1985, em *Gazeta do Povo*, *Tribuna do Paraná* e *Placar*, logo demonstrou-nos acertada a hipótese que levaramos a elencar essas diferentes mídias para entender aquele torneio e a vitória coritibana. A hipótese era de que as leituras, as condicionantes apresentadas sobre o campeonato e a campanha coritibana, seriam notadamente diferentes entre a(s) mídia(s) local(is), mesmo considerando muitas diferenças entre estas, e outra mídia que fosse de São Paulo ou Rio de Janeiro, o que de fato tornou-se muito evidenciado. Ficou claro também que estes sentidos díspares dados a acontecimentos do torneio não ocorriam só em relação ao ano de 1985, mas remetiam a visões político-ideológicas sobre a própria construção do torneio e tinham raízes ainda em questões mais profundas envolvendo identidades sociais e a própria História econômica do país de uma forma geral.

Consideramos que havia uma figuração mais própria da própria imprensa esportiva, mas que em termos econômicos e regionais ocorriam combinações entre estes veículos e a própria configuração esportiva. Dessa forma, podemos afirmar que de uma forma geral essas diferenças nos olhares ocorriam por um conjunto de fatores, entre os quais os próprios interesses comerciais destes veículos da imprensa de então. Mas não nos parece que apenas os ditames comerciais ditavam a pauta dos jornais, e a leitura do futebol na imprensa. Há sobretudo ideais de futebol e formas de paixão futebolística que perpassam obrigatoriamente essas acepções, e se combinam aos ditames comerciais das publicações, porque estes veículos desenvolvem associações com os clubes em termos econômicos. Nessa perspectiva, transparecerá, por exemplo, que a fala de *Placar* se apoia sobre um projeto ideológico e identitário do que defende como “Brasil” no futebol, enquanto a imprensa curitibana se apoia sobre uma construção de “Paraná”. Nesse sentido, aprofundemos um pouco, a fala recorrente e autoreferida de *Placar* como representante do “futebol brasileiro” quando faz análise do torneio [grifos do autor]:

Esquisitices legais á parte, o turno chegou ao fim com alguns dados alvissareiros para o futebol brasileiro: foram marcados 249 gols em 100 jogos, 10 gols a mais que os torcedores italianos viram nos 120 jogos do primeiro turno de seu badaladíssimo campeonato. Esta, o Brasil ganhou: 2,49 gols por partida contra 1,99 dos italianos. Evidentemente, não se pode comparar a média de público com a Itália, mas também aí a Taça de Ouro obteve um bom índice (...) E este público não deve ter se arrependido, pois viu muitos bons jogos e alguns bons times (...) Se nem todos os preferidos



dos técnicos brilharam, algumas promessas confirmaram o talento. Bebeto foi destaque absoluto no Flamengo: Geovani e Mauricinho fizeram grandes partidas no Vasco, Neto alternou boas atuações no Guarani com as rotineiras crises de estrelismo, Sérgio Araújo vem crescendo no Atlético, Alemão manteve uma boa regularidade no Botafogo: Tostão mostrou disposição e um belo toque de bola em todos os jogos do Cruzeiro; e Casagrande jogou bem até quando o Corinthians estava mal demais. E muita gente boa mostrou que quer voltar a seleção: Carlos não levou nenhum gol nos últimos seis jogos do Corinthians, Mauro Galvão tem sido quase tão importante para o Inter como Rubem Paz; Luizinho voltou a jogar bem no Atlético. Careca tem brilhado e marcado gols no São Paulo, e Roberto Dinamite decidiu jogos importantes para o Vasco. Enfim há talento em campo. Afinal, a maior prova de que o ideal é um Campeonato Brasileiro com 16 times, com turno e retorno, por pontos corridos foi dado por este bom primeiro turno, ainda com 20. É uma pena que, depois desta primeira fase, o campeonato só vá piorar (...) Falta talento fora de campo, como sempre (PLACAR 15/03/85 :21- 23).

A crítica de *Placar* ao torneio, colocando-se no papel de guardião do futebol nacional, foi freqüente em toda cobertura sobre o campeonato, e também ocorreria em *Gazeta* e *Tribuna*, mas de forma diferente. A partir dela *Placar*, construirá uma acepção do torneio como “esdrúxulo”. Esta construção e acepção analisamos de forma mais detida no terceiro capítulo desta dissertação, e também quais seriam as implicações desta fórmula com o título coritibano.

Esta fala, antes citada de *Placar*, relacionava os grandes clubes e o selecionado nacional como símbolos máximos do futebol brasileiro, voltando os olhos para Europa e futebol mundial, num sentido freqüentemente que se queria compromissado, em nome de um posicionamento político para o que considerava o “futebol brasileiro”. Como se pode ter ideia, pelas seguintes capas do periódico:



FIGURA 2- CAPAS DE PLACAR, A MILITÂNCIA DE PLACAR  
 FONTE: PLACAR, SÃO PAULO, 13/SET.1985- 30/AGO. 1985

*Placar* reportava frequentemente o *futebol brasileiro* entendido como essencialmente um dos melhores, senão o melhor do mundo, e o problema chave estaria na “falta de visão”, “incompetência” e “corrupção” dos chamados cartolas que não ofereciam o amparo estrutural e sócio-econômico para esse futebol se manifestar. Dessa forma, o que percebemos é que nessa acepção, a qualidade do futebol no Brasil poderia ser medida e dependeria de quanto os grandes clubes estivessem em alta, remetendo portanto a paradigmas de cunho político e econômicos mais profundos. A ideia de *Placar* consagrava, assim, a percepção de uma meritocracia econômica na configuração esportiva em termos e jogadores, no Brasil de então. Percepção esta que, embora privilegiada no discurso da revista, notamos que não se dava só apoiada naquela ideia, mas refletindo também ditames comerciais para abordagem de um grande público, através do mecanismo da idolatria.

Esta questão, e sua relação com os interesses comerciais do veículo os propomos a analisar de forma mais detida no quarto capítulo desta dissertação. De uma forma geral remete, em *Placar*, a uma objetificação da habilidade esportiva através de



FIGURA 3 – CAPA DE *PLACAR* “IMAGINEM O ZICO NESTE MENGÃO”  
 FONTE: *PLACAR*, SÃO PAULO, 08/FEV. 1985

termos como “craque” e “talento”<sup>32</sup>. Esta questão analisamos nos capítulos cinco e sobretudo seis desta dissertação, apresentando também como foi relatado de forma diferente o processo da montagem da equipe coritibana na imprensa local, e a construção da ideia de um Coritiba “dedicado e trabalhador” naquele ano.

Um exemplo claro daquele discurso de *Placar* que cola o “futebol brasileiro” aos grandes clubes é oferecido em fins do turno da primeira fase da *Taça de Ouro*, quando naquele momento, esperava-se uma normalidade para que, por exemplo, o Corinthians se destacasse. E que o Flamengo, campeão do seu grupo, poderia tornar-se imbatível com o possível retorno de Zico:

Agora o Corinthians parece estar em ponto de bala para assumir, no segundo turno, o papel de favorito a que tem direito natural pelos craques que manda a

campo – numa quantidade ainda maior do que os campeões Atlético e Flamengo. É verdade que, a partir de agora, a briga engrossa e o favoritismo teórico nem sempre vai valer dentro de campo. No Grupo A, há apenas três times que não podem alimentar muitas aspirações: Coritiba, América e Santa Cruz (...) Enfim, tranqüilos mesmo, só Flamengo e Atlético, Zagalo exulta: ‘Agora podemos tudo’ Ele está se referindo à possibilidade de experimentar novos jogadores e jogadas (...) Aliás, grande parte do encanto do segundo turno vai estar mesmo é nos pés dos craques, que terão a última chance de mostrar a Evaristo de Macedo o futebol que pode levá-los à seleção.”(PLACAR 15/03/85:22-23)

Essa “fala” construída de *Placar* sobre um “Brasil” por ela idealizado, em que há necessidade de valorização dos grandes clubes não era compartilhado no Paraná, por inúmeros momentos em que acompanhamos. Nos veículos do Paraná destacava-se mais uma militância pronunciada pelo futebol local em termos mais superficiais do que calcado num possível projeto político, como se via no veículo de São Paulo. Veja-se nesse sentido, por exemplo a capa de *Tribuna* numa reportagem que aludia em tom irônico a vitória do Coritiba sobre o Corinthians, no quadrangular das fases finais do torneio, em que o time paulista fora mandado para o “inferno”:



FIGURA 4 – CAPA DE TRIBUNA “LELA MANDOU CORINGÃO PRO INFERNO”  
 FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ, CURITIBA, 8/JUL. 1985

Numa análise mais geral da “fala” da imprensa do Paraná, percebemos uma espécie de ressentimento sobre uma falta de reconhecimento de fora da região para o

futebol local, por vezes de “injustiças”, e dessa forma propõem-se assim a representar o futebol paranaense, revelando o porquê da sua militância discursiva. Isso é recorrente em todo o período abarcado pelo Campeonato Brasileiro, inclusive sendo uma abordagem frequente entre os cronistas Carneiro Neto e Luiz Augusto Xavier, como se vê:

O Coritiba é um timinho. Cheguei a essa conclusão depois de observar a posição tomada pela imprensa carioca sobre a partida desta noite. Pelo retrospecto o Bangu é o único time credenciado para assumir o título de campeão brasileiro. Na sempre parcial rede Globo (que) um dia teve de se desculpar publicamente por ofender o Atlético-PR, numa partida no Maracanã (...) E o que vale mais: perder entre os grandes e se classificar ou ser um rei entre os pequenos? Para os cariocas, o importante é vencer, não importa quem. Pois então que ponham o Botafogo (também eliminado pelo Coxa) como campeão do Brasil (...) Por essas e outras o Paraná todo torce por uma festa alviverde, hoje, no Maracanã. Os invejosos iriam continuar procurando e achando defeitos na campanha do Coritiba. Mas aí a faixa seria nossa e todos eles teriam de engolir o fato. Querendo ou não, concordando ou não (XAVIER, 31/07/1985 :7).

Um dos momentos que isto mais se evidenciou foi em fins do campeonato, quando a equipe paranaense prevalecia em destaque no torneio. Destacamos, nesse sentido, a capa de *Tribuna* as vésperas da partida da equipe contra o Atlético-MG, no jogo de volta das semi-finais. “Coxa Vai Hoje Todo Mordido”, em cuja matéria no interior do jornal se via:



FIGURA 5 – MATÉRIA EM TRIBUNA “VAI LÁ, CORI.”

FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ, CURITIBA, 27/JUL. 1985

VAI LÁ CORI. ELES JÁ TEM FOTO PRONTA. Enquanto o Atlético é todo otimismo, tirando até foto posando como campeão brasileiro de 1985, o Coritiba mantém a sua naturalidade e trabalho no Alto da Glória. Ontem todos comentavam o fato do representante mineiro falar com certeza na classificação para a finalíssima, mesmo perdendo a primeira partida (...) O técnico Ênio Andrade achou excelente mais este detalhe para a preparação psicológica do elenco para o jogo de amanhã, pois este entusiasmo do adversário certamente provocará uma reação por parte dos coxas”(TRIBUNA DO PARANÁ 27/07/1985 :7)

Aliás, será muito comum nesse momento verificar-se nos jornais uma leitura de que havia um tripúdio vindo de fora do estado ao futebol local, e que esses veículos ligavam recorrentemente a uma falta mais geral e histórica da necessidade de

reconhecimento ao futebol paranaense e ao próprio Estado no Brasil. Veja-se por exemplo a fala do cronista Luiz Augusto Xavier durante a chegada do clube nas finais daquele torneio:

Se a paulistada não se cuida sai de campo com alguns dentes do filó e talvez aprenda a dosar suas conversas futuras. Domingo, portanto, será dia de lotar o Alto da Glória. E de partir com berros à vitória Coxa, que hoje é novamente todo o Paraná, simbolizando o status (meio pobre, mas é o que temos) do nosso futebol e das nossas aspirações (XAVIER, 04/07/1985 :7).

Claro que somos todos Paraná nessa partida de amanhã e quando estiver transmitindo a partida pela rádio cidade estarei jogando todo embalo possível a vitória Coxa (...) Pelo menos se depender do que foi traçado pela imprensa paulista domingo à noite, numa mesa redonda da TV Gazeta, enquanto se discutia chances de Guarani e Ponte Preta, que estão num mesmo grupo, qualificando como certa a passagem corinthiana para próxima fase. E os coleguinhas paulistas ainda faziam questão de dizer que o Joinvile será o adversário mais perigoso (XAVIER, 02/07/1985:7).

A chegada da equipe à final, e posterior vitória, será vista assim como símbolo de realização do futebol paranaense e do próprio Estado. Nesse sentido, a manchete em *Tribuna* destacou o feito coritibano como heróico e referência para o Estado: “O Paraná Se Tornou Grande: Já Estamos Na Libertadores (...) O Paraná chegou lá! Com determinação o Coxa está na final!”(TRIBUNA DO PARANÁ 29/07/1985). Na *Gazeta*, a conotação dada à classificação coritibana seria parecida:



FIGURA 6 – MATÉRIA EM TRIBUNA “CORITIBA GIGANTE.”  
FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ, CURITIBA, 29/JUL. 1985

O CORITIBA LEVA O PARANÁ À GRANDE FINAL. E aconteceu o que o Paraná inteiro sonhava: o Coritiba empatou com o Atlético-MG, classificou-se para decidir o título de campeão brasileiro na quarta feira ou no domingo com o Bangu, no Maracanã, garantiu-se pela primeira vez na Taça Libertadores da América, no próximo ano, e tapou a boca de muita gente que pensa entender de futebol, mostrando que sua filosofia de jogo é que está certa.(GAZETA DO POVO 29/07/1985 :15)

E já nesse momento, se verá mais claramente reportagens nos veículos locais mencionando o pouco destaque que a imprensa paulista e carioca davam àquela final, no sentido que oferece Xavier no excerto abaixo:

De um lado os paulistas, tratando as edições de ontem com notinhas de pé de página sobre o jogo do Mineirão. Para eles o importante agora é o campeonato estadual, no qual o corinthians do seu Carlos Alberto leva um ferro atrás do outro. Na outra ponta, cariocas e o resto do mundo a lançar um dilatado favoritismo do Bangu, sob a justificativa que tem mais tradição (...) continuam não levando o Coritiba à sério (...) e continua não levando crédito a dita grande imprensa nacional (XAVIER, 30/07/1985 :7).

Finalmente com o triunfo efetivo do clube no campeonato, a manchete na *Gazeta* será mais uma vez efusiva e evocadora da qualidade do futebol coritibano: “Paraná Em Festa: Coxa É O Campeão Do Brasil (...) num acontecimento jamais visto na história do Paraná” (GAZETA DO POVO 01/08/1985 :22)<sup>33</sup>. É importante destacar também que esta simbologia que assume o clube nesse momento como “representante dos paranaenses” na mídia local, também acabou sendo reproduzida – embora de forma mais tímida – em *Placar*.

Pode-se ver esse posicionamento recorrente dos jornais de Curitiba como uma autovitimização local ao seu posicionamento *outsider* em termos sócio-econômicos na configuração brasileira. Por outro lado, é difícil imaginar que as linhas editoriais desses veículos, com este posicionamento, esperassem unicamente uma mudança de postura vinda de fora.

É antes de tudo uma fala que provavelmente não fosse amplamente aceita no público, já que em Curitiba a rivalidade entre os clubes locais, por exemplo, não nos leva a crer que a maioria do torcedores do Colorado, Pinheiros ou Atlético-PR fizessem eco a proposta deste “paranismo coritibano”, conforme apresentado. E ainda além do perímetro da cidade de Curitiba, a preferência clubística num plano nacional é por clubes de fora do estado. Mas é muito provável também que o objetivo, além é claro de seguir uma prioridade para uma pauta local e comercial de notícias, fosse também uma ideia de busca de “conscientização” no próprio público de que, fora do Estado, não haveria prestígio ao futebol local. Se era isto, então o posicionamento dos veículos do Paraná não estariam apenas promovendo uma lamentação coletiva para fora, mas uma ideia de ação política para dentro, que atrelava o crescimento da sociedade local na mesma direção do crescimento do veículo e do futebol local, promovendo assim um esclarecimento de que havia ali um “jogo” aos quais implicava o desenvolvimento e

---

<sup>33</sup> Carneiro Neto, cronista de *Gazeta do Povo*, assim se pronunciava sobre vitória coritibana: “Esta conquista representou a maioridade do nosso futebol, pois superando todos os desafios que lhe foram impostos ao longo do certame, o Coritiba passou a ocupar um espaço há anos esperado por todos nós.”(NETO, 02/08/1985 :17).

reconhecimento da sociedade do Paraná, sobretudo considerando-se que é grande a influência histórica cultural advinda de Rio-São Paulo nessa região, e sobretudo em termos de futebol. Isto fica evidente, por exemplo na seguinte fala de Luiz Augusto Xavier:

Ao contrário do carioca (o paulista um pouco menos), que sempre comemora os títulos de seu time no início do campeonato cai em profunda depressão após o tombo, o paranaense sempre é um cético. E só reconhece os valores da sua terra depois que estes estão consagrados lá fora. Sempre foi assim e a história mais uma vez se repete. Não foram poucos os torcedores coxas que me contaram de seus temores para a partida desta noite. De uma forma geral, o que pude sentir é o sabor de fim de linha para a maioria deles. O mesmo sintoma daqueles dias após a vitória contra o Santos, quando se soube que o Corinthians companheiro de chave, disputaria a única vaga que existia. Ou de anos atrás, quando numa fase com o mesmo Corinthians, Grêmio e Botafogo o Coxa também se garantiu ente os 4 primeiros (...) O Coritiba – de seu lado – também cruzou os mesmos caminhos difíceis dos mineiros e o futebol do Paraná até se equipara ao de Minas nos mais recentes retrospectos das finais nacionais. Só o Coritiba, em seis anos, entra pela terceira vez na relação dos quatro. Logo, também tem história para contar (...) Onde que nós, exigentes paranaenses não estamos levando a coisa à sério (...) E se hoje não temos jogadores na seleção brasileira (...) devemos creditar o fato aos critérios de escolha geográfica da CBF, que estabeleceu quatro pontos, e deles não se afasta ( XAVIER, 27/07/1985 :7).

De todo modo, como se percebe tanto a fala (ou em certos casos, o próprio silêncio) de *Placar* como de *Gazeta e Tribuna*, podem ser consideradas “torcedoras” na medida em que incorporam ideais de regionalidade/nacionalidade mesmo sob um discurso que se pretende neutro, lógico, racional e como afirmamos, é também sabidamente comercial. Acreditamos, entretanto, que pode ser levantada a própria hipótese do fato da imprensa esportiva do Paraná, pelos suas associações e posicionamento na configuração midiática/esportiva naquele momento, ser “mais romântica” (sem conotação de valor positivo ou negativo) em seu discurso do que a de São Paulo, pelo fato de falar a partir de um posicionamento econômico menos destacado ao contrário da paulista, em termos de Brasil. Consideramos isto porque em boa parte do torneio, o discurso da imprensa do Paraná se assemelha e incorpora a “fala” de meritocracia econômica que coloca os clubes do Paraná fora de foco, sobretudo por que oferece cobertura aos “grande clubes” de forma aproximada do que se via em *Placar*. Aliás, certamente contribuía nesse sentido o fato de que tanto *Gazeta do Povo e Tribuna do Paraná* serem associadas a grandes conglomerados situados no eixo Rio-São Paulo (*Rede Globo e SBT* respectivamente). Mas apesar disso, por outro lado, permanece sempre evocando os clubes locais num cenário nacional, e conforme veremos essa

ambiguidade remeter, inclusive, a uma espécie de “dilema” evidenciado e vivido por essa imprensa naquele período. Por outro lado, *Placar* frequentemente faz também uma leitura emotiva e essencialista do *futebol brasileiro*, militando por uma valorização gerencial do esporte no país cujo fundo é também uma ligação afetiva com o desporto, este visto como potencialmente forte em termos mundiais.

Nessa linha, verificamos também evidenciado algumas vezes o ideal de *Placar*, de um desenvolvimento da gestão do futebol no país acabava por ir de encontro com o ideal de *Gazeta e Tribuna*, de crescimento do futebol paranaense e do desenvolvimento do estado do Paraná, num plano nacional. Isto porque, para *Placar*, a configuração sobre *futebol brasileiro* já estava definida, estabelecida em termos de clubes e torcedores hegemônicos, sua militância é apenas pelo crescimento da gestão profissional e crescimento de um futebol no país. Para os paranaenses, embora não houvesse projeto nacional mais pronunciado, havia a vontade de uma posição mais destacada, portanto de mundança efetiva e duradoura, e portanto da reorganização interna da estrutura do futebol brasileiro, de forma que os clubes locais tivessem mais destaque.

Esta peculiaridade evidencia, dessa forma, discursos de cunho político-ideológico que assumem as linhas editoriais desses veículos, a partir de um protagonismo do futebol. Entre as falas que se arrogam “Paraná” e “Brasil” verificamos, entretanto, que a mídia do Paraná se abstém de falar mais detidamente do que seria o “nacional” enquanto a fala de *Placar* ironiza e relega as diferenças econômicas e regionais para *fora* do “futebol brasileiro” em nome de uma “liberdade”, “racionalidade” e contra um “autoritarismo”, o “caos” e o “populismo”.

Acompanhemos, por exemplo, uma passagem que é emblemática nesse sentido, e que sintetiza esse discurso de *Placar* que é muito presente, ao fim da primeira fase do torneio, cuja descrição são os deuses em prol do Fluminense, em prol do jogador Lela (Coritiba), e de uma forma geral em prol do próprio “futebol brasileiro”. A ideia passada é que a “intervenção” dos interesses corruptos e arbitrários estava matando um “futebol brasileiro” idealizado, e até romantizado e vitimizado. Isto se consubstanciava na medida em que haveria (segundo a revista) um formato de disputa que privilegiou um futebol que não se credenciara em termos técnicos para chegar a fase seguinte impedindo outros clubes com desempenhos técnicos melhores, e portanto mais legítimos para figurar na sequencia do torneio:



Os deuses do futebol colocaram-se ao lado do baiano Washington neste domingo. Depois de amargar a má vontade do técnico Roberto Pinto e a reserva em alguns jogos, o centroavante do Fluminense ia ser substituído mais uma vez. O Bahia batia o campeão brasileiro 1x0, no Maracanã, e o ponta direita Wilsinho já estava assinando a súmula para entrar no lugar do centroavante. Os deuses deram, então, um empurrãozinho: Washington empatou o jogo e o técnico preferiu deixar as coisas do jeito que estavam. E Washington fez mais um, virou o jogo e parecia ter assegurado a classificação do Fluminense para a segunda fase da Taça de Ouro, pois naquele instante o Coritiba empatava com o Santos, em Curitiba, e estava fora da competição. Mas também na capital paranaense os deuses do futebol dariam o ar da sua graça neste domingo. No último minuto do jogo, o ponta direita Lela, que foi parar no Coritiba depois de jogar no Fluminense, fez 2 x 1 no Santos e classificou o time do Paraná na vaga que poderia ter sido do tricolor carioca. Poderia, pois o esdrúxulo e intrincado regulamento a Taça de Ouro não respeita a vontade dos deuses e nem mesmo os méritos esportivos de cada equipe. O Fluminense, desclassificado, terminou a primeira fase dois pontos à frente do classificado Coritiba, que foi beneficiado pelo título de campeão do retorno – uma estranha invenção do regulamento numa competição disputada em dois turnos e no sistema de ida e volta. Grêmio e Botafogo, outros desclassificados, fizeram mais pontos que o Coritiba. E, como todos os campeonatos disputados com fórmulas inventadas pelos cartolas, esta Taça de Ouro já mostrou também outros absurdos (...) É só ver a lista dos que estão saindo: Fluminense (o campeão brasileiro, com direito adquirido de disputar a Libertadores da América e, portanto, o mundial interclubes), Grêmio (campeão brasileiro de 1982, e mundial de 1983), e mais o São Paulo do futebol alegre, jovem e ofensivo demoradamente aplaudido pela torcida no dia em que foi desclassificado, e outros grandes, de futebol momentaneamente curto, mas de permanente apelo junto aos torcedores (...) só resta torcer para que os deuses desviem suas luzes dos campos onde suam um Washington ou um Lela para os refrigerados gabinetes das mesquinhas federações que planejam o pobre futebol brasileiro. (PLACAR, 19/04/1985 : 4-6, grifos nossos)

E nessa mesma edição, percebemos também que a empolgação da torcida e do presidente do Coritiba com a classificação é feita de forma irônica e até estereotipada. *Placar* não faz referência a sequência de resultados de vitória fora de casa da equipe coritibana, que foram primordiais para aquela classificação e muita das dificuldades reportadas na mídia do Paraná, conforme notamos mais a frente. O posicionamento de *Placar*, neste momento, é de se colocar também ao lado dos *profissionais* que trabalhavam no clube coritibano, como se autoreferisse num posicionamento mais racional, diferente da torcida coritibana por exemplo, que comemorara muito o feito:

A classificação, apesar de ruidosa comemoração da torcida, parece não ter subido ‘a cabeça do técnico Ênio Andrade. Depois do jogo de domingo, surpreendentemente tranqüilo, ele ponderava que o Coritiba teve uma substancial ajuda da sorte (...) Gomes, também não se deixa envolver pela euforia da classificação: “Essa vaga em cima da hora veio mostrar que nosso time é modesto e, se quiser obter algum sucesso na fase final, terá de manter o esquema de jogar atrás e tentar os contra-ataques, como fizemos hoje (...) Alheia a prudência de Ênio Andrade e da maioria dos jogadores, a torcida preferiu gritar sua alegria pelos bares da cidade. Já não importava saber se a barreira do Santos havia deixado uma abertura por onde passou a bola de falta cobrada por Vavá, nem o silêncio que baixara sobre o estádio quando o

mesmo Vavá cortara um cruzamento com o braço – felizmente para os paranaenses sem ser notado pelo juiz Wilson Carlos dos Santos. A torcida preferiu acompanhar a euforia do presidente do clube, Evangelino da Costa Neves, que declarava nos vestiários jamais ter sentido tanta emoção em sua vida e confirmava o prêmio de 240 milhões de cruzeiros a ser distribuído aos heróis do ensolarado domingo de Curitiba” (PLACAR 19/04/1985 :11).

Quando visualizamos a questão da fórmula de disputa nos jornais de Curitiba, percebemos que também neles não houvera desde os inícios uma boa receptividade ao formato do torneio, mas a conotação dada é outra. Carneiro Neto, por exemplo, afirma que o formato de disputa favorecia os interesses dos clubes de Rio de Janeiro e São Paulo, da seguinte forma:

Calendário absurdo, campeonatos mal formulados e exibição de jogos pela televisão fazem campeonatos serem ruins (de modo geral) (...) Só que nenhum dirigente dos grandes clubes tem condição de reclamar, pois quando tiveram a chance de encostar o presidente Giulite Coutinho na parede – no episódio da associação dos clubes – recuaram e negociaram politicamente. Em troca de favores pessoais ou ajuda individual para cada clube, os cartolas submeteram-se aos caprichos da CBF (NETO, 30/06/1985 :21).

Tudo porque a confederação brasileira de futebol é dirigida por homens insensíveis que só enxergam interesses do Rio-São Paulo. O calendário deste ano foi tão mal-elaborado que a maioria dos clubes ficou sem atividade durante dois meses, sem falar naqueles outros tantos que já estavam sem programação oficial desde o mês de janeiro.(NETO, 14/07/1985 :23)

De todo modo, em *Placar* ao que parece se tratava antes, menos de desmerecer o futebol coritibano, e que até ali na revista figurava fora de foco, e mais de lamentar a ausência de alguns dos clubes nas fases finais do torneio, que mais protagonizavam até então as páginas do veículo. Isto plasmado por um sentido manifestamente político para o futebol do país, por intermédio de uma crítica a fórmula, como se vê na passagem abaixo:

Na prática, porém, não se pode dizer, de modo algum, que estarão em campo os 16 melhores times do Brasil. Por culpa de critérios que beneficiam os clubes da segunda divisão do futebol brasileiro (os representantes dos grupos C e D da primeira fase), conseguiu-se um feito raro: a segunda etapa do torneio é menos empolgante e tecnicamente inferior à primeira (...) Quase todos os clubes dos grupos C e D que acabaram agraciados com uma vaga na segunda fase tem um único objetivo daqui pra frente: ganhar dinheiro em cima dos jogos contra grandes equipes para continuar sobrevivendo (...) Assim, o que poderia ser uma luta empolgante entre grandes clubes em busca do título, será apenas a restrita briga entre um punhado de aspirantes à Taça e outro punhado de figurantes que poderá, eventualmente, atrapalhar a caminhada de um favorito. O que, convenhamos, está muito longe do que se espera para um verdadeiro e digno Campeonato Brasileiro (PLACAR 26/04/1985 : 15).

Essa crítica ao torneio, é reforçada, assim mais uma vez em termos comerciais. Nessa linha, *Placar* resalta também que por esse momento também que Giulitte iria pedir socorro ao ministro da educação por déficit de 4 bilhões, por causa de custos entre hospedagens e transportes para o torneio. Mas que até ali o campeonato teria uma boa média de 18 mil pagantes (PLACAR, 19/041985:4).

Entretanto, parece reducionismo demais falar que um campeonato com 40 clubes era simplesmente reflexo de “falta de talento” fora de campo. Poderia ser isso também, haja vista que a burocratização do futebol brasileiro por intermédio da chamada “integração nacional” através do desporto promoveu a figura do dirigente estreitamente ligado a questões políticas além do desporto e muitas vezes afastado de questões mais relativas ao próprio desporto. Mas certamente ia muito além disso. Havia uma configuração muito tensionada envolvendo demais clubes e federações, a qual é abordada por *Placar* de forma superficial e quase nem é referenciada pela mídia do Paraná. A maioria dos clubes e as federações representavam, na “fala” de *Placar*, um obstáculo ao projeto da revista, sendo empurrados para fora de um Brasil idealizado sob o simples rótulo de autoritarismo e ignorância. O que o discurso reflete, enfim, é objetivamente um posicionamento político. Para *Placar* o desenvolvimento do “futebol brasileiro” não deveria pautar-se por questões da macroeconomia do país, mas apenas por uma organização mais comercial e enxugamento do torneio em número de times. Nesse sentido, aliás, no período em que analisamos a revista cita muitas vezes o campeonato italiano como modelo ideal de campeonato, o qual historicamente não tinha naquele momento muito mais de 16/20 clubes em suas divisões principais<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup>A população da Itália era menor do que o Brasil naquele momento, havia menos clubes e jogadores além da situação econômica daquele país ser melhor. Fica evidente, mais uma vez portanto, que para *Placar* a disparidade econômica, ou o que Bresser chama de reflexo de subdesenvolvimento do país, não é visto pelo veículo como problema ou objeto de preocupação, portanto fica evidenciado que se trata de uma ideia com raízes fincadas em um posicionamento político definido. Se quisermos olhar num outro sentido político para o futebol naquele período, por exemplo, talvez um parâmetro mais próximo do esporte no Brasil seria o esporte americano, país que conta com população mais assemelhada. Nos Estados Unidos, havia e ainda há, pelo menos três grandes campeonatos de repercussão social e públicos de massa (beisebol, basquete e futebol americano) que dispõem, e ainda dispõem, em média de 40 clubes em sua divisão principal, e entre os quais não se vê historicamente hegemonia de times campeões tal como se vê no Brasil, ou na Espanha atualmente, com o futebol por exemplo. Há também função social nesses campeonatos, pois todos estes campeonatos utilizam como base jogadores das ligas universitárias, que são também muito fortes. A diferença é que além obviamente de ser o país mais rico do globo, os Estados Unidos tem historicamente um desenvolvimento econômico mais homogêneo territorialmente.

Essa crítica de *Placar* ao formato do torneio, além de um posicionamento ideológico do veículo, era provavelmente também enfatizada porque servia como abordagem para manter suas vendas em alta, haja vista sua receptividade sobretudo nas fases finais do campeonato quando as desclassificações de Flamengo-RJ, Bahia-BA, Internacional-RS e Vasco-RJ, levam o veículo a questionar novamente um campeonato “absurdo” em termos de fórmula de disputa, mas não faz menção mais detida aos aspectos técnico daquelas partidas:

...histórica passagem do pequeno Brasil para as semifinais da Taça de Ouro, eliminando em seu grupo os favoritos Flamengo e Bahia, além do Ceará. Era o final surrealista para um espetáculo que já começara de cabeça para o ar (...) Pouco mais de 3.000 Km para o sul desse mesmo início de noite de domingo, seguia o festival de surrealismo que colocou, ao lado do Brasil, ninguém menos que o Bangu nas semifinais da Taça (...) Poucos metros dali, o patrono do Bangu, Castor de Andrade iniciava a conspiração: ‘Temos de trazer este jogo contra o Brasil quarta feira para Porto Alegre. Hoje mesmo vou falar com os homens da CBF. Se não conseguir, vou dar o troco domingo, na partida de volta, jogaremos em Moça Bonita, e não no Maracanã’. (*PLACAR* 26/07/1985 : 10-11)

Mais uma vez, não era a aceção que víamos na mídia do Paraná, que pode ser muito bem sintetizada nesse trecho de uma crônica de Luiz Augusto Xavier:

Num passe de mágica a Taça de Ouro tornou-se uma competição sem atrações (...) Isso na opinião dos nobres coleguinhas de Rio e São Paulo (...) O desdém é uma arma dos fracos e derrotados e está sendo utilizado agora. Ora, que a Taça de Ouro foi mal concebida todos nós sabemos, todos nós reclamamos quando da divulgação de sua fórmula e seu regulamento. Mas este regulamento foi feito para todos e quem entrou na disputa concordou com os termos. Se os tais grandes clubes não estão sabendo tirar proveito de seus defeitos, o problema não é nosso e de ninguém. Mostra, isso sim, falta de competência para participar de uma competição contra clubes tidos por eles como inferiores (*XAVIER*, 20/07/1985 :7).

*Placar* fez também algumas menções mais gerais sobre um “declínio do futebol do país”, as quais entre elas utilizará por base a ascensão coritibana como reflexo que de um cenário futebolístico nacional em baixa:

...bem que o técnico Ênio Andrade sempre alertou: neste ano, a Taça de Ouro seria nivelada por baixo e seria possível alcançar o sucesso. Agora, o próprio Ênio não nega ter esperança de chegar a final – e quem sabe ao título. (*PLACAR* 26/07/1985 : 4)

Mas essa, não é a visão que veremos também de Ênio nos jornais coritibanos e do seu sistema de jogo como evidencia o excerto abaixo:

O time do Coritiba hoje, podemos afirmar, atingiu um estágio tático à altura de qualquer equipe nacional e internacional. Estamos jogando certo e compatível com as condições de partida e potencial do adversário (GAZETA DO POVO 19/07/1985 :19).

Neste caso, é difícil imaginar que Ênio Andrade concordasse com aquelas informações oferecidas por *Placar* sobre o futebol brasileiro, e da mesma forma não é improvável que sua “fala” na *Gazeta* não tivesse sido exatamente aquela. Parecem-nos, sim, indícios de que pudesse haver, algumas vezes, a simples referência a declaração de profissionais para encaixar na linha editorial do veículo, o que dá margem dessa forma, a ideia de que isso ocorria também com as notícias de uma forma geral. E em *Placar*, mas também na *Tribuna* e em *Gazeta*, isso também se evidenciaria no sentido de que havia outras possibilidades de construções que combinavam os objetivos comerciais e as percepções da linha editorial em termos ideológicos. Nesse sentido, por exemplo, *Placar* passaria a evocar ao final da *Taça de Ouro*, a equipe do Bangu nesse momento, a qual praticaria um futebol peculiar, mesmo considerando o cenário futebolístico do país ruim:

BANGU, MODÉSTIA À PARTE. Com um futebol de crioulo, malandro, solto, solidário e aguerrido, o time de Castor de Andrade chega ao ponto mais alto em sua vida. Um título já ganhou: campeão da simpatia (...) E a prova estava ali, com o Bangu mostrando, a partir do gol, um futebol malandro, solto, aguerrido e solidário.(PLACAR, 02/08/1985 : 10)

Para *Placar*, inclusive, esta partida serviu para evidenciar o “craque do campeonato”:

Na verdade, muita gente que foi ao Maracanã assistir à decisão da taça de Ouro entre Bangu e Coritiba, várias vezes se lembraram de Garrincha. Marinho deu dribles desconcertantes no seu competente e promissor marcador, o lateral Dida. A torcida ia ao delírio. O ponta provou mesmo que foi o melhor do Campeonato Brasileiro – e por isso ganhou a Bola de Ouro, de *Placar* .(PLACAR, 09/08/1985 : 28-29).

No caso da evocação do Bangu, naquele momento, não se pode esquecer que este remetia ao público carioca de uma forma geral, e ao que parece servia também para vitimizar por fim o “Brasil” visualizado de *Placar*, que embora derrotado em campo por um regulamento “esdrúxulo”, conforme proclamado pela revista recorrentemente, era premiado pela revista no extra-campo.

Da mesma forma, não visualizamos a possibilidade de que *Gazeta e Tribuna* exaltassem um “estilo coritibano”, como de fato exaltaram, caso a equipe não tivesse ascendido no campeonato.

Estes discursos “sobre o nacional” e “sobre o regional no nacional” são certamente fomentados pelo próprio torneio que, ao nosso ver, promove já por si essas alteridades através da disjunção simbólica que advém da experiência do jogo em si. Mas se tornam mais frequentes quando no campeonato nacional, a ascensão da equipe coritibana torna-se mais pronunciada paralelo a desclassificação de alguns dos chamados grandes clubes e ascensão de equipes consideradas menores.

Diante desses discursos, a primeira questão que figurou-nos principal para o desenvolvimento da nossa análise sobre as condicionantes da conquista coritibana, seria que obviamente não poderíamos privilegiar *a priori* uma determinada leitura para um fato ou momento do torneio, e que muitas vezes era reportado de modo diverso e até conflitante em outro veículo. Ou seja, enquanto a conotação e a leitura dada a uma partida, ou lance de um partida, era uma em *Gazeta e Tribuna*, em *Placar* veríamos uma outra interpretação. Veja-se nesse sentido, por exemplo, um dos episódios daquele campeonato envolvendo a partida Coritiba 0 x 1 Flamengo no Couto Pereira, ainda na primeira fase do torneio.

Neste episódio envolvendo reclamações no jogo Coritiba 0 x 1 Flamengo, em *Gazeta e Tribuna*, fervilharam críticas à arbitragem. Para a imprensa do Paraná a equipe havia feito uma partida memorável, mas fora muito prejudicada pela arbitragem. Esta passagem do cronista Luiz Augusto Xavier sintetiza muito bem as reportagens de então:

É duro de engolir. Ao contrário do que mostrou em outros jogos, desta vez o Coritiba foi melhor, principalmente no segundo tempo. Mandou no jogo, graças a criatividade de Toby, Lela, Edson e ascensão de Vavá e Dida. E fez o Flamengo cair na roda, a ponto dos selecionáveis Mozer e Leandro se perderem em precipitadas bolas recuadas para escanteio ou chutões para o lado do nariz. Veio uma bola na trave, de Edson e aí o pênalti claríssimo de Andrade, que arrumou a bola com a mão dentro da sua grande área (...) penalti num lance discutível de Aragonês (...) Pois ontem, mais do que nunca, o juiz interferiu diretamente no resultado da partida (...) Quer mais? Houve ainda um outro pênalti, quando Mozer empurrou Índio no ar, dentro da grande área, numa bola que vinha cruzada de Edson, depois de alguns dribles...(XAVIER 14/02/1985 pg. 7).

A reclamação se dá porque o gol do Flamengo seria fruto de um pênalti, cuja marcação é questionada nos jornais. “Apareceu Um Tal Amorim Para Atrapalhar Tudo. Coxa eletrizante, mas Fla foi ajudado: 1 x 0” (TRIBUNA DO PARANÁ 13/02/1985 :7).

Segundo a reportagem, o juiz teria além do pênalti marcado, deixado de marcar outro pênalti “parecido” a favor do Coritiba, momentos depois, e ainda “distribuído” cartões amarelos para a equipe coritibana. Há muita repercussão nos veículos de Curitiba ao longo da semana, sobre esta questão. Jogadores darão entrevista ao jornal, relatando sobre a partida: “Este juiz é um gato. É claro que ele tem que roubar para o Flamengo! Eles tem mais dinheiro pra pagar pra ele numa decisão da Taça de Ouro.” diria o *lateral* coritibano Zé Carlos para o jornal. Em um dos dias, há também uma reportagem com o goleiro Rafael: “Rafael Mete A Boca E Denuncia Árbitro. ‘Ele teve a cara de pau de olhar pra mim e dizer: *E vocês queriam ganhar do Flamengo?!*’”(TRIBUNA DO PARANÁ 15/02/1985 :7). Na *Gazeta* cuja capa será: “Coxa Perde Com Penalti Duvidoso”(GAZETA DO POVO 14/02/1985 :19) o episódio é retratado com o mesmo tom.

Enquanto isso, a linha editorial de *Placar* promove na capa da revista a vitória do Flamengo, destacando não um “bom” futebol coritibano, mas que jogadores do Flamengo acharam o campo de jogo ruim e que não proporcionara um jogo melhor, salientando eles ainda que o clube iria brigar pelo título.



FIGURA 7 – CAPA DE *PLACAR* “CARNAVAL É DO MENGÃO”  
 FONTE: *PLACAR*, SÃO PAULO, 22/FEV.

Alude por fim a questão da arbitragem, mas descreve como irracional as reclamações e atitude da torcida coritibana: “...Andrade tocou a mão na bola dentro da área, numa jogada involuntária. A torcida do Coritiba pediu pênalti e mais tarde, inconformada, chegou a arrombar a porta do vestiário do juiz mineiro...” (*PLACAR*, FEV/1985: 14).

Houve outros tantos mais casos em que as leituras dos jornais de Curitiba foram muito diversas da do veículo paulista. Por exemplo, relacionado ainda a arbitragem, esta voltará a ganhar as páginas dos jornais de Curitiba no quadrangular. Novamente o destaque se dá nos jornais curitibano, e não em *Placar*. O Coritiba figura como prejudicado quando em confronto nas duas partidas que teve com o Corinthians.

Neste episódio de violência a arbitragem seria conivente, “...superou a violência do Corinthians, e a parcialidade de José Roberto Wright” (GAZETA DO POVO 08/07/1985 :19). Nota-se, entretanto, que esta leitura nos jornais curitibanos não se dá nos jogos contra os outros clubes da mesma chave como Joinvile-SC e Sport-PE, ou outros clubes ao longo do campeonato que não fossem os grandes das capitais de Rio de Janeiro ou São Paulo.

O que sabemos, para esse momento, é que não havia uma comissão de arbitragem, que a estrutura para os juízes era amadora (afinal, até os dias atuais ainda é assim), e que o conselho que definia os juízes situava-se no Rio de Janeiro, através da CBF. É possível, também, percebermos brechas e fortes indícios para influências políticas, tal como afirmam os memorialistas<sup>35</sup> Coelho e Neto, sobre a partida final de Coritiba e Bangu no Maracanã:

[Evangelino] Não suportou e ligou para o Rio, para o seu amigo Mozart Giorgio, figura das mais influentes do futebol brasileiro e que novamente servia a CBF e garantia uma decisão correta. Mozart tranquilizou Evangelino (...) Mas o Mozart chegou ao hotel com a grande notícia “O árbitro será Romualdo Arppi Filho” Evangelino sentiu um alívio. O jogo seria dirigido por um dos árbitros mais considerados no mundo do futebol, que inclusive acabaria apitando a final do mundial de 90 (...) Mas veio o receio: os bandeirinhas. Eram do Rio (...) No meio do segundo tempo, a prova provada. O Bangu fez um gol, que desempataria a partida, com o Marinho totalmente impedido. O bandeirinha quieto do seu lado. Para seu azar, Romualdo estava no lance e nem titubeou, assinalando o impedimento (COELHO & NETO, 2003:20-28).

Mas ainda se torna difícil e arriscado falar sobre como isso ocorria naquele momento de uma forma mais satisfatória e efetiva, a partir somente destas passagens. De qualquer forma, pelo fato destas questões não parecerem influenciar mais diretamente contra a trajetória da equipe, não iremos abordar de forma mais aprofundada, mas talvez resida aí uma temática importante a ser explorada.

Por outro lado, em *Placar*, o foco sobre as partidas envolvendo Coritiba e Corinthians será outro. Na primeira partida diz a revista que a vitória da equipe coritibana se deu mais por enfrentar uma equipe em crise, o que como vimos é contrariado pela imprensa do Paraná:

Há crise sim presidente. Pelo menos quem assistiu à derrota para o Coritiba por 1 x 0, lá no Couto Pereira, viu que há crise. E como! (...) Pode ser que esteja faltando sorte ao Corinthians, que pressionou mais que o Coritiba. Mas o time dirigido por Carlos Alberto Torres se perdeu no bloqueio armado pelo

---

<sup>35</sup> Considere-se sempre o risco que se tem ao trabalhar com esse tipo de fonte.



esperto Ênio Andrade e não soube buscar o empate. O desespero de jogadores tarimbado como os do Corinthians chegou a espantar o pessoal do Coritiba (*PLACAR* 12/07/85:13).

Já para a partida de volta, a leitura da revista sobre a partida limita-se a constatação de um péssimo futebol entre ambas equipes, e do próprio cenário do futebol brasileiro. O Corinthians permaneceria “nervoso” no campeonato. De fato, através dos resultados, o que podemos perceber é que o Corinthians-SP só vencera apenas um dos jogos nessa fase, e perdera outros três. Logo que não estivesse muito bem no torneio era provavelmente certo, mas a questão permanece sobre as causas: se seriam os adversários mais fortes ou mesmo a chamada “crise corinthiana”, conforme propalado por *Placar*.

De qualquer modo, o termo “crise” foi utilizado para descrever outros momentos da equipe corinthiana no torneio, quando ela não correspondia ao favoritismo que era visualizado por *Placar*. Além disso a própria equipe do Fluminense visualizada como favorita é descrita como em “crise”. Em ambos os casos questionou-se diversas raízes (relacionamento, técnico, salários, etc.) mas não a qualidade da equipe. Há outros termos correlatos que justificarão, por exemplo, também o mau desempenho do Flamengo no retorno da primeira fase, como o fato de estar “desfalcado”, ou ainda de estar “desconcentrado”<sup>36</sup> ou “displicente”, como na magra vitória sobre o América nos inícios do torneio: “O rubro-negro brinca bem na avenida mas quase atravessa no Maracanã. Bebeto salva o líder contra o valente América” (*PLACAR* 01/03/1985).

Diante deste olhar da revista, evidencia-se a a improbabilidade de *Placar* vir a considerar que essas equipes não fossem favoritas, e é difícil imaginar que o veículo pudesse afirmar algo contraposto a esse gênero no decorrer do torneio por causa dos ditames comerciais e suas associações.

Isso não significa que a equipe coritibana não fosse também promovida de forma comercial pela revista. Por exemplo, quando ocorre a classificação coritibana para a segunda fase a revista, mesmo criticando em sua linha-editorial os caminhos que se deram essa classificação, oferece um poster da equipe destacado numa chamada na capa da revista. Já nas finais (publicação posterior), *Placar* lança uma revista, com duas capas, destacando o Coritiba em uma capa e o Bangu em outra, e com manchetes secundárias pequeninas no canto esquerdo alto, aludindo ao Corinthians na capa coritibana, e ao Flamengo na capa do banguense, o que provavelmente fossem capas

---

<sup>36</sup> Empate com o Ceará no Maracanã por 2 a 2 no quadrangular final da competição (*PLACAR* 26/07/1985)

lançadas, de forma diferente, nas cidades do Rio e em São Paulo, buscando fomentar a uma rivalidade regional através daquela final. Aliás, as matérias relatando a final no interior da revista contrapunham uma *brasilidade* do Bangu, e uma ética do trabalho mais coritibana, conforme se vê:

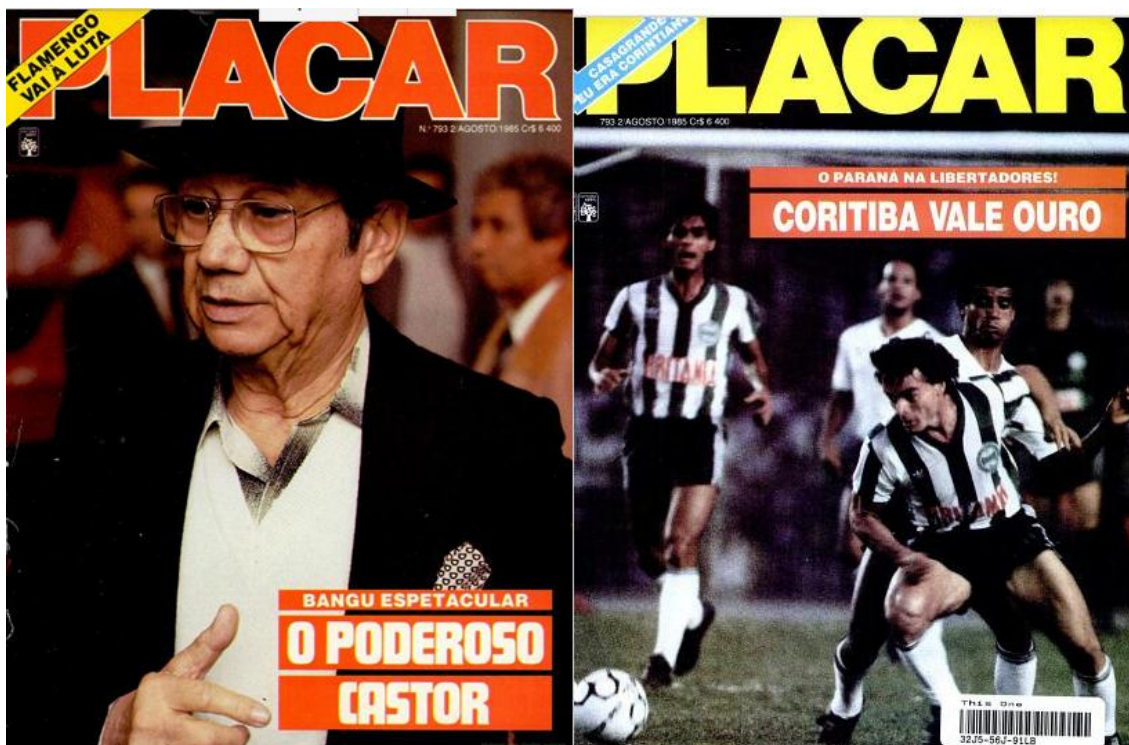


FIGURA 8 – CAPA DUPLA DE PLACAR PARA AS FINAIS  
 FONTE: PLACAR, SÃO PAULO, 22/FEV. 1985

O que ficou evidente, entretanto, é que a equipe coritibana não era priorizada nessas divulgações e mesmo na “fala” editorial político-ideológica da revista. E da mesma forma, a imprensa curitiba prioriza a “fala” sobre as equipes paranaenses, mesmo sem abrir mão de trazer matérias sobre as equipes de fora do estado. Nos dois casos, entretanto, a “fala” editorial político-ideológica do veículo incorpora os ditames comerciais na sua apresentação.

Pudemos mapear, de uma forma geral também, algumas construções ao longo da trajetória que eram reportados pelas linhas editoriais da imprensa esportiva, durante aquele campeonato, revelando a linha ideológica que seguiam esta linhas editoriais na descrição de fatos do torneio, considerando seus posicionamentos sociais, as suas associações ao público e a configuração esportiva, evitando mais uma vez tomar como norte e ponto final a conquista coritibana. Isto nos possibilitou visualizar, ainda, que apesar de tratar-se efetivamente de construções editoriais e expressões de cronistas, de

“falas” compromissadas, não necessariamente deveriam ser relegadas em sua totalidade simplesmente ao espaço das subjetividades e também sem valor para desvendarmos o problema central ao que nos propusemos neste trabalho. Na verdade até percebemos o contrário. Muitas dessas “falas”, oferecem caminhos muito objetivos de entendimento para a nossa questão.

Isto posto, às vésperas do torneio nos jornais locais paranaenses, a pauta principal privilegiava como foco, a cobertura da equipe no campeonato. Nesse sentido, verificamos que não havia na mídia paranaense, também, desenvolvimento mais aprofundado e parâmetro para como se desenvolveria a campanha da equipe coritibana no torneio, mas um desejo declaradamente manifesto, e podemos afirmar “militante” de uma “boa” campanha para a equipe. É até citado o clube almejar ser campeão, sobretudo após as contratações de alguns jogadores (Rafael, Marildo e Dida) quando inclusive *Tribuna* chamaria a equipe de “Coxa de Ouro” algumas vezes. Mas de uma forma geral, a possibilidade do título coritibano nos jornais locais, parece figurar mais nas entrelinhas como algo não muito provável. Marildo, Dida e Rafael são antes das contratações já destacados enquanto grandes jogadores na imprensa curitibana além de Toby, Edson, Marildo, Lela e Marcos Aurélio, alguns deles referenciados de forma muito próxima ao discurso da *brasilidade* no futebol: “O Diabólico Lela, Um Craque (...) E lá vai ele, serelepe, demônio no corpo e na cara, com a bola dominada...” (GAZETA DO POVO 26/07/1985 :17).

Percebemos que Lela e Toby são referenciados timidamente por *Placar* nos inícios do torneio. De fato, inicialmente no plano nacional, por parte de *Placar* a cotação era muito baixa para a vitória coritibana e nem há “militância” ou “torcida” para isso em suas páginas, conforme veremos nos jornais de Curitiba, a “torcida” de *Placar* era outra. O time coritibano é descrito, a partir dessa perspectiva, como não tendo craques por que tinha recursos financeiros limitados, e por isso teria “fé no conjunto”, e seu estilo seria também o antípoda de uma imaginada e idealizada *brasilidade* no futebol, embora considere-se que o clube tenha uma certa tradição. A conquista é considerada no plano do absurdo: talvez ocorresse por meio das “macumbas” de Hélio Alves, ou pelo declínio no futebol brasileiro vivenciado então. O fato de *Placar* não citar jogadores coritibanos, ou outros além dos grandes clubes, como “craques” e “talentos”, parece refletir um posicionamento histórico dos veículos midiáticos em evidência no país, porque será contemplada várias vezes ao longo daquele campeonato

pela mídia do Paraná, sem citar *Placar*, considerando a questão em termos de “falta de valorização” do futebol local no plano nacional.

A percepção de *Placar*, neste caso, parece embasar-se numa dicotomia pobres x ricos, dedicados x talentosos, tática x técnica mas que, de uma forma ou outra, também acaba sendo expressa (ou incorporada) pela mídia do Paraná, e que por isso também, vez ou outra, encontrar-se-á num "dilema" de valorização das equipes locais (que remeteria a um processo militante e dinâmico) ou de “reconhecimento” de um futebol que seria “simplesmente superior” (que remeteria a um processo estático e dado), pelas vias da hierarquia e meritocracia econômica. Isso se manifesta não de forma clara nas matérias de jornais de Curitiba, mas de forma mais velada quando ocorrem as críticas sobre a equipe coritibana em momentos que o clube perde partidas, ou figura em dificuldade no torneio. Nas crônicas de Carneiro Neto, elas apareciam de forma mais clara e recorrente, como por exemplo ao falar do cenário do futebol paranaense, reunindo além da falta de recursos financeiros a percepção de uma má gestão:

...o futebol paranaense está falido mas as equipes continuam entrando em campo (...) Enquanto não nos estruturarmos inteiramente com campeonatos racionais, equipes selecionadas e clubes com recursos para formação de craques e contratação de jogadores verdadeiramente capazes, seremos meros figurantes no contexto do futebol brasileiro (NETO, 06/02/1985 :29).

É difícil imaginar que nos grandes clubes, naquele momento não houvesse jogadores “dedicados”. Parece nos difícil imaginarmos que o recurso do *trabalho*, mais barato em termos de insumo, não pudesse ser utilizado por todos os clubes. Da mesma forma, é difícil acreditar que em outros clubes na configuração esportiva não houvesse jogadores altamente capacitados, e que os craques emergissem harmoniosamente em uma economia plenamente meritocrática.

Nesse sentido, as matérias em *Gazeta do Povo* e *Tribuna do Paraná* nos inícios do torneio, e o seu desenrolar com o decorrer do campeonato e os acontecimentos da figuração esportiva sobre a equipe coritibana, foram emblemáticos no sentido em que mudariam, e por fim, promoveriam uma outra forma de discurso em contraposição à hierarquia econômica meritocrática.

Assim, com os inícios do campeonato, os jornais do Paraná privilegiavam uma leitura de que a equipe coritibana tinha inúmeros problemas, os quais refletiriam na falta de recursos para investimentos no clube no decorrer daquele certame. Isso era independente dos resultados da configuração esportiva, mas a eles se somaram. Nos

inícios de fevereiro, com a saída de Dino Sani, diante das duas derrotas sofridas consecutivamente (Bahia e Vasco), e paralelamente as contusões e dificuldades na manutenção do elenco, *Gazeta* enfatizava em sua linha editorial, sob este aspecto, o início do que seria um momento psicologicamente ruim para o clube: “Coritiba Continua Cheio De Problemas” (GAZETA DO POVO 09/02/1985 :15) Em fins de fevereiro, momento em que a equipe estava já a seis partidas sem vencer, transparece cada vez esta fala em que se destaca um momento psicológico ruim. Esse diagnóstico transparece inclusive em uma entrevista concedida a *Tribuna*, pelo técnico recém contratado, Ênio Andrade :

‘É evidente que os maus resultados colhidos nos últimos quatro jogos começam a afetar a parte psicológica e isto atrapalha em 50% o nosso trabalho. Certos jogadores ficam temerários e perdem aquela confiança tão necessária para se atuar fora de casa e trazer dois pontos.’(TRIBUNA DO PARANÁ 24/02/1985 :7).

Nesse aspecto, parece nos que, de antemão, simplesmente devido as suas associações, a imprensa de Curitiba naquele momento não poderia simplesmente decretar que o futebol do clube era “ruim e pronto”, mesmo que essas fossem por acaso (mas não deveriam ser) as percepções das linhas editoriais dos veículos. É possível fazermos paralelo parecido com o que ocorria na revista de São Paulo, já que esta buscava fazer provisões mais destacadas para que os grandes clubes se classificassem, como por exemplo em dado momento de abril quando revista enfatiza em tom de aprovação que ocorria no torneio uma “virada paulista”. A associação desses veículos, e os anseios dos seus mercados consumidores, implicava dessa forma que eles *dramatizassem* os momentos ruins das equipes e desejassem “dias melhores”. Aliás em *Placar*, com a saída da equipe corinthiana do torneio, isto é muito evidenciado já em período das finais da *Taça de Ouro*, quando uma matéria especial partia do *lead* “Muda, Corinthians” (PLACAR, 26/07/1985).



FIGURA 9– CAPA DE *PLACAR* “VIRADA PAULISTA”/ MATÉRIA DE *PLACAR* “MUDA, CORINTHIANS”

FONTE: *PLACAR*, SÃO PAULO, 07/ABR-26/JUL. 1985

Mas no caso de *Gazeta e Tribuna* não era apenas a questão psicológica o problema da falta de vitórias, havia também críticas levantadas pela necessidade de reforços, por isso essa ênfase não era dada como forma de justificar as derrotas, ao contrário, discutia-se nos veículos muito mais sobre quais as falhas da equipe, e na sua montagem, que levavam também aquele ambiente de desmotivação. O decorrer do turno, esta leitura nos jornais curitibanos será mais e mais enfatizada, cuja equação enveredava para um círculo vicioso: resultados ruins, falta de confiança, falta de dinheiro, falta de jogadores consagrados, manutenção da situação ruim.

Esta equação visualizada, por fim, tomava (como dissemos) a forma de um “dilema” em *Gazeta e Tribuna*. “dilema” que se arrastava em boa parte do torneio e teria seu ponto alto na partida final do retorno da 1ª fase, da equipe do Coritiba contra o Santos, para decidir os classificados para a sequência do campeonato.

O retorno da 1ª fase significaria para o Coritiba uma necessidade de vencer a maior parte dos jogos, para ser campeão do grupo, já que de outro modo não conseguiria classificação para a fase seguinte do campeonato, pois tinha feito no turno má campanha. O técnico Ênio Andrade havia sido contratado para o lugar de Dino Sani que havia deixado o clube por uma proposta melhor do futebol do Qatar. Com Andrade, que havia implementado um novo sistema de preparação, neste momento a equipe começou a vencer partidas fora de seus domínios, mas não vencia em seu estádio, e continuava-se destacando nos jornais curitibanos o discurso de que a equipe vencia fora com um “modelo feio” de jogo, que na verdade tinha constituído um time que “não

sabia atacar” em casa, e enfim que era ruim porque tinha recursos financeiros limitados. Carneiro Neto expressa de forma emblemática essa percepção naquele momento, em uma de suas crônicas:

Infelizmente aconteceu o que temíamos: o time do Coritiba precisou mostrar conjunto para agredir o adversário e não houve resposta por parte de alguns jogadores. Trocando em miúdos, a coisa é mais ou menos assim. O Coritiba, quando joga fora, fecha-se bem, protege-se com vigor e surpreende os adversários nos contragolpes. Jogando em casa, com a necessidade de atacar, por uma experiência natural das circunstâncias do futebol, sente a carência técnica e as poucas alternativas que possui dentro de um campeonato forte como este (NETO,18/03/1985 :17).

A condição sobre a real qualidade daquela equipe, num plano nacional, parece então ser cada vez ser posta em evidência e questionada nos jornais curitibanos. Por outro lado, estes mesmo jornais trazem várias entrevistas de jogadores, dirigentes sobre uma leitura de que a equipe precisava acreditar mais, ser mais confiante, ter mais vontade e personalidade, e esses elementos serão reiterados como presentes nas vitórias do clube. Essa será a tônica que marcaria a trajetória da equipe no retorno da primeira fase. Embora com as vitórias fora de casa em seus domínios a equipe não vencia, figurando cada vez mais como *irremediável* o fato de que aquela equipe “não sabia ser ofensiva”. Os jornais aludem, então, primeiramente a possibilidade da equipe ficar *nervosa* com as vaias dos torcedores, que almejavam uma equipe mais *ofensiva*.

“Time que tem garra e vontade chega lá. Não é o suficiente, mas ajuda”[Rafael]” (TRIBUNA DO PARANÁ 22/03/1985 :7) e “Nós já provamos nossa capacidade (...) Eu acredito e tenho certeza que meus companheiros acreditam e vamos em frente.”(GAZETA DO POVO 23/03/1985 :17) declararia, por exemplo, o goleiro Rafael nesse momento. E quando ocorrem as vitórias coritibanas naquele momento, será comum os jornais destacarem o estado psicológico dos jogadores, mais ainda quando o adversário é um clube considerado de grande expressão. Nessa perspectiva, dirá a Tribuna após a vitória do clube sobre o Goiás no Serra Dourada: “...muita personalidade, jogando futebol coletivo (...) Edson saiu mas Vicente voltou bem, jogava solto, tranqüilo, descontraído (...) longe da torcida, time adquire mais personalidade.” (TRIBUNA DO PARANÁ 25/03/1985 :16).

Sem deixar de fazer críticas à equipe, destacava-se paralelamente na imprensa como um dos problemas para a falta de vitórias, questões de cunho psicológico, e desse modo passou a aventar-se nos jornais, inclusive, um “pacto” da equipe com a torcida, que fica bem exposto nesse trecho de uma crônica de Luiz Augusto Xavier:

A imprensa deu uma afrouxada em suas críticas e já não cobra tanto do comportamento da equipe. Pelo contrário: ainda pede a torcida que entenda e absorva o jogo feio como elemento indispensável a classificação (XAVIER, 02/04/1985 :7).

Assim, a torcida deveria apoiar o time nos jogos em casa, reconhecendo o seu “futebol feio”, embora com possibilidades de vitória. “Coxa Espera Contar Com A Ajuda Do Povão” (TRIBUNA DO PARANÁ 29/03/1985 :7) será uma das manchetes dos jornais às vésperas da partida contra o Internacional em casa (que a equipe empataria pelo placar de 0 a 0), entre outras que exprimiam essa ideia. Em *Placar* em uma das matérias de correspondentes, será também aludido esse pacto entre torcida e clube. Essas referências dão nos portanto ideia de que fora um acontecimento que demandou grande preocupação. Entretanto, com a permanência de resultados ruins a ideia de que havia falta de confiança da equipe vai perdendo paulatinamente espaço em favor de uma ideia nos jornais mesmo de falta de qualidade dos jogadores:

De qualquer forma, o jogo provou que o que falta ao time é capacidade para agredir o adversário e não existe exatamente um temor pela pressão da torcida. Mas como os próprios jogadores justificam, o que importa, nesta fase, não é ‘jogar bonito’, e sim somar pontos para garantir a classificação.(GAZETA DO POVO 01/04/1985 : 17)

Mesmo assim, persistiria evidenciado cada vez mais nos jornais, entretanto, que a havia uma diferença de postura da equipe nos jogos fora em relação aos jogos em seus domínios, pois a equipe continuava vencendo fora e não vencendo em casa. Finalmente o retorno iria chegando ao fim, e cada vez mais nos jornais crescia a idéia de um tabu coritibano da equipe só vencer fora, sobretudo motivado para o fato da equipe ter que vencer em seus domínios para efetivamente classificar-se às fases seguintes.

Assim, na partida final do retorno contra o Santos, quando a equipe precisava vencer (e vencerá) de qualquer maneira, ambos os jornais nos parecem evidenciar um forte ideia de “prova” para o clube, que tinha por base um sistema tático promovido por Ênio Andrade. “Vencer, Melhor Alternativa Do Coritiba” (GAZETA DO POVO 19/04/1985 :19) é a manchete que se vê em *Gazeta*, destacando que a equipe seria além de tentar ser mais ofensiva, buscaria ser mais vibrante nesta partida, enquanto que na *Tribuna* o título da matéria é: “Coritiba Só Tem Uma Alternativa: Vencer” (TRIBUNA DO PARANÁ 14/04/1985 :7)<sup>37</sup>.

<sup>37</sup> Neste jornal destaca-se ainda a “macumba” feita por Hélio Alves e o massagista Osvaldo Sarti: “O supervisor Hélio Alves e o massagista Osvaldo sarti uniram-se com incensos e arruda para despachar





FIGURA 10 – CAPA DE TRIBUNA  
 “CLASSIFICAÇÃO COXA”  
 FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ,  
 CURITIBA, 15/ABR. 1985

A vitória coritibana é muito comemorada nos jornais *Gazeta e Tribuna*. Ressalta-se tradicionalmente como mais uma “vitória do Paraná”. Admitia-se que fora uma classificação difícil e a equipe coritibana não estivesse muito bem em termos técnicos, e permanecerão ainda nesses veículos alusões sobre a necessidade do reforçar-se. Mas a conotação dada é que valia a pena continuar acreditando.

Por outro lado, um discurso evocando o sistema implementado por Ênio Andrade é cada vez mais recorrente, esse sistema já não será mais questionado mas sim tido cada vez mais como essencial para ascensão coritibana,

e mesmo como objeto de orgulho da equipe, e conseqüentemente do “Paraná”. Mesmo não correspondendo a elementos tradicionalmente ligados a uma *brasilidade* no futebol, mas a sua alteridade, o discurso dos jornais curitibanos passa a oferecer ressignificações a um imaginado *estilo* coritibano. Acompanhemos, por exemplo, a manchete de *Gazeta*, relatando a vitória do Coritiba sobre o Corinthians por 1 a 0, em que se destaca o *brilho* de um futebol bem aplicado e organizado: “Coxa: Um Show No Corinthians”(GAZETA DO POVO 08/07/1985 : 17).

Nos veículos do Paraná, tornando-se cada vez mais provável a classificação da equipe coritibana para as finais daquele campeonato, um “romantismo paranista” toma forma mais evidente então, e não mais de um “dilema”. Mais de uma torcida mais declaradamente aberta e que promovia uma ideia de prudência para o clube, já que em termos de recursos técnicos, prevalecia no discurso uma acepção de segurança e aceitação quanto ao modelo tático de Ênio Andrade:

ÊNIO QUER PRUDÊNCIA NA PARTIDA DECISIVA. O técnico Ênio Andrade novamente se preocupa com o lado psicológico porque o elenco

---

contra o Santos, numa espécie de terreiro de Umbanda jamais visto no Alto da Glória.”(TRIBUNA DO PARANÁ 14/04/1985 :7).

mostrou muita empolgação com o resultado conquistado em Joinvile, já que na realidade a previsão era a de empatar (TRIBUNA DO PARANÁ 19/07/1985 :7).

Verifique-se por exemplo como *Tribuna* clamava ao seu público a torcer pelo *Paraná* nas finais daquele torneio, e que o clube continuasse “firme” em sua luta, já que restava apenas mais uma “paulada”:



FIGURA 11 – CAPA DE *TRIBUNA* “A TRIBUNA DÁ A BANDEIRA DO COXA”  
 FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ, CURITIBA, 15/ABR. 1985

E como se vê de forma mais clara ainda na reportagem de *Gazeta*, nesse mesmo momento:

CORITIBA CAMPEÃO? ÊNIO TEM CONFIANÇA. Contra o negativismo de uns e o modesto conceito que ainda se faz do futebol do Paraná, o time do Coritiba está chegando com muita personalidade e não será novidade alguma se vier a decidir o título nacional deste ano, garantindo por extensão a sua participação pela primeira vez em sua história na Taça Libertadores da América. E tudo graças ao trabalho excepcional que um homem vem realizando à frente de um elenco considerado modesto, organizando com bastante dificuldade em função das condições financeiras do clube, que não eram boas, e moldando em perfeita compatibilidade com um futebol reconhecidamente inflacionado (GAZETA DO POVO 20/07/1985 :17).



FIGURA 12 – MATÉRIA EM *GAZETA* “CORITIBA CAMPEÃO? ÊNIO TEM CONFIANÇA”  
 FONTE: GAZETA DO POVO, CURITIBA, 20/JUL. 1985

Nelson Rodrigues destacou-se, entre outros termos, pela ideia de “complexo de vira-latas”, que remeteria de uma forma geral a uma fraqueza psicológica pelo jogador de futebol. Nesse sentido, poder-se-ia ter as percepções oferecidas na imprensa como percepções que tinha aquela equipe, e cada um dos seus jogadores como percepções sobre si? Conforme Toledo (2001:160), a identidade clubística se dá na interação entre profissionais e torcedores por intermédio da crônica e imprensa esportiva, logo pode-se ter estas reportagens como uma expressão muito próxima do que o clube e os jogadores faziam de si.

Mas esta discussão merece, ao nosso ver, mais algumas considerações. O fato dos discursos de *Placar*, da *Gazeta* e *Tribuna*, colocarem a equipe coritibana numa situação apriorística (velada ou não) de desigualdade técnica e disparidade psicológica, não remeteria necessariamente ao que vivenciavam aquelas pessoas, segundo Certeau. Para Certeau (1994:38), o qual se debruçou mais detidamente sobre a questão da identidade cultural envolvida com o consumo de produtos de mídia, veremos uma crítica a noção de que os veículos de mídia possam ser tomados como representativos das percepções do público (neste caso jogadores ou torcida). Para Certeau, este tipo de análise deve, antes de tudo, “exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados”. Nessa perspectiva, afirma:

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam (CERTEAU, 1994: 40).

Assim, Certeau nos diz que quando falamos em consumidores (portanto no público), precisamos necessariamente pensar à partir de três perspectivas: as representações oferecidas, os comportamentos do “público-alvo” na relação com essas representações, e finalmente, o que estes consumidores fabricam com estes “produtos”. Ou seja, estamos tratando como cultura - neste caso - não apenas o “alto-índice” de “audiência” de um texto midiático, mas sim o que “se faz” a partir deles, da seguinte forma:

Esta mutação torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado. Ela transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes, por um passante (...) Da mesma forma, os usuários dos códigos sociais os transformam em metáforas e elipses de suas caçadas (CERTEAU, 1994: 49).

Certeau alude, dessa forma, a questão da recepção no público, e coloca esta atitude como ponto principal da efetivação do discurso. Parece nos um posicionamento mais calado numa liberdade subjetivista que contraria a ideia de que os discursos e sentimentos dos indivíduos poderiam evidenciar-se por outras estruturas sociais, como a de fundo econômico, por exemplo. De qualquer modo, cumpre-nos citar como possibilidade de interpretação porque a questão das identidades fomenta extensos debates, e esta é uma leitura que tem muitos adeptos na academia.

Por outro lado, nossa percepção acerca da questão da recepção, vai mais no sentido oferecido por Kellner (2001:8-56), segundo o qual as representações veiculadas pelos grandes veículos de imprensa não podem ser tomadas – mesmo sendo reflexo do controle e dos interesses das classes proprietárias desses conglomerados - como expressão monolítica cultural. Mas, de todo modo, haveria a necessidade de vender, portanto refletem de algum modo “eco da vivência social”, reproduzindo assim conflitos e discursos sociais dessa mesma sociedade, uma *representação* incorporada à economia política dos grandes conglomerados midiáticos.

Sendo assim, é salutar discutir e aventar um “complexo de vira-latas” dos paranaenses pela falta de recursos financeiros, e isto como motivador para maus resultados? E posteriormente uma superação do complexo através do modelo tático de Ênio Andrade?

Difícil responder a questão de forma definitiva nestes termos. Entretanto, não se pode subtrair a importância dos aspectos emocionais no desporto, aliás a emotividade é um dos elementos principais que se funda o jogo.

Para além de um possível entendimento “romanceado” da questão, é patente o ganho cada vez maior de destaque no âmbito esportivo atualmente, por exemplo, da busca de um entendimento científico sobre o fator emocional: sobre o fato da moral, a auto estima de uma determinada equipe ou atleta, influenciar diretamente na sua performance esportiva e no resultado final da disputa. E há uma série de estudos acadêmicos reiterando ligações diretas entre performance esportiva e estados psicológicos, ganhando cada vez mais espaço no próprio campo esportivo, profissionais da área da psicologia. Nessa linha nos diz Fleury:

...pesquisas e experimentos sugerem que a separação entre mente e corpo, há muito aceita pela filosofia ocidental, é, na verdade, ilusória. Esses estudos fazem parte de um novo movimento da medicina mente/corpo, uma abordagem que vê como a mente – pensamentos e emoções – influencia

diretamente nossa estrutura física e se reflete novamente em nossos comportamentos e reações. (FLEURY, 1998: 103)

Nesta perspectiva, citamos, à guisa de exemplo, a linha cognitivista (RUBIO, 2001; FLEURY, 1998) a qual teria ganho destaque nesse campo de estudos que associa a frequência de imagens mentais positivas a melhores rendimentos esportivos, e que é bem sintetizada no excerto abaixo por Brunoro & Afif:

...se nos últimos jogos vivemos uma experiência ruim, pensamentos negativos podem afetar nosso controle muscular e “contaminar” nossa expectativa quanto ao próximo jogo. Isso acontece no nível neurofisiológico, ou seja, a mente acaba enviando ao corpo mensagens elétricas de tensão, ansiedade e medo (...) Os estudos mostram que existe uma relação neurofisiológica (mente/corpo) direta entre a experiência artificial-imaginada e o desempenho real. Quando uma pessoa se imagina firmemente desempenhando determinada tarefa, como chutando e fazendo um gol pequenas quantidades de atividade neural podem ser medidas por todo o corpo. Em outras palavras, imaginando-se com determinação uma situação específica, pode-se criar marcas neurológicas, como se o atleta estivesse vivendo realmente aquela experiência. (BRUNORO & AFIF, 1997: 110)

De fato há portanto uma relação muito concreta entre os aspectos emocionais e rendimento esportivo<sup>38</sup>, e isso com certeza acontecia no campeonato brasileiro e durante a fase de dificuldades da equipe coritibana. Entretanto, persistiria a dúvida se este era um problema central e identitário para o rendimento daquela equipe, ou periférico mais em termos de causa e consequência. Se atentarmos que houve um novo projeto com a chegada de Ênio, e que foi de fato encampado pelos jogadores, e ainda que entre a sua evocação na imprensa ao fim do torneio houve um “dilema” na mídia local, podemos pensar de certa forma que sim.

---

<sup>38</sup> Um outro fator ofereceria um viés psicológico à conquista coritibana de 1985, e que não podemos, por fim, abrir mão de referenciar, foi o fato do clube do Alto da Glória ter começado a utilizar a camiseta com listras verdes na vertical nas fases finais do campeonato, com objetivo de ter um melhor rendimento nestas partidas. A alusão se dá sobretudo na mídia do Paraná, e ao que tudo indica ocorreu mesmo. Este uniforme foi preferido ao invés do uniforme tradicional considerado principal, cuja camisa tem duas listras na horizontal na altura do peito. O uso daquele uniforme, que leva a alcunha de *jogadeira* entre os torcedores coritibanos atualmente, seria considerado um meio de “desequilibrar” emocionalmente os adversários neste momento: “GOLPE PSICOLÓGICO. Como já fez com o Atlético MG, que foi obrigado a jogar com a camisa branca, o Coritiba entrará amanhã em campo com o seu uniforme número dois, ou seja, o de listras verticais verdes. Com isto, o Bangu também terá que jogar com o segundo uniforme, o que psicologicamente sempre tem a sua influência. Os mineiros já comentaram o assunto que o Atlético sentiu o fato de atuar com a sua tradicional camisa alvinegra. Agora chegou a vez de Bangu jogar com a camisa toda branca.”(TRIBUNA DO PARANÁ 30/07/1985 :7) Não temos referências sobre o uso desta camisa com motivações psicológicas antes deste relato. Porém, veremos que o clube utilizará a camisa na maioria das vitórias, inclusive na final do campeonato. No total, o clube jogou oito vezes com a jogadeira, vencendo cinco deles (quatro em casa), empatando dois(foras) e perdendo apenas um(casa). Marcou com ela 12 dos 31 pontos que conquistou naquele campeonato, com o aproveitamento de 75% em relação aos 45% que obteve com a outra camisa. É fato portanto, com a jogadeira (naquele ano e naquele campeonato) o Coritiba rendeu muito mais.

Isto posto, de uma forma geral, temos portanto que a linha que transitaram as matérias acerca do Campeonato Brasileiro de Futebol de 1985, não se deram sempre num sentido bem definido, mas por determinadas ideias gerais norteadoras. Evidenciavam escolhas, nas linhas editoriais, de alguns elementos que poderiam, conforme a ocasião, ter prioridade sobre outros, embora entre as variáveis figurassem de forma destacada os ditames comerciais do veículo mas sobretudo sua acepção de cunho político-ideológica e ligado sempre a configuração regional e esportiva. Sendo assim, conforme já exposto anteriormente, desenvolveremos adiante algumas percepções oferecidas pela imprensa naquele período que acima apresentamos, tendo como foco central as condicionantes para a conquista coritibana.

### 3. Construção da fórmula e trajetória do torneio em *Placar*: do engajamento por um “futebol brasileiro” à formatação de um “campeonato esdrúxulo”

Para o ano de 1985, aconteceram sérias contendas para se decidir que clubes participariam e qual seria o formato da fórmula de disputa do campeonato nacional daquele ano. Inicialmente, segundo *Placar*, haveria um espírito entre os grandes clubes e clubes de expressão de realizar-se um “bom” campeonato, e a proposta primeira aventada seria a de reunir a partir de um ranking que incorporava resultados dos clubes desde o ano de 1971, as vinte e seis melhores equipes de futebol do país, jogando em turno e retorno, para então chegar-se a um campeão (o que tivesse melhor aproveitamento). Esse posicionamento, em evidência, aparecia como um dos reflexos do campeonato de 1984, o qual teria marcado nos círculos futebolísticos brasileiros uma espécie de “gota d’água” sobre a “má administração” do futebol pátrio, segundo a revista *Placar*. Aliás, *Placar* recorrentemente criticará ao longo desse ano o Campeonato Brasileiro de 1984:

Porque é impossível levar a termo um bom trabalho com um festival como este que se chama Copa Brasil. Um torneio que não privilegiava os melhores e sim as circunstâncias, uma competição que o torcedor só entende se tiver um computador ao seu lado (PLACAR, ABR/1984: 3).

Sobre o campeonato de 1984, afirmava *Placar* na figura do seu editor chefe Juca Kfoury, que as baixas rendas e o baixo nível técnico do campeonato nacional daquele ano teriam levado o presidente Giulite Coutinho a fazer uma promessa: “ano que vem, ele garante, o número de clubes será sensivelmente diminuído” (PLACAR, MAR/1984:3).

Embora filtrados pelo olhar da revista, tais narrativas de acontecimentos nos parecem dentro de uma coerência histórica. A percepção de uma “crise” no futebol brasileiro, durante a década de 1980 conforme relatam outros estudos acadêmicos, realmente aconteciam. É claro que não se pode acreditar simplesmente nas afirmações de *Placar*, mas a outra afirmação da revista também parece muito plausível, ou seja a de que havia uma vontade dos clubes de grande expressão para um enxugamento no torneio, o que vinha, na verdade, já desde fins da década de 1980.

A organização do campeonato brasileiro de futebol de 1985 com 44 clubes remontaria (dessa forma) anterior a 1984, porém o que deve ter ocorrido é que vários episódios reportados pela revista, e ocorridos no ano de 1984 provenientes da

configuração esportiva efervescente, tiveram influência mais direta nisso. Estes relatos parecem muito prováveis, e se inseriam em um movimento mais amplo que se dava naquele momento, nas sociedades e no futebol brasileiro e mundial.

Conforme *Placar*, os agentes de destaque envolvidos sobre a organização do campeonato de 1985 eram a CBF, as federações regionais e os chamados grandes clubes do futebol brasileiro, estes últimos que almejavam claramente mais autonomia frente a essas entidades. Essa informações paracem bem coerentes, embora ocorra uma certa idealização de que os grandes clubes almejassem e representassem em conjunto uma autonomia política para si. O posicionamento e a crítica abertamente tomada pela revista sobre essa questão, era a de que se apenas 20 clubes (ou menos) detinham uma repercussão considerada nacional, não poderiam ficar a mercê de uma “ditadura dos pequenos”, e inúmeras outras formas de “clientelismo político” que essa situação promoveria (PLACAR, JAN/1985:4).

A figura 14, a seguir, é um episódio destacado positivamente pelo veículo, e provavelmente promovido com o apoio da própria revista conforme matéria apresentada (PLACAR, JUN/1984) retratando um encontro para organização do torneio, que dar-se-ia em junho de 1984, quando representantes de 24 clubes, 7 federações estaduais (entre elas as do RJ, SP e MG) e jornalistas<sup>39</sup> teriam se reunido no chamado *I Simpósio Brasileiro de Futebol*, realizado no Rio de Janeiro e organizado pelo Flamengo, ausentando-se os presidentes da Portuguesa de Desportos e Fluminense-RJ. Apesar de convidados, os presidentes do CND e da CBF não teriam comparecido, e teriam declarado só se reunir com os clubes na CBF e por intermédio das federações. CBF e CND teriam ainda incentivado o boicote ao encontro de 19 federações regionais.

---

<sup>39</sup>O ex-dirigente, então deputado, Márcio Braga e mais o árbitro José Roberto Wright também teriam comparecido ao encontro.



bes que participaram do Simpósio, o documento final alinha uma série de sugestões à CBF e diz claramente que elas são as suas "condições para a temporada de 1985".

Ou seja: ou a CBF organiza o campeonato que os grandes clubes querem ou promoverá um campeonato sem eles. Vai ser uma briga. Quem examinar a lista de ausentes do Simpósio verá que ela já começou. Além das ausências inexpli-

ram ao convite de George Helal, do Flamengo, estavam as poderosas entidades de São Paulo, Rio de Janeiro, do presidente Otávio Pinto Guimarães, e Minas Gerais.

E o próprio Dílson Guedes garante que, em 1985, haverá a redução para 26 clubes, no máximo, com base em critérios técnicos e financeiros dos últimos cinco anos. Os clubes querem uma lista que leve em conta o desempenho técnico

1. A CBF deve criar um Conselho Arbitral para, com os clubes, organizar cada competição, lutar por maior participação na renda da Loteria Esportiva e fortalecer o Departamento de Futebol Amador.

2. Acabar com o voto unitário, dando aos clubes uma participação equivalente à sua representatividade. Segundo a Pesquisa PLACAR/Gallup, os 26 clubes da Primeira Divisão representam 95% da torcida brasileira.

3. Passar o Campeonato Brasileiro para o segundo semestre, dando-lhe a condição definitiva de mais nobre competição do futebol.

4. Criar o acesso e o descenso, subindo quatro e descendo quatro clubes de cada uma das divisões, o que garantirá o interesse do torcedor durante todas as competições.

Parece, finalmente, que se inverte o velho conceito de Flávio Costa — "O futebol brasileiro só evolui do túnel para dentro do campo". Estão vindo dos tapetes macios onde pisam os cartolas os primeiros sinais de que, em breve, nosso futebol poderá mostrar em campo os herdeiros dos monstros sagrados que foram embora. E, mais importante, poderá enfrentar em cruzeiros a renitente concorrência das liras. □



Otávio, Helal e Márcio Braga: uma reunião bolcotada por Glullite

14

PLACAR 15/06/84

FIGURA 13 – I SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FUTEBOL NA REVISTA PLACAR  
 FONTE: REVISTA PLACAR, 09/JUN.1985

Nesta ocasião, teria decidido-se que este grupo exigiria junto à CBF um campeonato de futebol para o ano de 1985 limitado à 26 clubes, ou então não participariam do torneio organizado pela CBF. Houve, neste momento, também outros acordos, como a defesa de buscar uma representação dos clubes na CBF de acordo com sua representatividade popular.

Aqueles 26 clubes que disputariam o torneio adviriam de um ranking organizado pela agência *Sport Press*<sup>40</sup>, que pontuava o desempenho técnico dos clubes brasileiros desde 1971. Na mesma ocasião, segundo *Placar* (JUN, 1984: 4), estes clubes teriam organizado-se em uma entidade representativa de si, a qual denominaram Associação Brasileira de Clubes de Futebol (ABCF)<sup>41</sup>. Na sequência, o referido ranking de clubes da *Sport Press*, que consta na edição de junho de 1984 da revista:

<sup>40</sup> Placar declara discordar um pouco deste ranking, sobretudo pela inclusão do América-RJ.

<sup>41</sup> Além dessas medidas, aquele grupo teria combinado buscar um maior fatia da receita da loteria esportiva para os clubes, acabar com o voto unitário dando as clubes o seu peso de voto conforme sua repercussão social, criar um sistema de ascenso e descenso para esta primeira divisão, e passar o calendário da competição para o segundo semestre do ano.

TABELA 2 – RANKING DOS MELHORES CLUBES BRASILEIROS EM 1985

1º	Internacional	14º	Coritiba
2º	Grêmio	15º	América-RJ
3º	Flamengo	16º	Bahia
4º	Vasco	17º	Guarani
5º	Atlético	18º	Náutico
6º	São Paulo	19º	Goiás
7º	Corinthians	20º	Portuguesa
8º	Cruzeiro	21º	Sport
9º	Palmeiras	22º	Vitória
10º	Santos	23º	Operário
11º	Fluminense	24º	Ceará
12º	Botafogo	25º	Remo
13º	Santa Cruz	26º	Atlético-PR

FONTE: REVISTA PLACAR, 1984

Sobre a *Sport Press*, segundo Ribeiro (2007:213), tratava-se da “primeira agência de notícias esportivas” do Brasil, cujo proprietário seria o jornalista José Dias. Dias teria sido também escolhido para operar a Loteria Esportiva desde seus inícios, escolhendo os jogos que fariam parte dos concursos (RIBEIRO, 2007:213). O que nos chama atenção aqui, é o fato desta agência estar ainda em funcionamento e em evidência, haja vista que anos antes a própria *Placar* denunciava “esquemas” na Loteria Esportiva (PLACAR, OUT/1982) cujo responsável, como foi dito, seria Dias, mas não há alusões sobre isso, naquele momento, na revista.

São acontecimentos que provavelmente ocorreram, e que são claramente reportados com um caráter positivo pela revista. Consideramos tais acontecimentos, marcantes para o início dos tensionamentos envolvendo o planejamento do torneio, e num plano mais geral, sobre a própria incorporação de sentidos sobre o que seria a “essência” do futebol nacional naquele momento. Nesse sentido, considere-se por exemplo a denominação geral autorreferida dos clubes que organizaram este encontro como uma “associação brasileira”, posicionamento que foi não apenas endossado pela revista, mas promovido, defendido como atitude para a própria “salvação do futebol brasileiro” como se vê a seguir:

...daí ganhar em importância a histórica decisão dos principais clubes brasileiros no I Simpósio Brasileiro de Futebol, realizado na semana passada no Rio de Janeiro. Ao impor à CBF o número de 26 equipes para o próximo Campeonato Brasileiro, provavelmente em turno e retorno e pontos corridos, os clubes reunidos no Simpósio dão o passo fundamental para que, num futuro próximo, possam evitar o êxodo dos melhores jogadores brasileiros para o exterior, organizando um campeonato rentável e permitindo que voltemos a formar uma seleção vencedora (KFOURI, JUN/1984: 3).

A reunião promovida pelo Flamengo também revela um posicionamento dos clubes que seria impensável anos antes, durante o regime autoritário, e ao mesmo tempo um protagonismo político mais declarado e ativo deles, mas não que isso significasse simplesmente um sentido positivo de experiência da *redemocratização* – aliás, o campeonato paulatinamente viria a enxugar. É preciso considerar outros fatores, como por exemplo a forte crise econômica vivida pelo país e a concorrência naquele momento com o futebol de clubes europeus, sobretudo italianos.

Por outro lado, a CBF e a CND quando recusam-se a ir ao encontro e convocam as federações regionais para procederem de modo igual, reiterando seus valores como representante dos clubes, reforçam os seus interesses por meio dos laços burocráticos assentados então no voto unitário entre os clubes brasileiros com estas federações, e automaticamente, destas federações para com a CBF como arena central para a discussão e representação do futebol brasileiro. Não nos parece possível ver nisso, também, apenas um sentido negativo, de autoritarismo e do “braço” do governo do desporto. É preciso considerar a dinâmica de vários interesses que se entrelaçam por intermédio da estrutura, para além de uma simples dicotomia. O apoio das federações regionais de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro ao evento, e também as ausências de Fluminense e Portuguesa, desfaz assim a simples percepção de dois blocos de poder na disputa por modelos antagônicos para disputa de um torneio: havia fissuras entre os próprios membros.

Em agosto de 1984 ocorreria uma reviravolta. *Placar* relatou que a CBF, através de seu presidente Giulitte Coutinho, tornava pública uma proposta de um campeonato brasileiro de futebol para 1985 com apenas 20 clubes, divididos em 2 grupos, com turno e retorno, seguindo aquele mesmo ranking da *Sport Press*. Nesta matéria, há uma declaração de Coutinho destacada na revista que expressa sua decisão nos termos de “... meu último serviço em prol do futebol brasileiro”. Mais uma vez a reorganização e enxugamento o campeonato vinha apoiada em justificativa de cunho nacional, mas neste momento o discurso seria encampado pela CBF.

Não descartamos, também, ser a atitude de Coutinho mais de autopromoção pessoal do que efetivo engajamento com um projeto de enxugamento do torneio o que, de qualquer forma, agiria em detrimento de uma possível autopromoção política de Giulitte por intermédio da CBF e da burocracia do futebol brasileiro. Giulitte deixaria o cargo da instituição no ano seguinte, portanto é possível que suas ações de então não estivessem mais pautando-se por dividendos políticos para uma reeleição, e sendo assim

realmente estivessem mais focadas num ideal do que era defendido como o “bem do futebol brasileiro”. Mas é improvável que desconhecesse que sua atitude provocaria uma reação do resto dos clubes, grandes e pequenos, e que não seria possível promover um campeonato apenas a partir da sua decisão executiva.

De qualquer modo *Placar* (AGO, 1984) considerou esta proposta ainda melhor do que a apresentada pela ABCF o que enfim, nos parece, que a sua defesa em prol de um campeonato nacional mais enxuto se dava mais por objetivos comerciais para o torneio do que por um efetivo princípio de “autonomia” e “independência” dos clubes, já que nesta situação os clubes legitimavam e permaneceriam atrelados ao poder decisório da confederação. Abaixo a tabela apresentada pela CBF:

TABELA 3 – TABELA APRESENTADA PELA CBF PARA REALIZAÇÃO DA TAÇA DE OURO EM 1985

<b>Grupo A</b>	<b>Grupo B</b>
Flamengo	Vasco
Fluminense	Corinthians
Grêmio	Internacional
Atlético	Cruzeiro
Palmeiras	São Paulo
América-RJ	Botafogo
Guarani	Santos
Portuguesa	Coritiba
Bahia	Náutico
Goiás	Santa Cruz

FONTE: PLACAR, 1984

Esse campeonato, proposto pela CBF, seria disputado aos domingos, paralelamente aos campeonatos regionais. Haveria “segunda divisão”, das quais viriam dois clubes que em conjunto com seis clubes melhores pontuados na Taça de Ouro, fariam as finais do torneio em 1985. Entretanto, tal proposta não agradaria em nada a maioria dos clubes e federações (PLACAR, AGO/1984), e haveria uma reunião da CBF com os clubes para uma possível modificação do modelo.

Antes de findo o mês, *Placar* reporta o que considera uma “reação oportuna” das federações regionais. Estas teriam aproveitado-se do que a revista chama de “destempero” e “reação emocional” dos “grandes clubes” diante da proposta apresentada pela CBF, promoveriam um reordenamento de forças pela qual voltavam a reafirmar à CBF o posicionamento de um campeonato com 40 clubes para o ano de 1985. Neste momento, fica claro um posicionamento de crítica da revista aos “grandes

clubes” em não saber exercer sua força política de forma ordenada e dinâmica, mas não nos parece que a correlação de forças permitisse um posicionamento tão pronunciado, conforme acompanhamos o desenrolar:

Instalado uma polêmica recheada de lances infantis, as federações entraram no vácuo e agora apresentam um plano que não muda nada, ao contrário, reforça a tese suicida de 40 clubes participando de nosso mais importante torneio (KFOURI, AGO/1984: 3)

Em setembro, a revista reporta que a ABCF tornava pública a sua posição de que se não houvesse um campeonato com 26 clubes organizado pela CBF, dele não participaria. Havelange, então presidente da FIFA, já havia concedido uma entrevista à revista dias antes, na qual afirma que os clubes deveriam negociar com as federações e com a CBF, e que não acreditava que eles realmente se insurgissem contra a CBF. Havelange aconselharia inclusive para os clubes da ABCF que o melhor seria “engolir” os 40 clubes e voltar a negociar em 1986.

Para *Placar*, a ABCF não aceitaria e nem deveria aceitar o “conselho” de Havelange:

Quem impedirá que os grandes organizem um verdadeiro Campeonato Brasileiro? Basta lembrar que boa parte de nossos maiores clubes tem estádios próprios e nenhum governante sensato vetará estádio como o Maracanã, Mineirão e Pacaembu às grandes massas de seus Estados. Ou o governador Leonel Brizola enfrentará uma briga tão antipática contra os interesses do Flamengo, Botafogo e Fluminense? Ou o prefeito Mário Covas virará as costas para o seu Santos ou para o Corinthians? Ou o governador Hélio Garcia deixará seu Atlético e o Cruzeiro na mão? Basta. É hora de virar o jogo (PLACAR, AGO/1984: 3).

A defesa de *Placar*, neste momento, evidencia assim um posicionamento que incorporava a combinação de uma cultura política democrática, que estava então em evidência no país, com um sentido desenvolvimentista, para o que considera futebol nacional. O ponto fundamental, nessa combinação, é o fato das torcidas dos grandes clubes representarem um ponto de apoio para uma defesa “popular”, haja vista que seriam as maiores do país. Dessa forma, deveriam ter seus anseios privilegiados, ou seja, dever-se-ia privilegiar o desenvolvimento dos grandes clubes porque, dessa forma, estaria-se promovendo o “bem comum”. Mas ao mesmo tempo, o posicionamento da revista serve também para justificar um elitismo na composição dos clubes no campeonato, que visto desligado daquele “sentido popular”, apoia-se aqui sobre premissas financeiras e resultados esportivos. É essa intrincada construção ideológica que embasa a defesa da revista e de Juca Kfourri por uma orientação política liberal que

deveria tomar o futebol no país, sobre a rubrica de “futebol brasileiro”. Posição esta que se torna emblemática no excerto a seguir, quando Kfourri, estaria criticando, em uma de suas crônicas, um dirigente de federação regional do futebol por defender o campeonato nacional com 40 clubes, momento em que nas reuniões o embate entre as fórmulas do campeonato de ABCF e Federações regionais, cujo modelo deveria ser com 40 clubes, atingia um impasse:

O senhor Pedro parece desconhecer que o Brasil foi tricampeão mundial exatamente na época em que o futebol se limitava ao eixo Rio-São Paulo ou, como em 1970, estava ampliado tão somente com os gaúchos, paranaenses, mineiros, pernambucanos e baianos, ou seja, a nata dos times brasileiros. De lá para cá, como é fácil constatar, a Seleção não ganhou mais nada e foi nesse período que inventou-se integrar o país pelo futebol (KFOURI, SET/1985:3).

Não se pode deixar de lado também o provável fato de que era entre este mesmo contingente *torcedor* regionalizado que figurava o núcleo do público consumidor de *Placar*. Isso não restringiria o teor ético da militância política da revista unicamente aos seus interesses e estratégia comercial, como se seus editores não se envolvessem com a causa que propunham para além de um sentido profissional e motivações comerciais, mas certamente é fator que encaixa muito bem e influencia sobremaneira o seu posicionamento ideológico conforme já constatado.

Esta acepção de *democracia* no futebol oferecida pela revista, cuja base é o contingente *torcedor*, nos permite fazer um paralelo mais aprofundado sobre o próprio processo histórico da inserção e representação política das massas urbanas ao longo do século XX no país, sobretudo com o momento político vivenciado no Brasil naquele momento.

O aludido processo de *redemocratização* por que o país passava naquele momento remeteria a um processo de transição política de um modelo político autoritário – instaurado em 1964 com um golpe militar – para um modelo político de *democracia* representativa. Nesse processo a política econômica figuraria dissociada do jogo político (DINIZ & BOSCHI, 1989), e é exatamente esse o ponto que nos remete a uma possível semelhança política entre o contingente *torcedor* de *Placar*, e a *democracia formal* brasileira (LESSA, 1989). Não se trata de retomar uma simples leitura do esporte como espaço de alienação política, de denunciar uma possível “anti-democracia” do desporto, ou de oferecer um sentido negativo ao projeto de *Placar*. Mas sim, de perceber como esta construção se dá de forma que privilegia uma estrutura econômica no

desporto autônoma às suas ligações sociais, e que dará vazão a manutenção de uma elite gestora do desporto.

Nessa perspectiva, se remontarmos a história da *torcida* de futebol no Brasil, veremos que esta nunca constituiu um grupo efetivamente de poder nos núcleos decisórios dos clubes, nos quadros administrativos, ou mesmo nas arenas políticas sobre o esporte no Brasil. Percebe-se, é claro, focos pontuais de aglutinação política como por exemplo o caso da chamada *democracia corinthiana*, ou ainda, conforme relata Hollanda (2009:52) através da criação em 1981 de uma associação para representar as torcidas organizadas dos clubes cariocas (Astorj) e que promoveu greves pela diminuição do preço dos ingressos nas arquibancadas no Rio de Janeiro. Entretanto, tais acontecimentos não superam a experiência histórica do *torcedor* brasileiro (e não apenas dele) cuja ligação com o clube se dá sobretudo no âmbito emocional e de cunho romântico.

Logo, de forma parecida como o que ocorria na arena política mais geral, as massas urbanas vistas sob a forma abrangente de *torcedor* são incorporadas por *Placar* num projeto político, mas de maneira periférica ao núcleo decisório e econômico do desporto, sem por exemplo questionar e considerar o papel e, além disso, o que seria o *torcedor* de uma forma mais profunda.

Prosseguindo na análise da construção da fórmula de disputa do campeonato de 1985, *Placar* relata que devido ao embate entre ABCF e as federações regionais sobre a fórmula de disputa, formar-se-ia uma comissão para a discussão da Taça Brasil reunindo um representante dos clubes, ao lado da direção da CBF, de um representante das federações regionais e de um parlamentar em nome da Comissão de Esportes e Turismo da Câmara Federal, embora legalmente qualquer acordo tivesse que contar ainda com a anuência normatizadora da assembleia geral da CBF, composta apenas pelas federações. Novamente, não parecem informações incoerentes, e de uma forma mais geral deveriam corresponder a tais acontecimentos mesmo na figuração político esportiva.

Nesse momento, a revista aventava a possibilidade da Taça de Ouro de 1985 ser disputada em dois níveis, sem deixar de privilegiar o lado financeiro dos “grandes clubes” promovendo embates destes entre si: “agrupando-se os grandes de um lado, e os outros de outro” (PLACAR, SET/1984: 3). Ao que tudo indica nos parece que foi essa

proposta que acabou se concretizando<sup>42</sup>, através da qual “agradava-se gregos e troianos”. Para *Placar*, entretanto, não seria ainda um formato ideal o capitaneado pela CBF, conforme a própria evidencia numa leitura sobre os inícios daquele torneio:

Nunca o Campeonato Brasileiro começou tão bem. Os 20 clubes que somaram mais pontos em 14 anos de competição estarão divididos em dois grupos de dez, garantindo a realização de dez bons jogos por rodada, dos quais pelo menos três serão grandes clássicos do futebol brasileiro (...) a CBF armou um campeonato que começa excepcionalmente bem, mas caminha para um inexorável anticlímax (...) Os grupos C e D são resquícios do apadrinhamento político que dominou o Campeonato Brasileiro nos tempos do chamado “milagre” e continua sendo exercido pelos cartolas atuais da CBF (...) A primeira fase isola os grandes dos pequenos, embora tenha as suas esquisitices (...) Os vencedores fazem a final e, como este é mesmo um campeonato de esquisitices, o campeão brasileiro sairá num único jogo (*PLACAR* 25/01/1985: 4).

Como resultante dos embates descritos, os clubes para a disputa do Campeonato Brasileiro de Futebol de 1985 e a fórmula efetiva adotada, reuniram quarenta e quatro equipes do país em quatro grupos. As vinte melhores equipes do país, segundo o ranking *Sport Press*/CBF (apresentado anteriormente), figurariam nos chamados grupos A e B, da seguinte forma:

TABELA 4 – GRUPOS A E B DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985

<b>Grupo A</b>	<b>Grupo B</b>
América-RJ	Bahia
Atlético Mineiro	Cruzeiro
Botafogo	Flamengo
Corinthians	Goiás
<b>Coritiba</b>	Internacional
Fluminense	Náutico
Grêmio	Portuguesa
Guarani	Santos
Palmeiras	São Paulo
Santa Cruz	Vasco da Gama

FONTE: REVISTA PLACAR, 1985

Já as outras equipes, formariam os grupos C e D. Destes grupos fariam parte o campeão e o vice da “Taça de Prata” (espécie de segunda divisão da época) do ano

<sup>42</sup>À partir do jornal *Tribuna do Paraná*, veremos que nos finais de 1984 – já às vésperas da disputa - a fórmula final decidida para o campeonato permanecia ainda objeto de discussões. Numa reportagem neste jornal, relata-se o encontro que iria ocorrer entre o presidente do Fluminense e o presidente Figueiredo para que houvesse mudança na fórmula do campeonato: “Ele [presidente do fluminense] prevê grandes prejuízos, caso a Taça de Ouro seja disputada nos moldes em que foi aprovada e caso se mantenha a paralisação de 45 dias” ( *TRIBUNA DO PARANÁ* 20/11/1984: 9 ). Já no ano seguinte uma das matérias no jornal, relatando a gestão do campeonato pela CBF, será “Taça De Ouro: A Bagunça é Geral” ( *TRIBUNA DO PARANÁ* 16/01/1985 : 8 ). Essas reportagens nos levam a acreditar que a além de não haver consenso sobre a fórmula, havia percepção disseminada nos veículos de imprensa de que se desenrolava de fato uma má organização para o torneio.



anterior (que foram Remo e Uberlândia), mais 22 clubes de 22 estados brasileiros (os melhores classificados nos campeonatos estaduais)<sup>43</sup>:

TABELA 5 – GRUPOS C E D DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985

<b>Grupo C</b>	<b>Grupo D</b>
ABC	Bangu
Botafogo-PB	Brasil de Pelotas
Ceará	Brasília
CSA	Corumbaense
Flamengo-PI	Desportiva
Mixto	Joinville
Nacional	Leônico
Paysandu	Pinheiros
Remo	Ponte Preta
Sampaio Corrêa	Uberlândia
Sergipe	Vila Nova-GO
Sport	Villa Nova-MG

FONTE: REVISTA PLACAR, 1985

Segundo as nossas fontes, ao que tudo indica, essas tabelas foram divulgadas apenas um mês antes do campeonato, situação que levaria *Placar* reclamar do atraso na divulgação porque impediria os clubes de organizarem-se.

Na primeira fase do torneio, os clubes dos grupo A enfrentariam os clubes do grupo B, em dois turnos (valendo a regra de que clubes não jogassem com clubes do mesmo grupo). Já os clubes do grupo C e D jogariam em turno e retorno, só que no interior do grupo, entre si. Passariam para as fases seguintes quatro clubes de cada grupo (A, B, C e D) seguindo o critério de que os campeões do turno e/ou do retorno da primeira fase teriam vaga garantida para a fase seguinte, independente do somatório de pontos. As outras vagas seriam preenchidas pelos melhores classificados no turno e retorno. Também por este regulamento as vitórias da equipe representavam 2 (dois) pontos ganhos na tabela, enquanto que o empate representava 1(um) ponto.

Ao final deste primeiro turno o Coritiba somou apenas 7 pontos (ficando em 8º lugar em seu grupo), mas foi campeão do retorno e por isso se classificou (situação correlata à do Flamengo, mas este foi campeão do turno, e fez “má campanha” no retorno). Após o retorno os classificados para a fase seguinte, foram os seguintes clubes (segundo soma de pontos de turno e retorno):

<sup>43</sup> Isso explica o fato de Pinheiros e Colorado (seletiva) figurarem na Taça de Ouro, enquanto que Atlético-PR (melhor colocado no ranking do que eles, na 26ª posição) não disputou o torneio. Pinheiros foi campeão paranaense de 1984 e Colorado, o então chamado “sele-boca”, ficou em 3º lugar atrás do Coritiba, sendo este convidado por figurar, como se viu, em 10º no ranking dos clubes.

TABELA 6 – CLUBES CLASSIFICADOS PARA A 2ª DASE DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985

<b>Grupo A</b>	<b>Grupo B</b>	<b>Grupo C</b>	<b>Grupo D</b>
Atlético-MG	Bahia	Sport	Bangu
Corinthians	Vasco da Gama	Ceará	Ponte Preta
Guarani	Flamengo	Mixto	Joinville
<b>Coritiba</b>	Internacional	CSA	Brasil de Pelotas

FONTE: REVISTA PLACAR, 1985

O campeonato foi paralisado neste momento, entre a metade de abril até inícios de julho, porque houve a disputa das eliminatórias para a copa do mundo de 1986 pela seleção brasileira de futebol.

Na segunda fase do campeonato, os 16 clubes foram divididos em quatro grupos (E, F, G e H), misturando-se os clubes melhores colocados dos grupos A e B com clubes dos grupos C e D, jogando agora em turno e retorno, classificando-se apenas os campeões das chaves, da seguinte forma:

TABELA 7 – GRUPOS DA 2ª FASE DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985

<b>Grupo E</b>	<b>Grupo F</b>	<b>Grupo G</b>	<b>Grupo H</b>
<b>Atlético-MG</b>	Bahia	Corinthians	<b>Bangu</b>
CSA	<b>Brasil de Pelotas</b>	<b>Coritiba</b>	Internacional
Guarani	Ceará	Joinville	Mixto
Ponte Preta 6	Flamengo	Sport	Vasco da Gama

FONTE: REVISTA PLACAR, 1985

Do quadrangular da segunda fase acima referido, classificar-se-iam (como campeões dos grupos) os clubes Atlético-MG, Brasil de Pelotas, Coritiba e Bangu. Nesta fase os clubes classificados cruzaram-se da seguinte forma em jogos de ida (24/07/1985) e volta (28/07/1985):

Coritiba 1 x 0 Atlético-MG (Curitiba)

Brasil de Pelotas 0 x 1 Bangu (Porto Alegre)

Atlético-MG 0 x 0 Coritiba (Belo Horizonte)

Bangu 3 x 1 Brasil de Pelotas (Rio de Janeiro)

Pela fórmula do campeonato, a final seria decidida em uma partida apenas, sendo o mandante o clube com melhor aproveitamento em todo o campeonato em termos de pontos, no caso, o Bangu. Esta partida terminou empatada em 1(um) gol no tempo normal, gol de Índio para o Coritiba e Lulinha para o Bangu.

O título, após persistir o empate ainda na prorrogação, deveria então ser decidida nos pênaltis. Em uma disputa acirrada, na madrugada de 1º de agosto, o Coritiba conquistou o campeonato brasileiro de 1985, convertendo todas as cinco cobranças mais a primeira das séries alternadas, enquanto que o Bangu convertera somente as cinco.

O que fica evidente, de uma forma geral, é que *Placar* considerou esta fórmula “esdrúxula” desde os inícios, embora essa aceção ficasse mais claramente acentuada quando houve a saída de clubes que freqüentemente tinham espaço destacado no veículo. A fórmula de 1985 não seria a primeira fórmula considerada ruim pelo veículo: *Placar* rememora em alguns momentos sobre as fórmulas de disputa anteriores, da década de 1970 e mesmo sobre a de 1984 com um sentido negativo. Segundo a percepção de Kfoury, editor chefe de *Placar*, além de anti-comercial e política, atrapalhava a premiação do *mérito técnico* no futebol brasileiro. Dessa forma, uma fala recorrente na revista é a de que a fórmula mais indicada para promover o bom desempenho técnico, seria a que se pautasse na disputa do campeonato por pontos corridos, em turno e retorno, com no máximo 20 clubes de elite.

O que fica claro, é que por trás de toda essa visão meritocrática do cronista, e do veículo, figura uma determinada associação política da revista e sobre a qual reside toda uma construção ética e ideológica que incorpora um conceito de Brasil, e isto se torna evidente, por exemplo, quando diz que isto não é o que se espera de um “verdadeiro campeonato brasileiro” (PLACAR, AGO/1984:3).

Mas afora isso, ainda sem mergulhar de forma mais detida nas especificidades da configuração de disputa, podemos considerar de forma mais profunda o porquê da hipótese e as bases da construção da fórmula de disputa “esdrúxula” como um dos fatores condicionantes da vitória coritibana, conforme oferece *Placar*. Sem adjetivá-la ou dar a ela um sentido positivo/negativo, mas porque permitiria um clube de *força técnica* não destacada obter êxito.

Primeiramente fica claro que para *Placar* *mérito técnico* remete a algo estático, inerente ao indivíduo e por consequência ao clube, quantificável e que poderia ser manipulável. Não considera o veículo, o *mérito técnico* como um fenômeno não totalmente apreensível, que embora cultivado em determinado grau estará sempre em modificação no indivíduo e dessa forma seria dinâmico: uma construção que seria singular de cada ocasião.

Nessa perspectiva, o que verificamos para o campeonato de 1985 é que houve na verdade uma mudança inédita das fórmulas que vinham sendo adotadas até então. A fórmula era inovadora, em relação as que vinham sido adotadas até então, pois isolava os chamados grandes clubes em confrontos entre si na primeira fase, o que só havia ocorrido no campeonato brasileiro de 1971.

Já na década de 1980, desde que Coutinho assumiu o comando da CBF, as fórmulas pautavam uma configuração de disputa invariavelmente de 40 clubes, sendo que nesta primeira edição (1980) os quatro da capital paulista e três da carioca teriam vaga garantida vez que seriam consideradas equipes fundadoras do torneio Rio-São Paulo, e as demais equipes deveriam advir de boas colocações nos campeonatos estaduais (campeão, e dependendo da importância da federação, até segundos, terceiros, quartos lugares, e assim por diante). Nos campeonatos seguintes, até 1984, os critérios baseavam sobretudo nas colocações dos estaduais, entretanto, Santos (1983) e Vasco (1984) seriam convidados por não obterem boas colocações.

Esses campeonatos tinham uma segunda fase em que mais da metade dos clubes da primeira fase classificavam-se para fase seguinte, 28 no total, e até 1984 (neste ano apenas 1 equipe) incorporavam ainda mais quatro equipes advindas da Taça de Prata (espécie de segunda divisão da época), totalizando 32 clubes para então em fases subsequentes definirem o campeão do torneio.

Em 1985 isso não ocorreu. Houve muitos tensionamentos, como vimos, para chegar-se a um modelo de disputa e, parcialmente, o campeonato idealizado por Kfourri aconteceu: nos grupos A e B, seguiu-se o ranking e realizou-se os tais “grandes jogos” em turno e retorno. Daí as críticas sobre o torneio aumentarem no seu desenrolar.

O que se verifica também é que, de fato, o somatório de pontos do Coritiba não o credenciaria para se classificar em uma disputa de pontos corridos<sup>44</sup> da primeira fase para a segunda fase no torneio, considerando apenas os grupos A e B, porque terminaria dois pontos atrás na classificação geral, sendo a linha de corte após o quarto colocado, conforme se vê abaixo:

---

<sup>44</sup> Por outro lado, considerando a mesma ideia, mas envolvendo todos os clubes de todos os grupos numa classificação geral de pontos corridos, a maioria dos clubes do grupo A e B não se classificariam entre os quatro primeiros, e mesmo entre os oito primeiros, a não ser que se decontasse 4 partidas que estes haviam feito a mais em relação a aqueles. Obviamente que se argumentaria que não daria para comparar os clubes das chaves A e B com os clubes da C e D naquele momento, mas a sequência do torneio novamente em chaves de turno e retorno, viria a destacar dois clubes da chave C e D para as semifinais.

TABELA 8 – CLASSIFICAÇÃO GERAL AO FIM DO TURNO DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985

1	Atlético Mineiro	25
2	Corinthians	23
3	Guarani	23
4	Fluminense	21
5	Grêmio	21
6	Botafogo	20
7	Coritiba	19
8	Palmeiras	18
9	America	13
#	Santa Cruz	11

FONTE: REVISTA PLACAR, 1985

Este não era o critério naquele torneio, que premiava com a classificação naquela fase o campeão de um dos turnos. Mas sob uma acepção *mérito técnico* “estático”, e o projeto da fórmula dos pontos corridos com turno e retorno, conforme se vê em *Placar*, o clube efetivamente não se classificaria e nem seria campeão, daí a falta de *mérito* na trajetória coritibana.

Por outro lado, não é essa acepção de *mérito* que veremos na imprensa de Curitiba. Ali valorizou-se que a equipe foi a que mais somou pontos a partir da segundo turno da primeira fase do torneio, numa recuperação considerada “surpreendente” pois teria vencido quatro jogos em sequência fora de casa e sendo campeão da sua chave considerada de elite, depois do quadrangular, e seguindo através das semifinais vencendo o Atlético-MG que estava 22 jogos invicto.

Nessa construção, tem-se uma ideia de *mérito técnico* como mais dinâmico, e que teria a ver com *recuperação* e *superação*, legitimando-se que a equipe coritibana desenvolveu *força* técnica destacada para vencer o torneio.

Cumpramos nos dizer que o campeonato de 1985 foi mais curto do que os precedentes, abrindo a possibilidade de confronto direto e decisivo entre as equipes consideradas de “menor expressão” (as dos grupos C e D) em condição de turno e retorno, com as “grandes” na segunda fase porque o campeonato não se desenrolava de forma inacabável naquele ano como vinha acontecendo – ao que acreditamos provavelmente também por causa do calendário e a disputa das eliminatórias pela seleção brasileira.

Houve, ainda, em 1985 menos equipes que nos campeonatos anteriores. Todas as equipes e grupos tiveram jogos de ida e volta (20 nos grupos de elite), e os quadrangulares foram também assim divididos. Talvez, o recesso daquele campeonato, e

o modelo do quadrangular da segunda fase em que há um confronto direto de equipes periféricas com os clubes do eixo “Rio-São Paulo”, tenham permitido aquelas equipes – devido ao elitismo da configuração esportiva serem em geral mais pobres, e por isso muito desestruturadas – mais tempo de treinos que aliado a promessa de grandes rendas tornaram essas equipes extremamente competitivas no torneio, embora essa não seja uma possibilidade aventada por nenhuma mídia que estudamos. Veja se, por exemplo, que o Flamengo de Zico perdeu uma partida para o Brasil de Pelotas e não conseguiu vencer seus dois confrontos com o Ceará no grupo em que era considerado favorito, disputando partidas de ida e volta. O Corinthians, nesta fase, venceria apenas o Coritiba, sendo derrotado as três vezes fora de casa. O Vasco só venceu uma partida contra o Mixto, nesta fase, em seu grupo, perdendo duas vezes para o Bangu (em casa e fora). E Atlético-MG, Coritiba e mesmo o Internacional-RS (desclassificado) enfrentaram dificuldades contra as chamadas equipes “menores”.

#### 4. A preparação dos clubes para o torneio na revista *Placar*: favoritismo e projeção de forças entre os clubes de acordo com a força econômica e simbólica do clube

Nos inícios de 1985, às vésperas do começo do Campeonato Brasileiro, a revista *Placar* começaria a trazer mais informações sobre a preparação dos clubes para a disputa. Devido a divulgação de “última hora” da tabela do torneio pela CBF, a revista alega, nesse momento, que há uma dificuldade dos clubes se planejarem para a disputa, apontando como exceção o Fluminense, campeão do torneio em 1984, e visto como símbolo de planejamento “como vem fazendo há dois anos, já tinha o time escalado na boca de qualquer torcedor” (PLACAR, JAN/1985:6).

Entre as projeções da revista sobre os clubes, o destaque maior era dado para o Corinthians-SP, que estaria montando um time frequentemente chamado pelo veículo de “seleção corinthiana”. O financiamento para montagem daquele time corinthiano dar-se-ia através do dinheiro obtido com a venda do jogador Sócrates ao futebol italiano no ano anterior, valor calculado em cerca de Cr\$ 10 bilhões. “Sem nunca ter chegado além de



FIGURA 14 – CAPA DE *PLACAR* “DE LEÓN”  
 FONTE: *PLACAR*, SÃO PAULO, 18/JAN. 1985

um vice-campeonato nacional (1976) o Corinthians entra na Taça de Ouro de 1985 como um dos favoritos”<sup>45</sup> declarava a revista naquele momento.

Assim, o veículo estampará na sua capa, em meados de janeiro, a compra do jogador Hugo De León do Grêmio, pelo valor de Cr\$ 1,725 bilhões, sendo Cr\$ 800 mil em dinheiro, e a diferença através da cessão de passes de outros jogadores.

Além de De León, o clube haveria reforçado-se com a contratação dos jogadores Dunga, destacado como líder da seleção brasileira de juniores, e Serginho Chulapa, que seria artilheiro no Santos. Casagrande voltaria de empréstimo ao São Paulo, e o técnico seria Jair Picerni. Há, também, uma euforia entre dirigentes do clube nesse momento reportada pela revista:

<sup>45</sup> *PLACAR*, 25/01/1985.

“Podemos esquecer os bichos de empate” afirma o confiante Adilson, disposto a ganhar o Campeonato Brasileiro, conquistar a Taça Libertadores e buscar o título mundial interclubes em Tóquio em 1986 “Repara, são quase só jogadores ganhadores”, diz. “São cavalos de raça”, compara Gikovate, afirmando que não entenderá mais nada se Corinthians não for campeão brasileiro (PLACAR JAN/1985:10).

Essa euforia é de certa forma também encampada pela própria revista, na edição especial que apresenta os clubes para a *Taça de Ouro*: “No Papel, Uma Seleção. Com pelo menos 11 craques (há dois reservas de luxo), a intenção é partir do título para o Mundial Interclubes”.<sup>46</sup>

Além de Corinthians-SP, as equipes do Flamengo e o próprio Fluminense-RJ, serão destacadas nesta edição como potenciais favoritas para a conquista do certame.

A manchete do Fluminense era a seguinte: “Luta Contra O Sonho. É a chance dos adversários: o grande favorito está sonhando com a Libertadores e o Mundial”<sup>47</sup>. Dessa forma o “favoritismo” do Fluminense no torneio era apresentado como que talvez obscurecido pelo fato de ter que concentrar-se em outra competição que jogaria: a Taça Libertadores da América. Mesmo assim, entraria “com o mesmo elenco que vem ganhando tudo o que disputa nos dois últimos anos”<sup>48</sup>. No tricolor carioca são destacados como craques Romerito, Ricardo Gomes(zagueiro), Branco, Washington e Assis (dupla de atacantes chamada de “casal 20”).

Já o Flamengo é apresentado da seguinte forma “O Talento Ganha Força. Marquinho e Tita vão suar muito para que brilhe a habilidade de Leandro, Mozer, Adílio e Bebeto (...) craques, no entanto, sobram no Fla (...) é um time de alto nível técnico”<sup>49</sup>. Além destes jogadores, a revista destaca o goleiro Fillol, e os laterais Jorginho e Adalberto campeões mundiais de juniores pela seleção brasileira.

Outros clubes também foram reportados com prováveis campanhas de destaque em *Placar*, mas num âmbito não tão destacado quanto os anteriores. Este é o caso de São Paulo, Palmeiras, Grêmio, Vasco, Atlético-MG e Internacional.

---

<sup>46</sup> PLACAR, 25/01/1985:10.

<sup>47</sup> PLACAR, 25/01/1985 : 18.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> PLACAR, 25/01/1985: 36



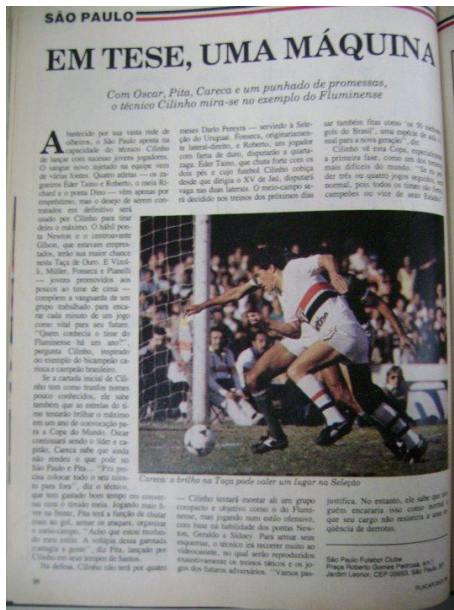


FIGURA 15 – SÃO PAULO  
EMPLACAR  
FONTE: PLACAR, SÃO PAULO,  
25/JAN. 1985

craques – agora completado por Paulo Isidoro -, o Galo promete desencantar<sup>50</sup>. A contratação evocada de Paulo Isidoro, meio campista vindo do Santos, teria custado 250 milhões mais o passe de outro jogador para o clube . Teria feito outras contratações de menos impacto, além de manter os “craques capazes de decidir partidas”: Nelinho, Luizinho, Reinaldo e Éder.

A apresentação do Coritiba, em *Placar*, não seria tão otimista quanto as anteriores. A matéria sobre o clube enfatiza este não ter “bons” jogadores, mas que mesmo assim acreditaria na possibilidade do título através de um futebol mais coletivizado, conforme se vê no excerto a seguir:

A FÉ NO CONJUNTO. Dino Sani, o técnico, sabe que não tem grandes craques. Mas acredita na força da solidariedade. Com uma equipe apenas modesta, cuja maior qualidade é o conjunto adquirido já no último campeonato brasileiro, quando terminou em sexto lugar, o Coritiba entretanto sonha alto em 1985: fala até em título. Muita pretensão? Para o técnico Dino Sani, 52 anos, não. “Hoje, todos são iguais no futebol brasileiro. Para vencer basta que os jogadores peguem firme” simplifica ele. De fato, é na experiência de Dino, contratado ao final do ano passado, que o Coritiba mais se apóia – juntamente com a confiança nas macumbas do seu supervisor Hélio Alves, exatamente por isso conhecido por “feiticeiro” (...) Quanto a Tóbi ele tem um plano específico: mostrar serviço para ser vendido a algum grande clube e ficar então mais próximo da Seleção Brasileira (PLACAR, JAN/1985: 20).

A manchete do São Paulo informava: “Em Tese, Uma Máquina. Com Oscar, Pita, Careca e um punhado de promessas o técnico Cilinho mira-se no exemplo do Fluminense<sup>50</sup>”.

Já o *lead* palmeirense afirmava “Pronto Para Explodir. A base do time que chegou a brilhar no ano passado. O estopim poderá ser a nova dupla de combate e criação<sup>51</sup>”. Segundo a matéria o Palmeiras não estaria tão propenso a lutar pelo título, mas teria bons jogadores, como Mário Sérgio, e uma base do ano anterior que poderia evoluir no decorrer do torneio.

O Atlético Mineiro é assim destacado: “Um Enorme Potencial. Com seu elenco cheio de

cr

<sup>50</sup> PLACAR, 25/01/1985 : 34.

<sup>51</sup> PLACAR, 25/01/1985: 16.

<sup>52</sup> PLACAR, 25/01/1985 : 12.



FIGURA 16 –CORITIBA EM PLACAR  
FONTE: PLACAR, 25/ JAN.1985

Uma apresentação menos efusiva não seria privilégio apenas da equipe coritibana. Algumas outras equipes da *Taça de Ouro* também teriam referência menos pronunciada na revista, e ainda houve equipes que sequer foram referidas, como as pertencentes dos grupos C e D daquele certame. Na mídia do Paraná as preparações coritibanas ganharam outra conotação, conforme analisamos no próximo capítulo.

Durante o desenrolar do torneio, o retorno do jogador Zico ao Flamengo ganharia muito destaque em *Placar*, sendo um assunto recorrentemente abordado pela revista até a sua volta efetiva em julho. *Petrobrás* e *Rede Manchete*, teriam dado suporte para repatriação do jogador por Cr\$ 4 bilhões, sendo também o episódio comemorado pela revista como o caminho para o crescimento do “futebol brasileiro”, em termos comerciais e técnicos, como se pode perceber de forma destacada no excerto a seguir:



FIGURA 17 – ZICO EM PLACAR  
FONTE: PLACAR, SÃO PAULO,  
12/JUL. 1985

Porque o futebol anda precisando de gente que ouse, que traga Zico, que traga Sócrates, que traga Falcão. Gente que tenha coragem de restabelecer certas verdades e que, dizendo não aos campeonatos malucos disputados no Brasil, impeça que Paraguai e Bolívia sejam páreos para a Seleção, que Botafogo de Ribeirão Preto e Santo André não respeitem o Palmeiras, que o Marília encare o São Paulo de igual para igual, que o Corinthians vire saco de pancadas, que o Vasco pare no Mixto, o Flamengo no Ceará, o Inter no Bangu e assim por diante, para falar só de alguns resultados recentes. (PLACAR, JUL/1985:3)

Já em meio ao torneio, outros acontecimentos relativos a montagem dos clubes ganhariam espaço na publicação: seria a demissão do técnico Jair Picerni e a contratação do técnico Carlos Alberto Torres do Fluminense-RJ pelo Corinthians, por Cr\$ 120 milhões de luva e Cr\$ 25 milhões mensais.

A partir desta sucinta descrição, a primeira questão que nos chama atenção é, sobre essas informações, a recorrência de ídolos que povoam as páginas da revista. Ressalvado o cuidado de não tomar *Placar* como mero reflexo do que se passava na mídia do país daquele momento, embora certamente de destaque numa configuração midiática nacional, isto nos oferece um contraponto a uma ideia geralmente atribuída aos Campeonatos Brasileiros na década de 1980 de que estes não tinham “craques”, pois todos os tidos como *bons* jogadores estavam migrando para europa. O quadro oferecido-nos pela revista é outro.

Há percepção clara de uma “crise” do futebol brasileiro, as causas reportadas são de cunho financeiro e administrativo, o campeonato italiano figura como referência e a revista também aborda a questão do êxodo de atletas, mas (pelo menos para o ano de 1985 e na revista *Placar*) esta “crise” não era tão dinâmica assim capaz de ofuscar o relato do desfile de muitos craques no campeonato daquele ano. Somado a isso, a seleção brasileira de futebol que disputava as eliminatórias de 1985 para a Copa de 1986, tinha sua base formada por jogadores do Flamengo e Corinthians e não de estrangeiros.

Uma segunda questão muito evidenciada é, através do relato financeiro dos clubes, uma diferença econômica que ocorre entre os clubes do Rio de Janeiro e São Paulo, e algumas vezes também de clubes de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, em relação aos outros da configuração esportiva. Há um destaque mais acentuado para determinadas equipes nestes termos, o que nos parece plausível, haja vista que historicamente a maior repercussão social em número de torcedores no país, fonte principal de financiamento dos clubes de então através das rendas dos jogos (e, de certa forma até os dias atuais, através do televisionamento), adviam desses clubes. Podemos,

inclusive, visualizar essa diferença como anterior ao próprio torneio de 1985, conforme sugere uma pesquisa de mercado realizado por *Placar* ainda em 1971:

TABELA 9 – JOGADORES DE FUTEBOL NO BRASIL MAIS VALORIZADOS EM 1971

Jogador	Preço Cr\$	Clube	UF	Comprador	Interessado	UF
Pelé	6/16 milhões	Santos	SP	-	São Paulo/"Clube francês"	SP/FRA
Rivelino	3 milhões	Corinthians	SP	-	Santos/São Paulo	SP
Tostão	3 milhões	Cruzeiro	MG	--	Corinthians	SP
Jairzinho	2 milhõe	Botafogo	RJ	-	São Paulo/Santos	SP
Paulo Cesar	1, 5 milhões	Botafogo	RJ	-	São Paulo	SP
Dirceu Lopes	1, 5 milhões	Cruzeiro	MG	-	Fluminense	RJ
Marinho	900 mil	Portuguesa	SP	-	São Paulo/Corinthians	SP
Cesar	800 mil	Palmeiras	SP	-	Santos/Benfica/Corinthians	SP/POR
Luis Carlos	800 mil	Corinthians	SP	-	São Paulo	SP
Vaguinho	800 mil	Atlético-MG	MG	Corinthians	-	SP
A.da Guia	700 mil	Palmeiras	SP	-	Fluminense	RJ
Roberto	600 mil	Botafogo	RJ	-	Santos/Fluminense	SP/RJ
Alcindo	600 mil	Grêmio	RS	-	Botafogo	RJ
Piau	500 mil	Portuguesa	SP	-	São Paulo	SP
Vantuir	500 mil	Atletico-MG	MG	-	-	-
Dario	500 mil	Atletico – MG	MG	-	-	-
Hermes	500 mil	Coritiba	PR	-	Santos	SP
Afonsinho	400 mil	Olaria	RJ	-	Flamengo/Santos/Vasco	RJ/SP
Baldochi	400 mil	Palmeiras	SP	Corinthians	-	-
Lance	400 mil	Ferrovária	SP	-	Santos	SP
C. Alberto	400 mil	São Paulo	SP	-	Fluminense	RJ
Aladim	400 mil	Corinthians	SP	-	América/Vasco/Botafogo	RJ
Jeremias	350 mil	America	RJ	Fluminense	-	-

FONTE: REVISTA PLACAR, 1971

Entretanto, cabe problematizar de início, um pouco o que representavam essas diferenças econômicas e qual o grau de efetividade de diferenciação entre os clubes em termos de *força* técnica latente, numa perspectiva da configuração esportiva e mercado de jogadores de futebol do país. Essas diferenças econômicas, que efetivamente parecem existir na configuração dos clubes (mesmo considerado a crise econômica que vivia o país e que era sentida na configuração esportiva) são em nossa hipótese um dos elementos que darão vazão a uma contraposição frequentemente estabelecida por *Placar* entre os clubes. Assim, alguns deles teriam “craques” e “talentos” como o Flamengo ou o Corinthians, por exemplo, cuja base de apoio se dá pelas suas respectivas forças econômicas no interior da configuração futebolística brasileira. Outros, no entanto, devido a um menor protagonismo econômico na configuração do país, teriam jogadores modestos e de menor qualidade técnica, como é o caso do Coritiba ou Bahia.

Além disso, nossa interpretação de *Placar*, também, é de que não poderiam formar “grandes craques”, pois ao que nos indicam as matérias é por que não seriam grandes centros futebolísticos, como Santos, Palmeiras ou São Paulo de pólos regionais mais destacados de futebol no Brasil, por exemplo. Tal interpretação se dá pois em dados momentos valoriza-se como “promessas” jogadores que seriam desconhecidos de “grandes clubes”, mas o mesmo *status* não se dá para jogadores na mesma situação dos demais clubes.

É possível visualizar, ainda, outras lógicas que justifiquem o posicionamento de *Placar* no mesmo sentido qualitativo e econômico. Dispor de grande capital financeiro, ser por assim dizer um “grande clube”, era por consequência naquele momento também deter capital simbólico, ou seja a dimensão econômica do clube estava atrelada a sua repercussão social, ao seu capital torcedor. Nesse sentido, além da *força* econômica, o “grande clube” deteria mais *força* simbólica na configuração esportiva aos outros times, representando um ícone no universo de jogadores, representando além de melhores salários, mais protagonismo, carreira de sucesso, e acesso a seleção nacional para o atleta, atraindo portanto os “melhores”. Vamos nos deter um pouco mais nesses aspectos.

O que a leitura de *Placar* parece contemplar é inerentemente a aceção de uma sociedade que consagraria plenamente a justiça social burguesa meritocrática, por intermédio de uma hierarquia econômica, no futebol do país. Mas também, ao que parece, o destaque dado a determinados clubes em termos de jogadores é no mesmo sentido influenciado, e de forma independente, por alguns mecanismos comerciais midiáticos. De qualquer modo, chamamos a atenção de que o discurso de *Placar* de 1985 que nos referimos sobre hierarquia meritocrática econômica, poderia ser muito bem sintetizado por uma das falas oferecida pelo vice-presidente de um dos clubes de maior evidência atualmente, em escala mundial, o Futbol Club Barcelona:

Assim, se quisermos ter uma equipe campeã, uma equipe que tenha possibilidade de ganhar campeonatos de forma periódica e recorrente, devemos trabalhar com firmeza para ter um clube grande, que gere receitas suficientes para contratar o melhor talento futebolístico disponível. E isso se faz trabalhando duro, administrando com bom critério, com o mesmo senso comum que utiliza o diretor de uma corporação multinacional ou o comerciante da esquina. Não tem nada a ver com o acaso (SORIANO, 2010: 11).

Parece muito claro que tal acepção plasma-se pela ideia de capital futebolístico<sup>53</sup> apreendido pelo termo *talento*, e de uma forma geral, portanto, este discurso envolve a equação “mais capital” compra “melhor trabalho”, a habilidade o *talento*, e que – talvez somado ainda a melhores a recursos tecnológicos – reproduz portanto “futebol de melhor rendimento”. Assim sendo, a leitura de *Placar* embasa-se na ideia dinâmica de que clubes com mais dinheiro serão a princípio mais “fortes” que os outros da configuração, terão os jogadores “melhores”, os quais serão automaticamente mais caros, enquanto que os mais baratos e “piores” serão comprados pelos clubes mais pobres, por isso mais “fracos”. Algo que não correspondesse a esta equação, seria reflexo de má administração.

Não se trata de negar a obviedade de que mais capital financeiro/simbólico possibilita mais privilégio de acesso aos recursos de *força* no interior da própria configuração esportiva, e que de fato qualquer país de economia capitalista, por mais desestruturado e fragmentado que possa ser, o princípio da hierarquia econômica de alguma forma existe e se efetiva. Mas trata-se de evidenciar os caminhos que se dão essas construções sobre a economia brasileira, que torna tão objetivos, em *Placar*, a mercantilização de graus de rendimento futebolístico quantificáveis em termos econômicos, fundamento tomado como base para se fazer uma projeção tão segura para o torneio de 1985.

Sobre este ponto não se pode descartar o fato de que no Brasil o modelo de profissionalismo no futebol tem raízes com valores patrimonialistas ainda da sociedade escravocrata, pela qual o jogador tem uma imagem de “coisa” (PRONI, 1998:213), mas umas das hipóteses que temos é que *Placar* reflete uma percepção cultural, que se construiria historicamente além do veículo, envolvendo intersecções entre futebol, mídia, economia e cultura, numa configuração mais geral. Para tornar esta construção conceitual mais clara, avançamos um pouco mais na questão de entender com “o quê” se deparava aquele poderio financeiro que no discurso de *Placar* pretendia comprar, e que afirmaria ser possível deter o capital futebolístico em termos hierárquicos e bem definidos. Implicaria dessa forma considerar não apenas quais são os clubes mais ricos

---

<sup>53</sup> Este é um conceito construído por Arlei Damo, definido da seguinte forma: “ Trata-se de uma modalidade de capital corporal que, combinada ao capitais convencionais – social e simbólico, sobretudo -, é requerida para a inserção legítima no campo do profissionalismo. A noção de capital futebolístico é pensada a partir da noção bourdiana de capital quanto do dom, tido como sinônimo de talento em uma de suas acepções.” (DAMO, 2005:105)

do país, é preciso avaliar de forma mais detida, primeiramente, a amplitude do universo de jogadores de futebol no país.

De uma forma geral, podemos acreditar que a configuração histórica de futebolistas no Brasil apresenta um quadro de alto índice de prática, porém de baixo grau de remuneração e absorção visto num plano geral. Isto desde a normatização do profissionalismo no país entre fins de 1930 e inícios de 1940 (SARMENTO, 2006:59). Nessa direção e à guisa de análise, segundo a FIFA, atualmente no Brasil existiriam cerca de 13 milhões de jogadores de futebol (cerca de 2 milhões registrados)<sup>54</sup>. Já Proni, afirma que em 1996 haveria 14 mil atletas registrados na CBF, dos quais 80% receberiam menos de 2 salários mínimos (PRONI, 1998: 183)<sup>55</sup>. Na edição de 18 janeiro de 1985 da *Revista Placar*, um levantamento efetuado pelo MEC revelaria que no Brasil haveria 337 mil jogadores de futebol registrados, sendo 9 mil profissionais. Nessa mesma revista, anos antes publicara-se um “censo” sobre médias de salário, e contingente de jogadores em diferentes regiões do país, que expunham este mesmo cenário para o período que estudamos, como se segue, e na qual os pólos regionais de São Paulo e Rio de Janeiro não detinha mais do que 35% do contingente de futebolistas do país:

TABELA 10 – PESQUISA SOBRE A MÉDIA SALARIAL (CR\$) DE JOGADORES PROFISSIONAIS E CLUBES NO BRASIL EM 1980

	UF	Média salarial do jogador nos grandes clubes	Total de jogadores em atividade na UF	Porcentagem de clubes no futebol brasileiro	Nasceram na UF que jogam	Clubes	Porcentagem de jogadores no futebol brasileiro
1º	SP	87.800,00	2641	33%	79%	128	30%
2º	RS	76.000,00	762	10%	89%	40	9%
3º	RJ	56.600,00	399	5%	69%	18	4%
4º	MG	45.600,00	405	5%	59%	22	5%
5º	SC	38.000,00	272	3%	38%	15	4%
6º	BA	37.000,00	235	3%	61%	18	4%
7º	PE	37.900,00	181	2%	69%	10	2%
8º	PR	35.000,00	453	6%	27%	30	7%

FONTE: REVISTA PLACAR, 1980

Agora consideremos este universo e a sua ligação com o processo social de nascimento do ídolo e reconhecimento do jogador de futebol no país e no mundo, numa

<sup>54</sup> <http://pt.fifa.com/>, visitado em 10/08/2012. Acreditamos que possam ser dados superestimados.

<sup>55</sup> Segundo Kuypers e Szymanski (1999) haveria uma correlação direta e proporcionalmente crescente entre gastos com salários e sucesso no campeonato inglês, ou seja, analisando dez anos de liga inglesa.

época em que se vivia já o processo de globalização. Sobre esta perspectiva nos diz Rubio:

Poderíamos afirmar que dificilmente eles, assim como Gustavo Kuerten ou Ronaldinho, teriam alcançado esse feito, não fossem os meios de comunicação (...) Os produtos da mídia emergem a partir de um elaborado processo que envolve economia e cultura. O público é atraído por mensagens e valores que refletem as expectativas contemporâneas, porém não de maneira direta e objetiva, mas quase sempre metafórica (RUBIO, 2001: 104 e 101).

De forma alguma queremos tirar autonomia de expressão na configuração esportiva, e mesmo do público receptor, no sentido de que o jogador de futebol era o que a “mídia dizia”. Queremos deixar evidente sim, que a constituição da configuração esportiva e midiática no país constituíram-se e sempre tiveram forte diálogo. Sendo assim, o reconhecimento futebolístico nacional transcenderia a configuração esportiva, e passaria necessariamente pelo reconhecimento da configuração midiática nesse momento.

Este desdobramento para o caso do futebol, revelaria portanto intersecções entre futebol, mídia, economia, cultura no Brasil em paralelo ao processo de mercantilização e espetacularização do desporto, que vão possibilitar o reconhecimento social/nacional do atleta. Aliás, dentro dessa perspectiva, afirma Kellner sobre o momento histórico que faz parte de nossa análise:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculo ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, fornecendo o material com que as pessoas forjam a sua identidade (...) É , portanto, uma forma de cultura comercial, e seus produtos são mercadorias que tentam atrair o lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação de capital (...) contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não (KELLNER, 2001 :8-9).

Tal situação colocaria nossos termos hipotéticos em uma outra esfera, pois demandaria analisarmos o configuração midiática de uma forma mais cuidadosa, para entender o processo de consagração nacional do jogador de futebol nesse período. Assim sendo, verificaremos o desenvolvimento e constituição de uma “imprensa esportiva nacional”, e que estaria buscando formatar-se e consagrar um discurso uniforme e “especialista” para o futebol brasileiro, aliás posição claramente arrogada por *Placar*. Esse movimento acompanhou, e acompanha ainda nos dias atuais, claras



contendas advindas contra o chamado *bairrismo* na crônica esportiva (TOLEDO, 2002: 169) por determinadas alas que buscariam cada vez mais uma neutralidade.

O caso específico do futebol, fenômeno que historicamente dispõem de alto “status” como fonte de sociabilidade cotidiana no país (TOLEDO, 2002: 267), muito provavelmente dependeria da imprensa para desenvolver este “status”, num plano nacional, ela vista como “agente/matéria prima” de informações e discursos. Nesse sentido, o papel de integrador social, trazendo informações, simbolizando e sobretudo relacionando nacionalmente os “futebóis” e os “craques”, é realizado pela imprensa como mediadora, haja vista neste caso que o domínio sobre os “fatos nacionais” - matriz para construir-se um “discurso nacional” - transcenderiam a possibilidade de experiência direta da grande maioria das pessoas, inclusive as mais restritas à configuração esportiva.

Nessa linha, é preciso destacar então que numa análise da configuração midiática, veremos que a constituição histórica desta “imprensa nacional”, ou de uma imprensa que dispõem de destaque mais pronunciado na cobertura do território nacional, prevalece de forma estrutural fortemente a marca do regionalismo de Rio de Janeiro e São Paulo.

Ou seja, por si só o “discurso nacional”, ou o discurso que mais evidenciar-se-ia nacionalmente, nessa hipótese, em termos históricos e configuracionais do Brasil que se forma no futebol é aquele que tem como emissores agentes grupos das regiões do Rio-São Paulo. Avançamos mais, afim de ter o entendimento do que representaria esse fato à luz da própria história da imprensa no país, afim de se ter idéia das possíveis implicações sociais disso.

Nesse sentido, o período na história da imprensa no país seria o da *comercialização* (SODRÉ, 2002), e da *espetacularização* da notícia. Ou seja, pela formação dos chamados veículos *mass media*, veículos que tem como objetivo principal a exposição dos seus produtos (no caso esportes) a um maior número de pessoas possíveis e através de determinados dispositivos comerciais, promover o consumo das suas publicações. Um desses mecanismos nos é relatado por Helal, como sendo a *idolatria*, a qual apresentar-se-ia nos *mass media* da seguinte maneira : “De fato, um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis”, “estrelas” e “ídolos”. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento.”(HELAL, 2000: 150) .

Assim sendo, se atentarmos para a questão da *comercialização* da notícia, somada a configuração regionalizada da imprensa nacional, e ainda sob a consideração de que apenas uma elite regionalizada de clubes brasileiros e de jogadores dispõem de *torcida* com repercussão de abrangência mais nacional historicamente, teríamos aí fortes motivações para a formação de uma idolatria nacional e gosto estético de cunho regionalizado, e já consolidada em 1985. A construção do “craque” pela mídia é de fato uma questão complexa, mas o fato antes apresentado, revela que no mínimo dificultar-se-ia (portanto) as possibilidades de reconhecimento social dos jogadores (e dos clubes) de futebol num plano nacional na configuração esportiva para além do círculo dos *profissionais* e que não façam parte daquela elite, independente do *capital futebolístico* que possuam – reiterando que a ideia aqui utilizada é a de que o ídolo esportivo seria resultado de uma relação de causa e consequência com a mídia esportiva (MELO, 2011: 21-51). Numa forma mais direta e até simplória, a hipótese seria de que o “craque” de *Placar* estaria condicionado a existir fundamentalmente a partir do público que dispunha, numa interrelação envolvendo linha editorial da revista, jogador de futebol e o público leitor. Tomando dois exemplos da experiência histórica de então, o que queremos dizer é que não implica questionar se Zico ou De Leon eram de fato “craques”, mas o *quanto* eram “craques”, (já que essa categoria será sempre relacional e um pouco interpretativa), em meio a configuração esportiva brasileira total além da percepção que se via na revista.

A outra hipótese, que também não exclui totalmente a primeira, é a de que pelo fato do público consumidor base de *Placar* ser dos “grandes clubes”, sobretudo resididos no Rio de Janeiro e São Paulo, a revista adotava conscientemente este tipo de alteridade afim de cativar o seu leitor principal. Parece muito plausível e vai de encontro com a leitura *romântica* tradicional que existe na imprensa esportiva de uma forma geral, ao invés de uma premissa por um “racionalismo incondicional” na apresentação dos fatos. A questão econômica, nesses casos, ficaria secundarizada a até mais folclorizada, refletindo assim um privilégio de uma leitura “torcedora” para o clubes. Isso se torna patente, por exemplo, aos elogios que a equipe do São Paulo recebeu naquele campeonato, o qual escalou vários jogadores da base e desconhecidos, e mesmo com as derrotas e a desclassificação era referenciada como uma equipe de “promessas”, ou de forma adjetivada como “Os meninos de Cilinho” e ainda, “Os menudos do morumbi”. Ou ainda, no destaque da cobertura do campeonato paulista de futebol ou das eleições no Corinthians, num momento em que ocorriam as finais da *Taça de Ouro*.

Mas a combinação entre essas duas hipóteses, ao nosso ver, é que poderia dar conta de todo o sentido da interpretação de *bom* futebol brasileiro efetuada por *Placar*, evidenciando-se mais uma vez que ocorreria um discurso político-ideológico do veículo que por vezes combinavam-se aos seus ditames comerciais. Nesse sentido, para o caso de *Placar*, ficaria evidenciado que a sua linha editorial colocava-se dentro dos efeitos do seu discurso, nutrindo necessariamente pelo futebol, ou por um determinado futebol que considera brasileiro, paixão ou amor, e vendo nele um caráter positivo e romântico, estando impossibilitada assim de fazer uma leitura que não estivesse alinhada com a manutenção ou desenvolvimento da sua esfera constituída, conforme assinala Lovisolo (2011:21) sobre a imprensa esportiva de um modo geral historicamente. Nessa perspectiva a cobertura jornalística tem um fundo “torcedor”, conforme já ressaltamos.

Considerada a combinação das hipóteses acima exposta, podemos atentar como não válido o modelo da construção de favoritismo em *Placar* daqueles clubes em comparação aos outros, o que nos oferece outra perspectiva para análise das condicionantes para a conquista coritibana em 1985. Nessa perspectiva, a não efetivação daquele favoritismo e o fato do clube do Paraná ter vencido boa parte daquelas agremiações, não seriam assim reflexo de *sorte*, ou como afirma Elias *indeterminação*. Mas, diante disso, resistiria ainda em favor da construção de meritocracia econômica objetiva da configuração esportiva, proclamada pela revista de São Paulo, que as *indeterminações* teriam sim um espaço muito grande em uma configuração de uma partida e de um campeonato de futebol, haja vista que em 40 anos de disputa de Campeonato Brasileiro perceber-se-ia uma hegemonia muito bem demarcada de raiz econômica, o que de outra forma coloca mais uma vez a possibilidade da vitória coritibana em termos de *sorte*. Neste caso permaneceria ainda um espaço de questionamento sobre como se deu essa hegemonia historicamente no país, sem tomar os dados históricos como ponto final para uma análise caindo num mero pragmatismo de teor casuístico, que explica uma hegemonia pela hegemonia, mas problematizando por que caminhos se deu essa hegemonia.

Talvez possa-se aventar, ainda, em favor da construção qualitativa e de “favoritos” de *Placar*, que houve acontecimentos ligados à configuração esportiva (entressafra de *bons* jogadores, fórmula de disputa, falta de um melhor preparo dos “grandes clubes”) que proporcionaram a ascensão coritibana no torneio.

De qualquer modo, ganha relevância esta problematização sobre o *bom* futebol brasileiro de *Placar*, somado ao fato de que a apresentação da configuração esportiva

não se reproduziu da mesma forma nos jornais *Gazeta do Povo* e *Tribuna do Paraná*. No caso destes jornais, muitos dos clubes antes citados também serão destacados, mas os clubes locais, sobretudo o Coritiba Foot Ball Club, são colocados num nível próximo daqueles acima, mesmo em dificuldades financeiras e para montagem da equipe, conforme veremos de forma mais detida no próximo capítulo. Isso implica considerar, portanto, que uma das condicionantes para a conquista coritibana talvez remeta a um fato histórico que há muito mais *potencial esportivo* e *capital futebolístico* na configuração brasileira, do que se evidenciou de forma mais destacada como percepção histórica.

## 5. Montagem e manutenção da equipe do Coritiba em Gazeta e Tribuna: planejamento mínimo, dificuldades financeiras e bom futebol

Em fins de 1984, o Coritiba finalizava sua disputa no campeonato paranaense daquele ano<sup>56</sup>, com a segunda colocação no certame. Em *Tribuna*, este momento foi retratado como um período em que a equipe passava por grande dificuldade financeira, e não havia muita preparação no sentido de planejamento, para a montagem da equipe para o campeonato brasileiro:

COXA DISPENSOU: NADA DE GRANA...os que ficaram até o fim e deram o vice campeonato ao Coritiba terão de passar o final de ano sem dinheiro (...) Anteontem à tarde o presidente Evangelino Neves mandou um recado aos jogadores através do diretor Estevão Damiani. avisando que todos estavam dispensados até o dia 7 de janeiro e que o clube não tem dinheiro para pagá-los. Os jogadores ficaram revoltados (...) Não existe ainda alguma coisa concreta com relação ao time que vai disputar a Taça de Ouro de 1985. Alguns jogadores do Coritiba, como Toby e Vavá interessam a clubes do Rio e outros serão negociados (TRIBUNA DO PARANÁ 8/12/1984 : 7).

Pela sequência de notícias que veremos nos jornais de Curitiba, ficou patente que realmente o clube viveria nesta época uma forte dificuldade financeira. Na mesma edição de *Tribuna* apresentada acima, a “grande bomba” do Coritiba para 1985 deveria, segundo o jornal, ser mesmo a contratação de Hélio Alves (então em outro clube da cidade, o rival Colorado), para o cargo de supervisor de futebol (e ele será efetivamente contratado). No dia seguinte o jornal trouxe a manchete relatando o interesse do clube também em um técnico de outra equipe (o Pinheiros) da capital paranaense: Borba Filho. As outras opções seriam Ênio Andrade e Dino Sani que seriam, entretanto, mais caras.

A contratação de um supervisor de futebol provavelmente figurasse destacada nesse momento, porque seria a partir dele que iniciar-se-ia a reformulação do elenco coritibano para 1985 e Alves era na região uma figura muito respeitada, mitificada sob esse aspecto sendo inclusive chamado de *feiticeiro*<sup>57</sup>. Mas também é preciso considerar que em fins de dezembro daquele ano, o mundo esportivo e futebolístico estavam entrando em férias, logo é de se supor que o jornal poderia estar infantizando esse tipo de abordagem cotidiana, mais com objetivos comerciais. Nesse sentido inclusive nota-se diferença na cobertura desta notícia, em relação a *Gazeta*.

<sup>56</sup> O campeonato foi vencido pela equipe do Pinheiros.

<sup>57</sup> O feiticeiro do futebol: A trajetória de Hélio Alves. Coração Brasil: 2007.

Nos jornais curitibanos, o presidente Evangelino do Coritiba era recorrentemente reportado como o personagem central na busca e negociação de jogadores durante as vésperas da *Taça de Ouro*, viajando por Rio de Janeiro e São Paulo. Cresciam as especulações envolvendo possíveis chegadas e saídas de atletas nesse momento, inclusive com informações desencontradas entre os jornais. Neste período, e também no decorrer do torneio, especulava-se a vinda de vários jogadores para o clube que não se concretizariam. Ganham destaque, também, as possíveis vendas dos atletas Vavá, Toby e Lela, os quais poderíamos considerar como fundamentais na campanha coritibana em 1985, já que atuariam em grande parte dos jogos da equipe.

No caso da ênfase dada a Evangelino nessas notícias, é provável que estivesse reportando mesmo a forma de trabalho do dirigente no clube, mas é preciso mais uma vez considerar também que o destaque de Neves no cotidiano jornalístico era possivelmente também uma estratégia comercial calcada na idolatria da personalidade, para venda de jornais, já que o dirigente era naquele momento uma figura mitificada entre a torcida.

A ênfase da mídia esportiva na especulação de negociações (saída/contratação de jogadores consagrados ou negociações envolvendo clubes rivais da cidade) também não pode ser entendida desligada desse sentido, embora certamente o destaque demasiado sensacionalista e infundado pela mídia em certas negociações, poderia também levar a um descrédito do veículo ao seu público e suas fontes informantes no futebol, afinal, conforme afirma Marialva Barbosa a imprensa já possuía no Brasil nesse momento um papel auto-referido de fórum público e portanto também ético (BARBOSA, 2007:195). A possibilidade dos clubes estarem fomentando simplesmente nos jornais de Curitiba essas especulações (“plantar notícias”) através de jornalistas associados ao mundo esportivo, e em benefício próprio, poderia até acontecer de alguma forma e em alguns casos pontuais, mas nos parece é improvável como regra visto num quadro geral porque é muito claro que a imprensa constituía-se, nesse momento, por agentes autônomos e com interesses próprios.

Uma ideia que tivemos, lendo manchetes de *Tribuna do Paraná* e *Gazeta do Povo* neste período, é que as outras equipes curitibanas - Colorado, Atlético e Pinheiros - naquele momento, passavam também por um momento de grande dificuldade

econômica agravada, no caso de Colorado<sup>58</sup> e Atlético, pela “falta de calendário” para o início de 1985 – pois não disputariam campeonato algum nesse momento. Isto parecia se reproduzir nas matérias dos jornais quando reportam a negociação de jogadores: “Colorado Rifando Seus Jogadores” (GAZETA DO POVO 16/12/1984 : 29); “Colorado Está Vendendo Seus ‘Cobras’” (GAZETA DO POVO 15/12/1984 :17); “Rafael Deverá Ir Mesmo Para Lusa” (TRIBUNA DO PARANÁ 07/01/1985 : 8); “Boca Faz Os Preços: Quem Quer Comprar?” (TRIBUNA DO PARANÁ 16/01/1985 : 7)

Analisando, especificamente o caso de alguns jogadores que foram fundamentais na campanha coritibana, mas contratados junto a aos clubes paranaenses - e esse é o caso de Rafael, Dida e Marildo (que vieram do Atlético e Colorado respectivamente) - verificamos (por exemplo) que a contratação deles não se apresenta aqui como opção inicial ao Coritiba, mas sim para outras equipes do cenário nacional, aparecendo o Coritiba como comprador secundário nessas transações que vão se desenrolar na imprensa paranaense inclusive de forma “dramática”. A exceção fica por conta da contratação do zagueiro Caxias, junto ao Colorado, que parece ter sido umas das mais dinâmicas: “Coritiba Pega Mais Um Do Boca: Caxias” (TRIBUNA DO PARANÁ, 29/12/1984 :7).

Nessa linha veremos, por exemplo, na *Gazeta do Povo* (em fins de 1984) que Gassen (jogador do Colorado) poderia vir ao Coritiba, “desde que Cruzeiro ou Botafogo não se pronunciassem”<sup>59</sup>. Segundo o jornal, o Colorado havia dado determinado prazo para o Coritiba apresentar uma proposta “sólida” ao jogador, mas este queria fazer um parcelamento. Na *Tribuna* do dia seguinte a tônica é a mesma.

No caso do goleiro Rafael (neste momento no Atlético-PR), os jornais noticiavam o interesse do Coritiba, mas este figura em segundo plano. Em janeiro, o jornal *Gazeta do Povo* reportou o interesse do Flamengo e da Portuguesa. Já em *Tribuna* (dezembro), relatava-se o interesse de Goiás e Portuguesa:

Zimmermam só não entrou em maiores detalhes com Aquino porque deu prazo até o final desta semana para que a Portuguesa e mais um outro clube (provavelmente o Goiás) se definam pela compra do passe, estipulado em Cr\$ 150 milhões. Se estes dois clubes não comprarem, o Coritiba vai fazer uma proposta de empréstimo para Taça de Ouro (TRIBUNA DO PARANÁ, 18/12/1984 :12).

<sup>58</sup> Colorado também participará da Taça de Ouro, mas em uma partida de caráter classificatório para o torneio.

<sup>59</sup> O Coritiba não vai contratar Gassen.

Não nos parece, neste caso, que somente a questão financeira poderia estar ditando uma prioridade para equipes de fora do estado, para a contratação desses jogadores. Por exemplo, é possível que Portuguesa ou Goiás nem dispusessem de propostas muito melhores para contratação do arqueiro, em relação ao Coritiba. Neste caso, não se abandona a hipótese de que fosse a rivalidade clubística entre Coritiba e Atlético-PR que fazia com que o alviverde paranaense fosse secundarizado como comprador do goleiro. Somado também ao fato de que esse tipo de manchete, mais uma vez, interessaria na medida em que tinha conotação comercial com fundo de rivalidade clubística, como por exemplo a seguinte: “Coxa ronda a baixada e pode tirar 4 do Pinheiros” (TRIBUNA DO PARANÁ 11/01/1985:7)

Com a vinda do goleiro Tonho, num “pacote” de outros jogadores comprado junto ao Santo André, *Tribuna* noticiaria o então desinteresse em Rafael<sup>60</sup>. Mas a negociação seria retomada com a vinda de Hélio Alves para o Coritiba, o que mais uma vez reforça nossa tese sobre o obstáculo da rivalidade clubística embora mitifique um pouco mais também figura de Alves. Nesse sentido, destacava *Tribuna* que, seria através de Alves, em fins de dezembro, que o goleiro teria dito que não gostaria de ir para a Lusa, mas que queria jogar no Coritiba. Nesta ocasião é ventilada a hipótese de troca daquele arqueiro com o goleiro Jairo, então no Coritiba<sup>61</sup>.

Já Dida – lateral do Colorado e da seleção brasileira de juniores, e que viria à equipe com Marildo – estaria sendo negociado no início do ano com o Vasco: os valores seriam “Cr\$ 50 milhões e passe estipulado em Cr\$ 250 milhões em 6 meses” (TRIBUNA DO PARANÁ 20/12/1984 :12). Era uma negociação plausível, e nesse caso acreditamos na hipótese de que fosse a *força* simbólica e financeira da equipe vascaína mesmo, que parecia estar fazendo a diferença para a saída de um jogador para fora do estado, porque também não se especulava inicialmente nos jornais sobre sua vinda para o Coritiba.

Em fins de 1984 o técnico Dino Sani teria sido apresentado como o comandante alviverde para o ano de 1985<sup>62</sup>, e seguem as especulações diárias. Ventila-se a possibilidade de saída do preparador físico Odivonsir Frega – no clube desde a década de 1970 -, e a reformulação da comissão técnica<sup>63</sup>. Neste momento o Coritiba fecharia também o “pacote” que viria do Santo André, envolvendo os jogadores Tonho, Jaime

<sup>60</sup>Neves teria dito que o goleiro “pediu demais”. TRIBUNA DO PARANÁ 22/12/1984 : 7.

<sup>61</sup> TRIBUNA DO PARANÁ 31/12/1984 : 7.

<sup>62</sup> TRIBUNA DO PARANÁ, 22/12/1984 : 7.

<sup>63</sup> Idem, 29/12/1984 : 7.



Boni e Marajó. Evangelino dá uma declaração à *Tribuna* que os jogadores que estavam anteriormente no clube não seriam mais negociados<sup>64</sup>, e de fato não seriam. É provável que a ligação entre o negócio do “pacote” envolvendo Coritiba e Santo André fosse o ponto de apoio para a declaração de Neves, já que o clube teria uma base para disputa do torneio, e não precisaria, portanto, mais buscar vender passes de atletas para montar uma equipe.

Quanto ao “pacote”, segundo o jornal, os valores girariam em torno de Cr\$ 150 milhões<sup>65</sup>. Entretanto esta negociação acabaria frustrada: um dos jogadores não se apresenta ao Coritiba (Jaime Boni), outro jogador (que chega ao clube) é retratado como “vida mansa” (Marajó) na *Tribuna*, e o clube teria decidido desfazer a negociação. *Gazeta do Povo*, mas também *Tribuna*, destacavam em suas matérias através deste episódio que o clube estava com dificuldades sérias para contratar e o campeonato estava muito próximo (GAZETA DO POVO 10/01/1985 :17).

Estas informações nos parecem coerentes, na medida em que refletem que deveria haver realmente preocupação no clube e mudanças de planos de última hora: não havia sentido da imprensa ter especulado ou inventado acontecimentos sobre a negociação do “pacote”, de fato o campeonato estava próximo naquele momento, não havia uma equipe base para o time coritibano – os jornais anunciarão novas contratações da equipe, e a falta de dinheiro era o motivo principal disto – e vários fatores reportados pelo jornal, como a busca pelos amistosos, entre outros comprovarão os recursos financeiros limitados da equipe.

Com as festas de final de ano, os jornais informavam que os novos reforços ficariam para o ano seguinte, quando Dino Sani chegaria ao clube. Com a chegada do ano de 1985, novo ciclo de especulações se inicia e duas contratações foram ventiladas: Almir e Milton Cruz. Vale destacar que Almir figurou depois como “braço direito” do esquema tático que será protagonizado nos jornais como “esquema Ênio”<sup>66</sup> e responsável central pela ascensão da equipe coritibana no campeonato. Ele fora manchete nos inícios do ano mas foi apenas efetivamente contratado junto à Portuguesa em fins de fevereiro, pelo valor de Cr\$ 50 milhões. Já Milton Cruz, foi também anunciado no começo de janeiro, mas seu acerto efetivo com o clube acabou não acontecendo e em nove de fevereiro deixou a equipe, sem ter seu passe comprado. Teria inclusive

---

<sup>64</sup> Idem 22/12/1984 : 7.

<sup>65</sup> Ibidem.

<sup>66</sup> Não existe essa nomenclatura para este período, mas há uma clara conotação nos jornais de que haveria um esquema tático próprio do técnico Ênio Andrade.

declarado à *Gazeta do Povo* que “por esse salário [que o Coritiba lhe oferecera] prefiro jogar de graça!”.

Nos inícios de janeiro a busca de reforços pelo clube continuou recorrentemente destacada nos jornais. Uma das especulações freqüente é sobre o goleiro Rafael, a qual ainda não havia se concretizado. Nesse momento o clube teria trazido por empréstimo um *ponteiro* chamado Vicente do clube paranaense do interior, Pato Branco, com passe estipulado em Cr\$ 50 milhões<sup>67</sup>. Sem êxito, também teria tentado a contratação do jogador Marcelo, que jogava então na Udinese da Itália. No início da segunda quinzena de janeiro de 1985, o jornais começaram a reportar a efetivação das contratações dos jogadores “curitibanos” (Rafael, Marildo e Dida) pelo Coritiba:

CORITIBA COMPRA RAFAEL POR Cr\$ 130 MILHÕES (...)”Acabamos de acertar a contratação do melhor goleiro do país” (GAZETA DO POVO 17/01/1985 :17).

No dia seguinte, será a vez dos jogadores do Colorado:

E O COXA DE OURO SEGUE COMPRANDO. Decidido a fazer uma excelente campanha na Taça de Ouro, o Coritiba está buscando soluções interna, ou seja, em Curitiba mesmo para formar um elenco de primeira qualidade (TRIBUNA DO PARANÁ 18/01/1985 : 7).

O custo dos passes de Dida e Marildo, teriam sido de Cr\$ 300 milhões para o clube (GAZETA DO POVO 18/01/1985 :17).

Em *Tribuna* percebemos certo otimismo em relação a estas contratações do clube: “Timaço alviverde já está tinindo”, “Chegou a hora de um novo Coritiba”, “Coxa de Ouro”, são formas utilizadas para referenciar a equipe neste momento. Neste sentido a *Gazeta* parece ser mais comedida, destacando ainda a preocupação de Dino Sani com o término da formação da equipe e entrosamento para os inícios do campeonato.

O que nos chama muito a atenção, neste caso, são estas contratações serem consideradas pela imprensa esportiva paranaense como *boas*. Assim, embora as dificuldades financeiras, o clube estaria sob essa leitura, montado um time *bom* tecnicamente para o campeonato, de “craques” e “talentos”, e não apenas “modesto” como afirmara *Placar*. Era o “Coxa de Ouro”, ou seja havia, apesar das dificuldades,

---

<sup>67</sup> “Vicente Corujinha Pousa No Alto Da Glória Ele Joga Muito E Veio Para Ficar” (TRIBUNA DO PARANÁ 17/01/1985 : 7). Na *Gazeta do Povo*, o passe de Vicente custaria Cr\$ 80 milhões.

boas aspirações para o torneio, ou pelo menos as manchetes retratavam abertamente isso, que também não pode ser desligado de sentidos comerciais.

A hipótese aventada de que a leitura *Placar* se dava além de propósitos comerciais, a partir de um posicionamento ideológico da revista, uma fala de “dentro” do fenômeno esportivo de base emocional e de fundo *torcedora*, enfim uma combinação entre a posição socio-econômica e histórica do veículo (associado assim em termos políticos e éticos aos grandes clubes), com seus objetivos comerciais de foco em determinado público enquanto empresa, também pode ser aplicável aos jornais *Gazeta do Povo* e *Tribuna do Paraná*. Estes estariam associados aos clubes do Paraná, sobretudo de Curitiba, mesmo persistindo entre estes veículos curitibanos uma concorrência para o mercado local. Mais do que isso, além de fornecer legitimidade para o que estava sendo feito (contratações), forneciam também elementos para discutir no, decorrer do torneio, a campanha coritibana.

Não se deve deixar de lado também a questão de que afirmar que Dida, Rafael e Marildo eram *bons* jogadores para um torneio nacional, conforme fazem os veículos de Curitiba, remetia - para além de manchetes atrativas para o público coritibano, colorado, ou mesmo para o atleticano de Curitiba - a afirmar indiretamente que o futebol paranaense tinha qualidade e que valia a pena ser acompanhado naqueles jornais. Remetia dizer que o futebol do Paraná produzia *bons* futebolistas num nível nacional. Remetia a afirmar que a sociedade paranaense era desenvolvida no futebol, que apreciava de fato um *bom* futebol e que, de um modo mais geral, que as pessoas desta região eram desenvolvidas e produziam coisas de valor num nível nacional, tal como uma matéria esportiva, uma crônica ou um jornal. Para o entendimento desse posicionamento tão freqüente na mídia do Paraná, implica em perceber que além dos ditames comerciais (e um deles certamente é valorizar a sociedade local nas matérias), evidencia-se um certo ressentimento na região pelo fato desta não ocupar até ali lugar de destaque político e econômico em termos nacionais.

Entretanto, como já afirmamos, percebe-se também que a visão dos jornais curitibanos não ultrapassa esse paranismo curitibano, não há um projeto em termos de Brasil se refletindo nessas matérias. Acreditamos que isso aconteça porque a base da alteridade que se dava na imprensa reportava a uma discussão de cunho político e econômica (má distribuição de renda x elitismo) que os jornais não estavam dispostos a encampar, haja vista que também desenvolviam associações com uma imprensa mais destacada num nível nacional (*Rede Globo* e *Sbt*).

Josias Lacour, cronista na *Tribuna do Paraná*, revela quem estaria financiando a equipe coritibana, nesta nova fase de contratações:

Descobri quem é que está arrumando dinheiro para o Coritiba pagar os passes de Milton Cruz, Rafael, Dida e Marildo. É o coronel Sidney, da Tuiuti. O homem que tem aspirações a suceder Evangelino, avalizou o papagaio bancário de 1 bilhão de cruzeiros para a formação do “Coxa de Ouro”. Isto é que é investimento. (LACOUR, *Tribuna do Paraná* 18/01/1985 :7)

Sobre o valor gasto na montagem da equipe, a revista *Placar* também afirmava, em janeiro de 1985<sup>68</sup>, que o clube havia gasto Cr\$ 800 milhões para custear, portanto os valores devem ter girado nesse patamar. Já sobre o empréstimo do diretor da Universidade Tuiuti, também parece plausível, pois segundo os jornalistas Coelho e Neto (2002:195-196) as relações entre Evangelino, Coritiba, Universidade Tuiuti e a família Santos dirigente da referida universidade sempre foram muito estreitas, portanto é muito plausível que houvesse ajuda de Sidney ao clube naquele momento.

Por outro lado, esta ajuda, ela parece ter sido mesmo fundamental para formação daquela equipe. Isto considerando que o caixa do clube estava vazio naquele momento e a fonte de receita do clube era fundamentalmente rendas nas partidas, sendo ainda que o único jogador, que tivemos notícia nos jornais, que fora vendido pelo clube se tratava de Aragonês, por Cr\$ 300 milhões, já com o torneio em andamento.

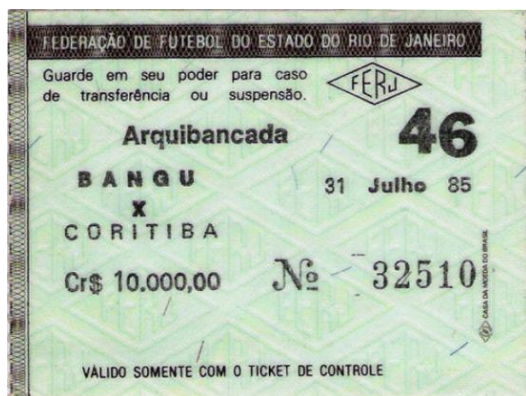


FIGURA 18 –INGRESSO DA FINAL  
CORITIBA X BANGU  
FONTE: ACERVO DE IMAGENS DO  
AIITOR

Se levarmos em consideração o valor dos ingressos nesta época para arquibancada, tomando por base o valor cobrado na final daquele torneio, era de Cr\$ 10.000,00. Independente disso, o público pagante e as rendas obtidas nas partidas do clube em casa giraram na *Taça de Ouro* respectivamente em torno de 12/15 mil e Cr\$ 60/80 milhões nos jogos, havendo partidas em que houve públicos maiores como contra o Santos, ainda na primeira fase com renda de Cr\$ 160 milhões ou

contra Atlético-MG nas fases finais, quando a renda foi de cerca de Cr\$ 360 milhões (TOBY, 2009: 1-150). De qualquer modo, o que nos importa é que naquele momento o

<sup>68</sup> Placar, 25/01/1985: 20.

clube realizava na *Taça de Ouro*, amistosos e campeonato estadual, cerca de 3 a 4 partidas por mês em seus domínios, e seguindo os valores acima, representaram durante o Campeonato Brasileiro entre Cr\$ 200 milhões e Cr\$ 400 milhões mensais aos cofres do clube, embora nos pareça que qualquer projeção do clube (ainda que primária) devesse ser menor pois não tinha como tomar por base a renda do campeonato nacional, ou mesmo prever a classificação para as fases finais do torneio, e conseqüente aumento das rendas.

Conforme relatos em nossas fontes, ainda, calculamos que a folha salarial do clube custava desde o ano anterior cerca de Cr\$ 80/100 milhões mensais, já que a política levada a cabo pelo clube seria a de não ultrapassar o teto de Cr\$ 5,5 milhões mensais para cada jogador. Diante desse cenário – a não ser por algum fundo secreto – fica realmente patente que o clube não disporia dos Cr\$ 430 milhões em espécie ou mais para bancar, à vista, a contratação daqueles jogadores, e precisaria mesmo de um avalista para efetivar estas contratações e alguns outros que viriam na seqüência.

Assim, além destes jogadores, o Coritiba contratará até a estréia na Taça de Ouro - contra o São Paulo em 27/01/1985 - os jogadores: Gil (*ponta direita*/Taubaté-SP), Gardel (*zagueiro*/Grêmio Maringá), Paulinho (*meia esquerda*/Central-PE), Eraldo (*zagueiro*/Spor-PE) e Zé Carlos (*lateral*). Sobre Eraldo, *Tribuna* nos diz: “Mais Um Ex-Atleticano No Alto Da Glória. Eraldo É Outro Que Virou Coxa” (TRIBUNA DO PARANÁ 23/01/1985 :7). Segundo a publicação o clube teria comprado o jogador por Cr\$ 35 milhões. Na *Gazeta*, a contratação do jogador é descrita como maneira do clube “equacionar o problema do miolo de zaga”<sup>69</sup>. “Zé Carlos É O Novo Lateral Do Coritiba” (GAZETA DO POVO 24/01/1985 :17) é a manchete da *Gazeta* para a contratação do lateral. *Tribuna* nos informa que o jogador teria sido comprado por Cr\$ 50 milhões<sup>70</sup>.

Há nesse momento também outras contratações que não se efetivam, sugeridas pelo relato nos jornais do interesse do clube em outros jogadores. Mas não foi apenas sobre a contratação de jogadores que observamos dificuldade da equipe paranaense. A própria manutenção da equipe é reportada sempre com muita dificuldade nas ocasiões de renovações dos contratos de jogadores, seja no período que antecede o campeonato, no seu desenrolar e ainda no período de intervalo deste.

Assim se desenrolarão após os inícios do torneio as negociações de renovações com os jogadores Lela, André e Edson. E a continuidade na montagem da equipe - no

<sup>69</sup>GAZETA DO POVO 23/01/1985 : 17.

<sup>70</sup>“Chegou Zé Para Direita” (TRIBUNA DO PARANÁ 24/01/1985 : 7)

que depende das contratações - também atravessou o início do campeonato<sup>71</sup>. Como dissemos anteriormente, um jogador estrangeiro chamado Aragonês, já com o campeonato em andamento, foi vendido por Cr\$ 300 milhões sendo especulado que a sua venda – justificada pela dificuldade da manutenção do salário alto do jogador que então onerava os cofres do clube – possibilitaria a contratação de um *meia* posição que o clube sofreria carência. Mauro Madureira por Cr\$ 80 milhões, e Carlinhos Maracanã eram nomes especulados<sup>72</sup>: “Dentro do que o Coritiba necessita, Mauro se enquadraria perfeitamente ao que o técnico Ênio Andrade vem pedindo.” (TRIBUNA DO PARANÁ 26/02/1985 : 7)

Em março, a equipe passou um momento de dificuldades no campeonato. Completaria seis jogos sem vencer, sendo que cinco desses jogos seriam derrotas e arriscava-se a sair do torneio. A reportagem em *Gazeta* sublinhava a necessidade de reforços para a equipe, inclusive com a anuência do técnico Ênio Andrade, segundo entrevista concedida para este veículo. Para Carneiro Neto, aquele momento refletia uma crise administrativa e financeira do clube paranaense e do futebol paranaense, e que haveria ainda uma disparidade em relação aos outros clubes do Brasil, o que de certa forma assemelha suas ideias ao discurso de meritocracia econômica de *Placar*:

NOSSO FUTEBOL ESTÁ DOENTE. Acontece que o vexame é amplo total e irrestrito. Os quatro times da cidade estão rigorosamente combalidos (...) Finalmente o Coritiba, um grande pela CBF como um dos 20 principais clubes para formar na 1ª divisão do futebol brasileiro. Vivendo uma dramática crise administrativo financeira há 5 anos, alertamos logo no começo do ano sobre o risco que o alviverde correria neste grupo do campeonato nacional. Teria pela frente as maiores expressões técnicas e não estava diretamente preparado para enfrentá-las (NETO, 27/02/1985 :15).

Em meio àquele período, os jogadores Bonamigo (que não será contratado) e Almir já eram anunciados como reforços. Madureira, cogitado anteriormente, não viria mais<sup>73</sup>. Em abril volta-se a cogitar a necessidade de contratações pela equipe. Logo após

<sup>71</sup> Além de Almir, o zagueiro Gomes chegaria em fins de fevereiro (com o campeonato já em andamento), para fazer parte do elenco coritibano.

<sup>72</sup> Carlinhos Maracanã não viria mais, segundo Tribuna (em meados de abril), pois tinha acertado com o Taguatiranga-SP (TRIBUNA DO PARANÁ 16/02/1985 : 7)

<sup>73</sup> “Bonamigo E Almir Contratados. Com a péssima campanha do Coritiba na Taça de Ouro Ênio Andrade exigiu a contratação de pelo menos mais quatro jogadores.” (TRIBUNA DO PARANÁ 28/02/1985 :12) Mauro Madureira, que interessaria ao Coritiba nesse momento, será anunciado como reforço pelo Pinheiros neste dia. (TRIBUNA DO PARANÁ 28/02/1985 : 12)

a classificação para a segunda fase, nos parece forte a ideia corrente de que “contratar era preciso”:

Todos no Coritiba tem consciência de que a classificação foi considerada uma zebra em todo Brasil. Principalmente porque no turno inicial o Coxa brigava pra não ficar na lanterna ao lado do Santa Cruz. Sabendo disto, o supervisor Hélio Alves garantiu que ‘não ficaremos parados. A nossa torcida pode ficar tranqüila que iniciaremos um trabalho minucioso de análise do elenco e tentaremos solucionar os problemas existentes’ (TRIBUNA DO PARANÁ 16/04/1985 : 7).

As especulações sobre a necessidade de contratações pela equipe permanecem, e alguns nomes são cogitados. Entretanto, em meados de maio, o clube não havia ainda resolvido esta questão, figurando nos jornais como motivo a falta de opções no mercado que fossem a um preço acessível (TRIBUNA DO PARANÁ 15/05/1985 :12). Embora essas especulações ainda permaneçam até o final da competição, não verificamos referência a outra contratação pelo clube. Ao que tudo indica a falta de dinheiro foi mesmo o elemento mais importante, já que pela recorrência da abordagem dos jornais e entrevistas de pessoas ligadas ao Coritiba a necessidade de reforço era uma questão efetivamente sentida no ambiente do clube.

No intervalo do campeonato haverá uma nova fase de dificuldades quanto a renovações dos atletas, conforme se vê nas reportagens dos jornais curitibanos, que evidenciam mais uma vez a dificuldade econômica por que passava o clube. Neste momento o Coritiba teria - dos jogadores considerados titulares daquela equipe - Vavá, Índio, Marco Aurélio, Toby e Gomes com dificuldades para acertar seu novo contrato<sup>74</sup>. Além do problema com a renovação de jogadores, neste mesmo momento o *zagueiro* Caxias que viera do Colorado por empréstimo, teria seu contrato encerrado e seria liberado. Neste mês a equipe perderia também seu supervisor de futebol (Hélio Alves) para o Atlético-PR, que oferecera, segundo *Tribuna*, uma “proposta milionária”<sup>75</sup>. Na *Gazeta* a manchete é: “Coxa Fica Sem Supervisor E Nega A Volta De Lattes Ao Alto Da Glória”<sup>76</sup>(GAZETA DO POVO 04/05/1985 : 18).

Quanto aos episódios envolvendo as renovações - reportados pelos jornais curitibanos nesse momento - houve sempre o destaque que o clube levaria a cabo uma

---

<sup>74</sup> Além do problema com a renovação de jogadores, neste mesmo momento o zagueiro Caxias que viera do Colorado por empréstimo, tem seu contrato encerrado e é liberado

<sup>75</sup> TRIBUNA DO PARANÁ 03/05/1985 : 12.

<sup>76</sup> Refere-se a Bob Lattes, anterior dirigente do clube. O Coritiba ficaria sem supervisor até o final do campeonato.

política de não pagar mais que o “teto” de Cr\$ 5,5 milhões entre luvas e salários, emperrando-se as negociações quando os jogadores não aceitavam esta oferta:

PERMANÊNCIA DE ÍNDIO DEPENDE APENAS DELE (...) O que o Coritiba se propõem a pagar a Índio é o mesmo que foi oferecido ao zagueiro Gomes, aos meias Toby e Marco Aurélio, ao ponteiro Lela e ao goleiro Rafael: 5,5 milhões (GAZETA DO POVO 24/05/1985 :18)

Este era o momento em que o campeonato estava em recesso e manchetes trazendo esta questão envolvendo a renovação dos jogadores acima citados foram recorrentes nos jornais<sup>77</sup>, sendo os casos que nos pareceram mais novelizados, foram o do zagueiro Vavá e do atacante Índio<sup>78</sup>, pois foram freqüentes manchetes envolvendo a “novela” da renovação com eles durante esse período. Em que pese o intervalo do campeonato, e por isso uma possível falta de assunto na editoria dos jornais mesmo com a campanha da seleção brasileira de futebol em pauta, estas manchetes parcem retratar mesmo a configuração coritibana em evidência no momento recheada de extensas discussões envolvendo acertos financeiros, sendo o caso de Vavá emblemático para nossa percepção nesse sentido.

A renovação com Vavá só acontecerá no início de julho<sup>79</sup>, e o desgaste envolvendo o acerto do zagueiro parece ter contribuído diretamente para sua saída do time titular: nos inícios de junho, segundo *Tribuna*, o Coritiba não iria utilizar jogador que estivesse “sem contrato”<sup>80</sup> nos amistosos que realizava durante o intervalo do torneio (caso então de Índio e Vavá). O que se verifica em relação ao time é que na segunda fase da Taça de Ouro até o final da competição, a dupla de zaga titular que foi mais utilizada do Coritiba passaria a ser Gomes e Eraldo, sendo que desde os inícios do campeonato – e ainda no ano anterior – Vavá atuou a grande maioria das vezes como titular.

<sup>77</sup> Nesse quadro ainda verificamos Marco Aurélio - consagrado como herói da classificação Coxa contra o Santos ao final da primeira fase – e que já estava sem contrato, como se vê em manchete de Gazeta, logo após sua partida contra ao Santos: “Marco Aurélio, Renova Logo Com O Coxa!” (GAZETA DO POVO 16/04/1985 :18). O desenrolar da renovação não se dá de uma hora para outra na imprensa, e o jogador renovaria apenas no início de maio . Já Toby seria a exceção, pois reporta-se que teve um acerto sem muita dificuldade - por Cr\$ 3,5 milhões mensais mais luvas de Cr\$ 18 milhões efetivada em fins de maio - junto com o zagueiro Gomes . Finalmente o caso de Gomes seria também um caso complicado, pois o passe dele pertenceria ao Corinthians-SP que pedia Cr\$ 150 milhões para liberar o jogador, e o Coritiba naquele momento não teria o dinheiro para renovar com ele. Dias depois em uma manchete relata ainda que a situação se agravara antes do acerto final: “Coxa com dificuldades em acertar com Gomes. Corinthians dificulta.” Finalmente a renovação do empréstimo junto ao Corinthians se efetiva .

<sup>78</sup> O atacante irá acertar já na metade de junho, o que segundo ele (em entrevista) teria ocorrido “por amizade a Evangelino”, GAZETA DO POVO 14/06/1985 : 19.

<sup>79</sup> TRIBUNA DO PARANÁ 09/07/1985 : 7.

<sup>80</sup> TRIBUNA DO PARANÁ 03/06/1985 : 12.



Assim podemos realmente acreditar que em meio aos inúmeras questões que envolviam as editorias dos jornais curitibanos naquele momento para a construção das notícias, a pauta diária descritiva da “dificuldade de renovações de atletas no Coritiba” e o “teto” assumido pelo clube eram então realmente elementos vivenciados de forma dificultosa no clube diariamente, embora pudessem ocorrer não precisamente da forma como eram descritas, e talvez nem tão alarmantes assim em termos da possibilidade da perda de atletas, já que apenas uma das renovações não se efetuaram a tempo do reinício do torneio: a renovação com Vavá.

Durante o recesso do campeonato o Coritiba, segundo os jornais *Gazeta e Tribuna*, começaria a fazer amistosos. Os amistosos seriam uma estratégia do clube para conseguir receitas enquanto o campeonato ficasse parado (embora também sejam justificados para manutenção do “ritmo de jogo” dos jogadores”). Além destas partidas, veremos novamente a recorrência matérias relatando uma situação financeira difícil do clube. Para além da abordagem dos jornais, a promoção dos amistosos evidencia uma situação financeira já ruim do clube que era agravada pela falta de calendário e estava interligada com a dificuldade na contratação e renovação de atletas antes analisadas. Não devemos esquecer, entretanto, que esse tipo de abordagem em que se vê uma reificação de Evangelino como um personagem central na busca de dinheiro para o clube através dos amistosos, mitificava também a figura do presidente no jornal em prol de uma idolatria que atenderia a dispostivos comerciais dos veículo. Não significa



FIGURA 19 – CAPA DE TRIBUNA “COXA EM VACAS MAGRAS”

FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ, CURITIBA, 16/ABR. 1985

também que não funcionasse assim no clube, como acreditamos que de fato funcionava, ou seja uma administração personalista em torno de Neves.

Assim logo após a vitória sobre o Santos - no retorno da primeira fase - e início do intervalo na Taça Brasil, *Tribuna* traz a manchete: “Coxa Dá Folga Geral E Pega Vacas Magras.

Classificação vale a pena? São mais de dois meses parados!”<sup>81</sup>. A partir desse momento veremos matérias destacando a dificuldade da manutenção dos contratos e folha salarial dos jogadores durante dois meses em que o clube ficaria parado, e daí em diante também manchetes relatando amistosos contra algumas equipes.

A procura de amistosos continua sendo o fator preponderante para a diretoria que não aceita a hipótese alguma ficar parada nos próximos meses (...) O presidente Evangelino Neves voltou a repetir que por R\$ 15 milhões livres de transporte, alimentação e hospedagem o Alviverde poderá jogar (...) ‘Só vamos jogar porque precisamos de dinheiro para manter o clube nesta inatividade’ (TRIBUNA DO PARANÁ 26/04/1985 : 12)

Nos inícios de maio, o clube disputará – e sairá vencedor – do Torneio Maurício Fruet com Colorado, Atlético-PR e Fluminense-RJ<sup>82</sup>. Mas mesmo estas partidas não teriam possibilitado uma tranquilidade financeira para a equipe.

Foi nesta época que iniciaram-se também a sequência de três amistosos que custariam Cr\$ 15 milhões para os promotores, contra times no interior do Paraná<sup>83</sup>. O clube disputou ainda, durante essa época, partidas de ida e volta contra o Cerro Porteño do Paraguai<sup>84</sup> que custaram cerca de R\$ 25 milhões a serem pagos pelo mandante.

O que nos chama a atenção é que o total do valor desses amistosos - não há razões para acreditar que não se tratasse dos referidos valores mesmo - não deveriam cobrir mais do que um mês da folha salarial do clube, conforme a projeção que fizemos da folha salarial do clube ser de Cr\$ 80/100 milhões mensais. Houve também partidas do campeonato paranaense e também do próprio Torneio Maurício Fruet nesse momento, que devem ter servido no máximo para cobrir a folha salarial do outro mês. Tal conjunto de situações nos remete novamente que efetivamente a situação financeira do clube estava agravada nesse momento, estando interligada com uma situação real na dificuldade de renovação de atletas<sup>85</sup>.

---

<sup>81</sup> Tribuna do Paraná. 16/04/1985, Capa.

<sup>82</sup> A escolha do Fluminense-RJ ter-se-ia dado no lugar do Corinthians-SP, segundo a Tribuna porque se convidasse o clube corinthiano, a partida do Coritiba no segundo turno contra os paulista pela Taça de Ouro poderia perder força como atrativo de público.(TRIBUNA DO PARANÁ 27/04/1985 : 7)

<sup>83</sup> Em Foz, contra o Flamengo local(01/05) a equipe vence por 4 a 0; em Irati, contra o Olímpico (19/05), vencerá por 7 a 1; em Loanda contra a seleção local, ganha por 5 a 1 (09/06)

<sup>84</sup> Com empate em zero no Paraguai, e vitória alviverde por 2 a 0 em Curitiba. Cogitou-se entre os clubes realizar um torneio no Paraguai envolvendo outros clubes, mas a proposta acaba não se concretizando devido a proximidade da continuação da Taça de Ouro.

<sup>85</sup> Encontramos ainda outras matérias que novamente apontam para problemas financeiro da equipe, como em meados de maio de 1985, uma reportagem a qual se destaca uma dívida do clube de R\$ 100 milhões com o Flamengo, Joinville e São Bento na Gazeta do Povo . Por esta dívida seria possível que o clube fosse suspenso – nos parece uma punição superestimada na ocasião - de competições pela CBF enquanto não fossem sanadas. E também em julho, com o campeonato brasileiro já em andamento, novamente,

De uma forma geral, fica claro que não houve um projeto, um planejamento mais pronunciado do clube voltado para a disputa do campeonato, portanto fica claro que as condicionantes da conquista do clube não devem ser buscadas num modelo gestor diferencial do clube. Talvez como efeito dessa falta de planejamento.

Por outro lado e ao contrário de *Placar*, conforme verificamos, o sentimento de “crise” financeira se fazia muito presente na imprensa esportiva curitibana e estava ligada ao processo de montagem da equipe. O clube vivia um período muito complicado em termos financeiros o que impactava no processo de montagem e na própria manutenção da equipe. Conforme analisamos, a experiência dos indivíduos naquele momento realmente apontava para dificuldades econômicas vivenciadas.

Sabemos que as dificuldades financeiras e manutenção da equipe certamente não eram um caso singular do Coritiba. *Placar* reportaria, por exemplo, que Brasil de Pelotas perderia um jogador chamado André e o Bahia perdia Ronaldo para o Botafogo de Ribeirão Preto, ambos por questões econômicas para as fases finais do torneio (PLACAR, JUL/1985). As estratégias dos amistosos também teriam sido aventadas e realizadas por clubes como Corinthians, Bahia, sendo que para Atlético-MG e Flamengo essas partidas caça níquel seriam feitas contra equipes de fora do país. Portanto embora recorrentes, possivelmente fossem super-estimadas enquanto obstáculo para o clube desenvolver uma boa campanha naquele ano ou nem denotassem isso. Assim, talvez a manchete de “crise” esportiva e econômica, naquela época, fosse uma abordagem mais vendável no país, uma forma publicizada de “muro-das-lamentações” altamente comercializável em escala nacional, porque conforme relata Helal (1997: 100), elas povoavam as páginas da mídia esportiva.

Certo é que remontavam a condições estruturais do país, da crise econômica vivenciada no período, e situações mais ligadas à própria configuração esportiva. Nesse sentido, através de *Placar* verificamos, por exemplo, que a folha salarial do Ceará seria de Cr\$ 45 milhões, do Brasil de Pelotas Cr\$ 50 milhões, e a do Bahia Cr\$ 75 milhões, e este fizera um investimento de Cr\$ 200 milhões apenas para a disputa da *Taça*<sup>86</sup>. Para se ter um parâmetro, Serginho Chulapa do Corinthians receberia Cr\$ 30 milhões mensais,

---

vemos uma nova matéria que traz mais informações envolvendo a questão financeira e a montagem e manutenção da equipe para aquele ano. Segundo a reportagem havia a possibilidade da penhora de renda das partidas em Curitiba, por causa de dívidas.

<sup>86</sup> Muito embora as rendas das partidas do Bahia sejam reportadas como altas. O clube havia conseguido um montante de Cr\$ 1,5 bilhões na primeira fase da *Taça de Ouro*.

Roberto Dinamite do Vasco, R\$ 50 milhões, e a folha do Flamengo sem Zico, seria de Cr\$ 275 milhões.

De todo modo, aquela atribuição, acima exposta, remete a conjuntura de uma forte recessão econômica vivenciada pelo país nesse momento. Na configuração esportiva, segundo Proni, a referida crise econômica tinha ligações próprias com a cultura gestora do desporto no Brasil, e daria vazão a uma espécie de consenso nos meios esportivos de que a estrutura do futebol profissional brasileiro estava defasada em comparação com a Europa – sobretudo a Itália -, onde novos modelos de gestão e campeonatos mais rentáveis estavam naquele momento sendo realizados:

No início da década de oitenta, o fato mais marcante, do ponto de vista econômico, foi os clubes terem sido arrastados pela recessão econômica para uma situação financeira extremamente precária, forçando a maioria deles a se desfazerem de parte importante de seu patrimônio líquido: os “passes” de seus melhores atletas. Essa situação demonstrou, na verdade, que as formas tradicionais de administrar os clubes de futebol tinham entrado em colapso com a queda do público e das rendas. (PRONI, 1998:217)

Quando a crise econômica atingiu mais agudamente o país, entre 1981 e 1983, o quadro recessivo era o seguinte: os juros internos subiam, a inflação disparava, o poder de compra dos salários diminuía, o desemprego atingia índices alarmantes nos grandes centros urbanos, o cruzeiro (moeda nacional) se desvalorizava em relação ao dólar. Além disso, o crescente endividamento público e a crise fiscal do Estado forçavam os governos estaduais, municipais e o federal a reduzirem drasticamente seus gastos e suspenderem investimentos em infra-estrutura, principalmente em obras públicas. Nesse contexto extremamente desfavorável, agravou-se a situação financeira da grande maioria dos times brasileiros. Aumentaram as despesas correntes e o custo das contratações, enquanto as arrecadações cresciam a uma taxa inferior à da inflação (pois os ingressos só eram majorados ao final dos torneios). A rentabilidade do campeonato nacional, embora com média razoável de público era garantida artificialmente pelos recursos da Loteria (que cobriam gastos com transportes aéreos). Os clubes das grandes capitais brasileiras se deparavam com dificuldades para manter ou recompor o elenco de jogadores, assim como para investir em infra-estrutura. Juntamente com o inflacionamento do preço dos “passes” dos atletas, aumentavam as exigências contratuais. E, para agravar ainda mais a situação, as recorrentes elevações dos juros bancários provocavam uma elevação no grau de endividamento da maiorias das equipes, que eram obrigadas a se desfazer de seus melhores atletas para arcar com dívidas acumuladas. (PRONI, 1998:217)

Dessa forma, a dificuldade financeira que reportava recorrentemente a imprensa curitibana, e que descrevemos acima de forma mais detida, transparecendo como problema central na formação e manutenção da equipe coritibana em 1985, faria parte de um processo que vinha desde os inícios de 1980, seria mais pronunciada nos grandes clubes somava-se a uma defasagem de massa crítica na gestão do desporto

brasileiro. Neste último caso, nos revela que o planejamento mínimo que verificamos no Coritiba também deveria ser muito comum nos outros clubes no campeonato de 1985.

Entretanto, não parece haver muita relação entre a crise econômica e a vitória coritibana. É verdade que ela reduziu a capacidade de planejamento dos clubes, mas relativamente os clubes do Rio-São Paulo continuaram protagonistas em termos econômicos na configuração do campeonato, conforme vimos.

Tanto é que o Corinthians montara uma “seleção” (segundo *Placar*), fazendo entre outras a contratação milionário de Hugo De Leon junto ao Grêmio. Por outro lado



FIGURA 20 – FOTO PLACAR “ZICO SE LAMENTA”  
 FONTE: PLACAR, SÃO PAULO, 26/JUL. 1985

o Flamengo iria repatriar Zico, e foi desclassificado com o “galinho” em campo, aliás de forma muito dramatizada por *Placar*. De uma forma geral, *Placar* também ressaltava, como vimos, que nos inícios do torneio o campeonato tinha “grandes jogadores”, portanto havia capital disponível, concentrado e aplicado em nomes consagrados na configuração do campeonato naquele momento.

Talvez, umas das possibilidades da crise ter agido em sentido objetivo para a conquista coritibana, seria ela ter estagnado o mercado futebolístico de tal modo que jogadores como Dida, Rafael e Marildo, puderam ser obtidos pelo clube

paranaense a valores acessíveis, mas aí entra também o fato dos seus clubes de origem não estarem participando do campeonato, e por isso terem liberado estes jogadores. Outra possibilidade é que também esta estagnação tivesse feito com que os jogadores perdessem alternativas de transferência, pois como vimos apesar de dramatizadas as renovações de contrato no Coritiba, apenas uma não efetivou-se a tempo da volta do torneio. Ou seja, a questão que isso pode revelar é que aqueles jogadores embora não fossem atraídos pelas condições financeiras, não tinham outras alternativas senão permanecer no próprio clube. Mas mesmo assim, seriam ainda especulações.

De todo modo, essa dificuldade na montagem e manutenção da equipe coritibana de 1985 não viria desligada de outros sentidos que seriam primordiais para a conquista coritibana, conforme veremos no próximo capítulo.

## 6. Virtude coritibana: do time tático e dedicado ao estilo Ênio do Coritiba

Ao longo do campeonato de 1985 verificamos ser crescentemente recorrente em todas nossas fontes, mas muito mais pronunciado e aprofundado nos jornais de Curitiba *Gazeta do Povo* e *Tribuna do Paraná*, a referência a um “esquema de jogo” peculiar coxa-branca, o qual verificamos a alusão transcender o simples desenho tático do jogo, configurando o que se poderíamos chamar de um *estilo* de futebol mesmo .

Tal como as matérias acerca da montagem e manutenção do elenco coritibano, a maior recorrência desse assunto nos jornais de Curitiba do que em *Placar*, esteja provavelmente associada a forma da cobertura dada ao clube por aqueles veículos, cujo público paranaense, curitibano e coritibano constituía contingente comercial fundamental. Há também a questão de *Placar* ser, naquela época, elaborada como uma publicação semanal, mais abrangente em número de times, e cujo contingente consumidor coritibano e curitibano era periférico, conforme já ressaltado, logo não privilegiava seus espaços para abordar em pormenores este assunto, mas sim outros.

Há de se considerar mais uma vez, é claro, que essa temática também serviu como dramatização e novelização comercial do cotidiano futebolístico na mídia, e seu destaque nas matérias certamente era influenciado pelas vitórias e derrotas pontuais dos clubes naquele momento, pela linha editorial da publicação e pelo público a quem se dirigiam os veículos. Isto fica evidenciado porque há particularidades nas formas como foi apresentada nos diferentes veículos, sendo por exemplo mais evocada pela mídia do Paraná ao fim do torneio ao mesmo tempo em que seria mais mal-vista pelo veículo de São Paulo. Mas mesmo tal condição não invalida seu protagonismo enquanto elemento importante para considerarmos em nossa análise acerca daquele campeonato, haja vista a frequência com que apareceu em nossas fontes, e de uma forma geral mesmo, convergindo essas mídias para um fato muito bem definido: o de que havia o desenvolvimento de um “esquema de jogo” coritibano realmente peculiar.

Consideramos, ainda, a própria questão (já aludida) sobre o limite de confiabilidade da mídia esportiva na cobertura do desporto, ou seja dependendo de como a matéria é construída pode oferecer a ideia aos envolvidos, tanto as fontes requisitadas para a construção como o público consumidor, de “notícia totalmente infundada”, o que atrapalharia assim as bases para uma novelização do cotidiano esportivo pela mídia. Portanto há também um certo grau de coerência que estas matérias tem que pautar-se e logo a temática da tática da equipe deveria figurar naquele momento

realmente como uma questão importante pelo menos nos círculos coritibanos e seus desdobramentos no campeonato. Além disso, o olhar da imprensa esportiva curitibana sobre a questão tática da equipe não foi vista sempre de forma elogiosa e sem desconfiança, ao contrário como se verá, refletirá o que tivemos por “dilema”. Ademais, um dos jogadores de destaque da equipe coritibana daquela época, Toby, em suas memórias<sup>87</sup> relataria a importância de um “esquema tático” implantado por Ênio Andrade para a conquista do campeonato daquele ano:

Acredito que a vinda do Seu Ênio para o Coritiba naquele campeonato foi um marco. Foi com a chegada dele que o Coxa mudou o jeito de jogar. Ele queria marcação individual, homem a homem, feito jogo de futebol de salão (...) Seu Ênio repetiu várias vezes que tínhamos que acreditar no sistema de jogo que ele iria implantar. Se percebêssemos isso ganharíamos fácil (...) O jeito era radicalmente diferente. Dentro de campo éramos outro time, se comparado com os esquemas táticos empregados pelo Dino Sani e pelo Kruger. (TOBY, 2009:42) .

A referência a um “esquema de jogo”, ganharia mesmo ênfase nos jornais de Curitiba com a chegada de Ênio Andrade ao comando técnico da equipe, na sexta rodada da primeira fase do torneio. Para estabelecer uma historicidade ao esquema de jogo da equipe, retornamos nestes jornais às matérias jornalísticas de fins de 1984. Assim, sabemos que em fins daquele ano, no campeonato paranaense, a equipe entrava em campo contra o Pinheiros com a seguinte formação: Jairo; Suemar, Amaral, Vavá e André; Toby, Marco Aurélio, Aragonéz; Lela, Índio e Edson<sup>88</sup>. Ou seja, naquele momento o desenho tático descrito seria já o 4-3-3 utilizado por Ênio ao longo do campeonato brasileiro do ano seguinte e destes jogadores não permaneceriam na equipe para 1985 apenas os jogadores Suemar e Amaral.

Já com Dino Sani<sup>89</sup> no comando da equipe, nos inícios da *Taça de Ouro*, embora o desenho tático continuasse muito parecido com o que se veria com Andrade, não se evocava muito a questão tática nos jornais, mas ela era referenciada. Nos jornais curitibanos, a conotação dada a questão tática nos inícios do campeonato durante o comando de Dino Sani seria diferente do que se veria em período posterior. Falava-se dela, mas não havia um protagonismo por exemplo de um “sistema Dino”: a tática não era “notícia”, e não era “manchete”, conforme vimos nesses mesmos jornais para o caso

---

<sup>87</sup> Considerando aqui que também se trata de um livro comemorativo sobre aquela conquista.

<sup>88</sup> TRIBUNA DO PARANÁ 07/12/1984 : 12.

<sup>89</sup> Dino Sani foi o técnico do Coritiba contratado em fins de Dezembro de 1984, para o campeonato brasileiro de 1985, mas deixou o comando da equipe na quarta rodada da primeira fase pois fora convidado para dirigir a Seleção do Qatar.



de Ênio. Veja-se por exemplo a leitura feita por *Gazeta* na vitória do Coritiba sobre o São Paulo, nos inícios daquele campeonato:

CORITIBA COMEÇOU ARRASANDO O SÃO PAULO. O time do Coritiba teve um começo insinuante na Taça de Ouro, ao derrotar o São Paulo por 3 a 1, ontem à tarde, no Estádio Antônio Couto Pereira (Alto da Glória). Sua superioridade tática em campo foi tamanha que, se tivesse forçado um pouco mais o jogo, certamente teria chegado a um marcador mais dilatado (GAZETA DO POVO 28/01/1985 :15).

*Placar* sublinhou, em fins do torneio, que houve mudança (radical) na *forma de* jogo adotada pela equipe com a chegada de Ênio Andrade. Entretanto, no caso de *Placar*, esta já tinha oferecido, de certa forma, uma interpretação *tática* a um possível sucesso coritibano mesmo antes dele acontecer. Esta posição de *Placar* fica clara em reportagem às vésperas do início do campeonato em que já enfatizava o *conjunto* da equipe:

A FÉ NO CONJUNTO. Dino Sani, o técnico, sabe que não tem grandes craques. Mas acredita na força da solidariedade. Com uma equipe apenas modesta, cuja maior qualidade é o conjunto adquirido já no último campeonato brasileiro (...) “Hoje, todos são iguais no futebol brasileiro. Para vencer basta que os jogadores peguem firme” simplifica ele. De fato, é na experiência de Dino, contratado ao final do ano passado, que o Coritiba mais se apóia...(PLACAR 25/01/1985 : 20).

O que acreditamos é que de fato houve uma ruptura no modelo tático com Andrade, porque além da ênfase dada nos jornais curitibanos, as memórias de Toby, paralelo ainda a acontecimentos do próprio campeonato, também o próprio Dino em suas memórias<sup>90</sup> fez alusão a um estilo peculiar de Ênio no trato daquela equipe:

Essa equipe, eu arrei ela. Fiz três, quatro jogos, depois eu fui embora para o Catar. Mas o presidente sabia. Eu falei: “Não posso ir, não”. Ele falou: “Não. Você arma a equipe, depois, a hora que você for embora, eu contrato outro”. Aí eu falei... Só tinha o Ênio Andrade para contratar e ele não gostava do Ênio Andrade. Falei: “Está aí o Ênio Andrade. Pega, que ele leva esse time. Nem eu posso levar esse time, porque é muito retranqueiro esse time”. Era tranqueiro, tudo jogador fechado. Eu esperava entrar entre os quatro, não ser campeão. Ele falou: “Você está louco, Dino. O Ênio Andrade não entra aqui mas nem a paulada”. O Evangelino me falou isso. “Você está louco. O único que pode levar esse time é ele”. Ele tinha paciência. Eles vão... Ele põe o time inteirinho dentro do gol e espera e eu não faço isso. Eu, se eu botar um time dentro do gol, eu vou morrer, porra! Morrer de nervoso. E ele não quis saber, aí peguei os outros dirigentes e... “Putá! Vocês têm que contratar o Ênio Andrade. Deixa lá o presidente. Fica na cabeça dele” e contrataram, eu estava no Catar e contrataram o homem. Mandeí um telegrama para o

<sup>90</sup> Considere-se que o foco destas memórias de Dino ele fazia um relato geral de sua vida no esporte.

presidente. “Parabéns, não sei o que...”. Aí, quando estava na China, no mundial infantil com o Catar (...) aí chegou um telegrama: “Coritiba campeão da Copa do Brasil”. Eu falei: ”Ah, uma sacanagem!”.(...) Mas foi campeão! (SANI, 2011:58)

Dessa forma, acreditamos então que foi mesmo com a chegada de Ênio Andrade para o comando técnico, que uma filosofia de jogo alviverde começou a ser paulatinamente protagonizada e motivada na equipe, embora o desenho tático fosse ainda o mesmo do ano anterior.

Segundo Toledo, a referência geral a “esquemas de jogo” na imprensa esportiva é recorrente historicamente e remete ao domínio do saber *profissional* que manifesta-se nesse espaço para explicar e planejar, em termos lógicos, uma partida de futebol. Segundo o antropólogo, dentro desses aludidos “esquemas de jogo” ou “formas de jogo”, o princípio é que cada jogador tenha determinada função/itinerário à cumprir durante a partida, a partir de uma posição definida para ficar e movimentar-se dentro do espaço do campo. Esse planejamento se expressaria através de formações táticas iniciais<sup>91</sup>, ou seja, formas de dispor os onze jogadores de uma determinada equipe visando a vitória pelo trabalho em equipe e imaginando-se o campo de futebol dividido abstratamente em três compartimentos, excetuado o goleiro, da seguinte forma: goleiro-defesa/meio de campo/ataque. Nessa perspectiva, 4-2-4, 4-6-0, 3-5-2 seriam exemplos práticos desses “esquemas de jogo”, entre 36 maneiras matematicamente possíveis (TOLEDO, 2002: 67).

Entretanto, as possibilidades dessa divisão seriam limitadas a poucas formas que teriam se consolidado como formas desejáveis e culturalmente aceitas como válidas e refletiriam, além de concepções sobre estratégias de jogo, concepções num nível menor - também histórica e culturalmente construídas – e mais profundas sobre *bom* jogador de futebol. Refletiriam ainda discursos sociais, e percepções do sensível num nível mais complexo. Dessa forma poderiam ainda, por vezes num nível figuracional mais abrangente, serem associadas a expressões de identidades sociais como por exemplo as regionais e as nacionais.

Segundo Toledo, haveria nessa perspectiva inclusive, a existência de um esquema entre a comunidade esportiva tido como forma “genuinamente” brasileira de jogo: o chamado “jogar à brasileira”, modelo expresso em termos de números no 4-2-4/

---

<sup>91</sup> Dividindo-se o campo em três compartimentos, há o desdobramento da *configuração inicial* para as *configurações dinâmicas* da partida, que só o olho clínico segundo Damo, conseguiria acompanhar. E ainda os “sistemas de marcação” que não transparecem no “esquema inicial de jogo”.

4-3-3 e que teria consagrado-se através da seleção nacional campeã mundial em 1958, cuja formação persistiria nos títulos de 1962/1970, e através do qual o jogo se concentrava nas *ações ofensivas* a partir do meio-campo<sup>92</sup>. Acrescentamos que em tal formação, o jogador Pelé - tido muitas vezes como o maior atleta futebolístico de todos os tempos – protagonizaria figura de destaque na estratégia de jogo aludida, centralizando as *jogadas ofensivas* da equipe. Não seria demais arriscar afirmar, também, que foi tal formação que consagrou uma das marcas máximas para núcleo das narrativas na imprensa sobre *brasilidade* no futebol, e também o símbolo máximo de rendimento no desporto até os dias atuais: o “camisa 10”<sup>93</sup>.

A partir dessas informações podemos desenvolver um entendimento sobre a frequente referência a um padrão tático da equipe coritibana na mídia do período. Este é expresso nos jornais sob a expressão geral “4-3-3” e, como dissemos, reportasse que ele tenha sido implementado, ou pelo menos promovido de forma peculiar, por Ênio Andrade. O ponto chave seria que no esquema de Ênio retirava-se no 4-3-3 um *meia-armador* e colocava-se um jogador de características de marcação e jogo coletivo, e dessa forma ainda priorizava um jogo mais coletivo da equipe.

---

<sup>92</sup> Leal (2000: 47), figura ligada ao campo esportivo e de visão menos acadêmica, historiciza os primórdios deste modelo, afirmando que tal estratégia derivaria dos modelos anteriores 2-3-5 e WM (3-2-5) - passando pela intermediária “WM diagonal brasileira” – sendo recodificados e redesenhados para o 4-2-4/4-3-3 pelo “jogador brasileiro” - mais imprevisível, ágil, individualista e driblador – tornando aqueles esquemas mais ofensivos, de forma que se conseguiria atacar com mais jogadores à partir do meio campo. Leônidas da Silva – jogador da década de 1930/40 e frequentemente evocado como um dos pioneiros do “estilo brasileiro”, (DAMO, 1998:89 e LOPES, 1994: 66) – embora mais avançado, seria um dos grandes precursores desse center-half “diferenciado”. O que teria motivado o surgimento do “quarto zagueiro” (daí os quatro defensores), no próprio Brasil, para barrar tal “ímpeto ofensivo”. Segundo Leal, ainda, o período que compreende o intervalo entre a Copa de 1962 até 1970, acompanhou transformações na configuração esportiva, as quais teriam posto em xeque o modelo à brasileira: “Aperfeiçoaram, então, os métodos de marcação e coberturas, e deram grande ênfase à participação dos jogadores, encerrando definitivamente um período romântico de jogar futebol, não mais permitindo aos adversários, espaço e tempo para jogarem. No aspecto tático, objetivaram reforçar mais o meio-campo com o recuo de 1 (um) dos 3 (três) atacantes do 4-3-3 para tornar-se o quarto homem do meio de campo, aproximando e avançando os 2 (dois) atacantes remanescentes, que passaram a jogar forçando nos 2 (dois) centrais adversários, em bolas longas, de trás, ou nos cruzamentos das laterais, pelos laterais ou pelos meias, que atuavam próximos da linha marginal de campo.” Obstáculo que teria sido transposto com um maior preparo físico do selecionado nacional, porém mantendo nossas “características inerentes” e modelo de jogo, o que possibilitaria enfim o tricampeonato no México ainda “à brasileira” (refere-se ao “esquema de jogo”). Entretanto, podemos afirmar que este preparo/planejamento, que demandava o subsídio mais diversificado de áreas de conhecimento humano com vistas a um maior rendimento esportivo, já seria perceptível num movimento mais autônomo do campo esportivo paralelo ao desenvolvimento científico/acadêmico, e que em certa medida também dialogava com as possibilidades que se colocavam nesse momento da instrumentalização política dos esportes. A seleção brasileira da copa de 1958 já teria se embasado nesses pressupostos, compondo a delegação um corpo de profissionais diversificados. Mas houve uma percepção geral de que nascia um novo modelo de futebol em 1966 e isso influenciou na preparação do selecionado nacional para a copa de 1970 (MARCZAL, 2011:117 e 158).

<sup>93</sup> Note-se, por exemplo, que em 13 das 21 vezes o “prêmio FIFA” (melhor jogador do mundo) ficou para um jogador que “estampava a 10” nas suas costas.

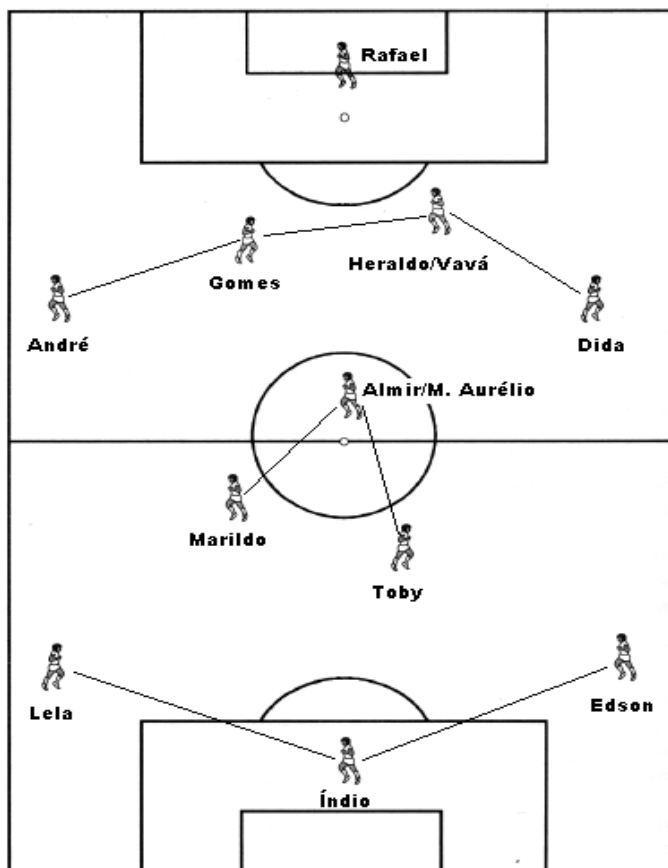


FIGURA 21 – DESENHO TÁTICO CORITIBA, FORMAÇÃO TITULAR 1985  
 FONTES: GAZETA DO POVO; TRIBUNA DO PARANÁ; REVISTA PLACAR. 1985

4

3

3

Este “esquema de jogo” foi destacado como elemento primordial nas vitórias, e também algumas dessas vezes indiretamente criticado como elemento em resultados desfavoráveis<sup>94</sup>. Com a ascensão da equipe no campeonato, o esquema de jogo foi cada vez mais reconhecido nas mídias - mesmo que pejorativamente - e consagrado como um dos elementos chave para o sucesso daquela campanha.

O que percebemos nos jornais

curitibanos é que a forma como se davam as referências ao padrão tático de Ênio, sugerem-nos que tal padrão interrelacionava-se e consolidou-se em movimento com outros acontecimentos. Estes acontecimentos reuniam recursos financeiros escassos do clube naquele momento, ligados a posição sócio econômica da equipe na configuração do futebol brasileiro, o próprio histórico de rendimento da equipe no campeonato anterior a chegada do técnico, a insistência de Andrade (já no comando) e a posterior ascensão da equipe no torneio<sup>95</sup>, a própria cobertura da imprensa e destaque ao modelo (embora não necessariamente sempre de forma positiva) e a fatores mais ligados a recursos humanos disponíveis para as partidas daquela equipe. Neste último caso (e dessa forma), destacamos a efetivação de alguns jogadores na titularidade da equipe,

<sup>94</sup> A crítica se dava não propriamente ao esquema tático por vezes aludido como “defensivo”, mas a falta de jogadores ofensivos que permitissem outra armação tática.

<sup>95</sup> Pois, embora idealizado por Ênio, sem os resultados o projeto do seu “esquema” perderia espaço.

sobretudo com a entrada do jogador Almir no *meio campo*. Nesta perspectiva ainda, outra questão que estaria intimamente ligada a ascensão do “sistema Ênio”, percebida em nossa análise, é o fato do jogador Marco Aurélio - *meio-campo* que jogava mais avançado que Almir e centralizava as *ações ofensivas* da equipe - machucar-se duas vezes no início do torneio, e ficar boa parte da primeira fase fora do time titular, também. Como se verá adiante, sua saída será objeto central no que chamamos “dilema” sobre a questão tática coritibana nos jornais curitibanos, no decorrer do campeonato.

Assim, verificamos que nos inícios do campeonato quando o clube estreava obtendo duas vitórias seguidas, na *Gazeta* e em *Tribuna*, há uma interpretação otimista sobre o futebol coritibano, sem maiores considerações sobre seu sistema de jogo. Apenas considerava-se que existiriam algumas falhas a serem sanadas. Neste quadro, o terceiro jogo da equipe - uma derrota para a equipe do Bahia em Salvador – marcou o início de uma fase de cinco derrotas e apenas um empate (em casa) da equipe. Os problemas começaram a ser visualizados pelos jornais em “setores” da equipe: recorrentemente veremos que ganhou destaque, neste primeiro momento, críticas sobretudo ao sistema defensivo coritibano (apontado como responsável maior aqui para o malogro), embora outras falhas também fossem apontadas.

Com as freqüentes derrotas da equipe nesse momento, ganhou também cada vez mais destaque nos jornais as “falhas da zaga” da equipe, e também foi neste momento que Dino Sani deixaria o comando da equipe. O técnico interino, Krüger, assumiu e logo em seguida contratou-se o treinador Ênio Andrade. Esse momento em diante, nos jornais de Curitiba, marcou o início de críticas que seriam recorrentes ao “setor” de ataque da equipe, embora as críticas às falhas da zaga permanecessem:

CORITIBA FICA SÓ NO EMPATE COM O GOIÁS. O Coritiba esbarrou no perfeito sistema defensivo armado pelo time goiano e não teve criatividade e velocidade para chegar ao gol adversário. A equipe paranaense não contou com a base de sua esquematização tática, fundamental nas jogadas pelas extremidades (GAZETA DO POVO, 11/02/1985 : 19).

Não parece ser despropositada essa análise dos jornais nesse momento. É normal a mídia esportiva apontar culpados quando não há resultados satisfatórios, e também solicitar reforços. Nesta partida contra o Goiás isso ainda não ocorre, como se vê, mas de forma no decorrer a equipe coritibana ficaria sem marcar gols em cinco partidas, e logo começariam as críticas, o que e seria totalmente plausível. Quanto as falhas reportadas ao “setor” de defesa também dispomos de compreensão parecida. Percebemos haver várias modificações de titulares no compartimento da defesa e meio

campo durante o turno da primeira fase, e ainda houve duas partidas em que a equipe tomara mais de dois gols<sup>96</sup>. Logo as referências às falhas e a necessidade de reforços não eram incoerentes. O que fica evidenciado também, é que o padrão inicial tido como ideal para aquela equipe não era a que seria a promovida posteriormente por Andrade, já que era propagada a necessidade de um *meia-armador*.

Já com Ênio no comando, paralelamente, começava-se a cogitar nos jornais da cidade fortemente a necessidade do Coritiba contratar reforços para o “setor” de ataque. Ou seja, paralelamente a manchetes que evidenciavam a necessidade contratações (conforme se vê abaixo), havia manchetes, dividindo os mesmo espaços nos jornais, aludindo a um time tático, que estaria sendo promovido por Andrade desde a sua chegada:

...o presidente Evangelino ao lado do supervisor Hélio Alves chegou a conclusão de que há a necessidade de contratação de mais um meia esquerda, que tenha características diferentes de Aragonês e Paulinho. Seria um jogador mais agressivo e que procurasse os lançamentos em profundidade buscando a velocidade pela direita e Edson pela esquerda. O nome de Carlinhos Maracanã, que está em disponibilidade no São Paulo, voltou a ser comentado (...) Também Mauro Madureira do Colorado foi citado (...) Nas conversas de bastidores fica claro que a maior tendência fica por conta de Maracanã que teve uma excelente passagem pelo Alto da Glória, sendo o artilheiro da equipe e o próprio rendimento da equipe era superior. (TRIBUNA DO PARANÁ 12/02/1985 : 7).

Aliado ao sentimento da necessidade de reforços desse momento, a questão tática da equipe, e elementos como “personalidade” e *raça* dos jogadores, serão necessariamente destacados nos jornais de Curitiba como recursos necessários em partidas contra equipes consideradas “grandes” do futebol brasileiro em todo o torneio, mas isso ocorria de forma independente à leitura que se tinha da equipe e de quem estaria no comando. Nesse sentido, a leitura tática da equipe coritibana ocorreria mais pela sua situação sócio-econômica na figuração esportiva de então, do que apenas pelo projeto de Ênio Andrade, embora com a chegada deste estas condicionantes se combinassem destacando cada vez mais o recurso tático como estratégia primordial do jogo. E esta combinação evidenciou-se em vários momentos nos jornais de Curitiba, como por exemplo em *Gazeta* quando o veículo reporta os preparativos para a partida do Coritiba contra o Flamengo ainda nos inícios do campeonato, e que colocaria frente à frente a “força tática” coritibana versus a “força técnica” e o “toque de bola”

---

<sup>96</sup> Vasco 3 x 0 Coritiba e Internacional-RS 4 x 0 Coritiba.

flamenguista<sup>97</sup>, embora não haja referência de que tal “força tática” já fosse característica principal do Coritiba naquele momento.

Com as derrotas nesse momento, permaneciam as críticas nos jornais às “falhas de zaga” da equipe, mas o “esquema Ênio” passaria a figurar como protagonista fundamental para uma possibilidade de bom rendimento da equipe:

ÊNIO VAI COBRAR DERROTA AOS JOGADORES (...) ‘...não pode continuar cometendo erros infantis em sua retaguarda e sendo a equipe indisciplinada taticamente que foi no jogo de domingo em Porto Alegre (GAZETA DO POVO, 26/02/1985 : 17).

Nesse momento, o *volante* Almir foi efetivamente contratado para a equipe. Esta contratação será mal vista pelos cronistas Carneiro Neto e Luiz Augusto Xavier:

POR QUE ALMIR? O melhor volante do Coritiba é o Toby, surgindo André e Marildo como opções. Sendo uma função defensiva seria muito melhor voltar a contar com Toby no setor, porque haveria sempre a possibilidade de utilizá-lo também em iniciativas ofensivas (...) Apesar de não possuir um elenco de craques, o Coritiba conseguiu montar um time competitivo na temporada passada. Com a vinda de Dino Sani, um disciplinador o panorama melhorou no Alto da Glória e , arrojado, experimentou Toby como meia, ele que vinha se revelando competente volante (NETO 01/03/1985 :17).

Precisava o Coritiba de um outro volante? Não precisava. Necessita sim de um bom zagueiro central e um ponta de lança.” (XAVIER, 02/03/1985 :7).

Esta contratação se efetivou logo após a chegada do técnico Ênio Andrade, o que nos oferece a ideia de que o técnico havia endossado a contratação. E isso acontecia, conforme vimos, num momento em que as matérias nos jornais curitibanos vinham enfatizando a necessidade do clube contratar um *meia-atacante* ou um jogador mais ofensivo. Tais fatos, aliado as várias críticas que veremos nos jornais sobre a equipe coritibana quando ela não vencia, inclusive do próprio Carneiro Neto de forma direta a Andrade em alguns momentos, nos oferecem a ideia de que Ênio sofrera muitas críticas naquele momento, e possivelmente mantivesse uma posição de continuidade ao sistema que queria implantar. Possivelmente esta contratação de Almir, ao invés de um jogador mais ofensivo, também tenha se dado por razões econômicas. Isso porque houve também o destaque nos jornais locais de que por essa época o próprio Ênio Andrade havia inicialmente reunido-se com dirigentes e exigido reforços “para salvar o Coxa”.

---

<sup>97</sup> GAZETA DO POVO, 12/02/1985: 19.

A baixa produtividade do time no campeonato até ali – a equipe só ganhou três partidas, todas em casa na primeira fase, e perdeu todas as partidas fora - fazia também com que a crítica se estendesse nos jornais, além da defesa, também para os “setores” de *meio-campo* e *ataque*. Nesse sentido, é que a discussão sobre a necessidade da equipe buscar reforços ganhava ainda mais força, mas como se disse esbarraria na questão financeira<sup>98</sup>.

Para uns, o Coritiba necessita urgentemente de reforços, mas reconhecem não haver dinheiro para tal. Outros limitam-se a responsabilizar a falta de entendimento dos zagueiros pelas derrotas. Mas há aqueles que ainda confiam no elenco coritibano, acreditando que o grande problema do alviverde esteja na recuperação emocional dos jogadores (GAZETA DO POVO, 03/03/1985 : 19).

Com Ênio no comando, mesmo com a continuidade das derrotas os jornais passaram a destacar “evoluções” na equipe e no sistema tático. Paralelo ao mau momento da equipe, esta ainda sofria com a contusão de jogadores. Entre eles estava Marco Aurélio (contundido nos inícios do torneio só voltará efetivamente ao time contra o Santos, no retorno da 1ª fase), meio campo de “ofício” na equipe e sempre elogiado (ou lamentada sua ausência) nos jornais. E é no lugar de Marco Aurélio – contundido - que se efetivará Almir (ao lado de Toby e Marildo) o que consolidou a característica recorrentemente reportada como mais marcante da equipe de Ênio, já que este seria um jogador atuava mais recuado e mais preocupado na *marcação* do que aquele, preocupado com a *armação*<sup>99</sup>. Ou seja, tudo isso reforça a ideia que as condições materiais para a consolidação do “sistema Ênio” parecem ter se dado naquele momento mais por necessidade, do que propriamente por planejamento. De qualquer modo, o jogador Almir parece ter marcado mesmo um divisor de águas naquela equipe, veja-se por exemplo a afirmação de Toby em suas memórias:

Tínhamos um meio de campo que corria muito. Queríamos controlar isso e fazer as coisas de uma maneira mais calma. O Almir foi a chave do equilíbrio para conseguirmos isso (TOBY, 2009:54).

Poderíamos datar, enfim, como a “primeira vítima” do “sistema Ênio” a equipe do São Paulo, no início do retorno. Partida que foi vencida pelo Coritiba, por 1 a 0 no Morumbi, em 9 de março de 1985. “Primeira vítima” porque deu a tônica de como o

<sup>98</sup> “Ênio reúne-se com os dirigentes e exige reforços para salvar o Coxa”. Gazeta do Povo 1/03/1985:17. Conforme vimos no capítulo sobre a montagem da equipe, realmente a equipe passava por dificuldades financeiras.

<sup>99</sup> Sobre Almir : “...ao lado de Marildo, fez do meio campo o setor que mais reflete a imagem da equipe : pouco brilho e muita aplicação.” (PLACAR, 09/08/1985 : 21)



“esquema Ênio” se expressaria nos jornais neste momento: efetiva contra “grandes equipes”, mas efetiva (somente) na casa do adversário.

CORITIBA SURPREENDE VENCENDO O SÃO PAULO. Funcionou com perfeição o esquema defensivo armado pelo técnico Ênio Andrade (...) O Coritiba já havia melhorado contra o Náutico e o Santos, mas só ontem conseguiu mostrar um futebol realmente consciente e organizado, defendendo-se com absoluta segurança e partindo para o ataque sabendo aproveitar as deficiências do adversário (GAZETA DO POVO, 10/03/1985 : 17).

A mesma interpretação foi oferecida no compromisso seguinte, na vitória da equipe contra o Cruzeiro em Belo Horizonte. Neste momento, diante das vitórias, veremos uma evocação gradual nas reportagens sobre o *estilo* coritibano. Em *Gazeta do Povo*, peculiarmente isso se expressava no emprego recorrente para referenciá-lo através de outros adjetivos que não aqueles pejorativos, como *brilhante*, por exemplo<sup>100</sup>:

COXA VENCE DE VIRADA NO MINEIRÃO. Outra vitória espetacular do Coritiba. Um time brilhante (...) O Coritiba teve tudo contra si: entrou em campo desfalcado de cinco titulares, e esteve por duas vezes atrás do *Placar* (...) O Coritiba reagia: técnica, raça e determinação para chegar à vitória (...) Um prêmio a uma exemplar atuação (GAZETA DO POVO 14/03/1985 : 19).

Entretanto, estas vitórias eram alternadas por empates ou até derrotas da equipe em seu estádio. Diante dos malogros em casa, a tática em si não passaria a ser diretamente criticada (nas mídias locais): por vezes se destacava a falha dos jogadores na execução do modelo nos jogos em casa, mas sobretudo, evidenciava a falta de jogadores mais *habilidosos* que possibilitassem uma outra esquematização mais *ofensiva* para equipe nestas partidas em que o clube atuava em seu estádio.

Carneiro Neto, grande crítico de Andrade, e por vezes o que consideramos mais pessimista acerca da condição sócio econômica do futebol paranaense na configuração brasileira, em relação ao teor das matérias dos próprios jornais, fazia a seguinte análise nesse momento e que nos permite oferecer o teor dos discursos para a equipe coritibana:

Continuo entendendo que o fundamental é a manutenção da humildade, da luta sem tréguas durante o curso do jogo, pois se houve um a melhora em alguns compartimentos da equipe, é bom lembrar que tudo até aqui conseguido foi com garra. Não se viu o time do Coritiba praticar um futebol

<sup>100</sup> Contra o Flamengo, no Maracanã, quando a equipe venceu por 1 a 0, Tribuna destaca a vitória sublinhando a obediência tática da equipe, a aplicação dos jogadores a esta *forma* de jogo. Outro ponto que é recorrentemente citado de forma geral nas mídias curitibanas que analisamos, seria uma *tranquilidade* dos jogadores em executar aquele modelo tático

técnico, que permitia acreditar exclusivamente em suas alternativas táticas ou evoluções técnicas de alto nível. Sejam realistas: o time do Coritiba está ganhando porque os jogadores sentiram a necessidade de um grande esforço coletivo para fazer uma campanha que se mostrava catastrófica há 10 dias (NETO, 17/03/1985 :19).

De uma forma geral, pareceu-nos que os jornais *Gazeta* e *Tribuna* inicialmente promoviam uma leitura de evocação do “sistema de Ênio” mais pela romantização dos feitos, mas sem considerá-lo substitutivo das carências técnicas que existiriam na equipe, como a falta de um *meia-armador* e um estilo de jogo tido como mais *brasileiro*.

Ficaria, assim, evidenciado nos jornais de Curitiba ao longo do retorno da primeira fase a ideia de que o modelo tático era formidável, mas apenas para os jogos fora e que refletiria assim a falta de qualidade técnica da equipe, pois quando jogava em casa, sobre a necessidade de ser *ofensiva*, a equipe não conseguia superar as limitações: “...está mais do que provado: o Coritiba só sabe jogar bem e vencer seus adversários da Taça de Ouro fora de casa” (TRIBUNA DO PARANÁ, 25/03/1985 :16). Na *Gazeta*: “Coritiba não sabe atacar.” (GAZETA DO POVO 22/03/1985 :17).

E será essa imagem que vimos de forma recorrente ao longo do retorno da primeira fase do campeonato sobre o “esquema Ênio”, quando o Coritiba venceria praticamente todos os jogos fora, mas em contrapartida, não vencia sequer um jogo em seus domínios. Além da “falta de qualidade” da equipe, outros fatores eram postos como possíveis condicionantes da situação: a pressão da torcida que queria ver o time “jogar bonito”, a fraqueza emocional dos jogadores e até mesmo a mudança do nome do Estádio (que chamava-se Belfort Duarte, e tinha mudado para Major Antônio Couto Pereira) que poderia estar dando azar. Neste momento, acompanhamos nos jornais curitibanos, cronistas e matérias enfatizando a necessidade da torcida ser paciente com a equipe no Estádio, pois o *modelo* de jogo adotado não primaria pela *beleza* e *ofensividade*. Em tal contexto destacamos uma declaração do goleiro Rafael, logo após a vitória contra o Flamengo fora, e vésperas da partida contra a Portuguesa que seria em casa: “Coxa Espera Contar Com Ajuda Do Povão (...) ‘A torcida deve ter paciência porque não vamos oferecer espetáculo mas sim a vitória. Quem dá espetáculo é menudo!’”(TRIBUNA DO PARANÁ 29/03/1985 :7)

Entretanto, os fracassos em casa persistiriam, e por isso a ideia de fraqueza técnica da equipe se evidenciava cada vez mais na mídia paranaense, oferecendo-se também a ideia de que aquela estratégia tática era na verdade um esquema falho,

“manco”. Os jornais não falam de modo claro, mas é recorrente e muito evidente que a maior crítica dirigia-se a falta de um “meia-armador”, o “camisa 10”<sup>101</sup>, no meio campo coritibano. As críticas tornar-se-iam mais intensivas, ou até de forma mais ridicularizada e irônica conforme a linha editorial do veículo curitibano, no sentido que oferecia *Tribuna* neste momento, conforme se vê abaixo:



FIGURA 22 – MATÉRIA TRIBUNA “COXA GOSTA DE APANHAR EM CASA”  
 FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ, CURITIBA, 8.ABR .1985

Verificamos nesse momento reportagens em que o próprio Ênio tentaria fazer com que a equipe fosse mais *ofensiva*<sup>102</sup>, com as “peças” que tinha em mãos, mas que acabaria não dando resultados. Acreditamos que o posicionamento de Andrade deve ter sido este mesmo<sup>103</sup>, considerando que nesse sentido Toby (2009: 89) afirmar que de fato a equipe havia sentido naquele momento estar sem poder ofensivo, e que não tinha constância nos ataques. Tal situação agravaria-se entre os jogadores, pois somado a falta de poder ofensivo cresceria também um sentimento de “fantasma” da equipe não fazer bons jogos em casa:

Seu Ênio disse na ocasião que a essa altura não havia mais tempo de mudar as características do time. Se mudasse para ser ainda mais ofensivo, poderia ter problemas mais à frente (TOBY, 2009:89).

<sup>101</sup> Muito embora Toby vestisse a camisa 10 da equipe, não era muito descrito como o armador central das jogadas e líder daquela equipe.

<sup>102</sup> “A preocupação maior de Ênio Andrade é fazer com que o time passe a ter maior poder de agressividade, o que depende, fundamentalmente, de uma melhor articulação das jogadas entre o meio campo e o ataque”(GAZETA DO POVO 02/04/1985 : 15.)

<sup>103</sup> Nesse sentido fica novamente evidenciado que apesar de idealizado por Ênio, aquele sistema tático tinha uma ponta da falta de recursos financeiros da equipe

Nesse momento situamos o que percebemos nos jornais de Curitiba como uma segunda fase do “esquema Ênio”. Após empatar e perder as partidas dentro de casa contra Internacional-RS e Portuguesa-SP, o Coritiba necessitava vencer a equipe do Náutico, fora dos seus domínios, para se classificar. Era a penúltima partida do retorno da primeira fase, e a

partida seguinte (e final do retorno) seria contra o Santos, em Curitiba. Nesse contexto ficaria patente nos veículos da cidade que a “lógica de vencer fora” do “esquema Ênio” funcionaria em benefício próprio – ele venceria o Náutico e se classificaria - ou o



FIGURA 23 –CAPA TRIBUNA “COXA FORA”  
 FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ, CURITIBA, 10.ABR.1985

contrário, porque enfim, teria o clube que “ser agressivo”, vencer dentro de casa e superar portanto a “falha” do seu sistema “não funcionar em seus domínios”:

HOJE É FORA. O CORITIBA CHEGARÁ LÁ? Se conseguir confirmar o tabu – jogar mal em casa e bem fora – o Coritiba deixa o Estádio dos Aflitos, em Recife, esta noite, com pelo menos uma vitória sobre o Náutico(GAZETA DO POVO 10/04/1985 :19)

O Coritiba acabou perdendo a partida contra o Náutico, o “tabu” se quebrara, mas em prejuízo da equipe. Ocorre entretanto, que neste momento voltariam à equipe, recuperados de contusão, Marco Aurélio (*meio-campo ofensivo*) e Edson (*ponta-esquerda*). Marco Aurélio entraria na equipe justamente no lugar de Almir. Os jornais destacam a volta dos jogadores, a necessidade de vencer e sobretudo a característica de jogo da equipe que então se modificava.

O Coritiba conseguiria finalmente sua primeira vitória em casa no retorno da primeira fase, e conseqüentemente a classificação para a fase seguinte daquela disputa,

vencendo então a equipe do Santos, no último minuto, justamente em uma jogada construída individualmente por Marco Aurélio, e que culminaria com o gol de Lela<sup>104</sup>.



FIGURA 24 –MATÉRIA EM TRIBUNA “LELA A ESTRELA BRILHOU”  
FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ, CURITIBA, 15.ABR.1985

Os jornais da cidade, conforme se vê acima, ressaltaram em suas reportagens sobre a vitória da equipe sobretudo o “talento” dos jogadores Lela e Marco Aurélio, e o jogo *ofensivo* promovido pela equipe coritibana: “...afinal a sua volta ao time titular do Coritiba foi fundamental para recuperação completa do alviverde.” (TRIBUNA DO PARANÁ 15/04/1985 :7). Mas também por essa ocasião, o presidente do clube Evangelino das Costas Neves concedeu uma entrevista, destacando a armação tática, que até ali para ele teria sido o diferencial para a classificação do clube:

Foi a mudança do comando técnico. O Ênio conseguiu armar uma esquema com maiores facilidades de adaptação por parte dos jogadores (...) tenho que reconhecer que para este elenco do Coritiba, o Ênio é o mais indicado pela própria característica de cada jogador que possuímos. (TRIBUNA DO PARANÁ, 21/04/1985 : 9).

<sup>104</sup> “...estremeeeeeece esse gigante de concreto armado...braços erguidos ao céu, ninguém se aguenta de contentamento, ninguém se aguenta de alegria, a emoção é muito forte, o Coritiba contra tudo e contra todos...o Coritiba com Lela, Lela, Leeeeeeeelaaaa...gol do meu Povo do Verdão...desarmada toda a mutreta contra o Coritiba!...está classificado o Coritiba...” assim apresentava o gol de Lela, no último minuto daquela partida e que dava a vitória e a classificação para a equipe, um narrador na cidade de Curitiba chamado Lombardi Jr.

Neste momento o campeonato brasileiro sofreu uma paralisação de dois meses. O Coritiba voltaria jogar pelo campeonato apenas em julho contra o Sport. Nesse ínterim a equipe disputou amistosos, um torneio e iniciou também a disputa do campeonato paranaense. Nas escalações do time o *meio campo* da equipe teria sempre a presença de Marco Aurélio, na maioria das vezes acompanhado por Toby e Almir<sup>105</sup>. A dupla de *zaga*, entretanto se modificaria. O jogador Eraldo entrava no lugar de Vavá (que tinha problemas para renovação de contrato), ao lado de Gomes. André seria titular absoluto na *lateral direita* tal como Zé Carlos na *lateral esquerda*, sendo destacado seu rendimento em relação a Dida, muito embora este tenha ido servir a seleção brasileira (juniores) em boa parte desse período. O ataque embora vez ou outra se modifique, permaneceu basicamente Lela, Índio e Edson.

Findo intervalo, a equipe paranaense retornou à campo para a disputa dos quadrangulares que apontariam os classificados para a semi-final do torneio. Os jornais curitibanos continuavam ressaltando o esquema tático da equipe coritibana. Em *Tribuna*, por exemplo, na arrancada para esta fase com empate contra o Sport no Recife, o esquema ganhou a inédita alcunha de *equilíbrio*, que paulatinamente passaria para o vocabulário dos jornais curitibanos cada vez mais de forma recorrente para reportar a campanha coritibana desse momento em diante:

O dedo do técnico também tem a sua influência num placar e isto ficou provado ontem, quando o Coritiba largou bem na segunda fase da Taça de Ouro, ao empatar em 1 a 1 com o Sport no Recife. A entrada de Marildo deu maior consistência na meia cancha, além dele marcar o gol que determinou a igualdade no *Placar* (...) O empate veio a premiar o equilíbrio e disciplina tática do Coritiba que em momento algum deixou o Sport dominar completamente o jogo”. (TRIBUNA DO PARANÁ, 21/04/1985 : 7)

E nessa linha, o jogo contra o Corinthians foi apresentado como uma prova para o modelo coritibano, embora a conotação retomasse a já tradicional ideia “tática” x “técnica”:

Será o jogo da tática contra a técnica, este que Coritiba e Corinthians farão neste domingo, no Alto da Glória, sob a expectativa de milhares de torcedores. Se o Coxa vencer terá prevalecido o esquema organizado pelo inteligente técnico Ênio Andrade (...) Se o coringão levar a melhor, a vantagem ficará por conta da categoria de jogadores como João Paulo, Serginho, Casagrande, Carlos, Wladimir, Zenon e Julinho, jogadores de nível de seleção brasileira.(GAZETA DO POVO 06/07/1985 : 17)

<sup>105</sup>TRIBUNA DO PARANÁ maio/junho 1985. O Coritiba vence 5 partidas, empata 3 e perde 2 neste momento. Três dessas vitórias foram em amistosos (no interior do estado) contra equipes aparentemente muito fracas tecnicamente.

O que iria ficando cada vez mais evidente neste momento - e a vitória anterior do Coritiba contra o Corinthians seria um exemplo claro, pois o *meio campo* foi formado naquela partida com Almir, Toby e Marildo (ausência do “talentoso” Marco Aurélio) - é o fato de nos jornais curitibanos a ideia sobre o esquema de Ênio “não saber atacar” ir desaparecendo tal como a da ideia de uma necessidade de reforços.

Por vezes também veremos o *estilo*, anteriormente protagonizado como *feio* e reflexo de falta de qualidade, ser adjetivado de uma forma diferente. Parece-nos que ocorria uma aceitabilidade, e uma promoção na imprensa do Paraná naquele momento. Por exemplo, uma matéria desse período sobre a



FIGURA 25 –MATÉRIA EM TRIBUNA “O COXA ESTÁ INFERNAL”  
 FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ. CURITIBA. 11.JUL.1985

vitória da equipe contra o Joinville em *Tribuna*, era intitulada “Coxa está Infernal”, e iria nesse sentido. Ficaria muito evidente que houve uma mudança no discurso.

Entretanto, isso muito provavelmente só ocorreu também porque houve ascensão da equipe no campeonato. Logo a romantização das vitórias de raízes comerciais na imprensa local encontravam-se com um *estilo de jogo* que, se não era o desejado e nem inspirava confiança inicialmente pela linha editorial dos jornais, passaria a ser evocado cada vez mais como virtuoso e respeitável nas finais do torneio.

“Coxa: Um Show No Corinthians”(GAZETA DO POVO 08/07/1985 : 17) é a manchete de *Gazeta*, relatando a vitória do Coritiba sobre o Corinthians por 1 a 0, em que se destacava o *brilho* de um futebol bem aplicado e organizado.



FIGURA 26 –CAPA GAZETA “COXA SHOW”  
 FONTE: GAZETA DO POVO, CURITIBA, 08.JUL.1985

A última partida do retorno seria um empate diante do Sport em casa, através do qual a equipe se classificaria para as semifinais. Segundo a *Tribuna*, um jogo de forma geral – referenciado novamente pelo termo - “equilibrado”<sup>106</sup>. A vitória contra o Atlético-MG, na primeira partida em casa das semi-finais, revelaria novamente através do termo *agressivo*, uma outra visão, (agora otimista) sobre o esquema tático coritibano. Nesta partida Marco Aurélio jogou, mas não há menção de que sua escalação teria sido fundamental para aquela *agressividade*:

O resultado podia ter sido por maior número de gols, tal o volume de jogo que desenvolveu e o seu predomínio tático (...) O importante é que o time do Coritiba revelou outra face do seu potencial tático, ao passar da situação de atacado para de agressor, deixando evidenciar que o técnico Ênio Andrade não foi pretensioso quando afirmou que a equipe paranaense não era nenhuma surpresa, mas um conjunto homogêneo e competitivo, em condições perfeitas de chegar até o título de campeão brasileiro, num acontecimento inédito no futebol paranaense.(GAZETA DO POVO 25/07/1985 : 21)

Os cronistas Luiz Augusto Xavier, e o próprio Carneiro Neto que anteriormente muito criticava o “esquema de jogo” passaram a recorrentemente fazer muitos elogios àquele modelo de futebol, como se vê abaixo:

Ficou bonito o 1 x 0. Mas podia ser de dois, até três, contando com as duas bolas na trave que o Coritiba mandou. Atraindo o Atlético-MG para o seu

<sup>106</sup>TRIBUNA DO PARANÁ 22/07/1985 : 7.



campo e dando liberdade de ação até a sua intermediária, o perfeito jogo tático do técnico Ênio Andrade deixou os mineiros atônitos, perdidos em campo. Mas, mesmo assim, o Coritiba ainda foi o que melhor explorou o campo, sempre atuando na boa e criando inúmeras chances de finalização (...) Aliás, os jogadores coxas tem sido aplicadíssimos e aí talvez esteja o segredo desse time que está a um empate da sonhada e inédita taça libertadores.(XAVIER, 25/07/1985 :7)

Tecnicamente todos reconhecemos as limitações do time coritibano, mas ninguém pode negar que se trata de um dos mais bem armados do atual campeonato. Além da sua boa organização de jogo e conseqüente força coletiva, seu elenco é balanceado com jogadores que exercem várias funções em campo.(NETO, 21/07/1985 :23)

“Definida A Tática Do Coxa: Retranca”<sup>107</sup> era a manchete da *Gazeta* em vésperas da partida de volta contra o Atlético, no Mineirão. A princípio a manchete pode oferecer ainda a ideia de uma apresentação do esquema pejorativamente, mas a seqüência da matéria explica que embora *retrancado* o *estilo* coritibano podia se transformar em *ofensivo*:



FIGURA 27 – MATÉRIA EM GAZETA “ TÁTICA COXA”  
FONTE: GAZETA DO POVO, CURITIBA,  
27.JUL.1985

A tática do jogo a ser adotada pelo time do Coritiba, em Belo Horizonte, será mesmo a retranca. Mais um “ferrolho” com variações para um 4-3-3. Ofensivo no momento de aplicar o contra-golpe, o que certamente irá exigir um maior esforço dos jogadores. O esquema voltou a ser exercitado no treino de conjunto que o técnico Ênio Andrade orientou na tarde de ontem (GAZETA DO POVO 27/07/1985 :17)

Essas alusões sobre a filosofia de jogo coritibana, nesse momento, eram também evocadas por representar competência e mérito esportivo daquela equipe. Em *Tribuna*, inclusive, Ênio Andrade daria uma entrevista destacando como mérito fundamental o estilo de jogo por ele proposto, mas oferecendo os outros elementos que faziam parte da sua filosofia de jogo:

NÓS MERECEMOS. Houve empenho, aplicação e muito trabalho por parte de todos eles. Montei um esquema que foi aceito por todos (...) Vamos treinar amanhã (hoje) e na terça-feira seguiremos ao Rio para dar sequencia ao nosso trabalho. Ninguém vai parar até acabar este campeonato.(TRIBUNA DO PARANÁ 29/07/1985 :11)

<sup>107</sup>GAZETA DO POVO 27/07/1985 : 17.

Em *Gazeta* via-se em vésperas da final contra o Bangu, a defesa de que “Coritiba, com a sua equipe operária evoluiu sob o comando do estrategista Ênio Andrade.” Em *Placar*, logo após o final do campeonato, Ênio seria apontado como o grande responsável da conquista coritibana:

O grande segredo da bela campanha paranaense parece ser mesmo essa figura carismática chamada Ênio Andrade (...) Aí entra outro componente fundamental no trabalho deste treinador: o preparo físico. A primeira pessoa que Ênio procurou quando chegou ao Coritiba para substituir Dino Sani, foi o preparador Odivonsir Frega (...) Frega se esmerou no trabalho. Ainda na primeira fase, muita gente estranhava encontrar a moçada na pista de atletismo do Couto Pereira puxando um rolo compressor de 200 Kg. (*PLACAR*, 02/08/1985 :6.)

Este é um retrato também emblemático. Ao longo da campanha coritibana, o esquema de jogo protagonizado nos jornais e que seria implantado por Ênio, vinha recorrentemente ligado a outros termos que remetiam à preparação da equipe ao longo daquele campeonato, e que seriam muito ressaltados: *trabalho, evolução, consciência, concentração, determinação, tranquilidade, coragem, aplicação, defensivo, marcação, contra-ataque, coletividade, pouco-brilho, feio*, enfim, termos que poderíamos descrever sob a ideia mais ampla (normal ao senso comum) de *futebol força* ou como um *estilo* que se contrapunha ao *futebol-arte*, ou com a *brasilidade* no futebol.

O que percebemos, entretanto, é que há também já uma referência a grande parte desses elementos antes da chegada do treinador<sup>108</sup> para reportar o dia-dia do clube. Assim, víamos já nos inícios de janeiro - quando a equipe ainda estava em processo de formação - uma ênfase sobre os treinos da equipe. *Tribuna* destacará em inícios de janeiro sobre a reapresentação do elenco coritibano no dia anterior: “O Primeiro Treino, Na Chuva”(TRIBUNA DO PARANÁ 09/01/1985 :11). O destaque recorrentemente dado neste momento (tanto em *Gazeta*, como em *Tribuna*) também era sobre a dificuldade do clube em montar a equipe. E neste cenário *Gazeta* informa “...apesar da dificuldade Coritiba segue firme nos trabalhos.”(GAZETA DO POVO 14/01/1985 :13). No dia seguinte, a reportagem ressaltava a ida do clube Parque São Lourenço (Curitiba) para os treinos. E no dia posterior, diante do fracasso na negociações de Almir<sup>109</sup>, o jornal informava que o clube “segue treinando”.

Esta alusões, durante o torneio, seja antes ou depois da chegada de Andrade,

<sup>108</sup>Em janeiro de 1985, durante o processo conturbado de montagem da equipe para o campeonato, veremos recorrentemente na *Gazeta do Povo* alusão aos treinamentos da equipe.

<sup>109</sup>GAZETA DO POVO 15/01/1985 : 17.

durante as vitórias remetiam recorrentemente às ideias de *trabalho* e de *consciência*. Nas derrotas da equipe, o sentido dado seguiam na mesma perspectiva: a ênfase nas matérias que se davam eram às “falhas” da equipe, ou seja “falhas” porque com *trabalho* e/ou mais *concentração* poderiam ser resolvidas<sup>110</sup>. Assim raramente (nas derrotas) veremos uma interpretação fatalista sobre o fato, como por exemplo aparece certa vez em *Tribuna*: “...certeza que o time não tem futebol para disputar o título.”(TRIBUNA DO PARANÁ 21/03/1985 :6).

Assim, foram recorrentes na *Gazeta* matérias – ao longo daquele ano – que reportavam o “dia do Coritiba”, informando sobre as atividades realizadas. Mas não resta dúvida que estas alusões ligadas a uma ideia mais geral de *trabalho* (como valor, virtude e forma de desenvolvimento), e elementos do gênero, também se acentuaram com a vinda de Ênio Andrade, e a partir de então foram cada vez mais destacados em nossas fontes, estando atreladas ao “esquema de jogo” do treinador mas também à filosofia de trabalho em evidência no clube, conforme se vê por exemplo na imagem a seguir:

---

<sup>110</sup> Nesse sentido destaca a *Gazeta* a derrota para o Bahia, no turno da primeira fase como “falha tática”. Este mesmo jornal destaca “Coxa falha de novo” na derrota seguinte para o Vasco, enquanto que na *Tribuna* a abordagem é “falta de entrosamento(...)Coxa novamente pecou em seu sistema defensivo(...)não finalizava com felicidade...”. O empate com Goiás em casa, *Gazeta* ressaltava as “falhas”, “falta de entrosamento” e “falta de criatividade” do time. Já na derrota para o Flamengo(casa), em ambos os jornais a derrota é destacada pela contribuição da arbitragem(injustiça). No fracasso contra o Inter(for) *Gazeta* destaca “falta de brilho”, mas também a “falta de organização” da equipe; *Tribuna* fala em “nervosismo” e “falha” no setor defensivo. Em *Gazeta*, contra a Portuguesa o clube “jogou mal” no 2º tempo, quando levou o gol; *Tribuna* fala em “bobeada” da defensiva. Na vitória sobre Náutico “houve progresso na finalização”(Gazeta),já a manchete em *Tribuna* é “Finalmente Coxa criou Vergonha :2x0”. Na derrota para o Santos, *Gazeta* diz que time “jogou bem mas foi derrotado”enquanto que em *Tribuna* a manchete dá conta do acaso : “apareceu Formiga” e ainda a displicência do ataque que “decepcionou perdendo grandes oportunidades”. Novamente ênfases táticas nos jornais, nas vitórias no retorno(for) A interpretação que clube teve “falhas” e “errou muito” contra o Bahia (em casa). No empate contra o Vasco *Gazeta* reporta que equipe fez um “péssimo” jogo, enquanto que na *Tribuna* novamente seria o Coxa “sem vergonha”. Finalmente as derrotas contra Portuguesa(casa) e Náutico(for) voltarão as interpretações fatalistas, em ambos os jornais, ou seja a ideia de que efetivamente o time “não sabia atacar”, ou dito de uma outra forma, falta de jogador.



FIGURA 28 –“COXA TRABALHOU DURO”  
 FONTE: TRIBUNA DO PARANÁ, CURITIBA, 26.JUL.1985

Nesse sentido veremos, ao longo do campeonato, o destaque nas matérias sobre os treinos táticos da equipe e sobre os treinos físicos. Quando Ênio chegou à equipe, haveria um pedido ao preparador físico, Odivonsir Frega, para um reforço na preparação física dos atletas: um dos exercícios era o que os jogadores puxassem um rolo compressor de 200 Kg, segundo relata a revista de São Paulo, informação confirmada pelas memórias de Toby (2009:49). A alusão ao “esquema Ênio” começaria a ser protagonizado nos jornais curitibanos cada vez mais a partir de então, como se vê as vésperas da partida contra o Internacional-RS:

Ênio Andrade reconhece ser esta uma parada bastante indigesta, por isto voltou a insistir no treinamento de ontem na tática de encurtar os espaços do adversário, além de exigir mais atenção dos jogadores ao cumprimento do esquema de marcação a ser desenvolvido na partida programada para as 19 hrs hoje (GAZETA DO POVO 24/02/1985 : 20).

“ÊNIO GRITA! E O CORI SE ACENDE PRO JOGÃO (...) ‘...futebol é praticado com garra’ [Ênio]”(TRIBUNA DO PARANÁ 20/03/1985 :7). E dias depois, o supervisor de futebol Hélio Alves diria: “Futebol hoje em dia não é técnica. É luta!” (TRIBUNA DO PARANÁ 22/03/1985 :7), são exemplos de discursos que se tornavam cada vez mais frequentes nos jornais Nas vésperas da partida contra o Flamengo, no retorno da primeira fase, víamos a seguinte reportagem (neste jornal):

TREINO EM GOIÂNIA. Antes de seguir para o Rio, a fim de enfrentar o Flamengo, o Coritiba fará hoje um treino bastante puxado no campo do Vila Nova. Durante duas horas e meia (das 9:30 às 13 horas) o técnico Ênio Andrade vai trabalhar com os jogadores e exigir deles acima de tudo, muita determinação na obediência ao sistema tático (TRIBUNA DO PARANÁ 26/03/1985 :7).

Essa conotação seria portanto muito presente em toda a campanha coritibana, mas muito mais protagonista com a chegada de Ênio, nas coberturas jornalísticas de *Gazeta e Tribuna*. Reunindo sempre elementos como *consciência, trabalho, sucesso* acompanhamos que nos jornais de fins de abril (um momento em que o campeonato estava em recesso), persistiria a menção daquela equipe ligada a ideia de treinamento e evolução técnica:

Todos os jogadores irão se apresentar para o reinício das atividades que conforme a planificação armada pelo supervisor Hélio Alves, os treinamentos físicos terão uma maior atenção porque nos dois primeiros turnos da Taça de Ouro o desgaste foi muito grande por parte da maioria dos jogadores (...) quando afirmamos que seríamos campeões do segundo turno do grupo A, após o fiasco do turno inicial, ninguém acreditou. Todos achavam que era uma simples ilusão. Com muito trabalho chegamos lá (TRIBUNA DO PARANÁ 23/04/1985 :10).

Nessa linha ainda, em maio, na *Gazeta*, após a vitória no amistoso em Irati sobre o Olímpico, por 7 a 1 – adversário que consideramos de baixo nível técnico - o técnico Ênio Andrade informaria ao jornal que o time ainda estava displicente nas finalizações, e por isso treinaria arremates com os jogadores<sup>111</sup>. E a leitura permaneceria na fase do quadrangular do torneio.

Já avançando para as semi-finais do campeonato, vimos que a questão agora da *dedicação* do clube será colocada cada vez mais em primeiro plano nos jornais curitibano:

MUITO TRABALHO E DEDICAÇÃO. Um outro fator decisivo na ótima campanha que o Coritiba vem realizando no campeonato brasileiro deste ano tem sido a força de vontade de seus jogadores. Ontem, por exemplo, após o jogo desgastante contra o Joinvile, os jogadores voltaram a trabalhar duro no começo da tarde com o professor Odivonsir Frega, que os submeteu a um treinamento relaxante à base de exercícios de alongamento (GAZETA DO POVO 19/07/1985 :19).

Leitura presente nas coberturas sobre as partidas das semi-finais contra o Atlético-MG, em que as virtudes *consciência, planejamento e trabalho* reiteravam sua presença, sempre exaltadas em paralelo a uma já despreocupação com um “futebol bonito”:

Se o Coritiba foi até hoje um time frio e calculista, que não se preocupou jamais em jogar para dar espetáculo à torcida, fazendo o suficiente para chegar a condição de semifinalista do campeonato brasileiro deste ano, será muito mais na partida de hoje á noite com o Atlético-MG (...) O técnico

---

<sup>111</sup>GAZETA DO POVO 21/05/1985 : 17.

parou o treinamento algumas vezes para corrigir o posicionamento dos jogadores (GAZETA DO POVO 24/07/1985 :21).

Após a vitória sobre o Atlético-MG, e diante da classificação os mesmos valores ganharam cada vez mais espaço e são ressaltados por Ênio em entrevista à *Tribuna*:

O TRABALHO CONTINUARÁ ATÉ O FIM: ‘Nós Merecemos [Ênio]. Houve empenho, aplicação e muito trabalho por parte de todos eles. Montei um esquema que foi aceito por todos (...) vamos treinar amanhã (hoje) e na terça feira seguiremos ao Rio para dar sequencia ao nosso trabalho. Ninguém vai parar até acabar o campeonato’(TRIBUNA DO PARANÁ 29/07/1985 :11).

Verificamos que também em *Placar*, por esse momento a reportagem seguia na mesma linha, embora este veículo promovesse mais uma simbologia futebolística de *brasilidade* ligada a equipe do Bangu:

CORITIBA, HERÓICO E CONSCIENTE: O time de Ênio Andrade chega a decisão depois de eliminar o Atlético em Pleno Mineirão, com muita raça. E vai ao Rio disputar o título com a mesma determinação.(PLACAR 02/08/1985 :5)



FIGURA 29 –“CORITIBA: HERÓICO E CONSCIENTE”  
FONTE: PLACAR, SÃO PAULO, 2.AGO.1985

Nas vésperas da final contra o Bangu, *Tribuna* reportaria no mesmo sentido, agora a cobrança de penalidades pela equipe, que vinha acontecendo já há dois meses:

TREINANDO PENALIDADES. Terminado o coletivo de ontem, Ênio Andrade voltou a repetir tudo aquilo que vinha executando já há dois meses e ninguém entendia: cobrança de penalidades. Desde de que foi reiniciada a segunda fase da Taça de Ouro, o técnico intensificou as cobranças de pênaltis, porque já visava a decisão (TRIBUNA DO PARANÁ 31/07/1985 :7).

De uma forma geral, mais uma vez parece-nos muito plausível que houvesse mesmo ênfase sobre treinos táticos e técnicos da equipe coritibana naquele momento. Analisamos abaixo.

Primeiro porque estes relatos, como dissemos, figuram tanto em *Gazeta* como em *Tribuna*, e depois será visto também em *Placar*. É verdade que seria difícil imaginar que de alguma forma esse discurso, tão presente nos jornais de Curitiba, não fosse atrativo para o público que estes veículos tinham como consumidor. Seja por uma romantização mais pronunciada que evoca, ou talvez pelo fato de que tinha raízes com as identidades sociais da região, porque se tratava de uma região de forte imigração europeia onde o *trabalho* adquiriu um viés histórico de mitificação de desenvolvimento social, diferentemente de regiões onde prevaleceu no quadro social mais uma aristocracia estabelecida, situação em que o *trabalho* adquiriu carga negativa, de exploração, racismo e violência.

Mas por outro lado, não pode se desprezar que esse tipo de abordagem no futebol não é o que fomentaria tradicionalmente a admiração na grande maioria das pessoas, basta considerarmos os estudos sobre o discurso da imprensa acerca da seleção brasileira, por exemplo, e do *futebol arte*, discursos que termos como *trabalho* e *consciência* figuram sim invariavelmente como núcleo de alteridade para o *bom* futebol. Logo, seria uma abordagem que não necessariamente precisaria ocorrer naqueles termos para ser comercial. Mas podemos considerar ainda que, para o caso de um torneio nacional, os elementos disponíveis para demarcar a alteridade e o valor original, comercialmente atrativo da equipe coritibana nas linhas editoriais dos jornais num nível nacional, necessariamente precisassem contemplar estas características, já que outras equipes disporiam já de uma imagem mais consolidada ligada ao *futebol arte*. Nesse caso poderíamos falar dos *brasileiros* e dos *européus* (ou *argentinos*) do futebol brasileiro historicamente na imprensa? Possivelmente, se considerarmos nesse sentido as ideias de Arlei Damo:

Colado à construção da identidade nacional, o futebol sugere, de um lado, certa vulnerabilidade dessa identidade e, de outro, contradições endêmicas em cuja base residem as diversidades étnicas, regionais e, em dados momentos, raciais. Enquanto no primeiro caso as atualizações ocorrem, em geral, de quatro em quatro anos, por ocasião das Copas do Mundo, no segundo elas são permanentes, desde que se confrontem clubes de regiões distintas. Num e noutro caso, o futebol-arte serve de encompassador das diferenças regionais, evocando juízos acerca das formações étnicas, políticas, históricas, sociais e econômicas das unidades federativas (DAMO, 1999: 93).

Mas ocorre que mesmo considerada esta acepção naquele sentido, o que verificamos em nossa análise revelou que não houve uniformidade no discurso evocando *trabalho*, *consciência* e outros do gênero para reportar a equipe coritibana na imprensa local, mas também desconfiança (sobretudo nas primeiras partidas de Andrade a frente da equipe), desconforto e até mesmo um “dilema” sobre a forma de trabalho e modelo tático de Ênio. Portanto não houve a necessidade comercial de demarcar o estilo coritibano de Ênio Andrade sob uma determinada ideia evocada uniformemente. Esta ideia construiu-se e consolidou-se em meio a outros acontecimentos, na mídia do Paraná.

Segundo, a equipe coritibana não era destacada em termos recursos financeiros na configuração do campeonato e não tinha os jogadores mais badalados, logo uma estratégia de foco no treinamento seria muito coerente, principalmente quando se considera um momento de vários resultados ruins da equipe.

Terceiro, há a possibilidade, de forma não excludente ao que foi dito, da equipe teve de prolongar a pré-temporada, pelo fato do campeonato ter começado nos inícios de Janeiro e a equipe, ao longo do torneio, também estar ainda em formação.

Quarto, há também a questão da recorrência a alusão da figura de Ênio na imprensa curitibana desde a sua chegada, logo estando a carga de responsabilidade relegada sobretudo ao técnico respeitado já como bicampeão brasileiro<sup>112</sup>, sendo assim não improvável imaginar que Andrade tomasse a frente o planejamento dos confrontos da equipe por intermédio de um privilégio a questão tática e da figura da orientação do treinador. Sobretudo se considerarmos que Andrade assumia uma equipe em declínio no campeonato, e provavelmente receptiva a uma ruptura no modelo de preparação.

Quinto, mais uma vez o próprio jogador Toby (2009:46-55) em suas memórias ressalta que houve um modelo tático idealizado por Ênio Andrade, e que era calcado no *planejamento*, no *conjunto* e no *trabalho*:

E, como ainda faltava muito para atingirmos o objetivo que ele traçava, no dia seguinte já pegávamos no pesado, nos treinamentos (...) Lembro de um comentário de Lela. Ele dizia que nossa equipe parecia um time europeu, pela obediência tática. Enfim estávamos entendendo o que o seu Ênio queria. Pensávamos no coletivo, no conjunto. (TOBY, 2009:46-55)

Nos parece claro portanto que podemos acreditar que de fato a equipe coritibana de 1985, sobretudo com Andrade, valorizava sobremaneira a questão tática e

---

<sup>112</sup> Internacional-RS (1979) e Grêmio-RS (1981).



os treinamentos desde os inícios. A questão que se coloca é se seria apenas no Coritiba, naquele momento entre a configuração do campeonato, que o treinamento seria levado tão a sério. E ainda, se esta atitude teria sido realmente imprescindível para ascensão daquela equipe no torneio.

Uma breve análise de discurso sobre as outras equipes do campeonato na revista de São Paulo, revela que não era apenas o clube do Paraná que era tão “dedicado” assim. Nos mostra que o Bahia, uma equipe que teve destaque também naquele campeonato, era reportada por *Placar* frequentemente como uma equipe coletiva, solidária e que se calcava no *trabalho*. Assim nos finais da primeira fase, a revista destacava a forma física do time, que havia começado a trabalhar antes dos inícios da *Taça de Ouro*, motivos que seriam cruciais para ascensão da equipe no torneio. Independente de ser ou não uma equipe laborosa, o discurso sobre o Bahia seria apenas mais uma exceção na imprensa não podendo ser tomado como parâmetro geral. Mas o que nos chama a atenção, nesse caso, é se também no caso de Bahia o discurso não era, tal como no caso coritibano, já apriorístico. Ou seja, se não seria mesmo improvável em *Placar* figurar a acepção de que houvesse “grandes craques” em outras equipes, senão sobretudo as do eixo Rio-São Paulo, pois isso poderia ser contraditório com a linha editorial do veículo que promovia a acepção de uma idolatria calcada na hierarquia meritocrática econômica de futebol brasileiro naquela época<sup>113</sup>, e cujo público consumidor seria primordialmente dos clubes sediados naquelas capitais.

Se problematizarmos a questão em termos culturais, podemos considerar que a *dedicação* coritibana era sim um método diferencial. Helal (2001:135-148), afirma ser recorrente e consolidada historicamente uma forte referência a uma determinada “ética” para realização social e bom futebol no país: seria a “ética do dom”. Aqui, valores evocados seriam os do imprevisto, o do talento inato, em contraposição ao treino, ao trabalho, ao esforço (“o talento já nasce feito”). Desta forma, segundo o sociólogo, na configuração esportiva - inclusive entre os próprios cronistas - seria comum a verificação do termo “esforçado” com uma conotação negativa, sendo geralmente relegada ao “perna de pau”. Já Damo (2005:105-126), afirma que de uma forma geral a “ética do dom” apresentar-se-ia como uma pré-condição para realizar-se no futebol

---

<sup>113</sup> Conforme percebemos uma “ética do trabalho” realmente acontecia na equipe coritibana. Mas afora o caso que conseguimos comprovar, até que ponto poder-se-ia considerar válido o discurso muito claro de *Placar* no futebol daquele momento dicotomizando pobres x ricos, dedicados x talentosos, tática x técnica? Será que nos “grandes clubes” não haveria trabalho? Será que nos outros clubes não haveria “craques”?

brasileiro, mas não apenas nele. No futebol do Brasil, *dom* seria uma forma de expressão social que denotaria *capital corporal* inerente ao indivíduo de uma forma mais geral para prática do futebol de alto rendimento, diferenciando-o em duas perspectivas. Primeiro, o *dom/dádiva*: o qual expressaria este *capital corporal* como ligado a ideias de predestinação e religiosidade, e que incluiria o predestinado a uma rede de reciprocidades inspirando a prática da retribuição da dádiva: assistencialismo do jogador quando famoso, reconhecimento social sacralizado, apadrinhamento de empresários, abnegação do atleta extremada ao sonho (abrindo ele mão de outras possibilidades de ascensão social, como através dos estudos) e de familiares próximos para reconhecimento do atleta almejando em conjunto uma redenção social, etc. Segundo, o *talento (dom/talento)*: mais utilizado por profissionais do desporto e dirigentes – porque mais secularizado e por isso também remeteria a possibilidade de lapidação do talento através do treino – encontrado também em outras culturas como a francesa, de cunho “mais científico” e que também revelaria uma pré condição necessária para se tornar um futebolista de “sucesso”(DAMO, 2005:107). Sendo essa a perspectiva, considere-se a afirmação de Toby em suas memórias, e uma entrevista concedida por Ênio Andrade ao final daquele torneio para *Placar*:

Seu Ênio conversou com a gente. Disse que todos tínhamos sido burros em campo (...) Descobri depois que a burrice a que se referia era por acreditarmos que não poderíamos vencer. E também, claro, por não termos entendido o esquema tático (...) O que não poderíamos fazer era nos precipitar. Tudo teria que ser pensado (...) o jogo foi tão bom do ponto de vista tático, que pareceu uma vitória [ Santos 1 x 0 Coritiba] (...) Por incrível que pareça estávamos entusiasmados com esse jogo. Ficamos na expectativa dos treinamentos, já no dia seguinte. E o Frega, claro, não deu moleza.” (TOBY, 2009:58).

Então, numa palestra para os jogadores do Coritiba, falei que não precisava ser craque e usei o seguinte raciocínio: ‘Eu sou limitado, mas, dentro da minha limitação, sou inteligente porque vou impor aquilo que eu tenho, aquilo que eu quero’. E foi assim com o Coritiba. Os jogadores entenderam que nós não temos craques, e sim jogadores inteligentes porque impuseram seu ritmo com um desgaste físico muito grande (...) Não sou contra o talento, não sou contra o craque, e tenho Paulo Roberto Falcão para dar o exemplo de um craque capaz de unir arte e força”(ANDRADE, PLACAR 09/08/1985: 37-40).

Já se remontarmos a história da preparação física no futebol, também podemos considerar que em parte a filosofia de trabalho alviverde daquele momento era uma exceção ao que ocorria no futebol brasileiro de então. Veremos que desde a Copa de 1958, e sobretudo nas Copas de 1966 e 1970, a preparação tática e sobretudo física ganhou muito espaço no futebol (MARCZAL, 2011:117 e 158), logo não seriam

invenções do Cortiba nem de Ênio Andrade naquele período. Entretanto, a década de 1980 ocorreria uma revalorização de um sentido profissional do desporto em âmbito mundial, pois a indústria do entretenimento começaria a incorporar o esporte fomentando o paradigma de administração dos clubes calcados no chamado *futebol-empresa*. Nesse movimento é que surgiriam os chamados Centros de Treinamento (CTs) em fins da década de 1980, no Brasil<sup>114</sup>. A partir de então, segundo Toledo (2002:131) o treino nos clubes tornar-se-iam um espaço mais “sério” e regado, perdendo a condição de espaço de encontro entre cronistas, jogadores e torcedores.

Fica claro, portanto, que o esquema tático, e o método de preparação calcado em forte treinamento e planejamento foi provavelmente um diferenciativo do clube em relação aos outros da figuração. A questão que se coloca, então, é que efetividade em termos de resultado isso realmente significaria naquele momento.

Num livro recente do jornalista Michael Lewis denominado *Moneyball – The Art Winning an Unfair Game* (2004), que inclusive inspirou um filme hollywoodiano com o mesmo nome, relata-se uma experiência, na temporada de 2000/2001, ocorrida em um time de beisebol americano de menos recursos financeiros em relação aos concorrentes da figuração esportiva, o Okland A’s. Através de uma metodologia diferente de escolha de jogadores e montagem da equipe, o *sabermétrico*, a equipe inovava e assim conseguia formar um time competitivo com vitórias consideradas expressivas. Se tomarmos o “sistema Ênio” como também uma inovação naquele momento em termos táticos, podemos pensar na mesma linha. Aliás ao fim do torneio, a própria *Placar* promoverá uma entrevista com Andrade destacando o seu modelo tático, o qual afirmaria:

O Brasil foi ofensivo na copa de 1982, mas se destacou Oscar, porque ele pegava toda a barra. Não havia a volta. Isso não é futebol ofensivo, foi um futebol de índio, todo mundo atacava. E quem é que vai defender? (...) A gente mescla. Eu não tenho “quadrado”, não tenho 4-3-3, líbero, mas posso ter tudo isso durante o jogo. A nomenclatura eu não dou, embora seja até bonito. Meu time é simples, não é retrancado. Tanto não é que, com esse método, fui três vezes campeão do Brasil (...) Ser ofensivo não é só atacar. Tudo tem de ser coordenado( *PLACAR* 09/08/1985 : 37-40).

Conforme vimos extensamente até aqui, reportagens e entrevistas nos veículos obedecem a princípios de linhas editoriais, e não figuram simplesmente ali como

<sup>114</sup> O jornalista Paulo Cesar Tiemann afirma que na década de 1980 a figura do treinador de goleiros era rara no Brasil, e que Rafael (goleiro do Coritiba) fazia um treinamento especial naquele campeonato, logo esse seria um diferencial daquela equipe.

simples expressões tomadas ao acaso. De todo modo, esta declaração de Ênio se encaixa com o modelo que veríamos evidenciado e construído de forma mais complexa na mídia paranaense, por isso pode ser tomada como provável declaração e ideias do técnico naquele momento, e assim possivelmente refletindo uma concepção tática diferenciativa.

Daniel Coyle, jornalista esportivo norte-americano escreveu um livro recente (2010) intitulado *O Código do Talento* de caráter mais ensaístico, porém com embasamento acadêmico da neurociência e da psicologia. Coyle relata visitas do que chama de “fábricas de talento” ao redor do mundo, locais pontuais geograficamente de onde saíam invariavelmente a maioria dos indivíduos considerados “foras de série”. Nesta obra Coyle defende que as idéias de capacidade inata de determinados indivíduos em determinadas atividades (música, literatura, computação, esporte, etc.), ou predisposição genética, são na verdade mitos. Segundo o jornalista, os pontos chaves da fisiologia da aprendizagem, e núcleo da construção dos “foras-de-série”, seriam basicamente três: muito treinamento (anos), paixão/idealismo (com importância a ídolos de identificação e referência social) e a iniciativa de errar e aprender com os próprios erros (pois isto traduzir-se-ia em auto-domínio da atividade). Nesse processo e condições, uma substância chamada mielina seria produzida de forma otimizada (o ápice deste processo ocorreria na infância), formando camadas que envolveriam as fibras nervosas e capaz de acelerar a transmissão de impulsos nervosos, desenvolvendo enfim as habilidades motoras dos indivíduos de forma mais refinada.

Malcom Gladwell, um ensaísta também americano, escreveu outro livro denominado *Fora de série: Outliers* (2008). Nessa obra, muito criticada na academia mas sucesso de vendas, o autor defende que a prática foi uma das chaves para a excelência no caso de Beatles, Mozart, Bill Gates, Steve Jobs entre outros. Além da prática, a bagagem cultural seria importante. Neste sentido cita por exemplo a habilidade dos asiáticos na matemática, que adviria do seu maior tempo na escola do que os ocidentais, herança de uma cultura que valorizaria o trabalho contínuo, com raízes históricas como já se poderia ver na administração de plantações de arrozais.

É muito provável que estas ideias não sejam ponto pacífico entre fisiologistas esportivos atualmente, mas nos parece muito plausível que façam sentido na medida em que consideramos como se dá a própria inserção do futebol no Brasil historicamente. Se remontarmos a biografia de vários jogadores que se destacaram no esporte, veremos que

eles jogavam muito desde muito crianças<sup>115</sup>, sem muita orientação em termos de aprendizagem de “como se jogar” mas mais como autodidatas, sendo por vezes uma das únicas formas de lazer em uma infância pobre<sup>116</sup>.

Diante disso tudo, podemos considerar que o modelo tático coritibano era inovador naquele campeonato. Filosoficamente, em termos de preparação física a preparação coritibana, calcada no *trabalho* e na *dedicação* e na *racionalidade* não deveria ser única naquele torneio, mas era um modelo de preparação ainda não muito disseminado e culturalmente desprezado. É possível pensarmos que aquela equipe, inclusive incorporou, através da figura de Ênio Andrade, aquele sistema como um ideal. Assim, foi possível para aquela equipe desenvolver-se, especializar-se, evoluir taticamente (e isso é reportado) tornando-se mais hábil coletivamente de uma forma sensivelmente diferenciada dos seus concorrentes da figuração. Obviamente que, conforme a frequência dos relatos, aquela equipe teve também destaques individuais que foram primordiais na ascensão do time no torneio, como por exemplo o *goleiro* Rafael e o *ponta* Lela, mas isso parece ter-se dado e somado à inovação tática. Portanto, nessa perspectiva, certamente foi uma condicionante, um diferencial do clube em relação aos concorrentes, principalmente se considerarmos que a equipe não levava muitos gols, sendo o seu “meio-de-campo retrancado” – base da sustentação do modelo tático coritibano – muitas vezes criticado pelos cronistas locais e de *Placar*. Mas ao mesmo tempo, esse “meio de campo retrancado” seria protagonista das vitórias mais importantes do clube fora de casa<sup>117</sup> e que foram imprescindíveis para a classificação da equipe para o quadrangular final, e posteriormente no desenvolvimento de um modelo

---

<sup>115</sup> Em muitas dessas vezes, a passagem pelo futebol de salão e a proximidade com alguém com vínculos com o futebol profissional também é muito recorrente.

<sup>116</sup> Aliás uma figura dionisíaca do craque que “fugia da escola” e “dormia com a bola” chega a ser mitológica, embora não nos pareça muito longe da realidade.

<sup>117</sup> Há vários estudos que se pautam na análise da *vantagem em casa* (VC), ou seja, estudos sobre uma constatação de que nos diversos campeonatos de futebol pelo mundo – entre eles o Campeonato Brasileiro - historicamente acontece maior incidência de vitórias pela equipe mandante dos jogos. As correntes explicativas do fenômeno oferecem como resposta: 1) argumentos de vertente psicológica, a qual sugere elementos como: medo e ansiedade dos visitantes; o nível de testosterona maior dos jogadores mandantes provocadas por um instinto de defesa de território; maior confiança e pró-atividade que se traduzem numa otimização motora dos jogadores mandantes possibilitados pela familiaridade com o lugar, e apoio da torcida, respectivamente; e ainda maiores decisões favoráveis, por um nível inconsciente da arbitragem pela pressão advinda do ambiente. 2) argumentos de vertente mais objetiva, segundo a qual o cansaço das viagens, alimentação inadequada, concentrações desgastantes e estranhamento com o terreno e condições de jogo (clima, campo, altitude, etc.) pelo time visitante (SILVA & MOREIRA, 2008: 185) Nessa linha é considerável o fato da equipe coritibana ter vencido quatro vezes fora dos seus domínios.

de jogo “mais equilibrado”, como se verá muitas vezes aludido nos jornais ao fim do campeonato.

## CONCLUSÃO

O campeonato brasileiro de futebol de 1985 ocorria em um momento em que o país passava por um processo de mudança política, e havia tensionamento político envolvendo toda sociedade. O sentimento por uma vontade democrática era disseminado, ganhava as ruas e formava movimentos sociais de destaque sendo por vezes até confrontativo com a inércia e a planejada restrição democrática, nas arenas efetivamente representativas e de decisão política. A massa da população permanecia restrita, portanto, da vida política nos âmbitos efetivamente decisórios. Ausente de uma representação social mais efetiva na medida que o partidarismo no país historicamente também seria fraco, conduzido por uma “profissionalização burocrática” de representantes, dispendo a sociedade de um protagonismo eventual em momentos de eleições. Havia também forte crise econômica, que atingia grande parte da sociedade, a inflação aumentava diariamente e os salários perdiam o poder de compra, embora nem em todos os momentos houve a chamada recessão. Os mais pobres ficavam mais pobres ainda, e a quebra do país era uma ameaça real. No Paraná, e mais especificamente em Curitiba, os índices de exclusão e de subdesenvolvimento não eram tão altos como por exemplo os do nordeste, mas ainda altos e excludentes. A cidade e o estado passavam por um processo de metropolização. As elites levavam a cabo um projeto desenvolvimentista para cidade, porém dependentes de empreendimentos e capitais exteriores. Este cenário e a própria dinâmica da cultura política em voga, num plano mais abrangente do país, poderia ser vista também na configuração esportiva.

Assim, da configuração esportiva, identificamos um protagonismo histórico do futebol no Brasil. Nos círculos de gestão do desporto no país, ocorriam fortes tensionamentos entre grupos e modelos a serem adotados. Há uma busca clara por uma reestruturação da configuração levada a cabo por determinados clubes e agentes, fortemente influenciados pelo processo de globalização, crise econômica e *redemocratização* política. Paradoxal ou não – já que o país vivia um processo em que as *liberdades* eram evocadas - esta reestruturação interessava diretamente a uma elite de clubes, e gradualmente passariam a ocorrer nesta década campeonatos menos inchados – inclusive o campeonato de 1985 - e incorporação de paradigmas mais racionais e comerciais na gestão do futebol brasileiro. Destaca-se entre pesquisadores do período, um certo consenso que embora um tensionamento na configuração esportiva, ocorria uma ruptura no futebol brasileiro e mundial nesse movimento (HELAL, 1997; PRONI, 2000; RIBEIRO, 2011).

Em meio a essas configurações, transitavam os veículos midiáticos diários *Gazeta do Povo*, *Tribuna do Paraná* e o semanário *Revista Placar*. E mais ligados a configuração esportiva, clubes, federações e a CBF. Estes veículos, conforme visto, não ficaram alheios ao que se passava na esfera econômica ou política, desenvolviam os seus “jogos” na figuração midiática numa escala mais regional ou nacional, refletindo em suas leituras jornalísticas, suas associações, seus propósitos comerciais, suas inserções sociais no país, o que acabava dando vazão muitas vezes a discursos de cunho político ideológico muito bem marcados. Discursos que revelavam também um formato mais comum, evidenciado a partir de um *jornalismo esportivo* nos três veículos que, de uma forma geral, adotava sempre uma fala de *dentro* dos fenômenos esportivos, portanto sempre engajada e “torcedora”, e que também utilizava o recurso de uma linguagem *emotiva e romantizada*. Elementos, que como vimos na introdução deste trabalho, foram muito presentes na história da imprensa esportiva no país.

Nessa perspectiva, percebemos *Placar* frequentemente atribuía-se um papel de guardião de um determinado “Brasil” que idealizava, ressignificando inclusive muitas vezes de forma peculiar, um sentimento democrático em evidência naquele momento. Nesta “fala” uma boa gestão, mais comercial, enxuta e mercantilizada do torneio e do próprio futebol brasileiro, e que por outro lado proporcionasse uma consagração econômica de caráter meritocrático e hierárquico em termos de clubes, tornava-se emblema encampado pela revista, questão que daria vazão a suas recorrentes críticas à fórmula do torneio e a estrutura do futebol brasileiro, sobretudo em fins da disputa, quando os “grandes clubes” não figuraram em evidência. É o que ajudaria a sustentar também o discurso de que a equipe Coritibana havia vencido por determinados elementos para além de uma “qualidade técnica”, o que também se veria até de forma mais pronunciada na mídia do Paraná.

Por outro lado, em *Gazeta* e *Tribuna*, embora sem um discurso mais proeminente de “Brasil”, frequentemente destacavam-se como defensoras de um Paraná visto como não muito reconhecido, e por vezes até injustiçado, no plano nacional. Através deste discurso o Coritiba representaria um bastião do paranismo, ideia que se evidencia sobretudo com a ascensão do clube no torneio.

Havia também os cronistas dos jornais curitibanos que, cada qual de forma singular, nos ofereceram mais subsídios para nossa análise. Para Carneiro Neto o futebol paranaense era pobre, e por consequência a equipe coritibana também. Entretanto, tal como Luís Augusto Xavier, acredita que a equipe havia sido bem



montada. A posição de Neto se altera com maus resultados da equipe nos inícios do torneio. Os cronistas não veem com bons olhos a contratação de Almir – um *volante* - no decorrer do torneio, e lamentam a ausência de Marcos Aurélio – um *meia armador* - na equipe durante a sua contusão. Com Ênio Andrade, ambos concordam que o futebol coritibano apresentado seja “feio” e “limitado”, embora o segundo retrate esta descrição com tom despreocupado e mais irônico. Xavier nos aparenta ser mais otimista com a equipe coritibana ao longo do campeonato, mesmo com as derrotas da equipe, do que Neto. Este, ao longo do torneio, recorrentemente critica a equipe coritibana como limitada e o próprio esquema de Ênio Andrade, e vê o futebol brasileiro em uma “entressafra”. Acredita porém que a garra e a tradição do clube poderiam ajudá-lo, e parece um pouco surpreso quando se dá a vitória coritibana. Mas ambos após as vitórias, e os próprios jornais, buscam destacar muito que as vitórias foram merecidas mesmo por Carneiro Neto que parece se curvara ao “futebol feio” do Coritiba.

Essas “falas”, conforme vimos, acabavam se chocando em sentidos sobre o nacional, e o regional no nacional. A leitura do torneio acabava expondo assim, diferentes sentidos de raízes mais profundas sobre o próprio futebol, política, economia, mérito social e pondo em evidência questões mais abstratas sobre a própria ideia de Brasil naquele momento, e projeto político para um futebol profissional no país em meio a modificações estruturais da sociedade, e que tomavam forma sobre as temáticas que buscamos expor neste trabalho, como a crítica da fórmula de disputa, a defesa de uma *força* técnica de determinados clubes de forma bem objetiva e hieraquizada de acordo com sua *força* financeira e simbólica, a dificuldade de montagem da equipe coritibana nos jornais locais e a sua ligação posterior a evocação de um sistema de jogo calcado na ideia de *trabalho*, e que se ligaria a um paranismo coritibano, por intermédio da ascensão e conquista do Coritiba em fins do torneio.

Ficou claro também que essas “falas” político ideológicas combinavam-se com os anseios e abordagens comerciais dos veículos. Os veículos do Paraná circulavam e destacavam sua cobertura em boa parte da região do Estado, sobretudo em Curitiba. Já *Placar* circulava em boa parte do território nacional, mas certamente tinha seu público central mais entre os torcedores dos grandes clubes sobretudo das cidades do Rio-São Paulo. Portanto, mais uma evidência das raízes das leituras e das próprias estratégias dessas mídias na sua própria configuração, o na busca e manutenção de mercado consumidor.

O discurso “político-ideológico” era certamente o mais destacado, mas havia algumas vezes espaços em os ditames comerciais de forma mais independente e desligada daquele discurso se evidenciavam nas reportagens e capas, ou eram reconstruídos de uma outra forma afinada com aquele discurso, de acordo com os fenômenos que se processavam na configuração esportiva, revelando por vezes posicionamentos contraditórios e até ambíguos das matérias, quando vistas numa série continua dos veículos ao longo do ano, conforme verificamos. Por exemplo, quando *Placar* lança duas capas nas finais do torneio para uma mesma revista, promovendo os finalistas, embora sua linha-editorial frequentemente houvesse criticado as finais daquele torneio. Ou quando os jornais curitibanos traziam reportagens de clubes de fora do estado, muitas vezes de correspondentes, e que promoviam uma alteridade e hierarquia econômica na configuração esportiva que estes jornais recorrentemente negavam com a sua militância sobre um “paranismo coritibano”. Isto, inclusive, tomaria forma de um “dilema” na imprensa curitibana em certo momento do campeonato, conforme demonstramos.

Problematizando os discursos acerca das condicionantes da vitória coritibana podemos considerar que ela pode ser visto também como um reflexo mais distante do que ocorria na configuração política do país. Conforme vimos havia um reordenamento na configuração política que oferecia brechas para a organização de um torneio mais enxuto naquele ano, como de fato aconteceu, sem entrar numa ideia mais aprofundada de *mérito esportivo*.

A problematização sobre o *bom* futebol brasileiro evocado por *Placar*, e que de certa forma é incorporado pelo jornais *Gazeta do Povo* e *Tribuna do Paraná*, e cuja base conforme hipotetizamos esteja possivelmente ligado a uma rede reunindo configurações do futebol, economia, cultura e mídia no país é uma questão que, ao nosso ver, merece mais atenção. Para além das leituras das mídias, isso implica considerar, portanto, que uma das condicionantes para a conquista coritibana talvez remeta já a uma questão histórica, de que há muito mais *potencial esportivo* e *capital futebolístico* na configuração brasileira, do que se evidenciou de forma mais destacada como percepção histórica. Tomando por base nossa pesquisa, a hipótese é que estariam soterrados pela estrutura econômica e uma periferização das identidades sociais.

Não nos parece haver relações mais objetivas entre o processo, experienciado pelo país, da crise econômica. Verificamos que, umas das possibilidades da crise ter agido em sentido objetivo para a conquista coritibana, seria ela ter estagnado o mercado

futebolístico de tal modo que jogadores como Dida, Rafael e Marildo, puderam ser obtidos pelo clube paranaense a valores acessíveis. Ou que jogadores como Lela, Toby, Vavá, Edson e Índio, entre outros, puderam permanecer na equipe. Mas isto poderiam ser apenas especulações, na medida em que, como se viu, *Placar* frequentemente propagava uma hierarquia técnica de base econômica em suas matérias, na qual o Coritiba figurava fora de evidência inicialmente para a conquista do título.

Por outro lado, a dificuldade na montagem e manutenção da equipe coritibana de 1985 não viria desligada de outros sentidos que seriam primordiais para a conquista coritibana, conforme vimos no último capítulo. Um modelo tático coritibano, fundar-se-ia conforme demonstramos, entre outras questões, naquela dificuldade. Expressavam-se no *conjunto*, no *trabalho*, na *dedicação* e de uma *racionalidade*, elementos de discurso frequentemente utilizados para pautar uma alteridade sobre o *futebol-arte* e *bom* futebol no Brasil, e já com certa tradição nos meios esportivos e imprensa para referenciar equipes consideradas *piores* em relação às *melhores* no país. Entretanto, conforme percebemos, tais elementos (tão propagados pelos jornais de Curitiba, e ao fim do torneio também por *Placar*) provavelmente foram muito proeminentes naquela equipe, modelo que não deveria ser única naquele torneio, mas provavelmente diferenciativo em meio a configuração e conforme demonstramos, parece ter se desenvolvido efetivamente como recurso de *força* destacada da equipe no decorrer daquele torneio, aliado a uma expressão mais positiva das identidades sociais no Paraná.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- ASSAF, Roberto. História completa do Brasileirão. Rio de Janeiro: Lance, 2008.
- ABRAHÃO, B; BLASI, F; SALVADOR, M. A “camisa 10” do futebol como um símbolo na manutenção da identidade nacional – o discurso da mídia. Esporte e Sociedade. Rio de Janeiro, v.2, n.6, 2007.
- ANDREAZZA, M.L.;TRINDADE, M.C. Cultura e Educação no Paraná Curitiba: SEED/UFPR, 2001
- ANTUNES, F. “Com brasileiro não há quem possa!”Futebol e identidade nacional em José Lins do Rêgo, Mário Filho e Nelson Rodrigues. Editora Unesp: São Paulo, 2004.
- ARAÚJO JÚNIOR, Ari Francisco; SHIKIDA, Cláudio D. e MONASTERIO, Leonardo M. Abrindo a “caixinha de surpresas”: uma análise econométrica do futebol brasileiro. Análise Econômica, v.23, n.44. 2005.
- BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. A busca de valores identitários: a memória histórica paranaense. Tese (doutorado) – UFPR: Curitiba, 2007.
- BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BOHME, M. T. S. Relações entre aptidão física, esporte e treinamento esportivo. Rev. bras. Ci. e Mov. Brasília, v. 11, n. 3, p. 97-104, jul./set. 2003.
- BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia(Orgs). Memória e (Res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas:Unicamp, 2011.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. Economia brasileira: uma introdução crítica. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BÓRON, Atílio. A sociedade civil depois do dilúvio neoliberal. In SADER, Emir; GENTILI, Pablo(Orgs.)Pós-Neoliberalismo. As políticas sociais e o estado democrático. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BOTELHO,A.M.R. Da Geral a Tribuna, Da redação ao espetáculo. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1984-1919). Dissertação (2005). (Mestrado em História) UFRJ.
- BRUNORO, J.;AFIF, A. Futebol 100% profissional. São Paulo: Gente, 1997.
- CAMARGO, Aspásia; DINIZ, Eli (orgs.), Continuidade e Mudança no Brasil da Nova República. São Paulo, Iuperj/Vértice.
- CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. São Paulo: Cultrix, 1992.

CAPRARO, André Mendes. FOOTBALL, Uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. Dissertação (Mestrado em História) UFPR, 2002.

\_\_\_\_\_, Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX. Tese (Doutorado em História). UFPR, 2008.

\_\_\_\_\_, O Estádio Joaquim Américo: A “Arena da Baixada” e a identidade clubística do torcedor do Clube Atlético Paranaense - Revista de Antropologia Social, Vol. 5, No 1 (2004).

CARDOSO, Francisco. O cotejo da rivalidade através dos tempos. Curitiba:Livraria do Sul, 1945.

CARDOSO, Ruth. A trajetória dos movimentos sociais. In: DAGNINO, Evelina(org.) Os anos 90: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, s/d.

COELHO, P.V. Jornalismo Esportivo.São Paulo:Contexto, 2006.

CHATEAUBRIAND, Luis Felipe .Futebol Brasileiro: Um Projeto de Calendário – propostas de melhorias do calendário de nosso futebol. Rio de Janeiro:Publit, 2009.

CHIARIONI, Bruno & KROEHN, Márcio. Onde o esporte se reinventa : histórias e bastidores dos 40 anos de Placar. São Paulo : Primavera Editorial, 2010.

COSTA, L.M. Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. LOGOS 33 Comunicação e Esporte. Vol.17, Nº02, 2º semestre 2010. (65-77)

COUTO, André. A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). Dissertação (Mestrado em História) UERJ: 2011.

COYLE, Daniel. O código do talento. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

DAMO, A.S. Do Dom à Profissão. Tese(Doutorado em Antropologia) UFRS, 2005.

\_\_\_\_\_. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. Revista Estudos Históricos. Esporte e Lazer. Rio de Janeiro, n. 23, 1991.

\_\_\_\_\_.Futebol e Estética. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v.15, n.03, p.82-91, jul./set 2001.

ELIAS, N.; DUNNING, E., A busca da excitação. Lisboa, Difel, 1992.

FLEURY, S. Competência emocional: o caminho da vitória para equipes de futebol. São Paulo: Gente, 1998.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 6a edição, 1998.

FRANCISCHINI, S.L.M. Campeonato Brasileiro de Futebol e a Esportificação do Futebol Profissional (1971-1979). Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 2006.

FREITAS JR. M.A de. ADMINISTRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA EM EQUIPES DE PEQUENO PORTE: um estudo sobre o Operário Ferroviário Esporte Clube. Dissertação. (Mestrado em Ciências Súcias Aplicadas), UEPG, 2001

GASTALDO, E. A pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras

GIL, Gilson. O drama do "futebol-arte": o debate sobre a seleção nos anos 70. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: ANPOCS, n. 25, ano 9, junho de 1994.

GIULIANOTTI, Richard ; ROBERTSON, Roland. Globalization & Football. London: SAGE Publications Ltd., 2009.

GLADWELL, Malcolm. Fora de Série: Outliers. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

GÖRGEN, J. Sistema Central de Mídia: proposta de um modelo sobre os conglomerados de comunicação no Brasil. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) UFRS, 2009.

GURGEL, Anderson. Futebol S/A: A Economia em Campo. São Paulo: Saraiva, 2006.

HELAL, Ronaldo. Passes e Impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: Mídia, raça e idolatria: A invenção do país do futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

\_\_\_\_\_. Como “eles” nos vêm: futebol brasileiro e imprensa argentina. Revista Contemporânea, n4, 2005(69-82).

\_\_\_\_\_; GORDON JR., César. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. In: ECO-PÓS – Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_; LOVISOLO, H; SOARES, A.J.G. Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: o Breve Século XX. (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOLANDA, B.; MELO, V. O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

- \_\_\_\_\_. O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. RJ: 7Letras:2009.
- IANNI, Octavio. A era do globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- JORNAIS GAZETA DO POVO. Curitiba (Edições entre 1984-1985)
- JORNAIS TRIBUNA DO PARANÁ. Curitiba (Edições entre 1984-1985)
- JUNG, Carl. O Homem e seus símbolos (org). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- \_\_\_\_\_. Os Arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001
- KELLNER, Douglas. A cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti, Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- LEWIS, Michael. Moneyball: The art of winning an unfair game. New York. W.W. NORTON, 2004.
- LEAL, Julio Cesar. Futebol: arte e ofício. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.
- LOVISOLO, H. Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. Corpus et Scientia, ano 7, vol. 7, n. 2, novembro, 2011: 91-99.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi(org). Fontes Históricas. São Paulo : Contexto, 2005:111-153.
- LUXEMBURGO, V; OSTROVSKY, I. É Campeão! A montagem de um time vencedor. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- MAGALHÃES, Marion Brepohl. Paraná: Política e Governo. Curitiba: SEED/UFPR, 2001
- MANHÃES, Eduardo Dias. Política de esportes no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.
- MARCZAL, Ernesto Sobocinski. “O caneco é nosso”: futebol, política e imprensa entre 1969 e 1970 Dissertação (Mestrado em História) UFPR: 2011.
- MATHEWS, Gordon. Cultura Global e identidade individual: à procura de um lar no supermercado cultural; tradução Mário Mascherpe – Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MOLETA JR, Celso Luiz. Futebol e Formação do Espaço Público no contexto da fundação do Curitiba Foot Ball Club (Curitiba, 1909-1915), Dissertação (Mestrado em História) UFPR: 2009.
- MURAD, Maurício. Sociologia e educação física: diálogos, linguagens do corpo, esportes Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

- \_\_\_\_\_. Considerações Possíveis de uma Resposta Necessária. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, no 24, 1999, p. 431-446
- NADALIN, S.O. Paraná: Ocupação do território, população e migrações Curitiba: SEED/UFPR, 2001
- NAPOLITANO, Marcos. Cultura e poder no Brasil contemporâneo (1977-1984). Curitiba: Juruá, 2002
- NETO, Carneiro. O feiticeiro do futebol: A trajetória de Hélio Alves. Curitiba: Coração Brasil, 2007.
- \_\_\_\_\_. O vôo certo: A história do Paraná Clube. Curitiba: do autor, 1996.
- \_\_\_\_\_. COELHO, V. Atletiba – a paixão das multidões. Curitiba: dos autores, 1994.
- \_\_\_\_\_. COELHO, V. O Campeoníssimo: A trajetória de Evangelino Neves. Curitiba: Coração Brasil, 2003.
- NETO, F.M. Administração e marketing de clubes esportivos. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- OLIVEIRA, Dennison de. Urbanização e industrialização no. Paraná. Curitiba: SEED/UFPR, 2001.
- OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. Olhares sobre uma cobertura: a eleição de 2002 para o governo do Paraná em três jornais locais. Curitiba: Pós Escrito, 2007.
- ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.
- PRETTO, Juliana Regina. O estilo jornalístico. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 481-491, set.-dez. 2009
- PRONI, M. W. A metamorfose do Futebol. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp/Fapesp, 2000.
- \_\_\_\_\_. Esporte-espetáculo e futebol empresa. Campinas: Unicamp, 1998.
- REVISTAS PLACAR, São Paulo: Abril, 1970-2012. Disponíveis, online, em [http://books.google.com.br/books/about/Placar\\_Magazine.html?hl=pt-BR&id=L5CwOs59tV8C](http://books.google.com.br/books/about/Placar_Magazine.html?hl=pt-BR&id=L5CwOs59tV8C). Último acesso em janeiro de 2013.
- REVISTAS PLACAR Edição Especial, São Paulo: Abril, 1970-2012
- REVISTA HISTÓRIA: Questões e Debates. Curitiba, PR: Ed. Da UFPR, n.57, jul/dez



No 2(2012).

RIBEIRO, André. Os donos do espetáculo: história da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Luiz Carlos. O Futebol no campo afetivo da história. Porto Alegre: 2004.

\_\_\_\_\_. Metodologia para uma história da formação do futebol profissional (1900-1945) In: VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1998, Rio de Janeiro. VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Rio de Janeiro

: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1998. p. 127-138

\_\_\_\_\_. Reordenamento das ligas de futebol: Crise ou nova ordem? Revista Recorde de História do Esporte volume 5, número 1, Rio de Janeiro: junho de 2012

\_\_\_\_\_. Futebol e Globalização. Jundiaí: Fontoura, 2007.

RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais. São Paulo: Cia. das Letras, 1993

RUBIO, Kátia(orgs). Psicologia do esporte aplicada. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

\_\_\_\_\_. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SADER, Emir. A transição no Brasil: Da ditadura à democracia? São Paulo: Atual, 1990.

SANI, Dino. Dino Sani (depoimento, 2011). Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2011. 68 p.

SANTIAGO JR. Os arquivos dos campeonatos brasileiros. São Paulo: Panda Books, 2006.

SANTOS, Anna Carolina. A Tribuna do Paraná: jornalismo sensacionalista/ linguagem literária. Pelotas, Celacom, 1997.

SANTOS, Natasha. “Freud explicaria isso?” Os sentimentos e ressentimentos do Futebol em Nelson Rodrigues (1951-70). Dissertação (Mestrado em História) UFPR: 2012.

SANTOS, R.A. Vida Material Vida Econômica Curitiba: SEED/UFPR, 2001

SARMENTO, Carlos Eduardo. A regra do jogo: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SELCHER, Wayne A(org). A abertura política no Brasil: dinâmica, dilemas e perspectivas. São Paulo: Convívio, 1988.

SCHWARTZ, Jorge & SOSNOWSKI, Saúl(orgs.). BRASIL: O Trânsito da Memória. São Paulo: Edusp, 1992, pg 55.

SILVA, Cristiano Diniz da & MOREIRA, Danilo Gomes. A vantagem em casa no futebol: comparação entre o campeonato brasileiro e as principais ligas nacionais. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano. Minas Gerais: 2008.

SILVA, Sidney da. Identidade no Futebol:O papel do jornalismo esportivo paranaense na formação de uma identidade futebolística regional. Monografia (Comunicação Social) UNICENP, 2011.

SINGER, Robert N. Psicologia dos Esportes: Mitos e Verdades. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1982.

SOARES, A.J.S;HELAL, R.; SANTORO, M.A. Futebol, Imprensa e Memória. Revista Fronteiras – estudos midiáticos VI(1):61-78, janeiro/junho 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio: Mauad, 1999.

SORIANO, Ferran. A Bola não entra por acaso: estratégias inovadoras de gestão inspiradas no mundo do futebol. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010

SZYMANSKI, S. & KUYPERS, T. Winners and Losers – The Business Strategy of Football. Inglaterra: Penguin Group, 1999.

\_\_\_\_\_.Soccernomics.Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Lógicas do futebol. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

UNZELTE, Celso. O livro de ouro do futebol. São Paulo: Ediouro, 2009.

RODRIGUES, F. O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006). Tese (Doutorado em Sociologia) UFRS, 2007.

SALDANHA, Renato Machado. Placar e a produção de uma representação do futebol moderno. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

TOBY. Curitiba, Campeão Brasileiro de 1985: na visão do campeão Toby. Curitiba: Edição do autor, 2009.

WISNIK, J.M. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

#### **Sites da Internet:**

-<http://nefutebolesociedade.blogspot.com.br/2011/10/brasileirao-ou-torneio-rio-sao-paulo.html>

Acesso em 01/06/2012.

-<http://donosdamidia.com.br/lugares>,

Acesso em 25/05/2012.

-<http://www.youtube.com/watch?v=PmhNAGOSYfM>

-[www.bdobrazil.com.br](http://www.bdobrazil.com.br)

-[www.pluriconsultoria.com.br](http://www.pluriconsultoria.com.br)

-Acessos em 10/08/2012

-[www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=EH5Qx9B0HAQ](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=EH5Qx9B0HAQ)

Programa Nostalgia Esportiva, Entrevista com Paulo Cesar Tiemann sobre o título - brasileiro de 1985

-[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

-[www.ipea.gov.br/](http://www.ipea.gov.br/)

-[www.coritiba.com.br](http://www.coritiba.com.br)

-<http://cev.org.br/comunidade/midia/debate/intercom-artigos-comunicacao-esporte/>

-Acessos em janeiro de 2013

### **Multimídia**

CD-ROM Coritiba Campeão Brasileiro de 1985. Curitiba:Sidney Campos/RB2, s/data.

## ANEXO 1 – TODOS OS CAMPEÕES DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL

<b>Ano</b>	<b>Clube Campeão</b>	<b>UF</b>
1971	Atlético Mineiro	MG
1972	Palmeiras	SP
1973	Palmeiras	SP
1974	Vasco da Gama	RJ
1975	Internacional	RS
1976	Internacional	RS
1977	São Paulo	SP
1978	Guarani	SP
1979	Internacional	RS
1980	Flamengo	RJ
1981	Grêmio	RS
1982	Flamengo	RJ
1983	Flamengo	RJ
1984	Fluminense	RJ
1985	Coritiba	PR
1986	São Paulo	SP
1987	Flamengo/Sport	RJ/PE
1988	Bahia	BA
1989	Vasco da Gama	RJ
1990	Corinthians	SP
1991	São Paulo	SP
1992	Flamengo	RJ
1993	Palmeiras	SP
1994	Palmeiras	SP
1995	Botafogo	RJ
1996	Grêmio	RS
1997	Vasco da Gama	RJ
1998	Corinthians	SP
1999	Corinthians	SP
2000	Vasco da Gama	RJ
2001	Atlético-PR	PR
2002	Santos	SP
2003	Cruzeiro	MG
2004	Santos	SP
2005	Corinthians	SP
2006	São Paulo	SP
2007	São Paulo	SP
2008	São Paulo	SP
2009	Flamengo	RJ
2010	Fluminense	RJ
2011	Corinthians	SP
2012	Fluminense	RJ

FONTE: REVISTA PLACAR, 2013



## ANEXO 3 – JOGOS DA TAÇA DE OURO 1ª FASE

<b>17/mar</b>				<b>31/mar</b>			
Vasco	2	1	Fluminense	Vasco	0	1	Palmeiras
Corinthians	1	1	Flamengo	Flamengo	3	2	América
Grêmio	1	1	Portuguesa	Náutico	1	2	Botafogo
Guarani	1	1	Santos	Portuguesa	0	2	Corinthians
América	1	0	Cruzeiro	Atlético	2	3	Bahia
Santa Cruz	2	0	Goiás	Grêmio	0	0	Cruzeiro
<b>Coritiba</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>Bahia</b>	Santos	1	1	Santa Cruz
Atlético	5	1	Náutico	Guarani	1	1	Goiás
<b>20/mar</b>				<b>Coritiba</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>Internacional</b>
<b>Coritiba</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>Vasco</b>	<b>03/abr</b>			
Botafogo	3	1	São Paulo	Cruzeiro	3	0	Botafogo
Santa Cruz	1	1	Bahia	América	2	3	Santos
Guarani	1	0	Náutico	<b>Coritiba</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>Portuguesa</b>
Palmeiras	2	2	Flamengo	Corinthians	2	0	Náutico
Atlético	1	0	Portuguesa	Palmeiras	2	2	Internacional
Grêmio	3	0	Santos	Goiás	0	0	Atlético
Goiás	3	0	América	Santa Cruz	2	3	São Paulo
<b>21/mar</b>				Fluminense	1	1	Flamengo
Fluminense	1	0	Internacional	Bahia	4	1	Grêmio
Cruzeiro	1	1	Corinthians	<b>04/abr</b>			
<b>23/mar</b>				Vasco	0	0	Guarani
São Paulo	1	1	Atlético	São Paulo	2	2	Grêmio
Vasco	2	1	América	Flamengo	1	2	Guarani
<b>24/mar</b>				<b>07/abr</b>			
Portuguesa	0	0	Palmeiras	Goiás	0	2	Fluminense
Flamengo	6	1	Botafogo	Bahia	2	0	Corinthians
Internacional	0	1	Grêmio	Portuguesa	1	1	América
Náutico	4	3	Santa Cruz	Botafogo	1	2	Vasco
Bahia	1	0	Guarani	Santos	1	1	Palmeiras
<b>Goiás</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>Coritiba</b>	Cruzeiro	3	2	Atlético
Cruzeiro	0	1	Fluminense	Internacional	3	0	Santa Cruz
<b>27/mar</b>				Náutico	2	0	Coritiba
Fluminense	0	1	Náutico	<b>13/abr</b>			
Cruzeiro	1	1	Palmeiras	Botafogo	2	1	Portuguesa
Grêmio	0	1	Goiás	<b>14/abr</b>			
Santa Cruz	1	2	Vasco	Atlético	1	0	Vasco
Portuguesa	0	0	Guarani	<b>Coritiba</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>Santos</b>
Botafogo	1	0	Santos	Fluminense	2	1	Bahia
Corinthians	1	2	São Paulo	Corinthians	2	1	Goiás
<b>28/mar</b>				Palmeiras	3	1	Náutico
América	1	1	Bahia	Santa Cruz	2	1	Cruzeiro
<b>Flamengo</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>Coritiba</b>	Guarani	1	1	Internacional
Internacional	1	0	Atlético	América	2	1	São Paulo
<b>30/mar</b>				Grêmio	2	0	Flamengo
Fluminense	1	2	São Paulo				

FoFONTE: REVISTA PLACAR, 1985

## ANEXO 4 – CLASSIFICAÇÃO GRUPOS A-B APÓS PRIMEIRA FASE DA TAÇA DE OURO

<b>GRUPO A</b>					
Turno			Retorno		
Posicao	Clube	Pontos	Posicao	Clube	Pontos
1	Atlético	15	1	Coritiba	12
2	Corinthians	13	2	Fluminense	11
3	Guarani	12	3	Guarani	11
4	Grêmio	12	4	Botafogo	10
5	Botafogo	10	5	Atlético	10
6	Fluminense	10	6	Corinthians	10
7	Palmeiras	8	7	Palmeiras	10
8	Coritiba	7	8	Grêmio	9
9	America	6	9	America	7
10	Santa Cruz	6	10	Santa Cruz	5
<b>Total</b>					
Posicao	Clube	Pontos			
1	Atlético	25			
2	Corinthians	23			
3	Guarani	23			
4	Fluminense	21			
5	Grêmio	21			
6	Botafogo	20			
7	Coritiba	19			
8	Palmeiras	18			
9	America	13			
10	Santa Cruz	11			
<b>GRUPO B</b>					
Turno			Retorno		
Posicao	Clube	Pontos	Posicao	Clube	Pontos
1	Flamengo	14	1	Bahia	16
2	Internacional	13	2	Vasco da Gama	14
3	Vasco da Gama	11	3	Goiás	10
4	Náutico	11	4	Internacional	10
5	São Paulo	10	5	Santos	10
6	Santos	10	6	São Paulo	10
7	Cruzeiro	10	7	Náutico	9
8	Bahia	10	8	Flamengo	9
9	Portuguesa	6	9	Portuguesa	9
10	Goiás	6	10	Cruzeiro	8
<b>Total</b>					
Posicao	Clube	Pontos			
1	Bahia	26			
2	Vasco da Gama	25			
3	Flamengo	23			
4	Internacional	23			
5	Náutico	20			
6	Santos	20			
7	São Paulo	20			
8	Cruzeiro	18			
9	Goiás	16			
10	Portuguesa	15			

## ANEXO 5 – CLASSIFICAÇÃO GRUPOS C-D APÓS PRIMEIRA FASE DA TAÇA DE OURO

<b>GRUPO C</b>					
Turno			Retorno		
Posicao	Clube	Pontos	Posicao	Clube	Pontos
1	Sport	19	1	Sport	19
2	Mixto	14	2	Ceará	18
3	Botafogo	14	3	Nacional-AM	15
4	CSA	13	4	CSA	13
5	Ceará	13	5	Paysandu	13
6	Paysandu	12	6	Mixto	13
7	Nacional-AM	9	7	Botafogo	10
8	Flamengo-PI	9	8	Remo	8
9	ABC	9	9	ABC	8
10	Sampaio Corrêa	8	10	Flamengo-PI	6
11	Sergipe	6	11	Sergipe	5
12	Remo	6	12	Sampaio Corrêa	4
Total					
Posicao	Clube	Pontos			
1	Sport	38			
2	Ceará	31			
3	Mixto	27			
4	CSA	26			
5	Paysandu	25			
6	Nacional-AM	24			
7	Botafogo	24			
8	ABC	17			
9	Flamengo-PI	15			
10	Remo	14			
11	Sampaio Corrêa	12			
12	Sergipe	11			
<b>GRUPO D</b>					
Turno			Retorno		
Posicao	Clube	Pontos	Posicao	Clube	Pontos
1	Bangu	17	1	Bangu	16
2	Ponte Preta	17	2	Brasil de Pelotas	16
3	Joinville	15	3	Ponte Preta	15
4	Leônico	12	4	Vila Nova	12
5	Pinheiros	12	5	Joinville	12
6	Brasil de Pelotas	11	6	Brasília	12
7	Brasília	11	7	Pinheiros	11
8	Desportiva	8	8	Uberlândia	9
9	Vila Nova	8	9	Desportiva	9
10	Uberlândia	8	10	Corumbaense	8
11	Vila Nova	8	11	Vila Nova	7
12	Corumbaense	5	12	Leônico	5
Total					
Posicao	Clube	Pontos			
1	Bangu	33			
2	Ponte Preta	32			
3	Joinville	27			
4	Brasil de Pelotas	27			
5	Brasília	23			
6	Pinheiros	23			
7	Vila Nova	20			
8	Leônico	17			
9	Desportiva	17			
10	Uberlândia	17			
11	Vila Nova	15			
12	Corumbaense	13			

FONTE: REVISTA PLACAR, 1985



## ANEXO 6 – JOGOS DA TAÇA DE OURO QUADRANGULAR

03/jul					17/jul				
Ponte	1	1	Atlético		CSA	0	0	Atlético	
CSA	0	0	Guarani		Ponte Preta	0	0	Guarani	
Brasil	2	1	Bahia		Brasil	2	0	Flamengo	
<b>Sport</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>Coritiba</b>		Ceará	2	1	Bahia	
Bangu	1	1	Internacional		Sport	3	1	Corinthians	
Mixto	1	1	Vasco		<b>Joinvile</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>Coritiba</b>	
04/jul					Mixto	1	3	Internacional	
Ceará	1	1	Flamengo		Bangu	3	1	Vasco	
Joinvile	2	0	Corinthians		21/jul				
07/jul					Atlético	1	0	Ponte Preta	
Guarani	1	1	Atlético		Guarani	6	1	CSA	
CSA	0	0	Ponte Preta		Bahia	2	3	Brasil	
Bahia	0	0	Flamengo		Flamengo	2	2	Ceará	
Ceará	0	0	Brasil		Corinthians	1	1	Joinvile	
<b>Coritiba</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>Corinthians</b>		<b>Coritiba</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>Sport</b>	
Joinvile	4	2	Sport		Internacional	1	2	Bangu	
Vasco	1	1	Internacional		Vasco	4	0	Mixto	
Mixto	1	4	Bangu						
<b>10/jul</b>									
Atlético	2	0	CSA						
Guarani	1	1	Ponte Preta						
Flamengo	1	0	Brasil						
Bahia	4	0	Ceará						
Corinthians	0	0	Sport						
<b>Coritiba</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>Joinvile</b>						
Internacional	1	0	Mixto						
11/jul									
Vasco	0	2	Bangu						
13/jul									
<b>Corinthians</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>Coritiba</b>						
14/jul									
Atlético	2	1	Guarani						
Ponte Preta	2	0	CSA						
Flamengo	3	0	Bahia						
Brasil	4	0	Ceará						
Sport	1	0	Joinvile						
Internacional	2	2	Vasco						
Bangu	1	1	Mixto						

FONTE: REVISTA PLACAR, 1985

## ANEXO 7 – CLASSIFICAÇÃO APÓS QUADRANGULAR

<b>GRUPO E</b>		
Posicao	Clube	Pontos
1	Atlético Mineiro	9
2	Guarani	6
3	Ponte Preta	6
4	CSA	3
<b>GRUPO F</b>		
Posicao	Clube	Pontos
9	Brasil de Pelotas	9
6	Flamengo	7
6	Ceará	5
3	Bahia	3
<b>GRUPO G</b>		
Posicao	Clube	Pontos
1	Coritiba	8
2	Sport	7
3	Joinville	5
4	Corinthians	4
<b>GRUPO H</b>		
Posicao	Clube	Pontos
1	Bangu	10
2	Internacional	7
3	Vasco da Gama	5
4	Mixto	2

FONTE: REVISTA PLACAR, 1985

## ANEXO 8 –CLASSIFICAÇÃO FINAL DA TAÇA DE OURO

	Time	Pontos	Jogos	Vitorias	Empates	Derrotas	GF*	GS**	Saldo
1	Coritiba	31	29	12	7	10	25	27	-2
2	Bangu	48	31	20	8	3	55	23	32
3	Brasil de Pelotas	36	30	14	8	8	48	33	15
4	Atlético Mineiro	35	28	13	9	6	37	23	14
5	Sport	45	28	20	5	3	49	16	33
6	Ponte Preta	38	28	13	12	3	41	21	20
7	Ceará	36	28	14	8	6	39	29	10
8	Joinville	32	28	13	6	9	36	23	13
9	Flamengo	30	26	11	8	7	40	23	17
10	Internacional	30	26	11	8	7	36	23	13
11	Vasco da Gama	30	26	11	8	7	37	31	6
12	Bahia	29	26	11	7	8	35	29	6
13	CSA	29	28	10	9	9	33	29	4
14	Mixto	29	28	10	9	9	27	36	-9
15	Guarani	29	26	8	13	5	36	26	10
16	Corinthians	27	26	9	9	8	27	22	5
17	Fluminense	21	20	7	7	6	24	21	3
18	Grêmio	21	20	6	9	5	25	21	4
19	Botafogo	20	20	9	2	9	26	36	-10
20	Náutico	20	20	8	4	8	25	28	-3
21	Santos	20	20	7	6	7	23	25	-2
22	São Paulo	20	20	7	6	7	36	39	-3
23	Cruzeiro	18	20	5	8	7	23	22	1
24	Palmeiras	18	20	5	8	7	28	28	0
25	Goiás	16	20	5	6	9	21	27	-6
26	Portuguesa	15	20	4	7	9	19	26	-7
27	America	13	20	4	5	11	19	31	-12
28	Santa Cruz	11	20	4	3	13	21	47	-26
29	Paysandu	25	22	8	9	5	26	21	5
30	Nacional-AM	24	22	10	4	8	39	29	10
31	Botafogo	24	22	7	10	5	21	23	-2
32	Brasília	23	22	8	7	7	22	22	0
33	Pinheiros	23	22	7	9	6	21	17	4
34	Vila Nova	20	22	7	6	9	25	34	-9
35	Leônico	17	22	7	3	12	21	33	-12
36	Desportiva	17	22	7	3	12	18	30	-12
37	Uberlândia	17	22	6	5	11	26	26	0
38	ABC	17	22	6	5	11	27	33	-6
39	Flamengo-PI	15	22	5	5	12	14	24	-10
40	Villa Nova	15	22	5	5	12	18	31	-13
41	Remo	14	22	5	4	13	19	38	-19
42	Corumbaense	13	22	4	5	13	16	37	-21
43	Sampaio Corrêa	12	22	2	8	12	24	43	-19
44	Sergipe	11	22	3	5	14	15	37	-22

\*Gols Feitos

\*\*Gols Sofridos

FONTE: REVISTA PLACAR, 1985

## ANEXO 9 - ESCALAÇÃO CORITIBANA NAS PARTIDAS DO CAMPEONATO BRASILEIRO

Turno 1ª Fase				
Partida	G	Defesa	Meio	Ataque
CFC 3 x 1 SPFC	R	André, Vavá, Eraldo(Gardel) e Hélcio	Marildo, M.Aurélio(Aragonês) e Toby	Lela, Índio e Edson
CFC 2 x 1 CRU	R	André, Vavá, Gardel e Hélcio	Marildo, Aragonês(Elizeu) e Toby	Lela, Índio e Edson(Vicente)
BAH 2 x 1 CFC	R	André, Vavá, Gardel e Hélcio	Marildo, Aragonês(Paulinho) e Toby	Lela, Índio e Edson
VAS 3 x 0 CFC	R	André, Vavá, Gardel e Dida	Marildo, Toby(Eraldo)e Paulinho (Elizeu)	Lela, Índio e Edson
CFC 0 x 0 GOI	R	Zé Carlos, Vavá, Eraldo e Dida	Marildo, Aragonês e Toby	Gil, Índio e Edson
CFC 0 x 1 FLA	R	Zé Carlos, Vavá, Eraldo e Dida	Marildo, Aragonês e Toby	Lela, Índio e Edson
INT 4 x 0 CFC	R	Zé Carlos(André), Gardel, Eraldo e Dida	Marildo(Paulinho), Aragonês e Toby	Lela, Índio e Edson
POR 1 x 0 CFC	R	André, Vavá, Eraldo e Dida	Paulinho, Toby e M.Aurélio	Lela(Vicente), Índio e Edson
CFC 2 x 0 NAU	R	André, Vavá, Eraldo e Dida	Almir, M.Aurélio e Toby	Lela(Gil), Índio e Edson
SAN 1 x 0 CFC	R	André, Vavá, Eraldo e Dida	Almir, M.Aurélio(Marildo) e Toby	Lela, Índio e Edson
Retorno 1ª fase				
SPFC 0 x 1 CFC	R	Zé Carlos, Vavá, Eraldo e Dida	Almir, Marildo e Toby	Gil, Lela e Édson
CRU 2 x 3 CFC	G	André, Caxias, Eraldo(Gomes) e Dida	Almir, Marildo e Toby	Gil(Vicente), Índio e Paulinho
CFC 1 x 2 BAH	G	André, Caxias, Vavá e Dida	Almir, Marildo(Hélcio) e Toby	Lela, Índio e Paulinho(Vicente)
CFC 0 x 0 VAS	R	André, Caxias(Gomes), Vavá e Dida	Almir, Marildo e Toby(Hélcio)	Lela, Índio e Vicente
GOI 0 x 2 CFC	R	André, Gomes, Vavá e Dida	Almir, Marildo e Toby	Lela, Índio e Edson
FLA 0 x 1 CFC	R	André, Gomes, Vavá e Dida	Almir, Marildo e Toby	Lela, Índio e Vicente(Paulinho)
CFC 0 x 0 INT	R	André, Gomes, Vavá e Dida	Almir, Marildo(Paulinho) e Toby	Lela, Índio e Vicente
CFC 0 x 2 POR	R	André, Vavá, Eraldo e Dida	Almir, Marildo(Paulinho) e Toby	Lela, Índio e Vicente
NAU 2 x 0 CFC	R	André, Vavá, Gomes e Dida	Almir, Marildo e Toby	Elizeu(Zé Carlos), Índio e Vicente(Paulinho)
CFC 2 x 1 SAN	R	André, Vavá, Gomes e Dida	Almir, M. Aurélio e Toby	Lela, Índio e Édson(Vicente)
Quadrangular				
SPOR 1 x 1 CFC	R	André, Gomes, Eraldo e Dida	Almir, Marildo e Toby	Gil(Vicente), Índio e Édson
CFC 1 x 0 COR	R	André, Gomes, Eraldo e Dida	Almir, Marildo e Toby	Lela, Índio e Édson
CFC 2 x 1 JEC	R	André, Gomes, Eraldo e Dida	Almir, Marildo e M.Aurélio	Lela, Luisinho(Gil) e Édson
COR 1 x 0 CFC	R	André, Gomes, Eraldo e Dida	Almir, Marildo e Toby	Lela(M. Aurélio), Índio(Vavá) e Édson
JEC 0 x 1 CFC	R	André, Gomes, Vavá e Dida	Almir(M. Aurélio), Marildo e Toby	Lela, Índio e Vicente
CFC 0 x 0 SPOR	R	André, Gomes, Eraldo e Dida	Marildo, M.Aurélio e Toby	Lela, Índio e Édson
Semi-finais				
CFC 1 x 0 ATL	J	André, Gomes, Eraldo e Dida	Almir, M.Aurélio e Toby	Gil, Índio e Edson
ATL 0 x 0 CFC	R	André, Gomes, Eraldo e Dida	Almir, Toby e Marildo	Lela, Índio(Gil) e Édson
Final				
BAN 1 x 1 CFC	R	André, Gomes, Eraldo e Dida	Almir(Vavá), Marildo(M. Aurélio)e Toby	Lela, Índio e Edson

FONTE: LIVRO O CORITIBA, CAMPEÃO BRASILEIRO DE 1985: NA VISÃO DO CAMPEÃO TOBY, 2003

**ANEXO 10 – PESQUISAS SOBRE MAIORES TORCIDAS DE CLUBES BRASILEIROS 1983-2012**

<b>Ano</b>	<b>Fonte</b>	<b>Porcentagem nacional de torcedores</b>
1983	Placar/Gallup	1)Flamengo - 31% 2)Corinthians - 17% 3)Palmeiras - 9% 4)Vasco - 9% 5)Santos - 7% 6)Atlético-MG - 7% 7)São Paulo - 6% 8)Botafogo - 5% 9)Cruzeiro - 5% 10)Bahia - 5% 11)Fluminense - 5% 12)Grêmio - 4% 13)Internacional 4% 14)Náutico 2%
1993	Placar/Ibope	1)Flamengo - 16,5 % 2)Corinthians - 13,6% 3)São Paulo - 7,2 % 4)Vasco - 6,2% 5)Fluminense - 4,6% 6)Palmeiras - 4,3% 7)Botafogo - 3,4% 8)Atlético-MG 3,3% 9)Cruzeiro 3,2 % 10)Santos - 3,1% 11)Internacional - 3,1% 12)Grêmio - 2,6% 13)Bahia 2,5% 14)Sport 2,2% 14)
2002	Placar/Datafolha	1)Flamengo - 20,9 % 2)Corinthians - 16,4% 3)São Paulo - 8,9 % 4)Palmeiras - 8,9% 5)Vasco - 8,4,% 6)Cruzeiro - 5,3% 7)Grêmio - 4,3% 8)Santos-MG 3,5% 9)Internacional 3,4 % 10)Fluminense - 3,1% 11)Atlético - MG - 2,7% 12)Botafogo - 2,3% 13)Bahia 1,6% 14)Vitória 1,0%
2012	Pluri consultoria	1)Flamengo - 15,2% 2)Corinthians - 13,1% 3)São Paulo - 8,4 % 4)Palmeiras - 6,4% 5)Vasco - 4,6% 6)Grêmio - 3,5% 7)Cruzeiro - 3,4% 8)Internacional 3% 9)Santos - 2,8% 10)Atlético-MG 2,4% 11)Botafogo - 1,5% 12)Fluminense - 1,5 % 13)Bahia 1,2% 14)Sport 1,1%